

CANINOS BRANCOS

Jack London

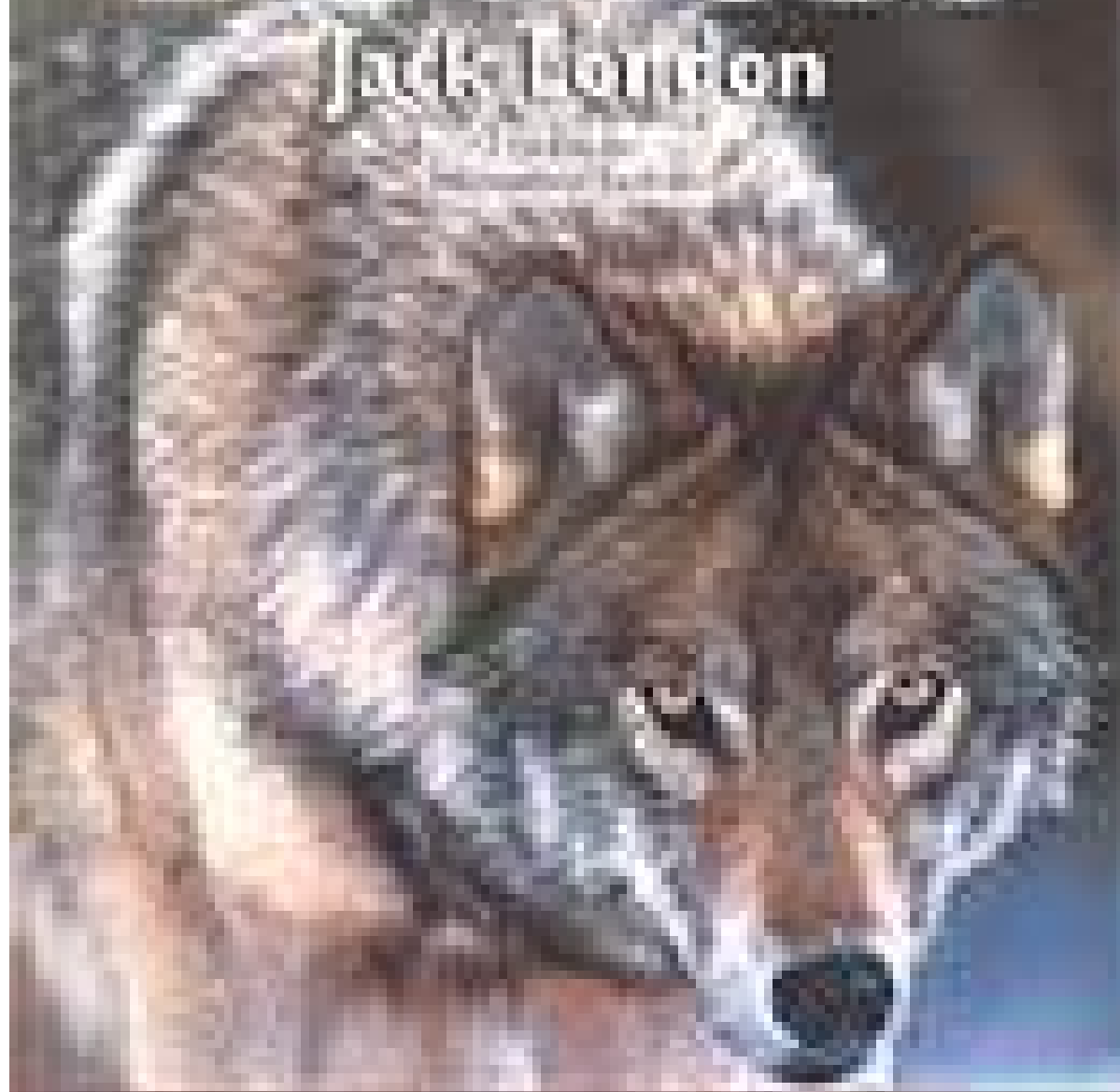


Imagem: <https://www.gettyimages.com>

Parte 1

CAPÍTULO 1 - NO RASTRO DA CARNE

A floresta de abetos escuros orlava ambos os lados do gelado curso de água. Um vento recente arrancara das árvores o seu manto de geada, e elas pareciam inclinar-se umas para as outras, negras e agourentas, na luz agonizante. Reinava sobre a paisagem um silêncio imenso. Aquela região era desolada, sem vida, sem movimento, tão só e gelada que a palavra tristeza não chegava para descrevê-la. Havia nela uma sugestão de riso, mas de um riso mais terrível que qualquer tristeza - um riso sem alegria, como o sorriso da esfinge, um riso frio como o gelo e com algo do horror da infalibilidade. Era a sabedoria despótica e incomunicável do riso eterno perante a futilidade e os esforços da vida. Era a terra ártica, agreste e gelada.

Mas havia ali vida, vida disposta a arrostar aquela natureza bravia. Pelo gelado curso de água avançava lentamente uma fileira de cães-lobos. O seu pêlo hirsuto estava coberto de gelo. A respiração dos animais, tão depressa lhes saía das bocas, transformava-se em cristais gelados que lhes pousavam sobre o pêlo. Os arreios dos cães eram de couro, tal como os tirantes que os prendiam ao trenó por eles arrastado. O veículo, feito de resistente casca de vidoeiro, não tinha patins, assentando, por isso, sobre a neve toda a sua superfície. A extremidade anterior estava virada para cima, como um rolo de papel, de forma a empurrar a neve macia que ia crescendo, qual onda, diante dele. Sobre o trenó, solidamente amarrada, via-se uma comprida e estreita caixa oblonga, além de outras coisas, tais como cobertores, um machado, uma cafeteira e uma frigideira. Mas o que ocupava a maior parte do espaço, sobressaindo de tudo o mais, era a comprida e estreita caixa oblonga.

À frente dos cães, com grandes sapatos de neve, avançava penosamente um homem, e atrás do trenó seguia outro. Sobre o veículo, dentro da caixa, jazia um terceiro homem cujo caminhar já cessara - um homem a quem o selvagem ártico vencera e aniquilara e que jamais voltaria a mover-se ou a lutar. O ártico não gosta de movimento. A vida é uma ofensa para ele, porque a vida é movimento, e ele procura sempre destruir o movimento. Gela a água para impedi-la de correr para o mar, suga a seiva das árvores até lhes gelar o vigoroso coração e, mais feroz e terrivelmente ainda, acoisa e esmaga o homem, submetendo-o - o Homem, em quem a vida se mostra sempre mais irrequieta, sempre em revolta contra a sentença de que todo o movimento tem, por fim, de cessar.

Mas, à frente e atrás, destemidos e indomáveis, labutavam os dois homens que ainda não estavam mortos. Iam vestidos de peles e couro macio. As pestanas, as faces e os lábios estavam tão cobertos com os gelados cristais produzidos pela respiração, que não se distinguiam os rostos. Isto dava-lhes a aparência de máscaras fantasmagóricas, encarregadas do funeral de um espírito qualquer, num mundo spectral. No entanto, eram apenas homens que penetravam nas paragens onde só reinam a solidão, a irrisão, o silêncio. Aventureiros insignificantes, empenhados numa aventura colossal, opondo-se à força de um mundo tão remoto, hostil e inanimado como os abismos do espaço.

Avançavam sem trocarem palavra, poupando o fôlego para os trabalhos que tinham de enfrentar. Rodeava-os o silêncio, tiranizando-os com a sua presença tangível, ele abalava-lhes o espírito, tal como a pressão das águas profundas afeta o

corpo do mergulhador, oprimia-os com o peso de uma vastidão infinita e de uma lei inalterável, esmagava-os até o recôndito mais remoto da alma, extraindo-lhes, como se fora o sumo da uva, todos os ardores e exaltações efêmeras e a auto-estima excessiva dos seres humanos, até eles compreenderem a pequenez e caducidade das suas próprias pessoas, meras partículas e moléculas movendo-se com inútil astúcia e fraca visão contra a ação conjunta de forças e elementos cegos e temerosos.

Uma hora se passou, e outra ainda. A luz pálida de um dia curto e sem sol começava a extinguir-se quando um grito distante e fraco soou no ar tranqüilo. Elevou-se rapidamente até atingir a sua nota máxima, que ficou retinindo, palpitante e tensa, e depois foi se extinguindo lentamente. Podia tomar-se pelo lamento de uma alma perdida, se não houvesse nele certo tom de ferocidade triste e de avidez esfomeada.

O homem da frente voltou a cabeça até os seus olhos encontrarem os do companheiro da retaguarda. E então, por cima do estreito caixão oblongo, acenaram com a cabeça um para o outro.

Um segundo grito se ergueu no ar, e dir-se-ia que uma agulha perfurava o silêncio. Ambos os homens localizaram o som. Vinha da retaguarda, de algum lugar na vastidão nevada que eles tinham acabado de percorrer. Um terceiro grito se elevou em resposta, também à retaguarda e para a esquerda do segundo.

- Eles nos vêm no encalço, Bill - disse o homem da frente.

A voz dele soou rouca e irreal, e era evidente o esforço que fizera para falar.

- A carne não abunda - respondeu o seu camarada. - Há dias que não avisto sinal de um coelho sequer.

Depois disto não falaram mais, embora se mantivessem à escuta dos uivos que continuavam a repetir-se por trás deles.

Ao cair da noite dirigiram os cães para um aglomerado de abetos, na orla do curso de água, e armaram um acampamento. O caixão, colocado ao lado do fogo, serviu de assento e de mesa. Os cães-lobos, reunidos na extremidade da fogueira, rosnavam e disputavam entre si, mas não mostravam inclinação para fugirem e embrenharem-se na escuridão.

- Acho que se conservam muito próximo do acampamento - comentou Bill

Henry, que estava de Cócoras ao pé do fogo e calçava a cafeteira com um pedaço de gelo, abanou a cabeça num assentimento. Só falou depois de se sentar no caixão e começar a comer.

- Eles sabem onde estão em segurança - disse. - Preferem comer a ser comidos. São espertos, esses cães.

Bill abanou a cabeça.

- Oh, não sei...

O seu camarada olhou-o com curiosidade:

- É a primeira vez que te ouço dizer que eles não são espertos.

- Henry - inquiriu o Outro, mastigando com afinco os feijões -, reparou por acaso como os cães rosnavam, quando lhes dei de comer?

- Estavam mais inquietos que de costume - concordou o interpelado.

- Quantos cães temos, Henry?

- Seis.

- Pois bem... - Bill deteve-se um momento para que as suas palavras pudessem ganhar mais significado. - Como ia dizendo, nós só temos seis cães. Tirei seis peixes

do saco. Dei um a cada cão, e no fim faltou-me um peixe.

- Contou errado.

- Temos seis cães - repetiu o outro calmamente. - Tirei seis peixes. O Orelha Só ficou sem peixe. Voltei depois ao saco buscar um peixe para ele.

- Só temos seis cães - insistiu o companheiro.

- Henry - continuou Bill -, não quero dizer que fossem todos os cães, mas dei peixe a sete.

Henry parou de comer para, por cima do fogo, contar os cães com o olhar.

- Só estão seis agora - declarou.

- Vi o outro fugir pela neve - afirmou Bill com fria segurança. - Eram sete.

O companheiro olhou para ele com ar de comiseração e exclamou:

- Oxalá esta viagem termine depressa!

- Que quer dizer com isso? - perguntou Bill.

- Quero dizer que a carga que transportamos está abalando seus nervos, e começa a ver coisas demais.

- Também pensei assim - retorquiu Bill gravemente. - E por isso, quando ele escapava através da neve, fui-lhe no encalço e vi-lhe as pegadas. Depois tornei a contar os cães, e os seis estavam aqui. As pegadas ainda se encontram na neve. Não quer ir ver? Eu vou mostrá-las.

Henry não respondeu e continuou a mastigar em silêncio até que, terminada a refeição, a coroou com uma última xícara de café. Limpou a boca com as costas da mão e disse:

- Pense então que era... - Um uivo longo e lamentoso, vindo de algum lugar, na escuridão, interrompeu-o. Calou-se para escutar e depois terminou a frase, acenando com a mão na direção do som... - um deles?

Bill abanou afirmativamente a cabeça.

- Acho que sim. Você viu a algazarra que os cães fizeram.

Os uivos sucediam-se e estavam transformando o silêncio num pandemônio. Erguiam-se de todos os lados, e os cães denunciavam o medo que os possuía, apertando-se uns contra os outros e tão próximo da fogueira que o calor lhes chamuscava o pêlo. Bill atirou para lá mais lenha antes de acender o cachimbo.

- Parece que você está um pouco desanimado - proferiu o companheiro.

- Henry... - Sorveu pensativamente o cachimbo durante algum tempo antes de prosseguir. - Henry, estava pensando que ele tem muito mais sorte do que você e eu jamais teremos algum dia.

Com o polegar espetado para baixo indicava o caixão sobre o qual estavam sentados.

- Você e eu, Henry, quando morreremos, já teremos muita sorte se cobrirem as nossas carcaças de pedras suficientes para que os cães nos não descubram.

- Mas nós não temos família, nem dinheiro, nem nada do que ele tinha - replicou Henry.

- Não podemos nos dar ao luxo de funerais a longa distância.

- O que mais me espanta, Henry, é Como um tipo de categoria, um lorde ou coisa que o valha, lá no seu país, que nunca teve de se preocupar com a alimentação nem com o vestuário, vem para estes confins do mundo esquecido de Deus! É uma coisa que me não entra na cabeça.

- Podia ter morrido de velho, se não houvesse saído da sua terra - concordou

Henry.

Bili abriu a boca para falar, mas mudou de idéia. Em vez disso apontou para a muralha de trevas que os cercava por todos os lados. Não conseguia distinguir-se forma alguma naquela escuridão total, via-se apenas um par de olhos brilhando como carvões em brasa. Com um movimento de cabeça Henry indicou um segundo par e um terceiro. Em redor do acampamento tinha-se formado um círculo de olhos brilhantes. De vez em quando um par deles mexia-se ou desaparecia, para aparecer de novo, um momento depois.

O desassossego dos cães aumentava, e, tomados de medo súbito, eles aproximaram-se ainda mais do fogo, encolhendo-se de susto e rastejando à volta das pernas dos homens. Na confusão, um dos cães caiu à beira do fogo e ganiu de medo e dor, e o cheiro do seu pêlo chamuscado impregnou o ar. O barulho fez com que o círculo de olhos se movesse inquietos, por uns instantes, e recuasse mesmo um pouco, mas, quando os cães se aquietaram, acomodou-se de novo.

- Que pouca sorte não termos munições, Henry!

Bill acabara de fumar o seu cachimbo e estava ajudando o companheiro a estender a cama de peles e cobertores sobre os ramos de abetos, que tinham colocado sobre a neve, antes da ceia. Henry resmungou e começou a desatar os seus sapatos de pele.

- Quantos cartuchos disse que ainda restavam? - perguntou.

- Três - foi a resposta. - quem me dera ter trezentos. Então é que eu havia de fazer ver a esses malditos.

Sacudiu o punho, furioso, na direção dos olhos faiscantes e começou a pôr os sapatos diante do fogo, em lugar seguro.

- E quem me dera também que este frio abrandasse - continuou. - Há duas semanas que estamos com 5 graus abaixo de zero. E quem me dera também não ter empreendido esta viagem. Não está me agradando nada. Tenho um pressentimento qualquer. Que bom seria que esta viagem já tivesse acabado, e nós estivéssemos agora sentados à lareira do Forte McGurry jogando as cartas... Era isto o que desejava.

Henry resmungou e meteu-se na cama. Quando já cochilava foi despertado pela voz do camarada.

- Olha lá, Henry, aquele outro que se aproximou e comeu o peixe... porque é que os cães o não atacaram? É isto que não compreendo!

- Está preocupado demais, Bill - foi a resposta ensonada. - Nunca o vi assim. Cale-se e trate de dormir, e de manhã se sentirá outro. Tem azia, e é isso o que te faz ficar preocupado.

Os homens dormiam, respirando pesadamente, ao lado um do outro, debaixo do mesmo cobertor. O fogo apagou-se, e os olhos faiscantes apertaram o círculo que tinham formado em volta do acampamento. Os cães aconchegaram-se melhor uns aos outros, cheios de medo, e de vez em quando rosnavam ameaçadoramente, quando um par de olhos se aproximava mais. A certa altura o barulho que faziam acordou Bill. Saiu da cama cuidadosamente, para não perturbar o sono do camarada, e deitou mais lenha no fogo. Quando as chamas se elevaram, o círculo de olhos recuou.

O homem olhou casualmente para os cães, que se apertavam uns contra os outros. Esfregou os olhos e fixou-os neles com mais atenção. Depois tornou a meter-se dentro dos cobertores.

- Henry! - chamou. - Henry!

O interpelado grunhiu, ao acordar, e perguntou:

- Que temos mais?

- Nada! - foi a resposta. - Mas estão lá sete outra vez. Contei-os agora mesmo.

Henry recebeu a informação com uma resmungo, que se transformou num ronco, quando tornou a mergulhar no sono.

De manhã foi Henry que acordou primeiro e fez saltar o companheiro da cama. Faltavam ainda três horas para o dia romper, embora fossem já seis da manhã. No meio da escuridão começou a preparar o almoço, enquanto o companheiro enrolava os cobertores e aprontava o trenó.

-Olha lá, Henry -perguntou de súbito -, quantos cães disse que tínhamos?

- Seis.

- Está enganado - proclamou Bill triunfante.

- Sete outra vez? - inquiriu o outro.

- Não. Cinco. Falta um.

- Diabo - exclamou Henry enfurecido, abandonando o cozido para ir contar os cães.

- Tem razão, Bill - concordou - O Seboso desapareceu.

- E desapareceu como um raio. Nem os deve ter visto.

- Claro - concordou Henry. - Decerto engoliram-no vivo. Aposto que ainda gania, enquanto eles o estavam devorando. Malditos sejam!

- Sempre foi um cão estúpido! - disse Bill.

- Mas nenhum cão, por mais estúpido que seja, é capaz de cometer um suicídio destes.

- Contemplou os cães restantes com um olhar especulativo, que avaliava imediatamente as características principais de cada animal. - Aposto que nenhum dos outros o faria.

- Nem com um pau os conseguia afastar do fogo - concordou Bill. - Seja como for, sempre pensei que o Seboso tinha qualquer coisa esquisita.

E foi este o epitáfio de um cão que morreu na rota das regiões do norte - um epitáfio mais longo do que o de muitos outros cães, mais longo do que o de muitos homens...

CAPÍTULO 2 - A LOBA

Engolido o café da manhã e amarrado no trenó o reduzido equipamento, os homens voltaram as costas ao fogo alegre e lançaram-se pela escuridão adentro. Imediatamente começaram a ouvir os uivos, aqueles uivos ferozmente tristes - uivos que chamavam uns pelos outros, através da escuridão e do frio, e uns aos outros respondiam. A conversa cessou. O dia rompeu às nove horas. Ao meio-dia o céu, para sul, tornou-se rosado, marcando o lugar onde o bojo da terra se interpunha entre o Sol meridiano e o mundo setentrional. Mas o tom rosado depressa se desvaneceu. A luz cinzenta do dia que o substituiu durou até às três horas e depois desapareceu também. A mortalha da noite ártica desceu sobre a terra deserta e silenciosa.

Quando a noite caiu, os uivos que soavam da direita, da esquerda e da retaguarda, aproximaram-se mais - tanto que repetidas vezes o medo invadiu os cães que avançavam, fazendo com que o pânico se apoderasse deles.

Depois de um desses períodos de pânico, quando ele e Henry já tinham desatrelado os cães, Bill exclamou:

- Quem me dera que eles fossem caçar em outro lado e nos deixassem em paz!

- Acabam com dos nervos - concordou Henry.

Só voltaram a falar depois de armarem o acampamento.

Henry estava curvado acrescentando gelo à panela de feijões, que fervia, quando foi surpreendido pelo som de uma pancada, uma exclamação de Bill e um rosnado lancinante de dor, que partira de entre os cães. Endireitou-se a tempo de ver um vulto escuro desaparecer através da neve e acolher-se ao abrigo das trevas. Em seguida reparou em Bill, de pé, no meio da matilha, com ar meio triunfante, meio pesaroso, segurando numa das mãos um forte varapau e na outra o rabo e parte do corpo de um salmão curado.

- Levou metade - anunciou ele. - Mas dei-lhe com força, mesmo assim. Ouvio-o ganir?

- Como era ele? - perguntou

- Não consegui ver. Mas tinha quatro patas, uma boca e pêlo e parecia um cão.

- Deve ser um lobo domesticado, calculo eu.

- E deve estar bem domesticado, o maldito, para vir aqui à hora da comida apanhar o seu quinhão de peixe.

Nessa noite, quando a ceia terminou, e eles se sentaram sobre o caixão e puxaram dos cachimbos, o círculo de olhos faiscantes aproximou-se mais do que nunca.

- Quem me dera que eles descobrissem um rebanho de alces ou outra coisa qualquer e fossem embora, deixando-nos em paz - exclamou Bill.

Henry resmungou qualquer coisa com uma entonação que não era exatamente de concordância absoluta, e durante um quarto de hora continuaram sentados, em silêncio: Henry, fitando o fogo, e Bill, o círculo de olhos que brilhavam na escuridão, mesmo por trás da luz da fogueira.

- Quem me dera que estivéssemos agora entrando pelo Forte McGurry adentro - recomeçou Bill a dizer.

- Cale-se e acabe com os seus "quem me dera" e os seus agouros! - explodiu Henry, zangado.- Está com azia, e é isso que te causa mal-estar. Tome uma colher de soda e verá como fica mais bem disposto e se torna uma companhia mais agradável.

De manhã Henry foi acordado por uma torrente de blasfêmias que saíam da boca de Bill. Apoiou-se sobre o cotovelo e viu o camarada no meio dos cães, ao lado do fogo reabastecido, de braços erguidos, barafustando, o rosto contorcido de raiva.

- Olá! - chamou Henry. - que aconteceu agora?

- O Sapudo desapareceu - foi a resposta.

- Não pode ser.

- Estou dizendo que sim.

Henry saltou dos cobertores e aproximou-se dos cães. Contou-os cuidadosamente e depois se associou ao camarada nas pragas contra as forças infernais que lhes tinham roubado mais um cão.

- O Sapudo era o cão mais forte da matilha - disse Bill por fim.

- E não tinha nada de estúpido - acrescentou Henry.

E assim se inscreveu o segundo epitáfio, em dois dias.

Tomaram o café da manhã tristemente e atrelaram ao trenó os quatro cães restantes.

O dia foi uma repetição dos anteriores. Os homens caminhavam penosa e silenciosamente através da face do mundo gelado. O silêncio era quebrado apenas pelos uivos dos seus perseguidores, que, conservando-se invisíveis, vagueavam na retaguarda deles. No meio da tarde, com o cair da noite, os uivos soaram mais perto, à medida que os perseguidores se aproximavam, conforme era seu hábito. Os cães foram-se mostrando cada vez mais excitados e assustados e tinham períodos de pânico, durante os quais emaranhavam os tirantes, o que aumentava a depressão dos homens.

- Ora aí está! Isto vai obrigar-los a ficar quietos, estúpidos animais - disse nessa noite Bill com satisfação, após ter concluído o seu trabalho.

Henry abandonou os cozidos para ir ver o que se passava. O companheiro não só prendera os cães, como, conforme o costume dos índios, os amarrara a estacas. À volta do pescoço de cada um deles atara uma correia de couro, tão justa ao pescoço que os animais não conseguiam chegar-lhe com os dentes. A esta prendera uma sólida estaca de quatro ou cinco pés de comprimento. A outra extremidade da estaca, por sua vez, estava atada, também, por meio de uma correia de couro, a um poste espetado no chão. Assim, o cão não podia roer o couro na extremidade da estaca. Esta impedia-o de lá chegar. Henry abanou a cabeça aprovando.

- É a única coisa capaz de deter o Desorelhado - concluiu. - Com os dentes, ele consegue cortar o couro, como se fosse à faca, e em metade do tempo. Amanhã de manhã estão aqui todos.

- Aposto que sim - afirmou Bill. - Se algum deles faltar, não tomarei o meu café.

- Eles sabem que não temos munições para mata-los - comentou Henry à hora de se deitarem, indicando o círculo faiscante que os cercava. - Se pudéssemos meter-lhes um par de tiros na pele, se mostrariam mais respeitosos. Cada noite se aproximam mais. - Afaste os olhos da luz da fogueira e olhe bem... - Ali! Viu aquele?

Durante algum tempo os dois homens observaram os movimentos de formas vagas, na orla da luz do fogo. Olhando fixamente para o lugar onde, na escuridão, brilhava um par de olhos, o corpo do animal tomava forma lentamente. Por vezes conseguiam até vê-lo mover-se.

Um barulho vindo do grupo dos cães atraiu a atenção dos homens. O Desorelhado soltava ganidos breves e ansiosos, fazendo arremetidas direto à

escuridão, de vez em quando desistia para, com os dentes, atacar desesperadamente a estaca.

- Repare naquilo, Bill - segredou

Bem iluminado pela luz da fogueira, com um movimento lateral e furtivo, deslizava um animal semelhante a um cão. O Desorelhado puxava a estaca em todo o seu comprimento, na direção do intruso, e gania desesperadamente.

- Aquele estúpido do Desorelhado não parece ter medo - disse Bill em voz baixa.

- É uma loba - sussurrou Henry em resposta. - E isso explica o procedimento do Seboso e do Sapudo. Ela serve de engodo para a alcatéia. Atrai os cães para longe e depois os restantes caem-lhe em cima e devoram-nos.

O fogo crepitou. Um cepo tombou com grande barulho. A este som o estranho animal recuou com um salto para a escuridão.

- Henry, tenho estado pensando - anunciou Bill.

- Pensando em quê?

- Pensando que foi neste que eu bati com o pau.

- Não tenho a menor dúvida - respondeu

- Não está certo - continuou Bill. - A familiaridade daquele animal com os acampamentos é suspeita e imoral.

- Não há dúvida que sabe mais do que um lobo respeitável deve saber - concordou Henry. - Um lobo que vem se juntar aos cães, na hora da comida, é porque tem experiência disso.

- O velho Villan teve uma vez um cão que fugiu com os lobos - cogitou Bill em voz alta.- Sei-o muito bem. Matei-o com um tiro, no meio da alcatéia, em Little Stick, numa pastagem de alces. O velho Villan chorou como uma criança. Já o não via há três anos, disse ele. Tinha andado com os lobos todo aquele tempo.

- Suponho que tem razão, Bill. Aquele lobo é um cão e muitas vezes comeu peixe da mão dos homens.

- Se eu tiver uma oportunidade, Seja lobo ou seja cão, morre - declarou Bill. - Não podemos perder mais animais.

- Mas só temos três cartuchos - objetou Henry.

- Esperarei por uma ocasião em que não possa errar o tiro - replicou Bill.

De manhã Henry renovou o fogo e preparou o café da manhã ao ritmo do rressonar do seu companheiro.

- Estavas dormindo tão bem - disse-lhe quando o chamou para o café da manhã - que não tive coragem de te acordar.

Bill começou a comer ainda ensonado. Reparou que a sua xícara estava vazia e tentou pegar a cafeteira. Mas esta se achava fora do alcance do seu braço, ao lado de Henry.

- Ouça, Henry - disse como que a ralhar-lhe suavemente -, não se esqueceu de alguma coisa?

O companheiro relanceou o olhar em volta e moveu negativamente a cabeça. Bill estendeu-lhe então a xícara vazia.

- Não tem café - anunciou

- Acabou? - perguntou o outro ansiosamente.

- Não.

- Pensa que me faz mal à digestão?

Uma onda de sangue coloriu o rosto zangado de Bill.

- Então explique depressa, porque o café está esfriando - disse.

- O Pernalta desapareceu - respondeu

Sem pressa, com o ar de alguém que se resigna à desgraça, Bill voltou a cabeça e, de onde estava, contou os cães.

- Como foi? perguntou apaticamente.

Henry encolheu os ombros.

- Não sei. A não ser que o Desorelhado lhe tivesse roído a correia e o soltasse. O certo é que ele próprio não podia ter feito.

- Maldito! - exclamou Bill grave e lentamente, sem que o tom de voz deixasse transparecer a raiva que o possuía. - Como não podia soltar a ele próprio, soltou o Pernalta.

- Bem, seja como for, os trabalhos do Pernalta acabaram. Aposto que já está digerido a estas horas e anda por aí aos saltos dentro da barriga de vinte lobos diferentes - foi o epitáfio de Henry para este último cão perdido.

- Toma lá café, Bill.

Mas este abanou a cabeça negativamente.

- Vamos, homem - insistiu Henry, erguendo a cafeteira.

Bill afastou a sua xícara.

- Que me enforcem, se o beber! Disse que não beberia, se desaparecesse algum cão, e não beberei.

- Está esplêndido - tornou-lhe Henry tentadoramente.

Mas Bill era teimoso e tomou um café da manhã seco, empurrado com maldições resmungadas contra o Desorelhado, por causa da peça que lhe pregara.

- Esta noite vou prendê-los longe uns dos outros - declarou, quando retomaram o caminho.

Tinham percorrido pouco mais de cem metros, quando Henry, que seguia à frente, se abaixou para apanhar qualquer coisa contra a qual o seu sapato chocara. Estava escuro, e ele não podia ver o que era, mas pelo tato soube do que se tratava.

- Talvez isso te faça arranjo - disse então, atirando para trás o objeto, que bateu no trenó e foi cair aos pés do companheiro.

Bill soltou uma exclamação. Era tudo que restava do Pernalta: a estaca à qual estivera preso.

- Eles devoraram-no com pele e tudo - declarou. - A estaca está limpa que nem um osso. Comeram o couro das duas patas. Estão esfomeados, Henry, e vão nos dar água pela barba antes de chegarmos ao fim da viagem.

Henry riu em ar de desafio.

- Nunca fui perseguido assim por lobos, mas já passei bocados piores e sempre me saí. Um punhado desses malditos animais não basta para dar cabo deste seu humilde criado, Bill, meu rapaz.

- Não sei, não sei - murmurou o camarada em tom sinistro.

- Pois ficará sabendo quando chegarmos ao Forte McGurry.

- Não me sinto muito animado - insistiu Bill.

- Você está é esgotado - afirmou Henry. - Precisa tomar quinino, e te darei uma boa dose dele, assim que chegarmos a McGurry.

Bill resmungou o seu descontentamento com o diagnóstico e remeteu-se ao silêncio. O dia foi igual aos outros. A luz rompeu às nove horas. Ao meio-dia o Sol invisível aqueceu o horizonte, a sul e depois principiou a tarde cinzenta e fria que,

decorridas três horas, se fundiu na noite. Depois que o Sol se esforçou, debalde, por fazer a sua aparição, Bill retirou a espingarda de debaixo das cordas que amarravam o trenó e disse:

- Continue andando, Henry, que eu vou ver se consigo avistar alguma coisa.

- É melhor não se afastar do trenó - protestou o companheiro. - Só tem três cartuchos, e não se sabe o que poderá acontecer.

- Quem é o agourento agora? - perguntou Bill, triunfante.

Henry não respondeu e a custo lá continuou a caminhar sozinho, embora lançasse a cada passo olhares ansiosos para a solidão cinzenta, onde o seu companheiro desaparecera. Uma hora mais tarde, aproveitando os atalhos que o trenó tinha de contornar, apareceu Bill.

- Estão espalhados por uma grande área - disse. - Perseguem-nos e ao mesmo tempo vão procurando caça. Compreende, sabem que não lhes escaparemos, mas que têm de esperar para nos lançarem as garras. Entretanto apanham de boa vontade qualquer coisa comestível que lhes apareça.

- O que quer dizer é que eles julgam que não lhes escaparemos - objetou Henry, intencionalmente.

Mas Bill fingiu não ter ouvido.

- Vi alguns. Estão muito magros. Não devem ter comido nada, há semanas, além do Seboso, do Sapudo e do Pernalta, e são tantos que não sobrou grande coisa para cada um. Estão muito magros. Dá pra se ver as costelas todas, e têm o estômago colado às costas. Acham-se desesperados, eu acho. A fome acabará por enlouquecê-los, e então vai ser bonito!

Alguns minutos depois, Henry, que caminhava agora atrás do trenó, emitiu um assobio baixo, de aviso. Bill voltou-se e olhou. Em seguida, calmamente, fez parar os cães, à retaguarda, emergindo da última curva do caminho e bem à vista, mesmo na trilha que eles acabavam de percorrer, trotava um vulto peludo e furtivo. Com o nariz farejando a pista, caminhava num passo peculiar, deslizante, parecia que sem o mínimo esforço. Quando eles pararam, o vulto parou também, levantando a cabeça e olhando-os fixamente, para, com as narinas frementes, lhes captar e analisar o odor.

- É a loba - respondeu Bill.

Passou entre os cães que tinham deitado na neve, e foi juntar-se ao companheiro. Ambos observaram o estranho animal que os perseguia há dias e já lhes conseguira exterminar metade da matilha.

Depois de um exame minucioso, o animal avançou mais uns passos. Isto se repetiu por diversas vezes, até que ficou a uma escassa centena de metros de distância. Deteve-se, de cabeça erguida, próximo da moita de abetos, estudando com o olhar e o faro o equipamento dos homens que a observavam.

Fixava-os com um olhar estranhamente ávido, como se fosse um cão, mas nessa avidez nada havia da afetividade canina. Era uma avidez nascida da fome, cruel como as próprias presas dela, tão impiedosa como a geadas.

Era muito grande, o seu arcabouço esquelético mostrava tratar-se de um dos maiores animais da sua espécie.

- Deve ter perto de cinco palmos de altura - comentou Henry. - E apostado que não está longe dos dez de comprimento.

- Que cor esquisita para lobo! - observou Bill. - Nunca tinha visto um lobo ruivo. Parece quase cor de canela.

O pêlo do animal não era cor de canela, mas sim cinzento, como acontece com os verdadeiros lobos, embora entremeado por uma leve tonalidade avermelhada, uma tonalidade instável, que aparecia e desaparecia, mais ilusória do que real. Assim o bicho ora era cinzento, retintamente cinzento, ora havia nele sugestões e reflexos de um vermelho inclassificável entre as cores vulgarmente conhecidas.

- Parece mesmo um grande cão esquimó - disse Bill. - Não me admiraria nada, se o visse abanar a cauda.

Depois chamou-o.

- Olá, esquimó! Venha cá, como se chamas.

- Não tem medo nenhum de você - riu Henry.

Bill sacudiu a mão ameaçadoramente e gritou, mas o animal não mostrou sinais de medo. A única modificação que conseguiram observar na sua atitude foi um acréscimo de vigilância. Continuava a fixá-los com a avidez cruel da fome. Eles eram carne, e o bicho tinha fome, gostaria de ter coragem para os atacar e comer.

- Olha lá, Henry - disse Bill baixando inconscientemente a voz até se tornar apenas um murmúrio, por causa daquilo que estava pensando, - só temos três cartuchos. Mas é um ótimo alvo. Não posso errar. Já nos roubou três cães, e temos de pôr um fim nisto. Que acha?

O companheiro abanou a cabeça em sinal de assentimento e ele tirou cautelosamente a espingarda de debaixo das correias do trenó. Ia a apoiá-la no ombro, mas não chegou a fazê-lo. É que naquele instante a loba deu um salto, saindo do trilho, e embrenhou-se no meio dos abetos, onde desapareceu. Os dois homens olharam um para o outro. Henry soltou um assobio longo e apreciador.

- Devia ter desconfiado! - exclamou Bill, em voz alta, e como que repreendendo-se a si próprio, ao colocar de novo a espingarda no lugar. - Evidentemente, um lobo que sabe vir juntar-se aos cães, à hora da refeição, não pode deixar de conhecer muito bem uma espingarda. Digo uma coisa, Henry, essa loba é a causa de todos os nossos aborrecimentos. Se não fosse ela, ainda tínhamos seis cães, em vez de três apenas. E juro que vou apanhá-la. É muito esperta para ser alvejada abertamente. Mas não tirarei os olhos de cima. Vou apanhá-la, tão certo como me chamo Bill.

- Não precisa de se afastar muito para fazê-lo - preveniu o companheiro. - Se a alcatéia se lançar sobre você, esses três cartuchos não valem mais do que três berros no inferno. Aqueles animais estão esfomeados e, se resolverem te perseguir, apanham-no com certeza, Bill.

Acamparam cedo nessa noite. Três cães não conseguiam puxar o trenó durante tantas horas nem tão depressa como seis, e evidenciavam já sinais de cansaço. Os homens deitaram-se cedo, depois de Bill prender os cães afastados entre si para que não roessem as correias uns dos outros. Mas o atrevimento dos lobos aumentava, pelo que os dois viajantes foram acordados por diversas vezes. As feras aproximaram-se tanto, que os cães ficaram aterrorizados, e se tornou necessário realimentar o fogo, de tempos em tempos, para manter à distância os inimigos mais temerários.

- Tenho ouvido marinheiros contarem histórias de tubarões que seguem os barcos - disse Bill, enquanto se introduzia de novo entre os cobertores de uma das vezes em que se levantara para deitar mais lenha no fogo. - Pois bem, aqueles lobos são os tubarões da terra. Sabem governar-se melhor do que nós e não estão nos perseguindo por divertimento. Vão nos apanhar. É mais que certo que nos apanharão,

Henry.

- A você já te têm meio apanhado, falando dessa maneira - retorquiu o interpelado, rispidamente. - Um homem já está meio perdido, a partir do momento em que o admite. E você já está meio comido, só por falar tanto nisso.

- Eles têm apanhado homens mais duros do que você e eu - respondeu Bill.

- Oh, cala-se. Pare com os seus agouros! Já estou ficando farto!

Henry voltou-se para o outro lado, zangado, mas ficou surpreso por Bill não se mostrar também encolerizado. Nem parecia o Bill, que tão facilmente se enfurecia. Henry meditou muito tempo nisto, antes de adormecer e, quando as pálpebras se fecharam, e ele por fim mergulhou no sono, o pensamento que lhe ocupava o espírito era: "Não há dúvida, Bill está completamente desprotegido. Amanhã tenho de animá-lo!"

CAPÍTULO 3 - OS UIVOS DA FOME

O dia começou auspiciosamente. Não tinham perdido nenhum cão durante a noite e meteram-se a caminho, mergulhando no silêncio, na escuridão e no frio, de espírito bastante desanuviado. Bill parecia ter esquecido os seus pressentimentos da noite anterior, e chegou mesmo a dirigir piadas aos cães, quando, ao meio-dia, eles viraram o trenó, num pedaço ruim do caminho.

Foi uma grande confusão. O trenó ficara também entalado entre o tronco de uma árvore e um grande rochedo e viram-se obrigados a desatreiar os cães para conseguir desvencilhá-los. Os dois homens estavam curvados sobre o trenó, tentando endireitá-lo, quando Henry notou que o Desorelhado escapava.

- Aqui já, Desorelhado! - gritou ele, endireitando-se e voltando-se para o cão. Mas este desatou a correr pela neve afora, arrastando os arreios atrás de si. E lá longe, sobre a neve da pista que haviam seguido até ali, esperava-o a loba. Ao aproximar-se dela, o cão tornou-se subitamente cauteloso. Abrandou o andamento para um passo vigilante e vagaroso e por fim parou. Olhou-a, atenta e indecisamente, mas cheio de desejo. Parecia que ela lhe sorriu, mostrando-lhe os dentes de um modo mais insinuante que ameaçador. A loba avançou alguns passos na sua direção e depois deteve-se. O Desorelhado aproximou-se, ainda alerta e cauteloso de rabo e orelhas espetados e de cabeça bem erguida.

O cão tentou esfregar o focinho no da fêmea que, no entanto, recuou, entre travessa e esquiva. Cada avanço dele era acompanhado de um recuo correspondente dela. Passo a passo a loba foi-o atraindo para longe da proteção que podia dar-lhe a companhia dos homens. De uma vez, como se pela sua mente tivesse perpassado a sombra de um aviso, ele voltou a cabeça e olhou para trás, para o trenó voltado, para os companheiros da matilha e para os dois homens que o chamavam.

Mas fosse qual fosse a idéia que estivesse germinando-lhe no cérebro, foi dissipada pela loba, que avançou na sua direção, esfregou o focinho no dele durante um breve instante e em seguida recomeçou os seus esquivos recuos ao ver de novo o cão a solicitá-la.

Entretanto Bill lembrara-se da espingarda. Mas ela estava presa debaixo do trenó e, quando Henry o ajudou a endireitar a carga, o Desorelhado e a loba estavam muito próximos um do outro, e a distância era grande demais para arriscar o tiro.

Só muito tarde o Desorelhado percebeu seu erro. Antes de compreenderem por que, os dois homens viram-no voltar-se correndo em direção a eles. Depois, aproximando-se, de flanco, de modo a cortar-lhe a retirada, surgiu uma dúzia de lobos, magros e cinzentos, que avançavam, aos saltos, na neve. Imediatamente desapareceram toda a timidez e jovialidade da loba. Com um rosnado, saltou sobre o Desorelhado. Este empurrou-a com a espádua e, como tinha a retirada cortada e procurava ainda alcançar o trenó, alterou o rumo, numa tentativa para se esquivar ao cerco dos lobos. Porém, outras feras apareciam a cada momento, associando-se à caçada. Quanto à loba, achava-se à distância de um salto do Desorelhado, pronta para o ataque.

- Que vai fazer? - perguntou Henry de súbito, pousando a mão sobre o braço do companheiro.

Bill sacudiu-o.

- Não posso suportar isto - respondeu. - Eles não apanharão mais nenhum dos nossos cães, se eu puder impedir.

De espingarda na mão, embrenhou-se por entre os abetos que orlavam a pista. Eram claras as suas intenções. Tomando o trenó como centro do círculo que o Desorelhado estava percorrendo, Bill pensou em interceptar esse círculo num ponto que lhe permitisse adiantar-se aos perseguidores. Com a espingarda e em pleno dia, tinha algumas possibilidades de assustar os lobos e salvar o cão.

- Olhe lá, Bill! - gritou-lhe Henry. - Tenha cuidado! Não se arrisque demais!

Henry sentou-se no trenó e ficou observando. Não podia fazer mais nada. Já perdera de vista o companheiro, mas, de vez em quando, aparecendo e desaparecendo por entre os grupos isolados de árvores, corria o Desorelhado. Calculou que o cão estava perdido. Parecia que o próprio animal tinha consciência do perigo em que se encontrava, mas corria traçando um extenso círculo exterior, enquanto a alcatéia de lobos se movimentava num círculo interior e mais acanhado. Tornava-se fútil admitir a possibilidade do cão ultrapassar o círculo formado pelos seus perseguidores e conseguir alcançar o trenó.

As duas linhas convergiram rapidamente para um ponto. Henry sabia que algum lugar, na neve, escondidos da sua vista pelas árvores, a alcatéia, o Desorelhado e Bill iriam se encontrar. E foi o que aconteceu, muito depressa, mais depressa do que ele esperava. Soou um tiro, logo seguido de outros dois, em rápida sucessão, e Henry compreendeu que as munições de Bill tinham se esgotado. Depois ouviu um tumulto de rosnados e latidos. Reconheceu os latidos de dor e terror do Desorelhado e aos seus ouvidos chegou também o uivo de um lobo que tinha sido atingido, segundo parecia. E foi tudo. Os rosnados cessaram, os latidos, igualmente. O silêncio reinou de novo sobre a terra desolada.

Ficou sentado no trenó durante muito tempo. Não valia a pena ir ver o que acontecera. Sabia, como se tivesse presenciado. De uma vez, ergueu-se sobressaltado e tirou apressadamente um machado de debaixo das cordas. Mas depois tornou a sentar-se durante mais algum tempo, meditando com os dois cães restantes enroscados e tremendo a seus pés.

Por fim ergueu-se pesadamente, como se toda a energia lhe tivesse abandonado o corpo, e tratou de atrelar os cães ao trenó. Passou uma corda pelo ombro, como se fosse um tirante, e ajudou a puxar. Não andou muito. Logo que começou a escurecer, apressou-se a acampar e teve o cuidado de arranjar grande

provisão de lenha. Deu de comer aos cães, preparou e comeu a ceia e fez a sua cama perto da fogueira.

Mas não iria gozar essa cama. Antes que os seus olhos se fechassem, os lobos aproximaram-se demais para que ele se sentisse em segurança. Já não era preciso esforçar a vista para distingui-los. Estavam todos à sua volta e do fogo, num círculo apertado, e ele podia vê-los, perfeitamente, à luz da fogueira, deitados, sentados nas patas traseiras, arrastando-se para diante sobre as barrigas ou retrocedendo e avançando furtivamente. Alguns até dormiam. Aqui e ali, um ou outro enroscado na neve como um cão, achava-se mergulhado no sono que era negado a ele.

Manteve a fogueira sempre bem acesa, pois sabia que era a única coisa que se interpunha entre a carne do seu corpo e os dentes esfomeados das feras. Os dois cães conservavam-se perto de si, um de cada lado, encostando-se a ele em busca de proteção, ganindo e gemendo e por vezes rosnando desesperadamente, quando algum lobo se aproximava um pouco mais. Nessas ocasiões, todo o círculo se agitava, os lobos levantavam-se e tentavam avançar, erguendo um coro de rosnados e uivos ávidos. Depois o círculo aquietava-se de novo, e, aqui e ali, um lobo retomava o sono interrompido.

Mas este círculo mostrava uma tendência contínua para se estreitar. Pouco a pouco, com um lobo aqui, e outro além, avançando de rastro, o círculo foi se apertando até os animais ficarem quase à distância de um salto. Então ele atirava-lhes tições acesos, fazendo-os recuar para o grosso da alcatéia. Isto fazia sempre com que os lobos se afastassem, com uivos ferozes e rosnados amedrontados, quando algum tição despedido com boa pontaria atingia e chamuscava um animal muito atrevido.

A manhã veio encontrar o homem desfigurado e exausto, de olhos encovados, por falta de sono. Preparou o café da manhã na escuridão e às nove horas, quando, com a luz do dia, a alcatéia recuou, meteu ombros à tarefa que tinha planejado durante as longas horas da noite. Abatendo umas árvores novas, com elas montou um estrado, atando-as bem alto, no tronco de outras árvores. Em seguida, servindo-se das cordas do trenó e com a ajuda dos cães, conseguiu elevar lá para cima o caixão.

- Apanharam Bill e provavelmente me apanharão também, mas a você eles nunca deitarão as garras, meu rapaz - disse, dirigindo-se ao cadáver no seu caixão, entre as árvores.

Em seguida meteu-se a caminho. O trenó, aliviado daquela carga, avançava, aos saltos, atrás dos cães que puxavam cheios de vontade, pois também eles sabiam que só se salvariam se conseguissem alcançar o Forte McGurry. Os lobos perseguiam-nos agora mais abertamente, trotando, despreocupados, atrás e formando uma fila de cada lado, as línguas pendiam-lhes das bocas e, a cada movimento, recortavam-se sob o corpo esquelético as costelas ondulantes.

Estavam muito magros. Eram meros sacos de pele esticados sobre armações de ossos, com cordéis em lugar de nervos, tão magros que Henry se espantava como eles conseguiam manter-se de pé e não caíam ali mesmo no meio da neve.

Não se atreveu a viajar até ao anoitecer. Ao meio-dia, o Sol não só aquecia o horizonte, a sul, como chegava mesmo a mostrar, acima da linha do horizonte, o seu bordo superior, pálido e dourado. Para ele aquilo era o sinal. Os dias estavam crescendo. O Sol voltava. Mas, mal a sua luz desapareceu, Henry tratou de acampar. Restavam ainda várias horas de claridade cinzenta e de sombrio crepúsculo que ele aproveitou para cortar enorme provisão de lenha.

Com a noite vieram os horrores. Não só os lobos esfomeados se tornavam cada vez mais atrevidos, como a falta de sono produzia os seus efeitos sobre Henry. Cochilava, embora fizesse esforços para se manter acordado, enrodilhado ao lado do fogo, com os cobertores sobre os ombros, o machado entre os joelhos e um cão encostado a si de cada lado. De uma vez acordou e viu na sua frente, a menos de quatro passos de distância, um grande lobo cinzento, um dos maiores da alcatéia. Mesmo enquanto ele o olhava, a fera estirou o corpo como um cão preguiçoso, bocejando-lhe na cara e mirando-o com um olhar de posse, como se, na verdade, Henry não passasse de uma refeição adiada que não tardaria a ser comida.

Esta certeza era compartilhada por toda a alcatéia. Conseguiu contar bem uns vinte, que o fixavam de olhar esfomeado ou dormiam calmamente sobre a neve. Lembravam-lhe crianças agrupadas em redor de uma mesa posta, à espera de permissão para começarem a comer. E, ali, que é que constituía a comida! Perguntava a si próprio como e quando principiaria o repasto.

Enquanto empilhava lenha na fogueira, sentiu, como nunca, o apreço em que tinha o seu corpo. Observou os próprios músculos em movimento e sentiu interesse pelo engenhoso mecanismo dos dedos. À luz da fogueira dobrou-os lentamente, repetidas vezes, ora cada um por si, ora todos ao mesmo tempo, estendendo-os bem abertos ou fazendo movimentos rápidos como que para agarrar. Observou com atenção o formato das unhas e apalpou as extremidades, ora com força ora suavemente, avaliando entretanto as sensações nervosas produzidas. Aquilo fascinava-o, e de súbito sentiu estima por aquela sua carne delicada, que funcionava tão bem, de modo tão suave e refinado. Depois lançava um olhar medroso para o círculo de lobos reunidos em redor, na expectativa, e experimentava como que um choque ao verificar que aquele seu maravilhoso corpo, aquela carne viva não era mais do que comida, o objeto cobiçado por animais vorazes, ansiosos por o rasgarem e despedaçarem com os seus dentes famintos para lhes servir de sustento, tal como ele fizera tantas vezes com alces e com coelhos.

Acordou do torpor daquela espécie de pesadelo, para descobrir diante de si a loba de pêlo arruivado. Não estava a mais de dois passos de distância, sentada na neve e observando-o avidamente. Os dois cães ganiam e rosnavam a seus pés, mas a fera parecia nem reparar neles. Fitava Henry que por um momento lhe retribuiu o olhar. Nada de ameaçador se percebia na loba. Esta limitava-se a fixá-lo com grande avidez, mas ele sabia que essa avidez resultava de uma fome igualmente grande. O homem representava comida, e perante ela excitavam-se as sensações gustativas do animal, que abriu a boca, de onde escorria baba, e pôs-se a lamber o beijo com antecipado prazer.

Percorreu-o um espasmo de medo. Precipitadamente agarrou um tição para o atirar. Mas ao deitar-lhe a mão, e antes que os seus dedos o segurassem, a loba, de um salto, pôs-se a salvo. Henry compreendeu que ela estava habituada a que lhe arremessassem coisas. Ao saltar rosnou, mostrando até à raiz os caninos brancos. Toda a sua avidez se desvaneceu para dar lugar a uma malignidade carnívora que o fez estremecer. Olhou para a mão que segurava o tição, reparando na delicadeza hábil dos dedos que o seguravam, como eles se ajustavam às irregularidades da superfície, curvando-se em redor da madeira tosca, como o dedo mínimo, que ficara muito próximo da parte em brasa, recuava sensitiva e automaticamente para um lugar mais frio. Nesse momento, julgou ver as presas brancas da loba esmagando e

despedaçando esses mesmos dedos sensíveis e delicados. Nunca sentira tanta estima por aquele seu corpo como agora, quando a sua sobrevivência era tão precária.

Durante toda a noite afugentou com tições em brasa a alcatéia faminta. Se involuntariamente adormecia, era despertado pelos ganidos e rosnados dos cães. A manhã rompeu, mas pela primeira vez a luz do dia não fez com que os animais se afastassem. O homem esperou em vão que eles fossem embora. Permaneceram ali num círculo à sua volta, evidenciando tal arrogância que Henry perdeu toda a coragem que a luz do dia nele despertara.

Fez uma tentativa desesperada para se por a caminho. Porém, mal deixou a proteção do fogo, um lobo mais ousado pulou sobre ele, mas sem conseguir alcançá-lo. O homem salvou-se dando um salto para trás, as mandíbulas fecharam-se com um estalo, a menos de um palmo da sua coxa. O resto da alcatéia já se pusera de pé e convergia sobre ele, foi necessário atirar tições à esquerda e à direita, para os fazer recuar até uma distância respeitosa. Nem mesmo à luz do dia ousou abandonar a fogueira para ir cortar mais lenha. A uns seis passos de distância erguia-se um grande abeto seco. Gastou metade do dia estendendo a fogueira até à árvore, tendo sempre à mão algumas achas em brasa, prontas a serem atiradas aos seus inimigos. Uma vez junto da árvore, examinou a floresta em volta, para fazer cair o abeto na direção onde a lenha mais abundava.

A noite foi uma repetição da anterior, com a diferença de que a necessidade de dormir se tornava cada vez mais avassaladora. O rosnar dos cães ia perdendo a sua eficácia. Além disso, eles rosnavam sem cessar, e os sentidos cansados e entorpecidos de Henry já não percebiam as modificações da altura e intensidade do som. Acordou num sobressalto. A loba encontrava-se a menos de um passo. Mecanicamente, à queima-roupa e sem o largar enfiou um tição pela boca aberta da fera, que rosnava. Ela afastou-se de um salto, uivando de dor, e, enquanto se deleitava com o cheiro a carne e pêlos queimados, o homem vigiava-a atentamente, vendo-a sacudir a cabeça e rosnar, furiosa, a alguns passos de distância.

Desta vez, porém, antes de tornar a adormecer, prendeu à mão direita um ramo de pinheiro inflamado. Tinham fechado os olhos há minutos apenas quando a dor produzida pela chama na sua carne o despertou. Durante várias horas manteve este programa. Cada vez que era assim acordado, afastava os lobos, arremessando-lhes tições, colocava mais lenha na fogueira e tornava a prender um ramo de pinheiro à sua mão. Tudo correu bem até que uma das vezes o ramo ficou mal seguro e caiu-lhe pouco depois de fechar os olhos.

Sonhou. Encontrava-se no Forte McGurry. Ali a temperatura era quente e confortável e ele jogava cartas com o administrador. Parecia-lhe que o forte estava cercado de lobos. Uivavam aos portões e, por vezes, ele e o administrador paravam de jogar para escutarem as feras e rirem dos seus esforços inúteis para entrarem. E então, tão estranho era o sonho, que de súbito soou um estrondo. A porta foi arrombada. Viu os lobos entrarem em tropel na enorme sala de estar do forte e pularem sobre ele e o administrador. Quando a porta se abriu, o barulho dos seus uivos aumentou ensurdecidamente. Estes uivos incomodavam-no. O seu sonho transformava-se em outra coisa qualquer, não sabia o quê, mas durante todo ele, perseguindo-o, persistiam os uivos.

Então acordou e descobriu que aquele alarido era real. Soavam fortes uivos e rosnados. Os lobos atacavam-no. Cercavam-no por todos os lados e atiravam-se sobre

ele. Os dentes de um tinham-lhe abocanhado um braço. Instintivamente saltou para a fogueira e, ao fazê-lo, sentiu um golpe de dentes aguçados que lhe rasgavam a carne de uma perna. Começou então uma luta com fogo. As suas grossas luvas protegiam-lhe temporariamente as mãos, e ele atirou carvões em brasa em todas as direções, até o acampamento se parecer com um vulcão.

Mas não podia agüentar aquilo por muito tempo. O seu rosto estava coberto de bolhas devido ao calor; as pestanas e sobrancelhas, chamuscadas, os pés, insuportavelmente abrasados. Com um tição aceso em cada uma das mãos, saltou para a beira da fogueira. Os lobos tinham se afastado. Por todos os lados, onde quer que tivessem caído os carvões em brasa, a neve chiava, e a cada instante um lobo que batia em retirada anunciava, com um salto selvagem, um rosnado e um ronco, que tinha pisado um desses carvões

Sem deixar de atirar tíções nos inimigos que mais próximo dele se encontravam, o homem esfregou na neve as luvas fumegantes e os pés, para os esfriar. Os seus dois cães haviam desaparecido, e ele logo compreendeu que tinham constituído parte do prolongado repasto que principiara dias antes com o Seboso e cujo último prato seria provavelmente ele, em qualquer dos dias seguintes.

- Ainda não me apanharam! - exclamou, sacudindo ferozmente o punho na direção dos animais famintos. Ao som da sua voz todo o círculo se agitou, houve um rosnar geral e a loba deslizou para mais perto, através da neve, e ficou observando-o com avidez faminta.

Henry lançou-se ao trabalho para pôr em prática uma nova idéia que lhe ocorreria. Estendeu a fogueira de modo a formar com ela um grande círculo. Agachou-se dentro deste com o equipamento de dormir debaixo de si, para lhe servir de proteção contra a neve que se derretia. Mas assim desaparecera por trás do abrigo de chamas, toda a alcatéia avançou curiosamente até à beira do fogo para ver o que acontecera. Até aí tinha-lhes sido vedado o acesso ao fogo, agora, formando um círculo fechado, como se fossem cães, pestanejavam, bocejavam e estiravam os corpos esqueléticos diante do calor a que não estavam habituados. Depois a loba sentou-se, ergueu o focinho para uma estrela e começou a uivar. Um a um, os lobos imitaram-na, até que toda a alcatéia, os quadris apoiados na neve, de focinhos apontados na direção do céu, lançava o seu uivo esfomeado.

E chegou a madrugada, e depois, o dia. O fogo agonizava. Esgotara-se a provisão de lenha, e era preciso arranjar mais. O homem tentou sair do seu círculo de chamas, mas os lobos logo investiram. Os tíções em brasa fizeram-nos saltar para o lado, mas já não recuavam. Em vão ele se esforçou por afastá-los. quando desistiu e, cambaleando, reentrou no círculo, um lobo saltou sobre ele, mas não o apanhou e caiu com as quatro patas em cima das brasas. Uivou de terror, ao mesmo tempo em que rosnava, e arrastou-se para trás, para esfriar as patas na neve.

O homem sentou-se sobre os cobertores, agachado, com o corpo inclinado para diante. Os ombros caídos e a cabeça apoiada sobre os joelhos indicavam que desistira da luta. De vez em quando erguia a cabeça para verificar a agonia do fogo. O círculo de chamas e brasas ia se dividindo em segmentos, com aberturas pelo meio. Estas estavam aumentando, e os segmentos diminuindo.

- Parece que já podem vir me buscar quando quiserem - resmungou. - Seja como for, vou dormir.

A certa altura despertou e numa das aberturas do círculo viu a loba

observando-o. Tornou a adormecer e acordou pouco depois, embora lhe parecesse que tinham decorrido horas. Operara-se uma modificação misteriosa, tão misteriosa, que lhe fez abrir os olhos por completo. Qualquer coisa acontecera. Não percebeu logo o que se passara, mas pouco depois compreendeu do que se tratava.

Os lobos haviam desaparecido. Apenas a neve pisada provava quão perto do homem tinham estado. De novo o sono se apoderava dele, a cabeça caía-lhe sobre os joelhos, quando despertou com um estremecimento súbito.

Ouviam-se gritos de homens, barulho de trenós, rangido de arreios e os ganidos impacientes de cães puxando. Quatro trenós avançavam do leito do rio em direção ao acampamento situado entre as árvores. Meia dúzia de homens rodearam Henry, agachado no centro da fogueira agonizante. Abanavam-no e tentavam reanimá-lo. Ele olhou-os como um bêbado e tartamudeou com voz enrolada e esquisita:

- A loba vermelha... Vinha se juntar aos cães na hora de lhes dar de comer... Primeiro comeu a comida dos cães... Depois comeu os cães... E depois comeu o Bill...

- Onde está lorde Alfred? - gritou um dos homens ao seu ouvido, sacudindo-o com rudeza.

Ele abanou a cabeça lentamente.

- Não, a ele não o comeu... Está numa árvore, no último acampamento.

- Morto? - exclamou o homem.

- E dentro de um caixão - respondeu Henry. Sacudiu furiosamente do ombro a mão do homem que o interrogava. - Ouça, deixe-me em paz. Estou morto de cansaço. Boa noite a todos.

Os olhos pestanejaram e fecharam-se. O queixo caiu sobre o peito. E ainda eles estavam estendendo-o sobre os cobertores, e o seu ressonar se elevava no ar gélido.

Mas ouviu-se ainda outro som, longínquo e fraco, na distância. Era o uivar faminto da alcatéia, que prosseguia em busca de outra carne que não a do homem que acabara de lhes escapar.

Parte 2

CAPÍTULO 1 - A LUTA DOS CANINOS

Foi a loba que primeiro percebeu o som das vozes dos homens e dos ganidos dos cães e foi também ela a primeira a afastar-se do homem acossado no seu círculo de fogo agonizante. A alcatéia, relutante em renunciar à presa, deixou-se ficar mais alguns minutos, certificando-se dos sons. Depois, tratou também de se afastar, seguindo a pista da loba.

À frente da alcatéia corria um grande lobo cinzento, um dos seus vários chefes. Era ele que a guiava no rastro da loba, rosnava ameaçadoramente aos membros mais novos do grupo ou mordia-os com as suas brancas presas, quando, ambiciosamente, tentavam tomar-lhe a dianteira. Logo que avistou a loba, trotando lentamente através da neve, apertou o andamento.

Uma vez alcançada, ela colocou-se ao lado como se fosse esse o seu lugar habitual, e acertou o passo pelo da alcatéia. O lobo não lhe rosnava nem lhe mostrava os dentes, quando, de um salto, ela lhe passava adiante. Bem pelo contrário, parecia tratá-la com toda a deferência, deferência que não era correspondida, pois, caso se aproximava demais, ela rosnava e mostrava-lhe os dentes. Às vezes chegava a mordê-lo ferozmente nas espáduas. Nessas ocasiões, o lobo não manifestava o mínimo aborrecimento. Limitava-se a saltar para o lado e durante algum tempo o modo desajeitado como corria fazia lembrar a atitude de um envergonhado namorado provinciano.

Este constituía o seu único problema. A loba, porém, tinha mais. Do outro lado dela corria um velho e esquelético lobo cinzento, que ostentava as cicatrizes de muitas batalhas. Seguia sempre à sua direita e a razão disto talvez fosse ter um olho só, que era o esquerdo. Também ele procurava aproximar-se até o seu focinho cheio de cicatrizes lhe tocar o corpo, a espádua ou o pescoço. Tal como fazia ao companheiro da esquerda, ela repelia-o, mordendo-o, mas quando ambos lhe prodigalizavam as suas atenções ao mesmo tempo, um de cada lado, a loba via-se obrigada a afastar os dois apaixonados com dentadas rápidas, isto em plena corrida à cabeça da alcatéia, sem poder desviar a atenção do caminho que pisava. Nessas ocasiões os seus dois companheiros arreganhavam os dentes e rosnavam ameaçadoramente um para o outro, mas não passavam disso, pois tanto os seus anseios amorosos como a rivalidade entre ambos tinham de esperar até que fosse satisfeita outra necessidade mais premente da alcatéia: a de encontrar alimento.

De todas as vezes que era repelido e se desviava abruptamente dos dentes aguçados do objeto do seu desejo, o velho lobo colidia com um outro, de cerca de três anos de idade, que corria à sua direita, do lado que era cego. Este jovem lobo atingira pleno desenvolvimento e apesar de enfraquecido pela fome, como toda a alcatéia, mostrava um vigor e coragem superiores à maior parte dos companheiros. No entanto, corria com a cabeça ao nível da espádua do lobo mais velho e zanolho. Quando se aventurava a adiantar-se, o que poucas vezes acontecia, uma rosnadela e uma dentada faziam-no recuar para a posição anterior. Algumas vezes, contudo, introduzia-se cautelosa e lentamente entre o velho zanolho e a loba. Isto ocasionava-lhe duplo, mesmo triplo castigo. Quando ela rosnava para demonstrar o seu desagrado, o

velho chefe voltava-se para puni-lo, por vezes, ela seguia-lhe o exemplo, e ocasiões havia em que o lobo da esquerda fazia outro tanto.

Então, ameaçado por seis fiadas de dentes ferozes, o jovem lobo parava precipitadamente, apoiando-se sobre os quartos traseiros, as patas dianteiras esticadas, a boca arreganhada, o pêlo todo eriçado. Esta agitação na frente provocava sempre confusão na retaguarda. Os companheiros que vinham atrás chocavam com ele e expressavam o seu desagrado, administrando-lhe dentadas agudas nas pernas traseiras e nos flancos. Ele próprio metia-se em trabalhos, porque a fome anda sempre acompanhada de irascibilidade, mas, com a fé ilimitada da juventude, insistia em repetir as suas manobras de vez em quando, embora nada ganhasse com isso a não ser aborrecimentos.

Se houvesse comida, as lutas depressa acabariam com as dissensões amorosas e a alcatéia se desmembraria. Mas a situação era desesperada. Devido à fome que havia muito suportavam, aqueles animais estavam esqueléticos. Já não corriam com a velocidade habitual. À retaguarda coxeavam os mais fracos, os muito jovens e os muito velhos. À frente iam os mais fortes. Uns e outros mais se assemelhavam a esqueletos do que a lobos de carne e osso. Mesmo assim, com exceção daqueles que coxeavam, os movimentos dos animais eram ágeis e infatigáveis. Os seus músculos de aço pareciam fontes de energia inesgotável. A cada contração de um músculo sucedia-se outra e outra e outra, numa sucessão aparentemente infundável.

Percorreram muitas milhas nesse dia. Continuaram a correr durante a noite. E o dia seguinte veio encontrá-los ainda correndo. Movimentavam-se na superfície de um mundo gelado e morto. Nenhuma vida ali palpitava. Eram eles os únicos seres que se moviam através da imensa superfície inerte. Só eles estavam vivos e procuravam outras coisas também vivas, para as devorarem para poderem continuar vivendo.

Atravessaram cumes de pequenas elevações e uma dúzia de riachos numa região de planícies, antes que a sua busca fosse recompensada. Então encontraram alces. O primeiro que encontraram foi um macho grande. Ali havia carne e vida, que não eram protegidas por fogueiras misteriosas nem por projéteis chamejantes. Os coices e as cornadas eles conheciam bem, e mandaram para o diabo a sua habitual paciência e cautela. Foi uma luta breve e feroz. O enorme alce viu-se cercado por todos os lados. Rasgou a carne ou partiu o crânio de muitos inimigos com pancadas certeiras dos seus cascos enormes. Esmagou e despedaçou alguns com os seus compridos chifres. A outros, derrubados na luta, calcou até os enterrar na neve. Mas estava condenado de antemão. Acabou por tombar com a loba lacerando-lhe selvagememente a garganta e os outros cravando-lhe os dentes no corpo, por toda parte, sendo devorado vivo ainda lutando e causando danos entre os adversários.

Houve comida em abundância. O alce pesava mais de oitocentas libras, coube a cada um dos quarenta e tantos lobos da alcatéia mais de vinte libras de carne. Mas, se era prodigiosa a sua resistência à fome, não o era menos a quantidade de comida que podiam meter na barriga. Em breve, apenas uns quantos ossos espalhados restavam do esplêndido animal que se batera contra a alcatéia, algumas horas antes.

Puderam, então, os lobos descansar e dormir durante muito tempo. Uma vez os estômagos cheios, começaram as brigas e as lutas entre os machos mais jovens. Isto continuou durante os poucos dias que precederam a dissolução da alcatéia. A fome tinha acabado. Os lobos encontravam-se agora numa região onde a carne abundava e

embora ainda caçassem em conjunto, mostravam-se mais cautelosos; só atacavam as pesadas fêmeas e os machos velhos e doentes que se separavam dos reduzidos rebanhos de alces que perseguiram.

Chegou o dia, naquela terra de abundância, em que a alcatéia se dividiu em duas, cada uma das quais tomou direção diferente. Uma, com a loba à frente, sempre ladeada à esquerda pelo chefe jovem e à direita pelo zarolho, desceu o rio Mackenzie e depois atravessou-o para penetrar na região dos lagos, a leste. Todos os dias o seu número se reduzia. Dois a dois, macho e fêmea, os lobos iam desertando. De vez em quando, um macho solitário era afastado pelos dentes aguçados dos seus rivais. Por fim restavam apenas quatro: a loba, o chefe jovem, o zarolho e o jovem ambicioso de três anos.

A loba evidenciava agora um temperamento feroz. Todos os seus três companheiros ostentavam as marcas dos seus dentes. No entanto, nunca lhe davam réplica, nunca se defendiam dela. Esquivavam-se às suas dentadas mais ferozes e, abanando as caudas, aproximavam-se a passos miúdos, procurando aplacar-lhe a ira. Mas se com ela usavam de toda a delicadeza, entre eles mostravam-se intratáveis. O jovem de três anos tornou-se muito confiante na sua ferocidade. Apanhou o velho do lado cego e rasgou-lhe a orelha em tiras. Embora zarolho, o lobo cinzento enfrentou a juventude e rigor do outro com a sabedoria adquirida em longos anos de experiência, experiência de cuja natureza o olho cego e o focinho cheio de cicatrizes constituíam eloqüente testemunho. Sobrevivera já a muitas lutas para ter dúvidas, um momento sequer, sobre aquilo que tinha de fazer.

A luta começou lealmente, mas não terminou assim. Nem valia a pena fazer previsões sobre como terminaria, porque o terceiro lobo juntou-se ao mais velho, e os dois juntos atacaram o mais novo e trataram de eliminá-lo. De ambos os lados cercavam-no os caninos cruéis dos seus camaradas de outrora. Esquecidos estavam os dias em que tinham corrido juntos, a caça que tinham abatido, a fome que tinham suportado. Isso pertencia ao passado. Agora tratava-se de amor, algo ainda mais cruel e premente do que a busca de alimento.

Entretanto, a loba, que motivava aquela luta, sentada placidamente sobre os quartos traseiros, observava. Sentia-se até satisfeita. Era o seu dia - um dia que não se repetia com muita frequência - em que, de pêlo eriçado, os machos se enfrentam e com as presas rasgam e dilaceram a carne inerte, discutindo a sua posse.

Naquela sua primeira pendência amorosa, o jovem lobo perdeu a vida. Os dois outros rivais estavam agora um de cada lado do seu corpo, fitando a loba que, sentada sobre a neve, sorria. Mas o velho zarolho era astuto tanto no amor como na luta e quando o outro, voltando a cabeça para lambe uma ferida no ombro, deixou o pescoço virado para o rival, este, com o seu único olho, viu a oportunidade. Deu um salto rápido, cravou-lhe ali os caninos num golpe grande, dilacerante, profundo, que atingiu a veia jugular, e depois, de um pulo, afastou-se.

Assim atingido, o outro soltou um rosnado que em breve se transformou em tosse entrecortada. Sangrando e tossindo, já ferido de morte, atirou-se ao zarolho e lutou, enquanto a vida ia se esvaindo, as patas se vergavam debaixo de si, a luz do dia lhe fugia dos olhos, os golpes e os saltos tornando-se cada vez mais frouxos.

E durante toda esta cena, a loba continuou sentada sobre os quartos traseiros, sorrindo. Aquela luta dava-lhe uma vaga satisfação, pois era assim a maneira de amar na selva, a tragédia sexual do mundo natural - tragédia apenas para os que morriam.

Para os sobreviventes aquilo não constituía tragédia, mas sim a concretização dos seus intentos.

Quando o outro rival ficou estendido e imóvel sobre a neve, o Zanolho encaminhou-se para a loba. O seu porte era um misto de triunfo e de cautela. Receava um mau acolhimento e ficou surpreso quando não a viu arreganhar os dentes, encolerizada. Pela primeira vez recebeu-o amavelmente, os focinhos de ambos tocaram-se, e condescendeu mesmo em pular e brincar com ele, como se fossem cachorros. E o lobo, apesar da sua idade e experiência, portou-se com a mesma infantilidade e ainda um pouco mais loucamente.

Esquecidos estavam já os rivais vencidos e a história de amor escrita a sangue sobre a neve. Esquecidos, exceto numa ocasião: quando o Zanolho parou por um instante para lambe as profundas feridas. Então os beiços arreganharam-se num semi-rosnado, o pêlo do pescoço e das espáduas eriçou-se involuntariamente, e ele se encolheu como que para dar um salto, enquanto as garras se enterravam espasmodicamente na neve para melhor se firmar. Mas tudo foi esquecido logo a seguir, quando ele correu atrás da loba, que pudicamente o obrigava a persegui-la através dos bosques.

Depois disso correram lado a lado, como dois bons amigos que tivessem chegado a um acordo. Passaram-se os dias e eles continuavam juntos, caçando e dividindo entre si a comida. Por fim, a loba começou a mostrar-se inquieta. Parecia procurar qualquer coisa que não conseguia encontrar. Os buracos debaixo das árvores caídas atraíam-na e ela levava muito tempo farejando as fendas maiores das rochas, que a neve encobria, e as reentrâncias sob taludes salientes. O velho Zanolho, embora sem o menor interesse, seguia-a de bom humor nas suas buscas e, quando as investigações da companheira em algum lugar demoravam mais do que o habitual, deitava-se e esperava até ela estar pronta a prosseguir.

Não se demoravam no mesmo lugar; percorreram a região até alcançarem de novo o rio Mackenzie, que desceram vagarosamente, abandonando-o aqui e além para ir caçar ao longo dos seus pequenos afluentes, mas regressando sempre a ele. Às vezes encontravam outros lobos, normalmente aos pares. Não demonstravam, porém, nenhuma simpatia uns para com os outros, nenhuma alegria em se encontrarem, nenhum desejo de se reunirem de novo numa alcatéia. Encontraram também por diversas vezes lobos solitários. Eram sempre machos, que procuravam insistentemente juntar-se ao Zanolho e à companheira. Isto desagradava a ambos e quando, lado a lado, de pêlo todo eriçado e dentes arreganhados, enfrentavam o intruso, ele acabava por recuar e voltar costas, prosseguindo no seu caminho tão só como antes.

Numa noite enluarada, quando corria através da floresta silenciosa, o Zanolho deteve-se de súbito. De focinho erguido, cauda espetada e narinas dilatadas, pôs-se a farejar. Até levantou uma pata como se fosse um cão. Sentia-se inquieto e continuou a farejar, esforçando-se por compreender a mensagem que a brisa lhe trazia. A companheira contentara-se com uma farejadela descuidada e adiantou-se como para sossegá-lo. Embora a seguisse, ele ainda estava duvidoso e parava de vez em quando, para analisar com mais cuidado que o preocupava.

Cautelosamente, a loba rastejou pela beira de uma grande clareira no meio das árvores. Durante algum tempo avançou sozinha. Depois o Zanolho, rastejando e arrastando-se, com todos os sentidos alerta, cada pêlo irradiando uma suspeita infinita, juntou-se a ela. Ficaram lado a lado, observando, escutando e farejando.

Até eles chegavam os sons de cães que brigavam no meio de grande tumulto, os berros guturais de homens, as vozes mais agudas de mulheres que ralhavam e, a certa altura, o grito agudo e queixoso de uma criança. Além dos vultos enormes das tendas de pele, pouco mais se via do que as chamas do fogo, tapadas de quando em quando pelos movimentos de corpos que se interpunham, e a fumaça que se elevava lentamente no ar calmo. Mas até às suas narinas chegavam os mil e um cheiros de um acampamento índio, evocando uma história que para o Zanolho constituía em grande parte um enigma, mas de que a companheira conhecia todos os pormenores.

Ela sentiu-se estranhamente inquieta e farejou repetidas vezes com crescente deleite. O Zanolho, pelo contrário, mostrava-se apreensivo e chegou a fazer menção de ir embora. Ela voltou-se e tocou-lhe no pescoço com o focinho, num gesto tranqüilizador, e depois tornou a contemplar o acampamento com uma avidez que não era a da fome. Estremecia de desejo, um desejo que a impelia a avançar, a aproximar-se daquela fogueira, a brigar com os cães e a evitar e a esquivar-se dos pontapés dos homens.

O Zanolho mexia-se impacientemente a seu lado até que, de súbito, apossou-se da companheira o anterior desassossego e ela reconheceu a necessidade premente de encontrar aquilo que procurava. Voltou-se e, a trote, embrenhou-se outra vez na floresta, com grande alívio do Zanolho, que logo se adiantou, até ambos alcançarem a segura proteção das árvores.

Deslizando, silenciosos como sombras, à luz da lua, foram dar em uma trilha. Ambos os focinhos farejaram pegadas na neve. Estas eram muito frescas. O Zanolho prosseguiu cautelosamente, com a companheira no seu encaço. Encolhidas as garras, as patas em contato com a neve pareciam veludo. De súbito, o Zanolho notou uma pequena coisa branca que se mexia no meio de toda aquela brancura. Se até aí ele deslizara com insuspeitada rapidez, esta não se comparava de modo algum à velocidade com que corria agora atrás da pequena mancha branca que descobrira.

Seguiam ao longo de uma estreita área orlada de ambos os lados por maciços de abetos ainda novos. Entre as árvores via-se a extremidade da área, abrindo-se num rasgão de luar. O velho Zanolho ganhava rapidamente terreno à pequena forma branca que fugia. Ia alcançá-la agora. Um salto mais, e os seus dentes se enterrariam nela. Mas esse salto nunca foi dado. A forma branca elevou-se no ar, era um coelho branco que lutava, saltava e pulava, executando uma dança fantástica, por cima dele, sem uma só vez voltar a terra.

O Zanolho saltou para trás, com um rosnado de medo súbito. Encolheu-se sobre a neve e agachou-se, rosnando ameaças contra aquela coisa que não compreendia e o assustava. A sua companheira, então, adiantou-se, calmamente, deteve-se um momento e depois saltou para o coelho que dançava no ar. Ergueu-se bem alto, mas não tanto que lhe permitisse alcançar a presa, e as suas mandíbulas fecharam-se no vácuo, sem se apoderarem de coisa alguma, batendo os dentes uns contra os outros com um estalido metálico. Ela deu em seguida outro salto e outro ainda.

O companheiro fora se descontraindo lentamente e agora estava observando-a, descontente com as repetidas e vãs tentativas dela. Pulou, então, por seu turno, e cravou os dentes no coelho que arrastou consigo para o chão. Mas ao mesmo tempo ouviu um estalido e um movimento suspeito, a seu lado, e, de olhos espantados, viu curvar-se sobre ele um rebento de abeto jovem. As mandíbulas abriram-se, e ele deu um salto para trás para escapar àquele perigo estranho, de dentes arreganhados,

rosnando, com os pêlos eriçados de raiva e medo. E nesse instante o rebento endireitou-se a toda a sua altura e o coelho voltou a elevar-se, ficando de novo dançando no ar.

A companheira ficou furiosa e mordeu-lhe a espádua, em sinal de desaprovação. Assustado e não compreendendo o que significava aquele novo ataque, ele retribuiu com ferocidade, ferindo-a no focinho. Tão inesperada reação à sua censura a fez investir de novo, rosnando de indignação. O Zanolho compreendeu então o seu erro e tentou aplacá-la, mas sem resultado, e por fim, desistindo de todas as tentativas de apaziguamento, começou a rodopiar, com a cabeça afastada dos dentes dela, que iam se cravando nas espáduas.

Entretanto o coelho dançava no ar, por cima deles. A loba acabou por sentar-se na neve, e o velho Zanolho, receando agora mais a companheira do que o misterioso abeto, tornou a saltar. Ao cair, com o coelho seguro nos dentes, não tirou do abeto o seu único olho. Como da outra vez, ele seguiu-o até ao chão. Encolheu-se, na expectativa da pancada que parecia iminente, com o pêlo eriçado, embora sem largar a presa. Nenhuma pancada o atingiu, mas o abeto continuou ameaçadoramente dobrado por cima dele.

O Zanolho mexeu-se e então o abeto mexeu-se também, o que levou o lobo a rosnar-lhe por entre as mandíbulas fechadas. O lobo voltou a ficar imóvel e a árvore aquietou-se de novo de onde o Zanolho concluiu que era mais seguro continuar sossegado. De resto, o sabor do sangue do coelho, que sentia na boca, era bastante agradável.

Foi a companheira que o libertou do embaraço em que se encontrava. Tirou-lhe o coelho e, enquanto o rebento de abeto se movia e balançava ameaçadoramente, ela, calmamente, cortou com os dentes a cabeça do pequeno animal. Logo o abeto se endireitou como um raio e não mais lhe causou preocupação, conservando-se na posição decorosa e perpendicular em que a natureza o fizera crescer. Então, ambos devoraram a peça de carne que o misterioso abeto tinha apanhado para eles.

Havia outros caminhos e áreas onde se viam pendurados no ar mais coelhos, e o casal os explorou a todos, a loba à frente e o velho Zanolho seguindo-a e observando, aprendendo o método de roubar armadilhas - conhecimento que lhes viria a ser de grande proveito no futuro.

CAPÍTULO 2- O COVIL

Durante dois dias a loba e o Zanolho rondaram o acampamento dos índios. Ele estava preocupado e apreensivo, mas a companheira sentia-se atraída pelo acampamento e mostrava relutância em partir. Quando, porém, certa manhã, ressoou no ar, muito próxima, a detonação de uma espingarda e uma bala se esmagou contra um tronco de árvore, a escassos centímetros da cabeça do Zanolho, não hesitaram mais e afastaram-se a trote largo que rapidamente interpôs milhas de distância entre eles e o perigo.

Não foram muito longe: apenas alguns dias de viagem. A necessidade de encontrar aquilo que procurava tornara-se agora imperiosa para a loba. Estava tão pesada que mal podia correr. De uma vez, quando perseguia um coelho, um dos animais que costumava apanhar com grande facilidade, desistiu e deitou-se para

descansar. O Zanolho aproximou-se então para lhe acariciar o pescoço com o focinho, a companheira, porém, abocanhou-o com tal ferocidade e rapidez que ele recuou aos trambolhões, fazendo uma triste figura, no seu esforço para escapar. Ela estava mais irascível que nunca, o lobo, pelo contrário, jamais se mostrara tão paciente e solícito.

Por fim, a loba descobriu aquilo que procurava. Ficava a algumas milhas perto de um pequeno curso de água, que no verão corria para o Mackenzie, mas nessa época do ano completamente gelado no seu leito rochoso, inerte e branco desde a nascente até à foz. A loba ia trotando a custo, distante do companheiro, que seguia na frente, quando avistou um alto talude argiloso, sobranceiro ao ribeiro. Mudou de rumo e dirigiu-se para lá. As tempestades da Primavera e os degelos haviam escavado a margem e formado uma pequena caverna num lugar onde existira uma fenda estreita.

A loba parou à entrada da caverna e examinou cuidadosamente a parte superior do talude. Depois percorreu de um e outro lado a base da muralha até onde aquela massa abrupta se diluía em terreno mais suave. Voltando à caverna, penetrou pela estreita abertura. Foi obrigada a avançar de rastos quase um metro, depois as paredes alargavam-se e alteavam-se, formando uma cavidade circular com cerca de dois metros de diâmetro. A loba quase tocava com a cabeça o teto, mas como o lugar era seco, achou-o aconchegado. Inspeccionou-o com meticoloso cuidado, enquanto o Zanolho, que tinha voltado para trás permanecia à entrada, observando-a pacientemente. A loba baixou a cabeça, com o nariz rente ao chão e dirigido para um ponto próximo das suas patas unidas, e deu várias voltas em torno desse ponto, até que, por fim, com um suspiro de cansaço, muito semelhante a um rosnado, enroscou-se e, descontraindo as patas, deitou-se, virada para a entrada.

O Zanolho, de orelhas fitas, numa atitude que denotava interesse, sorria-lhe, e atrás, recortado contra a luz branca, ela podia ver a cauda do companheiro em forma de escova a abanar, em sinal de boa disposição. Também as orelhas da loba, com um movimento de aconchego, baixaram para trás, até que as suas afiladas pontas lhe tocaram na cabeça por um momento, enquanto ela abria a boca e deixava pender a língua serenamente, exprimindo desta maneira satisfação e agrado.

O Zanolho tinha fome. Embora estivesse deitado à entrada e dormisse, o seu sono era intermitente. Acordava repetidas vezes e empertigava as orelhas ao olhar lá para fora, para aquele mundo tão claro, onde o sol de Abril brilhava sobre a neve. Quando dormitava, chegava-lhe aos ouvidos o brando rumorejar de água corrente, e então erguia-se e punha-se atentamente à escuta. O sol voltara, e toda aquela região setentrional despertada chamava por ele. A vida ressurgia. No ar havia o cheiro da Primavera, da vida que germinava debaixo da neve, da seiva que subia nas árvores, dos rebentos que quebravam as algemas do gelo.

Ele lançava olhares ansiosos para a companheira, mas esta não mostrava o mínimo desejo de se levantar. O Zanolho olhou para fora e pelo seu campo visual esvoaçaram meia dúzia de aves. Começou a levantar-se, depois voltou a olhar para a companheira e deitou-se de novo para dormir. Aos ouvidos chegou-lhe um zumbido agudo e breve. Por uma ou duas vezes esfregou o focinho sonolentemente com a pata. Depois acordou. Ali, zumbindo no ar, na ponta do seu focinho, voava um mosquito solitário. Era um mosquito grande, daqueles que tinham permanecido gelados durante todo o Inverno num toro seco de madeira, e agora o sol descongelara. Não podia resistir por mais tempo ao chamamento do mundo. Além disso, tinha fome.

Rastejou até à companheira e tentou persuadi-la a levantar-se. Mas ela

limitou-se a rosnar-lhe, e ele saiu sozinho para o exterior, onde o sol brilhava. A neve debaixo das suas patas era fofa e o caminhar difícil. Foi subindo o leito gelado do rio, pois ali a neve, protegida pela sombra das árvores, estava ainda dura e cristalina. Demorou oito horas e voltou ao escurecer, mais faminto do que quando partira. Encontrara caça, mas nada apanhara. Atolava e chafurdava na neve, que se derretia, enquanto os coelhos corriam por cima dela com a facilidade habitual.

Deteve-se à entrada da caverna com um estremecimento súbito de suspeita. Do interior vinham sons estranhos e fracos. Não provinham da sua companheira e, no entanto, eram-lhe remotamente familiares. Arrastou-se cautelosamente para dentro, mas foi recebido com um rosnado ameaçador da loba. Isto não o perturbou, embora lhe obedecesse, conservando-se à distância, mas continuava interessado nos outros sons: nos balbuciantes e débeis ganidos abafados que ouvia.

A companheira avisou-o irritadamente que se afastasse, ele enroscou-se e adormeceu à entrada. Quando a manhã rompeu e uma claridade tênue penetrou no covil, de novo procurou desvendar a origem dos sons vagamente familiares. No rosnado ameaçador da companheira havia uma expressão nova - uma expressão de ciúme - ele teve o máximo cuidado em manter uma distância respeitosa. Contudo conseguiu distinguir, aninhados entre as patas dela e a todo o comprimento do corpo, cinco pequenas e estranhas trouxas palpitantes de vida, muito débeis, muito desajeitadas, soltando leves queixumes, e com os olhos ainda fechados. Ficou surpreso. Não era a primeira vez, na sua longa e feliz vida, que aquilo acontecia. Sucederá já em diversas ocasiões e, no entanto, em cada uma delas constituía sempre uma surpresa.

A companheira olhava-o com ansiedade. Rosnava baixo, de minuto a minuto, mas de vez em quando, se lhe parecia que ele se aproximava demais, o tom subia e tornava-se ameaçador. Por experiência própria não se lembrava de que aquilo tivesse acontecido, mas o instinto, que era a experiência de todas as mães de lobos, recordava-lhe a existência de pais que haviam comido as suas crias recém-nascidas e indefesas. Experimentava, por isso, invencível receio que a obrigava a impedir o Zanolho de examinar mais de perto os lobinhos que tinha gerado.

Mas não havia perigo. O velho Zanolho estava sentindo um impulso imperioso, um instinto também, que herdara de todos os pais de lobos. Não se deu ao trabalho de analisá-lo, nem de meditar nele. Estava no sangue, nas fibras do seu ser e era a coisa mais natural do mundo que, obedecendo-lhe, se afastasse da sua recém-nascida família, em busca da carne que constituía o seu alimento habitual.

A cinco ou seis milhas do covil, o rio dividia-se, e as duas bifurcações perdiam-se entre as montanhas, formando ângulo reto. Subindo a da esquerda, encontrou um trilho recente. Farejou-o e achou-o tão fresco que se agachou rapidamente, olhando na direção em que ele desaparecia. Depois voltou-se deliberadamente e tomou a bifurcação da direita. Na outra, as pegadas eram muito maiores do que as das suas próprias patas, de onde concluíra que por ali pouca carne encontraria para si.

Percorrida meia milha, os seus ouvidos atentos captaram o som de dentes que roíam. Aproximou-se silenciosamente e descobriu um porco-espinho, com as patas dianteiras apoiadas no tronco de uma árvore a que tentava arrancar a casca com os dentes. O Zanolho aproximou-se cautelosamente, mas sem esperança. Conhecia aquele animal, embora nunca tivesse encontrado nenhum tão para norte, nem nunca

na sua vida um porco-espinho lhe servira de refeição. Havia muito, porém, a experiência ensinara-lhe que existia uma coisa chamada sorte e por isso continuou a aproximar-se. Nunca se poderia prever o que aconteceria, pois com seres vivos os acontecimentos ocorriam sempre de modo diferente.

O porco-espinho transformou-se numa bola, irradiando, em todas as direções, agulhas compridas e aguçadas, que desafiavam qualquer ataque. Na sua juventude, o Zanolho uma vez aproximara-se demais para farejar um ouriço semelhante a este, aparentemente inerte, e apanhara de súbito com a cauda no focinho. Um dos espinhos conservara-se ali espetado durante semanas, qual chama dolorosa, até que por fim saiu. Agachou-se por isso, numa posição favorável, o focinho a mais de trinta centímetros de distância e fora do alcance da cauda. E assim esperou, conservando-se absolutamente imóvel. Nunca se sabe. Podia acontecer qualquer coisa. O porco-espinho podia desenrolar-se e surgir uma oportunidade de ele conseguir cravar-lhe hábil e profundamente as garras na barriga tenra e desprotegida.

Mas ao fim de meia hora levantou-se, rosnou furiosamente contra a bola imóvel e afastou-se a trote. Já tinha esperado muitas vezes, e sempre em vão, que um porco-espinho se desenrolasse, para perder mais tempo. Continuou a subir aquela bifurcação. O tempo ia passando, e a caçada continuava infrutífera.

O seu impulso paternal estimulava-o fortemente. Tinha de arranjar carne. À tarde encontrou uma ptarmiga. Saía de um matagal, quando se deparou com a obtusa ave. Estava pousada num tronco, a menos de trinta centímetros do seu focinho. Viram-se ao mesmo tempo. A ave tentou levantar vôo precipitadamente, mas o Zanolho deu-lhe com a pata e atirou-a a terra e, em seguida, lançou-se em cima e segurou-a com os dentes, quando ela fugia pela neve, tentando elevar-se de novo no ar. Mal os seus dentes lhe penetraram na carne tenra e nos ossos frágeis, começou naturalmente a comer. Depois se lembrou e retrocedeu, a caminho do covil, levando a ptarmiga na boca.

Uma milha antes da bifurcação, quando corria silenciosamente como de costume viu uma sombra deslizante que cautelosamente explorava cada perspectiva do caminho viu pegadas recentes, iguais às que descobrira de manhã cedo. Como o rastro levava a mesma direção, seguiu-o, preparado para encontrar quem o deixara, em qualquer parte do rio.

Quando cautelosamente contornava um rochedo, numa curva excepcionalmente larga, os seus olhos perspicazes perceberam qualquer coisa que o fez agachar-se rapidamente. Tratava-se do animal que deixara aquelas pegadas: um grande lince fêmea. Encontrava-se agachado, à espreita, tal como ele estivera nesse dia, diante da bola de espinhos bem enrolada. Se antes o lobo era sombra deslizante, agora transformou-se no fantasma dessa sombra, ao descrever, rastejando, um círculo para se colocar à direita do par imóvel e silencioso.

Deitou-se na neve, pousou a ptarmiga a seu lado e, espreitando através das agulhas de um pequeno abeto, pôs-se a observar o drama da vida que diante de si se desenrolava: o lince à espera e o porco-espinho também, ambos atentos à sua própria existência. E o curioso daquele jogo era que a vida para o primeiro consistia em comer o segundo, ao passo que para este consistia em não ser comido. E o velho Zanolho, agachado no seu esconderijo, tomava igualmente parte no jogo, esperando um capricho da sorte que o ajudasse a conseguir a carne que para ele significava também a vida.

Meia hora se passou, depois uma hora, e nada acontecia. O ouriço assemelhava-se a uma pedra, tal a sua imobilidade, o lince parecia ter-se transformado em mármore, o velho Zanolho parecia morto. Contudo, os três animais viviam um momento de tensão quase dolorosa, e dificilmente em qualquer outro momento estariam mais vivos apesar da sua aparente petrificação.

Zanolho mexeu-se ligeiramente e observou a cena com crescente ansiedade. Qualquer coisa ia acontecer. O porco-espinho acabara por concluir que o seu inimigo fora embora. Lentamente, cautelosamente, desenrolava-se a bola que constituía armadura inexpugnável. Não a agitava nenhum tremor de antecipação. Lentamente, muito lentamente, a bola eriçada de espinhos ia se desfazendo. Zanolho, que observava, involuntariamente excitado pela carne viva que se oferecia à sua vista como um repasto, sentiu de súbito crescer-lhe água na boca e a baba a escorrer-lhe das mandíbulas.

O porco-espinho ainda se não desenrolara completamente, quando descobriu o inimigo. Nesse mesmo instante, o lince atacou como um raio. A pata, de garras rígidas e encurvadas, atingiu a barriga tenra e recuou, com um movimento rápido e violento. Se o porco-espinho estivesse completamente desenrolado, ou se não tivesse descoberto o inimigo uma fração de segundo antes da pancada ser desferida, a pata do lince teria escapado incólume, como tal não acontecera, foi atingida quando recuava por um golpe lateral da cauda e nela ficaram enterrados alguns espinhos.

Tudo aconteceu num ápice: a pancada, o contra-ataque, o guincho de agonia do porco-espinho, o berro de dor e espanto do lince. Zanolho soergueu-se, excitado, de orelhas fitas, a cauda ereta e trêmula. O lince se enfureceu e saltou selvagememente em cima daquilo que o ferira, mas o porco-espinho, guinchando e grunhindo, o corpo estropiado tentando debilmente enrolar-se para formar a bola que lhe servia de proteção, sacudiu de novo a cauda, e o grande felino Soltou outro berro de dor e espanto. Depois começou a retroceder e a espirrar, com o focinho eriçado de espinhos, qual monstruosa almofada de alfinetes. Esfregou o focinho com as garras, tentando arrancar aqueles dolorosos dardos, revolveu-o na neve, friccionou-o contra os galhos e ramos, e entretanto não parava de pular de um lado para outro, num frenesi de dor e de medo.

Espirrava continuamente, e o toco que tinha por cauda parecia querer açoitar o ar com sacudidelas rápidas e violentas. Por fim, desistiu daquela dança grotesca e ficou quieto durante um longo minuto. O Zanolho observava, não conseguiu reprimir um movimento de sobressalto e um involuntário eriçar do pêlo do lombo, quando o lince deu repentinamente um salto, elevando-se no ar ao mesmo tempo em que emitia um guincho prolongado e terrível, após o que se afastou, rápido, pelo trilho acima, soltando berros a cada pulo que dava.

Só quando o clamor do felino se perdeu na distância e se desvaneceu por completo, é que o Zanolho se atreveu a avançar. Caminhava tão cautelosamente como se toda a neve estivesse atapetada de espinhos, espetados e prontos a tirar-lhe as almofadas macias das patas. O porco-espinho saudou a sua aproximação com um guincho furioso e cerrando estrepitosamente os seus compridos dentes, Conseguira enrolar-se de novo numa bola, mas já não era o mesmo ouriço compacto, os músculos estavam muito dilacerados. Achava-se rasgado quase em dois e sangrava abundantemente.

O Zanolho encheu a boca de neve ensopada em sangue, mastigou-a,

saboreou-a e acabou por engoli-la. Isto serviu-lhe de aperitivo e ainda lhe aguçou mais a fome. Mas era muito velho para cometer uma imprudência. Esperou. Deitou-se e esperou, enquanto o porco-espinho rangia os dentes e soltava grunhidos de dor, entrecortados de vez em quando por pequenos guinchos estridentes. Pouco depois Zanolho reparou que os espinhos se mostravam menos eretos e que o corpo tremia todo. O tremor cessou de súbito. Houve um derradeiro e agressivo entrechocar dos longos dentes. Depois os espinhos penderam, o corpo descontraíu-se e não mais se mexeu.

Com a pata, nervosa e receosamente, o Zanolho estendeu o porco-espinho a todo o comprimento e virou-o de costas. Nada aconteceu. Estava morto, não havia dúvida. Examinou-o com todo o cuidado por um momento e depois pegou-lhe cautelosamente com os dentes e partiu rio abaixo, ora carregando-o, ora arrastando-o, com a cabeça virada para o lado, de forma a não pisar a massa espinhosa. Lembrou-se então de qualquer coisa, largou a carga e voltou atrás, ao lugar onde deixara a ptarmiga. Não hesitou um momento. Sabia muito bem o que tinha a fazer e o fez, comendo prontamente a ave. Depois voltou e pegou de novo sua carga.

Quando chegou ao covil, arrastando o resultado do seu dia de caça, a loba inspecionou o que lhe trazia, depois voltou o focinho para ele e lambeu-o levemente no pescoço. Mas logo a seguir rosnou-lhe, avisando-o de que devia afastar-se das crias. Contudo, o seu rosnar era menos áspero do que habitualmente e mais apologético do que ameaçador. O receio instintivo que lhe inspirava o pai dos seus filhos começava a dissipar-se. Ele estava comportando-se como devia e não manifestava nenhum desejo maldoso de devorar as vidas que ela trouxera ao mundo.

CAPÍTULO 3 - O LOBINHO CINZENTO

Ele era diferente dos irmãos e irmãs. O pêlo destes já denunciava a tonalidade arruivada que havia herdado da sua mãe, a loba. Neste pormenor só ele se assemelhava ao pai. Não havia outra cria cinzenta na ninhada. Estava ali um lobo de pura raça. Na realidade, fisicamente apresentava todas as características do Zanolho, com uma única exceção: tinha dois olhos e seu pai apenas um.

Os olhos do lobinho cinzento ainda não estavam abertos há muito e já viam com toda a clareza e enquanto fechados, ele tateara, tomara o gosto e farejara. Conhecia muito bem os dois irmãos e as duas irmãs. Tinha começado a brincar com eles, débil e desajeitadamente, e já então, quando se zangava, na sua pequena garganta vibrava um som áspero e esquisito, precursor de rosnado. E muito antes que os seus olhos se abrissem, aprendera a conhecer, pelo tato, pelo paladar e pelo olfato, sua mãe fonte de calor, alimento líquido e ternura. Ela possuía uma língua suave e acariciante, que o consolava quando corria sobre o seu pequenino e macio corpo, e o impelia a aconchegar-se a ela e o ajudava a adormecer.

A maior parte do primeiro mês da sua vida passara-o assim, dormindo. Mas agora, que já via e permanecia acordado muito mais tempo, começava a conhecer o seu mundo bastante bem. Este seu mundo era triste, mas ele o ignorava, porque não conhecia outro melhor. Iluminava-o uma luz difusa, no entanto os olhos do pequenino lobo não haviam sentido necessidade de se adaptar a outra. O seu mundo era muito pequeno, pois achava-se limitado pelas paredes do covil, mas como ele não conhecia o

vasto mundo exterior, nunca experimentara a opressão das estreitas fronteiras da sua existência.

Contudo, cedo descobrira que uma das paredes do seu mundo diferia das restantes. Era a entrada da caverna, o manancial de onde provinha a luz. Fizera essa descoberta muito antes de ter pensamentos próprios, ou vontade consciente. Constituíra uma atração irresistível antes que os seus olhos se abrissem e a pudessem ver. A luz que dali provinha batia-lhe nas pálpebras fechadas, e os olhos e os nervos óticos vibravam em pequenos relâmpagos cintilantes, quentes e estranhamente agradáveis. A vida que existia no seu corpo e em todas as fibras que o constituíam, a vida, que era como que a sua própria substância corporal, completamente distinta da sua vida pessoal, ansiava por essa luz e impelira-o para ela, do mesmo modo que a sábia constituição química de uma planta a dirige para o sol.

No princípio, antes do despertar da sua vida consciente, costumava rastejar sempre em direção à entrada da caverna. E nisto era imitado pelos irmãos e irmãs. Nesse período nunca nenhum deles gatinhara para os cantos escuros da parede de trás. A luz atraía-os, como se fossem plantas, a constituição química dos seus corpos exigia a luz como uma necessidade vital e assim os cinco gatinhavam cegamente para ela, por um impulso químico, como se fossem os ramos de uma videira. Mais tarde, quando cada um deles criou a sua própria individualidade e tomaram consciência pessoal dos impulsos e desejos, a atração da luz tornou-se mais forte. Gatinhavam e moviam-se desajeitada e constantemente em direção a ela, mas sempre a sua mãe os fazia retroceder.

Foi desta maneira que o lobinho cinzento ficou conhecendo outros atributos da mãe, além da sua língua macia e acariciante. No seu insistente rastejar para a luz descobriu que o focinho dela era capaz de castigá-lo com violentas pancadas e, mais tarde, que a sua pata se abatia sobre ele e o fazia rolar, com golpes rápidos e bem calculados. Assim travou conhecimento com a dor e logo aprendeu a evitá-la, primeiro não se arriscando, e depois esquivando-se e batendo em retirada quando, por acaso, se houvesse tornado merecedor de castigo. Tratava-se já de ações conscientes, resultantes das suas primeiras idéias gerais acerca do mundo. Começara por evitar automaticamente aquilo que lhe ocasionava dor, do mesmo modo que se arrastava para a luz, depois já fugia da dor, porque sabia que era dor.

Era um lobinho feroz, tal como seus irmãos e irmãs. E não admirava. Tratava-se de um animal carnívoro, pertencente a uma raça acostumada a matar outros animais de cuja carne se alimentava. Esta constituía também a exclusiva alimentação do pai e da mãe. O leite que mamara nos primeiros dias de vida vacilante era um produto transformado diretamente da carne e agora, com um mês de idade, quando os seus olhos se tinham aberto havia apenas uma semana, começava ele próprio a comer carne - carne semi-digerida pela loba e vomitada para dentro das bocas das cinco crias, que já pretendiam mamar com demasiada frequência.

Mas ele era, de longe, o mais feroz da ninhada. Nenhum dos irmãos conseguia emitir um rosnado tão alto e tão áspero. Os seus pequenos acessos de fúria eram sempre mais terríveis do que os dos companheiros. Foi o primeiro a aprender a habilidade de fazer rolar um irmão. Com uma pancada ágil da pata, e o primeiro que agarrou um outro lobinho pela orelha e o puxou e arrastou, rosnando, entretanto, por entre as mandíbulas cerradas. Foi ele, enfim, que, sem dúvida, mais trabalho deu à mãe para manter a sua ninhada longe da entrada da caverna.

A fascinação que a luz exercia no lobinho cinzento aumentava de dia para dia. Andava constantemente em explorações no espaço de um metro, tal era a distância que o separava da entrada da caverna, e de todas as vezes o faziam retroceder. Nada sabia acerca de entradas - essas passagens por onde se vai de um lugar para outro. Não conhecia a existência de qualquer outro local, e muito menos o modo de lá chegar. Por isso, para ele, a entrada da caverna era uma parede - uma parede de luz, o sol do seu mundo.. Atraía-o como a luz atrai a borboleta. Esforçava-se constantemente por alcançá-la. A vida, que com tanta rapidez se expandia no seu interior, impelia-o, sem cessar, em direção à parede de luz. A vida que existia dentro de si sabia que era aquela a única saída, o caminho que havia de trilhar. Mas ele próprio ignorava tudo acerca disso, nem sequer sabia da existência de um mundo exterior.

Passava-se uma coisa estranha com aquela parede de luz. O pai (já reconhecia o pai como outro habitante do seu mundo, uma criatura semelhante à sua mãe, que dormia perto da luz e lhes trazia a carne), o pai costumava atravessar a parede branca e distante e desaparecer por ela. O lobinho cinzento não conseguia perceber aquilo. Embora sua mãe nunca lhe tivesse permitido aproximar-se daquela parede, já se abeirara das outras, encontrando sempre ali uma dura obstrução à ponta do seu tenro focinho. Aquilo magoava. Assim, após várias tentativas, deixou as paredes em paz. Sem se deter pensando no caso, aceitou o desaparecimento através da parede como particularidade de seu pai, tal como o leite e a carne semi-digerida constituíam peculiaridades da mãe.

De fato, o lobinho cinzento não era muito dado a pensar, pelo menos como os homens costumam fazer. O seu cérebro funcionava obscuramente. No entanto chegava a conclusões tão claras e concretas como os homens. Tinha como método aceitar as coisas sem discutir o porquê nem a finalidade delas. Na realidade, aquilo não passava de um processo de classificação. Nunca o preocupava a razão por que uma coisa acontecia. Bastava-lhe saber como ela acontecia. Assim, depois de ter batido umas poucas de vezes com o focinho no fundo da caverna, aceitou a idéia de que não podia desaparecer através das paredes, e da mesma maneira acreditou que o pai tivesse possibilidade de fazer. Mas não o preocupava o mais leve desejo de descobrir a razão da diferença entre o pai e ele próprio. A lógica e a física não faziam parte da sua estrutura mental.

Tal como a maior parte dos animais da selva, cedo conheceu a fome. Chegou um momento em que não só cessou o fornecimento de carne, como também o leite já não corria das tetas de sua mãe. Ao princípio, os lobinhos gemiam e berravam, mas dormiam a maior parte do tempo. Não tardou muito que ficassem reduzidos a um estado comatoso, devido à fome. Acabaram-se as disputas e as brigas, os acessos de fúria e as tentativas de rosñar; cessaram igualmente as explorações em direção à parede distante e branca. Os lobinhos dormiam, enquanto a vida que existia neles tremeluzia e ia se apagando.

O Zarolho andava desesperado. Percorria grandes distâncias e pouco dormia no covil, que agora se tornara triste e lúgubre. A loba abandonou também a sua ninhada e partiu em busca de carne. Nos primeiros dias após o nascimento das crias, o Zarolho fizera várias viagens às imediações do acampamento e roubara os coelhos caídos nas armadilhas, mas logo que o degelo deixou livres as correntes de água, os índios partiram, acabando-se assim para ele essa fonte de abastecimento.

Quando o lobinho cinzento saiu do estado comatoso, voltando à vida e

mostrando de novo interesse pela inatingível parede branca, descobriu que a população do seu mundo estava reduzida. Só lhe restava uma irmã. Os outros lobinhos tinham desaparecido. À medida que ia robustecendo, viu-se obrigado a brincar sozinho, porque a irmã já não levantava a cabeça nem se mexia. O corpo dele se arredondava com a carne que agora comia, mas, para ela, a comida chegara tarde demais. Dormia continuamente, pequenino esqueleto envolto em pele, dentro da qual a chama da vida bruxuleava cada vez mais fracamente e, por fim, se apagou.

Depois o lobinho cinzento deixou de ver o pai aparecer e desaparecer na parede ou deitado dormindo à entrada. Isto acontecera no fim de uma segunda e menos grave crise de fome. A loba sabia por que o Zarolho nunca mais voltara, mas não tinha maneira de contar ao lobinho cinzento aquilo que vira. Andando ela própria em busca de carne, ao longo da bifurcação esquerda do rio, onde ficava a toca do lince, seguiu o rastro deixado pelo Zarolho no dia anterior e ali, no fim desse rastro, encontrara-o ou aquilo que dele restava. Havia por toda a parte sinais da luta que se travara e da retirada do lince para o seu covil, após ter alcançado a vitória. Antes de se afastar, a loba descobrira esse covil, mas tudo lhe indicava que o lince estava lá dentro, por isso não ousara entrar.

Desde então, a loba evitava a bifurcação esquerda, nas suas expedições de caça. Sabia que o lince tinha uma ninhada no seu covil e que era uma criatura feroz e violenta, um lutador terrível. Meia dúzia de lobos não teriam grande dificuldade em obrigá-lo a refugiar-se no alto de uma árvore, bufando, de pêlo todo eriçado, mas era uma coisa totalmente diferente, um lobo só enfrentar tal fera... especialmente sabendo que tinha uma ninhada de filhotes esfomeados para proteger.

Mas a selva é a selva, e a maternidade é sempre maternidade, ferozmente protetora, quer na selva, quer fora dela e um dia viria em que a loba, por amor do seu filhote cinzento, se aventuraria pela bifurcação esquerda do rio, penetraria no covil entre as rochas e enfrentaria a fúria do lince.

CAPÍTULO 4 - A PAREDE DO MUNDO

Quando a mãe começou a deixar a caverna para partir nas suas expedições de caça, o lobinho já tinha aprendido a lei que lhe proibira de aproximar-se da entrada. Não só esta lei lhe fora ensinada de forma convincente e numerosas vezes pelo focinho e patas da mãe, mas também começava a desenvolver-se nele o instinto do medo. Nunca, no curto período em que a sua vida decorrera na caverna, se lhe deparara alguma coisa que o assustasse. No entanto, conhecia o medo. herdara-o de antepassados remotos, através de gerações e gerações - herança que lhe fora transmitida diretamente pelo Zarolho e a loba, os quais, por seu lado, a haviam recebido dos seus progenitores. O Medo! Esse legado da vida selvagem que nenhum animal consegue evitar nem quer trocar pela comida fácil da vida doméstica.

Assim, o lobinho cinzento conhecia o medo, embora ignorasse o que o motivava. Aceitava-o, possivelmente, como uma das restrições da vida. Aprendera já que tais restrições existiam. Conhecia também a fome e, quando não podia saciá-la, achava-se perante uma dessas restrições. A dureza da parede da caverna, o toque brusco do focinho da mãe, a pancada violenta da pata dela, a fome não saciada haviam-lhe feito compreender que nem tudo era liberdade no mundo, e que a vida tinha limitações e

restrições. Estas limitações e restrições constituíam leis. Obedecer-lhe era a maneira de escapar à dor e alcançar a felicidade.

Ele não raciocinava desta forma, como acontece com os homens. Limitava-se a classificar as coisas em dois grupos: as que magoavam, e as que não magoavam. E de acordo com tal classificação, evitava as primeiras, as que envolviam restrições e limitações, para poder gozar os prazeres e as recompensas da vida.

Por isso em obediência à lei ditada por sua mãe e à dessa coisa desconhecida e inexplicável que era o medo - o lobinho se mantinha afastado da entrada da caverna, que continuava a constituir para ele uma parede branca de luz. Quando a mãe estava ausente, ele dormia a maior parte do tempo e nos intervalos em que se conservava acordado, mantinha-se muito quieto, sufocando os queixumes que lhe afloravam à garganta e se esforçavam por se expandir.

De uma vez em que estava deitado e desperto, ouviu um ruído estranho na parede branca. Não sabia que se tratava de um carcaju que se encontrava lá fora, todo tremulo da sua própria ousadia, farejando cautelosamente a entrada da caverna. O lobinho sabia apenas que aquele rumor era estranho, algo que ele não havia ainda classificado e, por conseguinte, desconhecido e terrível, pois o desconhecido era um dos elementos principais que entravam na composição do medo.

O pêlo do lombo do lobinho cinzento eriçou-se, mas ele conservou-se silencioso. Como soubera ele que aquilo que farejava lá fora justificava o eriçar do seu pêlo? Tal fato não provinha dos seus conhecimentos, mas era simplesmente a expressão visível na sua vida. O medo, porém, vinha acompanhado de um outro instinto: o de não revelar a sua presença. O lobinho estava aterrorizado, mas conservou-se imóvel e silencioso, como que gelado, petrificado, com todas as aparências de morto. De regresso a casa, a mãe rosnou ao farejar o rastro do carcaju, e uma vez no covil, onde entrou apressadamente, lambeu e acariciou o filho com mais veemência e afeto que habitualmente. E o lobinho compreendeu então que escapara de um grande perigo.

Havia, contudo, outros elementos em evolução no lobinho e o maior de todos era o crescimento. O instinto e a lei exigiam-lhe obediência. O crescimento, pelo contrário, impelia-o a desobedecer. A mãe e o medo incitavam-no a manter-se afastado da parede branca. O crescimento é vida, e a vida procura sempre a luz. Não havia, por isso, maneira de deter a maré da vida que dentro dele ia subindo... subindo cada vez que engolia um pedaço de carne, cada vez que respirava. Finalmente, um dia, o medo e a obediência foram superados pela corrente da vida e o lobinho, nas suas patas ainda trêmulas e inseguras, dirigiu-se para a entrada.

Ao contrário das outras paredes que já lhe eram familiares, esta parecia recuar na sua frente à medida que dela se aproximava. Nenhuma superfície dura colidiu com o seu tenro focinho, que ele estendia cautelosamente, a substância de que a parede era feita parecia tão permeável e transparente como a luz. E aos seus olhos tinha a mesma forma, por isso penetrou naquilo que, para ele, antes não passava de uma parede, mergulhando na substância que a compunha.

Sentiu-se confuso. Ele movia-se através de uma substância que considerava sólida. E a luz tornava-se cada vez mais brilhante. O medo impeliu-o a retroceder, mas a outra força, a do crescimento, obrigou-o a prosseguir. De súbito encontrou-se mesmo à entrada da caverna. A parede luminosa que segundo pensava lhe tolheria o passo recuou logo diante de si até uma distância incomensurável. A luz tornara-se tão brilhante que o impressionava dolorosamente. Estonteava-o. Confundia-o também o

abrupto e tremendo alargamento dos seus horizontes.

Automaticamente os seus olhos foram-se habituando à claridade, permitindo-lhe distinguir a uma distância muito maior. Se a princípio a parede lhe parecera saltar para além do seu campo visual, agora a via de novo, mas lá muito ao longe. O seu aspecto também mudara. Era agora uma parede variegada, composta pelas árvores que orlavam o arroio, pela montanha que ficava em frente, sobranceira às árvores, e do céu que se elevava acima da montanha.

Apoderou-se dele um medo horroroso. Aquilo era mais uma parte do terrível desconhecido. Agachou-se à entrada da caverna e contemplou o mundo. Estava muito assustado. Como se tratava de uma coisa desconhecida, receava-a. Por isso, o pêlo pôs-se de pé, ao longo do dorso, e os beijos arreganharam-se debilmente, num arremedo de rosnado feroz e assustador. Na sua fraqueza e medo desafiava e ameaçava o mundo inteiro.

Nada aconteceu. Continuou a olhar, com tanto interesse que se esqueceu de rosnar. Esqueceu também todo o temor. Daquela vez, a força do crescimento impusera-se ao medo, convertendo-se, por fim, em curiosidade. Começou a reparar nos objetos próximos: uma nesga descoberta do rio, que resplandecia ao sol, o pinheiro seco que se erguia na base do barranco, o próprio barranco, que subia até meio metro abaixo da boca da caverna onde ele estava agachado.

Ora o lobinho cinzento vivera sempre num chão plano. Nunca experimentara a dor provocada por uma queda. Ignorava mesmo o que isso era. Avançou, pois, destemidamente para o vácuo. As patas traseiras estavam ainda assentes na entrada da caverna, por isso caiu de cabeça para baixo. Bateu com o focinho na terra com tal violência que soltou um ganido. Depois começou a rolar pela encosta abaixo. Apoderara-se dele um terrível pânico. Acabara por cair nas garras do desconhecido. Este o segurava barbaramente, preparando-se para lhe desferir um golpe terrível. O crescimento estava agora subjugado pelo medo, ele ganiu como qualquer cachorrinho assustado.

O desconhecido empurrava-o não sabia para que medonho tormento, e ele gania sem cessar. Agora não estava agachado e petrificado de medo, com o desconhecido a espreitar mesmo ao lado - a situação era bem diferente. Agora o desconhecido tinha-o bem seguro. O silêncio não lhe serviria de nada. De resto, o que sentia já não era simplesmente medo, mas verdadeiro terror convulsivo.

O barranco, porém, tornou-se menos abrupto e o sopé estava atapetado de ervas. Foi perdendo velocidade. Quando, por fim, parou, o lobinho soltou um derradeiro e angustioso ganido, a que se seguiu um gemido prolongado e lamuriento. E, muito naturalmente, como se nunca tivesse feito outra coisa na vida, começou a limpar com a língua a lama seca que lhe manchava o corpo.

Depois se sentou e olhou em redor, como o faria o primeiro homem que pousasse em Marte. O lobinho acabava de transpor a parede que limitava o seu mundo, escapara das garras do desconhecido e ali estava ele ileso. Mas o primeiro homem que pusesse o pé em Marte não se sentiria, sem dúvida, tão atônito como ele. Sem qualquer conhecimento prévio, sem qualquer indício de que semelhante coisa existia, viu-se, de súbito, convertido em explorador de um mundo totalmente novo.

Agora que o terrível desconhecido o libertara, esqueceu o terror que ele lhe infundia. Sentia apenas curiosidade por tudo quanto o rodeava. Inspecionou a erva que crescia a seus pés, o arbusto que descobriu mais além e o tronco sem ramos do

pinheiro seco que se erguia na orla de uma clareira. Um esquilo ultrapassou, correndo, a base desse tronco e quase se esbarrou com ele, pregando-lhe um grande susto. Abaixou-se e rosnou. Mas o esquilo não se assustara menos. Trepou logo pela árvore acima, e uma vez em segurança, ripostou-lhe com igual ferocidade.

Isto animou o lobinho e, embora o pica-pau que encontrou a seguir lhe causasse certo sobressalto, continuou tranquilamente a sua digressão. Achava-se tão confiante que, quando outro pássaro impudentemente se atravessou no caminho, ele, divertido, estendeu a pata na sua direção. O resultado foi receber na ponta do focinho uma violenta bicada que o fez agachar-se e ganir. O barulho produziu tal efeito no pássaro que este, levantando vôo, tratou de pôr-se a salvo.

Mas o lobinho ia aprendendo. O seu pequeno e ainda obnubilado cérebro já fizera uma classificação inconsciente. Havia coisas vivas e coisas que não eram vivas. Concluía também que tinha de andar de olho alerta com as coisas vivas. As outras permaneciam sempre no mesmo Lugar, mas as vivas moviam-se e nunca se sabia o que poderiam fazer. Havia sempre que contar com o inesperado, por isso era necessário estar prevenido.

Caminhava desajeitadamente. Chocava com paus e outras coisas. Um ramo que ele julgava ainda distante, ao cabo de um instante batia-lhe no focinho ou raspava-lhe pelas costelas. A superfície do solo não era lisa. Umas vezes dava uma passada grande demais e batia com o focinho no chão. Outras, a passada era muito curta, e tropeçava em qualquer coisa. Havia também as pedras que rolavam quando as pisava. De tudo isso deduziu que as coisas que não eram vivas não se conservavam afinal sempre na mesma posição como acontecia na caverna e também que, entre estas, as pequenas tinham mais tendência para cair e rolar do que as grandes. Cada contratempo constituía, pois, uma lição. Quanto mais caminhava, melhor o fazia. Ia se adaptando. Aprendia a calcular os próprios movimentos musculares, a conhecer as suas limitações físicas, medir a distância entre os objetos e entre estes e ele próprio.

Protegia-o a sorte, como acontece com todos os principiantes. Nascido para ser um caçador de carne (embora o não soubesse), deparou-se com carne à entrada do Covil, logo na sua primeira incursão. Foi por puro acaso que encontrou o ninho da ptarmiga, habilmente escondido. Caiu mesmo dentro dele. Tentara caminhar por cima do tronco de um pinheiro caído. A casca apodrecida cedeu debaixo das suas patas, e ele, com um latido desesperado, escorregou e caiu por entre a folhagem e os ramos de um arbusto pequeno, ficando no meio de sete ptarmigas recém-nascidas.

As avezinhas fizeram grande barulho, e ao princípio ele se assustou. Depois reparou que eram muito pequenas e ganhou coragem. Mexiam-se. Pousou a pata em cima de uma delas, e os movimentos aceleraram-se. Isto o divertiu. Farejou-a. Agarrou-a com a boca. A pobre debateu-se, fazendo-lhe cócegas na língua. Ao mesmo tempo percebeu uma sensação de fome. As mandíbulas cerraram-se. Houve um esmagar de ossos tenros, e sangue morno correu-lhe na boca. Sabia bem. Aquilo era carne, igual à que sua mãe lhe dava, com a diferença de que estava viva entre os seus dentes e, por conseguinte, ainda melhor. Comeu a ptarmiga. Só parou depois de ter devorado toda a ninhada. Lambeu os beiços, exatamente como sua mãe fazia, e começou a se arrastar para sair de entre a folhagem.

Caiu-lhe então em cima um turbilhão de penas. Ficou aturdido e cego pela arremetida e pelo bater furioso de asas. Escondeu a cabeça entre as patas e ganiu. As pancadas iam aumentando. A mãe ptarmiga achava-se enfurecida. Por fim ele zangou-

se. Levantou-se, rosnando, e respondeu ao ataque com patadas. Enterrou os dentinhos numa das asas e puxou com força. A ptarmiga lutava, desferindo-lhe golpes sucessivos com a asa livre. Era aquela a sua primeira luta e ele sentiu-se entusiasmado. Esqueceu por completo o desconhecido. Já não tinha medo de nada. Lutava, dilacerando uma coisa viva que o atacava. E essa coisa viva era carne. O desejo de matar apossara-se dele. Acabava de destruir coisas vivas, mas pequenas, destruiria agora uma das grandes. Tão atarefado e feliz se sentia que nem dava conta da sua própria felicidade. Tremia de alegria ao ver que penetrava, triunfante, em caminhos novos para ele e mais importantes do que aqueles que já conhecia.

Continuou agarrado à asa, rosnando por entre os dentes cerrados. Durante a luta, a ptarmiga arrastou-o para fora do maciço de folhagem, depois, voltando-se, tentou levá-lo de novo para ali. Ele, porém, resistiu e com um tranco puxou-a para espaço aberto. Entretanto a sua presa fazia um alarido ensurdecedor e batia com a asa livre, enquanto as penas voavam, como uma chuva de neve. O lobinho achava-se tremendamente excitado. O instinto lutador da raça, assim desperto, invadia-o. Aquilo era viver, embora ele não soubesse. Estava desempenhando o papel que lhe cabia na vida, aquele para que fora criado: o do carnívoro que tem de lutar e matar para conseguir a sua alimentação. Justificava a sua existência e nada há que equivalha a isso, pois a vida atinge o seu ponto mais alto quando se aproveita ao máximo os dons que se possui.

Ao cabo de algum tempo a ptarmiga deixou de se debater. O lobinho continuava a segurá-la pela asa e encontravam-se ambos estendidos no chão, olhando um para o outro. Ele tentou rosnar-lhe, ameaçadora e ferozmente. A ave desferiu-lhe uma bicada no focinho que, devido às aventuras anteriores, estava machucado. Ele encolheu-se mas não a largou. A ptarmiga deu-lhe outra bicada e mais outra, e então o lobinho começou a ganir. Tentou fugir dela, esquecendo-se de que, como a tinha presa, a arrastava consigo. Uma chuva de bicadas atingiu-lhe o focinho dolorido. O seu instinto de luta acalmou-se e, soltando a presa, deu meia-volta e desatou a correr através da clareira, numa retirada ingloria.

Deitou-se para descansar no outro lado da clareira, perto da orla de arbustos, de língua pendente, o peito arfando, o focinho ainda dolorido. E continuava a ganir. Mas, enquanto ali estava deitado, teve a sensação de que algo de terrível o ameaçava. O desconhecido com todos os seus terrores, voltou a apoderar-se dele, e o lobinho recuou instintivamente, refugiando-se entre os arbustos. Ao fazê-lo, sentiu uma lufada de ar, e um grande corpo alado sobrevoou-o agourenta e silenciosamente. Um falcão, descendo do céu, por pouco não o apanhou.

Enquanto permanecia escondido nos arbustos refazendo-se do susto e espreitando medrosamente, a mãe ptarmiga, do outro lado da clareira, revolteava em redor do ninho destruído. A sua perda a fez esquecer a existência daquele perigo alado.

O lobinho, porém, seguiu atentamente a descida rápida do falcão, o planar do seu corpo quase rente ao solo, o enterrar das suas garras no corpo da ptarmiga, o grito de dor e medo desta e a subida da ave de rapina para o céu, levando consigo a presa. E tudo isto constituiu um aviso e uma lição para ele.

Só muito tempo depois abandonou o seu refúgio. Tinha aprendido muito. As coisas vivas eram carne. Serviam para comer e eram boas. Mas as coisas vivas, quando bastante grandes, podiam causar dor. Era melhor comer coisas vivas

pequenas como as ptarmigas recém-nascidas. No entanto sentia a picadinha da ambição, o secreto desejo de travar outra luta com a ptarmiga mãe. Mas o falcão levava-a. Talvez houvesse outras. Iria procurá-las.

Desceu uma ribanceira de pronunciado declive, em direção ao rio. Nunca vira água. O piso parecia bom. A superfície era lisa. Avançou ousadamente e afundou-se, ganindo de medo, nos braços do desconhecido. Sentiu frio e arfou, resfolegando precipitadamente. A água penetrou-lhe nos pulmões, em vez do ar que sempre acompanhava o seu ato de respirar. A sufocação que se seguiu lembrava as ânsias da morte. Para ele aquilo significava morte. Não a conhecia de modo realmente consciente, mas, como todos os animais da selva, possuía o instinto da morte. Esta se apresentava como a maior das dores. Era a própria essência do desconhecido, a soma de todos os terrores, a catástrofe máxima e inconcebível que lhe poderia acontecer, acerca da qual nada sabia, mas da qual só poderia esperar o pior.

Veio à superfície, e o ar entrou-lhe pela boca aberta. Não tornou a ir ao fundo. Como se já fosse nele um hábito antigo, começou a bater com as quatro patas e a nadar. A margem mais próxima ficava a cerca de um metro, mas como viera à superfície com as costas voltadas para ela, a primeira coisa que os seus olhos viram foi a outra, a oposta, em direção à qual começou imediatamente a nadar. O ribeiro era estreito, mas naquele ponto alargava-se e atingia a largura de uns cinco ou seis metros.

No meio do percurso o lobinho foi apanhado pela corrente, que o arrastou até os pequenos rápidos, situados na extremidade daquela espécie de lagoa. Ali era impossível nadar. A água corria tumultuosamente e ele ora mergulhava, ora vinha à superfície, e tanto em um como no outro caso era sacudido com violência, girava sobre si mesmo e batia contra as rochas. Sempre que se dava uma dessas batidas, o lobinho gania. E como gania constantemente, podia deduzir-se quão numerosos eram os choques.

Abaixo do rápido havia outro passo onde o ribeiro se alargava. Apanhado ali pelo remoinho, foi suavemente levado até à margem e com igual suavidade depositado em um tapete de cascalho. Arrastou-se desesperadamente para fora da água e deitou-se. Aprendera mais alguma coisa acerca do mundo. A água não estava viva. No entanto, movia-se. E, apesar de parecer tão sólida como a terra, não se podia caminhar sobre ela. A conclusão a que chegou foi que as aparências das coisas às vezes enganam. O medo que o lobinho sentia pelo desconhecido era a desconfiança herdada dos antepassados, desconfiança que a experiência deixava agora fortalecida. Daí em diante, não se iludiria com a aparência das coisas. Só confiaria nelas depois de conhecer bem a sua verdadeira natureza.

Nesse dia esperava-o ainda outra aventura. Lembrando-se da mãe, começou a sentir que a desejava mais do que todas as coisas restantes do mundo. Não só o corpo dele estava cansado, devido às aventuras por que passara, mas também o seu pequeno cérebro, que nunca trabalhara tanto como naquele dia. Além disso, tinha sono. Tratou, pois, de procurar o covil e a mãe, experimentando ao mesmo tempo uma sensação esmagadora de solidão e abandono.

Arrastava-se por entre uns arbustos quando ouviu um grito agudo e assustador. Diante dos seus olhos passou um relâmpago amarelo. Era uma doninha que fugia assustada. Depois viu a seus pés uma coisa viva, pequena, pequeníssima, e ele não teve medo, pois teria apenas uns centímetros de comprimento - uma doninha

minúscula que, tal como ele, desobedientemente, saía em busca de aventuras. O animalzinho tentou recuar ao vê-lo, mas o lobinho a fez rebolar com uma patada, arrancando-lhe um esquisito e áspero grito. Logo a seguir, o relâmpago amarelo reapareceu diante dos seus olhos. Ouviu de novo o grito assustador, ao mesmo tempo em que recebia uma pancada forte no pescoço e sentia os dentes aguçados da mãe doninha penetrarem-lhe na carne.

Enquanto gania e recuava atrapalhadamente, viu a mãe doninha saltar para a sua cria e desaparecer com ela no matagal próximo. A ferida que aqueles dentes haviam produzido no lobinho ainda lhe doía, mas mais lhe doía a que acabava de receber o seu amor-próprio. Sentando-se, pôs-se a ganir. Uma mãe doninha tão pequena e tão feroz! Ainda não aprendera que, apesar do seu tamanho e peso reduzidos, a doninha era o mais feroz, vingativo e terrível de todos os animais da selva. Mas em breve iria saber algo a esse respeito.

Ainda gania, quando a mãe doninha reapareceu. Não se precipitou sobre ele, agora que a sua cria estava a salvo. Aproximou-se cautelosamente, e o lobinho teve muito tempo de observar o seu corpo magro e sinuoso e a cabeça, ereta, viva e ofídica. O seu grito agudo e ameaçador fez eriçar os pêlos do lombo do lobinho, e este respondeu-lhe com um rosnado de advertência. Ela foi se aproximando cada vez mais. Deu um salto, tão rápido que os inexperientes olhos do seu inimigo não conseguiram seguir-lhe o esguio e amarelado corpo, que assim por um momento desapareceu do seu campo de visão. Mas logo ela se agarrou à sua garganta, e os dentes atravessaram-lhe o pêlo e enterraram-se na carne.

A princípio ele rosnou e tentou lutar, mas como era muito novo, e aquele o seu primeiro dia no mundo, o seu rosnar foi-se transformando em ganido e a sua luta em esforço para se escapar. A doninha nem por um instante largou a sua presa. Agarrada a ele, esforçava-se por chegar-lhe com os dentes à grande veia onde pulsava o sangue e a vida. A doninha é uma bebedora de sangue e prefere sempre bebê-lo na garganta de um animal vivo. O lobinho cinzento teria morrido, e esta história não se teria escrito, se a sua mãe não houvesse então saltado de entre os arbustos.

A doninha largou-o e atirou-se como um raio ao pescoço da nova inimiga, errando o alvo, mas agarrando-se a uma mandíbula. A loba sacudiu a cabeça, como se fosse um chicote, obrigando-a a largá-la e atirando-a ao ar. Ainda no ar, as terríveis mandíbulas fecharam-se sobre o delgado e amarelo corpo e os dentes afiados logo puseram termo à vida da doninha.

O lobinho teve então outra prova da afeição de sua mãe. A alegria desta em encontrá-lo parecia ainda maior do que a dele. A loba acariciou-o com o focinho e lambeu-lhe as feridas causadas pelos dentes da doninha. Depois, ambos comeram a terrível bebedora de sangue, após o que voltaram para o covil e dormiram.

CAPÍTULO 5 - A LEI DA CARNE

O restabelecimento do lobinho foi rápido. Descansou dois dias e depois tornou a aventurar-se fora do covil. Foi nesta expedição que encontrou a jovem doninha cuja mãe ele ajudara a comer, e tratou de dar destino igual à filha. Mas neste passeio não se perdeu. Quando se sentiu cansado, encontrou o caminho de regresso ao covil e dormiu. Daí em diante, todos os dias saía, percorrendo uma área cada vez maior.

Começou a ter consciência exata da sua força e da sua fraqueza e sabendo quando devia ser ousado e quando convinha usar de cautela. Achou aconselhável mostrar-se sempre cauteloso e assim procedia, exceto nos raros momentos em que, levado pela própria intrepidez, se abandonava a passageiros acessos de fúria e cobiça.

Todas as vezes que se deparava uma ptarmiga que andasse perdida, transformava-se num pequeno demônio. Também nunca deixava de corresponder ferozmente aos guinchos do esquilo, que encontrara pela primeira vez na clareira. Costumava, igualmente, enfurecer-se quase sempre quando via qualquer pássaro com o mesmo aspeto daquele que lhe dera uma bicada no focinho, coisa que jamais esqueceu. Tais ocasiões não o deixavam indiferente. Isto sucedia quando tinha a impressão de correr perigo, proveniente de outro qualquer animal carnívoro que rondasse por ali. Não esquecia o falcão, e a sua sombra, obrigando-o a esconder-se no matagal mais próximo. Agora não caminhava desajeitadamente, revelava já o mesmo porte da mãe, leve e furtivo, sem esforço aparente e, no entanto, movia-se com uma rapidez que era ao mesmo tempo enganadora e imperceptível.

Mas no que respeita a caça, a sorte só o favorecera nos primeiros dias. Depois das sete crias da ptarmiga e da doninha, nada mais apanhara. O seu desejo de matar aumentava com o tempo, e ele acalentava ambições famintas a respeito do esquilo, que tanto palrava, informando sempre todas as criaturas da selva de que o lobinho se aproximava. Mas, se as aves voam no céu, os esquilos podem trepar às árvores, portanto a ele só restava a hipótese de tentar apanhá-lo desprevenido, quando estivesse no chão.

Sentia um grande respeito por sua mãe. Ela apanhava caça e nunca deixava de lhe trazer o seu quinhão. Além disso, não receava coisa alguma. Não ocorria ao lobinho que a falta de medo de sua mãe era filha da experiência e dos conhecimentos adquiridos. Este destemor atribuía-o ele à força. A mãe constituía para ele o símbolo da força. E, à medida que crescia, sentia essa força no castigo violento administrado pela pata dela, ou quando a cutucada de reprovação do seu focinho era substituída por dentadas. Também por isto respeitava sua mãe, que o obrigava a obedecer-lhe e quanto mais ele crescia mais irascível se mostrava.

Veio de novo a fome e o lobinho, agora com mais clara consciência das coisas, voltou a sentir-lhe as torturas. A própria loba emagreceu. Raramente dormia no covil, gastando, em vão, a maior parte do tempo em busca de carne. Este período de fome não se prolongou por muito tempo, mas foi realmente rigoroso. O lobinho já não encontrava leite nas tetas da mãe, nem recebia o seu quinhão de carne.

Antes caçava por brincadeira, pelo puro prazer que sentia com isso, agora caçava com terrível sofreguidão e nada encontrava. No entanto, a necessidade acelerou o seu desenvolvimento. Estudou os hábitos do esquilo com maior cuidado e avançava mais astutamente para apanhá-lo de surpresa. Observou os musaranhos e tentou atraí-los para fora dos seus buracos, aprendeu uma infinidade de coisas acerca dos pássaros, como por exemplo os pica-paus. E chegou o dia em que a sombra do falcão já não o fazia correr para esconder-se nos arbustos. Tornara-se mais forte, ajuizado e confiante. Por outro lado, sentia-se desesperado. Até chegou a sentar-se, nos quartos traseiros, bem à vista numa clareira, desafiando o falcão a descer do céu, pois sabia que aquilo que pairava no firmamento azul, por cima da sua cabeça, era carne, a carne que o seu estômago tão insistentemente reclamava. Mas o falcão recusou-se a descer e dar luta, e o lobinho arrastou-se para dentro do matagal, para ali

chorar a sua desilusão e a sua fome.

Por fim, a fome terminou. A loba trouxe carne - uma carne esquisita, diferente de todas as que até ali tinha trazido. Era uma cria do lince, já bastante desenvolvida, como o lobinho, mas não tão grande. E coube-lhe a ele toda inteirinha. A mãe saciara a fome em outro lado qualquer, ignorava onde. Na verdade comera os irmãos do lince que lhe trouxera. Ignorava também quanto o desespero contribuíra para a impelir a tão audaciosa proeza. Sabia apenas que aquele animalzinho de pêlo aveludado era carne, e assim devorou-o, sentindo-se mais feliz a cada dentada.

O estômago cheio convida à inação, e o lobinho deitou-se no covil para dormir, encostado à mãe. Acordou com os rosnados dela. Nunca a ouvira rosnar tão ferozmente. Talvez fossem aqueles os mais terríveis rosnados de toda a sua vida. E havia uma razão para isso, ninguém o sabia melhor do que a própria loba. Não se rouba impunemente uma ninhada de lince. À luz ofuscante da tarde, agachada diante da entrada do covil, o lobinho viu a mãe do pequeno lince que ele devorara. O pêlo eriçou-se no lombo ao avistá-la. Aquilo fazia arrepiar de medo e não necessitava que o instinto lhe revelasse o seu significado. E se a vista, só por si, não fosse suficiente, o rugido de raiva que a intrusa soltou, começando por um rosnado e elevando-se abruptamente num guincho áspero, bastava para convencê-lo.

O lobinho sentiu o incitamento da vida que existia dentro de si e, erguendo-se, pôs-se a rosnar, corajoso, ao lado da mãe. Mas esta o afastou ignominiosamente para trás. Como o teto da entrada do covil era muito baixo, o lince não conseguiu saltar lá para dentro, e quando, rastejante, quis fazê-lo, a loba atirou-se para cima dele de um pulo e subjugou-o. O lobinho pouco viu da luta. O barulho dos rosnados e dos guinchos era tremendo. As duas feras bateram-se encarniçadamente, o lince com as garras e os caninos, e só com estes últimos a loba.

A certa altura, o lobinho deu um salto e enterrou os dentes numa das patas traseiras do lince. Manteve-se agarrado, enquanto rosnava ferozmente. Embora o ignorasse, o peso do seu corpo paralisou a ação daquela perna, prestando assim um grande auxílio à sua mãe. Numa reviravolta da luta, foi parar debaixo das duas contendoras e, sentindo-se esmagado pelos seus corpos, teve de largar a presa. A seguir as feras separaram-se e antes que voltassem a engalfinhar-se, o lince deu-lhe uma forte pancada com a pata dianteira, rasgando-lhe a espádua até ao osso e atirando-o de lado contra a parede. Ao alarido da luta juntaram-se então os agudos ganidos de dor e medo do lobinho. Mas a luta durou tanto que deu tempo a ele acabar com os seus lamentos e experimentar um segundo acesso de coragem e, no fim do combate, estava de novo agarrado à perna traseira e rosnando furiosamente por entre os dentes.

O lince morrera, mas a loba achava-se esgotada e muito ferida. A princípio acariciou o lobinho e lambeu-lhe a espádua lacerada. Mas o sangue que perdera exaurira-lhe as forças, e durante um dia inteiro e uma noite ficou deitada ao lado do cadáver da inimiga, sem se mexer e mal respirando. No decurso de uma semana abandonou o covil apenas para beber e nessas ocasiões os movimentos eram lentos e penosos. Ao fim desse tempo o lince fora devorado e as feridas da loba haviam cicatrizado o suficiente para lhe permitirem sair de novo em busca de carne.

A espádua do lobinho achava-se dolorida e conservou-se pouco flexível durante muito tempo, obrigando-o a mancar. Agora, porém, o mundo parecia modificado. Movia-se nele com maior confiança, com um destemor que nunca sentira antes da luta

com o lince. Contemplara a vida num dos seus aspetos mais ferozes, lutara, enterrara os dentes na carne de um inimigo e sobrevivera. E por tudo isto mostrava um ar mais ousado, como que de desafio, que era novo nele. Já não receava as coisas pequenas e a maior parte da sua timidez desaparecera, embora o desconhecido nunca deixasse de impressioná-lo com os seus mistérios e terrores, intangível e sempre ameaçador.

Começou a acompanhar a mãe nas suas expedições em busca de carne, viu matar muita caça e passou a tomar parte nas lutas. Aprendeu a lei da carne, à sua maneira obscura. Havia duas espécies de vida: a sua própria, e a dos outros. A sua incluía também a da mãe. A outra espécie compreendia todas as coisas vivas que se mexiam, mas estava dividida. Uma parte - a que ele matava e comia - era composta de animais não carnívoros e pequenos carnívoros, a outra, matava e comia os da sua própria espécie, ou era morta e comida por eles. E desta classificação surgia a lei.

O objetivo da vida era a carne. A própria vida era carne. A vida vivia da vida. Uns comiam e outros eram comidos. A lei consistia, pois, nisto:

COMER OU SER COMIDO.

Ele não formulou a lei em termos claros e definidos nem fez considerações morais acerca dela. Nem sequer concebeu a lei: limitava-se a viver a lei sem pensar nela.

Via a lei aplicada por toda a parte. Ele comera os filhotes da ptarmiga. O falcão comera a mãe destes e o teria comido também. Mais tarde, quando se tornara mais destemido, tentara comer o falcão. Devorara o filhote do lince. A mãe-lince o teria tragado se a não houvessem morto e devorado. E assim por diante. A lei era posta em prática em derredor por todas as coisas vivas, e ele próprio fazia parte da lei. Era um animal carnívoro. Alimentava-se apenas de carne, carne viva, que fugia rapidamente diante dele, ou voava para o céu, ou trepava nas árvores, ou se escondia no chão, ou o enfrentava e lutava, ou, virando-se o feitiço contra o feiticeiro, o perseguia implacavelmente.

Se o lobinho pensasse como um homem, poderia ter classificado a vida como um apetite voraz, e o mundo como o lugar onde existia uma multidão de apetites que perseguiam e eram perseguidos, que caçavam e eram caçados, que devoravam e eram devorados, tudo às cegas e em confusão, violenta e desordenadamente num caos de gula e carnificina governado pelo acaso, impiedoso, desregrado, infundável.

Mas o lobinho não pensava como os homens. Não observava as coisas com visão larga. Tinha um único objetivo e um único pensamento ou desejo de cada vez. Além da lei da carne, havia mil outras leis menos importantes para aprender e para observar. O mundo estava cheio de surpresas. A vida que se agitava dentro dele, o movimento dos seus músculos, tudo isto lhe proporcionava uma alegria sem fim. Perseguir a caça emocionava-o e exaltava-o. Os acessos de fúria e as lutas constituíam outros tantos prazeres. O próprio medo e o mistério do desconhecido ajudavam-no a viver.

E tudo aquilo não deixava de proporcionar-lhe bem-estar e satisfação. Ter o estômago cheio, cochilar preguiçosamente ao sol eram coisas que compensavam inteiramente todos os seus trabalhos e dificuldades - os trabalhos e dificuldades constituíam já uma compensação. Eram expressões de vida, e vida torna-se sinónimo de felicidade quando consegue exprimir-se. Assim, o lobinho, adaptado já ao ambiente hostil em que vivia, sentia-se pleno de vitalidade, feliz e orgulhoso de si próprio.

Terceira Parte

CAPÍTULO 1 - OS FABRICANTES DE FOGO

O lobinho encontrou-os inesperadamente. Por culpa sua, pois, estouvadamente, saíra do covil para ir beber água no rio, talvez porque estava tonto de sono (andara toda a noite à caça e acabara de acordar naquele momento) ou devido a achar-se tão familiarizado com o caminho até ao ribeiro, que tantas vezes percorrera, sem nunca lhe ter acontecido coisa alguma.

Passou pelo pinheiro seco, atravessou a clareira e trotou por entre as árvores. Então, nesse instante, viu-os e sentiu-lhes o cheiro. Diante de si, sentados sobre os calcanhares e em silêncio, estavam cinco coisas vivas, que ele nunca vira antes. Era a primeira vez que punha os olhos em seres humanos. Ao avistarem-no, nenhum dos cinco homens se apressou a levantar-se, nem mostrou os dentes, nem rosnou. Não se mexeram, continuaram sentados, silenciosos e ameaçadores.

O lobinho também se não mexeu. Todos os instintos da sua natureza o teriam impellido a fugir loucamente se, de súbito e pela primeira vez, não houvesse surgido nele um outro instinto contraditório. Apoderou-se dele um grande medo. Uma sensação esmagadora da sua própria fraqueza e pequenez reduzia-o à imobilidade. Subjugava-o um poder dominador, qualquer coisa que ficava muito além dos limites da sua compreensão.

Ele nunca vira um homem, mas o seu instinto conhecia-o. À sua maneira obscura, reconheceu nele o animal que tinha conquistado a primazia sobre os outros habitantes da selva. Contemplava agora o homem, não apenas com os seus olhos, mas através dos de todos os seus antepassados - dos daqueles que, protegidos pela escuridão, haviam girado em torno dos acampamentos de Inverno, rodeados de fogueiras, ou à distância respeitosa e escondidos nos matagais, tinham espreitado esse estranho animal de duas pernas, que dominava todos os seres vivos. Sentia o fascínio hereditário, o medo e o respeito - filhos de séculos inteiros de luta, a experiência acumulada através de gerações. A herança era muito pesada para um lobo ainda tão novo. Se fosse um animal já adulto, decerto teria fugido. Mas, assim, agachou-se, paralisado de medo, quase mostrando a submissão a que se sujeitara a sua raça quando pela primeira vez um lobo viera sentar-se junto da fogueira de um homem para se aquecer.

Um dos índios ergueu-se, caminhou na sua direção e curvou-se sobre ele. O lobinho acachapou-se ainda mais. Era o desconhecido, personificado finalmente em carne e sangue, que se abaixava para agarrá-lo. O pêlo eriçou-se involuntariamente, os beiços arreganharam-se, pondo à mostra os pequenos caninos brancos. A mão deteve-se, como se fosse o próprio destino, hesitou, e o homem disse, rindo:

- Olhem! Que caninos brancos!

Os outros índios riram alto e incitaram o homem a agarrá-lo. Enquanto a mãe se aproximava cada vez mais, travava-se dentro do lobinho uma luta de instintos contraditórios. Experimentou ao mesmo tempo dois impulsos fortes: submeter-se e lutar. A ação resultante foi um meio-termo. Acabou por fazer uma e outra coisa. Submeteu-se até o índio quase lhe tocar. Então lutou, e as presas brilharam, ao enterrarem-se na mão. Recebeu imediatamente uma pancada na cabeça, que o fez cair de lado. Nesse instante perdeu todo o desejo de lutar. A sua tenra idade e o

instinto de submissão venceram-no. Sentou-se sobre as patas traseiras e começou a ganir. Mas o homem cuja mão ele tinha mordido estava zangado. O lobinho recebeu nova pancada do outro lado da cabeça. Voltou a sentar-se e ganiu ainda mais alto.

Os quatro índios riram mais ruidosamente, e até o homem que fora mordido começou a rir também. Sempre às risadas, cercaram o lobinho que, ganindo, manifestava a dor e o medo que sentia. De súbito, ele ouviu qualquer coisa que os índios igualmente perceberam. O lobinho sabia do que se tratava e, com um derradeiro e longo queixume, mais de triunfo que de dor, calou-se e esperou a chegada da mãe, da sua feroz e indomável mãe, que lutava e matava todas as coisas e nunca tinha medo de nada. Ela rosnava, enquanto corria. Ouvira o filho ganir e vinha em seu auxílio.

Precipitou-se para o meio dos índios. A ansiedade e combatividade maternal davam-lhe um aspeto terrível. Mas, para o lobinho, o espetáculo da sua cólera protetora era muito agradável, ele soltou um latido de satisfação e correu ao seu encontro, enquanto os homens recuavam precipitadamente alguns passos. A loba parou ao lado da sua cria, enfrentando os índios, de pêlo eriçado e rosnando surdamente. Tinha o focinho arrepanhado por uma expressão maligna e ameaçadora, todo franzido desde as narinas até aos olhos, tão prodigioso era o arreganhar dos dentes.

Foi então que um dos homens Soltou um grito:

- Kiche! - exclamou ele.

Com evidente surpresa o lobinho percebeu que a mãe se encolhia ao ouvi-lo.

- Kiche! - gritou de novo o homem, desta vez em tom áspero e autoritário.

O lobinho viu então a mãe, a loba que não temia coisa alguma, agachar-se até a barriga tocar o chão, ganindo e abanando a cauda em sinal de paz. Não compreendia. Estava espantado. Apoderou-se de novo dele o medo do homem. Que o seu instinto o não enganara, provava-o a mãe. Também ela rendia submissão ao homem.

O índio que falara aproximou-se da loba. Pousou-lhe a mão sobre a cabeça, e ela se agachou ainda mais. Não mordeu nem ameaçou fazê-lo. Os outros homens acercaram-se também e rodearam-na, tocando-lhe e afagando-a sem que ela reagisse. Mostravam-se sobremaneira excitados e as suas bocas não cessavam de emitir sons. Estes sons não eram ameaçadores, concluiu o lobinho e agachou-se ao lado da mãe, ainda eriçando o pêlo, de vez em quando, mas esforçando-se por demonstrar a sua submissão.

- Não admira - dizia um dos índios. - O pai dela era um lobo. É certo que a mãe era uma cadela, mas o meu irmão deixou-a presa nos bosques durante três noites inteiras, na época dos acasalamentos, por isso o pai de Kiche foi um lobo.

- Há um ano que ela fugiu, Castor Cinzento - disse o segundo índio.

- Não admira, Língua de Salmão - respondeu Castor Cinzento. - Era a época da fome e não havia carne para os cães.

- Tem vivido com os lobos - interveio um terceiro índio.

- Assim parece, Três Águias - retorquiu Castor Cinzento pousando a mão no lobinho. - E aqui está a prova.

O lobinho rosnou um pouco, ao contato da mão, e esta ergueu-se e bateu-lhe na cabeça, após o que o castigado ocultou os dentes e se deitou submissamente. A mão voltou a pousar-se nele, mas agora para coçá-lo atrás das orelhas e no lombo.

- Eis a prova - repetiu Castor Cinzento. - Claro que a mãe dele é a Kiche. Mas o

pai foi um lobo. Portanto, ele tem muito mais de lobo do que de cão. Os seus caninos são brancos, e se chamará Caninos Brancos, digo eu. Este cão me pertence. Não pertencia a Kiche a meu irmão? E o meu irmão não morreu?

O lobinho, que assim acabava de ser batizado, permanecia agachado, observando. Durante algum tempo os homens continuaram a produzir com a boca aqueles sons. Depois Castor Cinzento tirou uma faca de uma bainha que trazia pendurada em volta do pescoço e, introduzindo-se no mato, cortou uma vara. Caninos Brancos viu-o fazer entalhes em ambas as extremidades da vara, e em cada uma delas amarrar uma tira de couro cru. Prendeu uma destas em volta do pescoço de Kiche, e depois, seguido por ela, encaminhou-se até junto de um pinheiro pequeno, à volta do qual amarrou a outra tira.

Caninos Brancos acompanhou a mãe e deitou-se a seu lado. Língua de Salmão estendeu a mão e o fez rolar, pondo-o de barriga para cima. Kiche observava ansiosamente. Caninos Brancos sentiu que o medo se apossava de novo dele. Não conseguiu evitar um rosnado, mas não tentou morder. A mão, de dedos dobrados e afastados, esfregava-lhe o estômago brincalhonamente e fazia-o balançar de um lado para outro. A posição era ridícula e deselegante, ali deitado de costas, com as patas agitando-se no ar. Além disso, era uma posição que deixava Caninos Brancos completamente indefeso, fazendo com que a sua natureza se revoltasse. Como podia ele se defender? Se aquele homem lhe quisesse fazer mal, Caninos Brancos não teria forma de lhe escapar, bem o sabia. Como podia correr, se tinha as quatro patas no ar? Mas o desejo de mostrar-se submisso foi mais forte que o medo e limitou-se a rosnar baixinho. Isto é que não conseguia evitar, nem parecia ofender o homem, pois não lhe bateu. E, além disso, o que era estranho, Caninos Brancos experimentava uma inexplicável sensação de prazer à medida que a mão o coçava. Quando o rolaram sobre um dos lados, deixou de rosnar, quando os dedos passaram a esfregar-lhe a base das orelhas, a sensação de prazer aumentou e quando, após uma derradeira carícia, o homem lhe virou as costas e se afastou, todo o medo tinha abandonado Caninos Brancos. Havia de conhecê-lo muitas vezes nas suas relações com os homens, mas aquilo era o símbolo da camaradagem sem temor que finalmente viria um dia a sentir.

Decorrido algum tempo, Caninos Brancos ouviu ruídos estranhos, que se aproximavam, em breve, porém, os identificou eram produzidos por outros homens. Alguns minutos depois, o resto da tribo surgiu, marchando em fila mais homens e muitas mulheres e crianças, quarenta pessoas ao todo, carregando os aprestos do acampamento. Havia também muitos cães e estes, à exceção dos cachorros, vinham igualmente carregados de equipamento. Sobre o lombo, em sacos bem amarrados em redor do corpo, cada um transportava dez a quinze quilos de carga.

Caninos Brancos nunca vira cães, mas assim que os avistou, sentiu que pertenciam à sua raça, com algumas diferenças apenas. Mas eles comportaram-se quase como lobos, quando o descobriram e à mãe. Arremeteram em tropel. O pêlo de Caninos Brancos eriçou-se, e ele rosnou e deu dentadas, enfrentando a onda de cães que, de faces abertas, se aproximavam. Derrubado pelos atacantes, sentiu a dor aguda produzida por dentes que lhe laceravam o corpo, e ele próprio mordida e lacerava as patas e barrigas que via sobre si Levantara-se grande burburinho. Ouvia o rosnar de Kiche, que lutava em sua defesa, os gritos dos homens, o som de paus batendo em corpos e os ganidos de dor dos cães que eram atingidos.

Decorreram apenas alguns segundos até o lobinho se pôr de novo em pé. Via agora os homens afastando os cães com paus e pedras, defendendo-o, salvando-o dos dentes ferozes daqueles que, embora da sua raça, eram, no entanto diferentes. E apesar da justiça constituir para o seu cérebro um conceito muito abstrato, à sua maneira ele reconheceu a justiça dos homens e aquilo que realmente eram: os ditadores e os executores da lei. Apreciou também a força de que dispunham para administrar a justiça. Ao contrário do que sucedia com os outros animais que até então encontrara, eles não mordiam nem arranhavam. Exerciam a sua força viva utilizando coisas mortas. As coisas mortas obedeciam-lhes, e estas criaturas estranhas conseguiam que paus e pedras voassem como coisas vivas e desferissem violentas pancadas nos cães.

Tratava-se de um poder estranho, um poder inconcebível e sobrenatural, um poder quase divino. Dada a sua natureza, Caninos Brancos nada podia saber acerca de deuses, quando muito, podia perceber que existiam coisas além do seu entendimento, mas a admiração e o temor respeitoso que lhe inspiravam os homens, assemelhavam-se, de certa maneira, aos que sentiria um deles à vista de um ser celeste que, no alto de uma montanha, desferisse raios com ambas as mãos sobre o mundo atônito.

O último cão fora afastado. O burburinho serenara. Caninos Brancos lambeu as feridas e meditou acerca daquela sua primeira experiência com uma matilha e da crueldade que ela revelara. Nunca sonhara que à sua espécie pertencessem outros indivíduos além do Zanolho, a mãe e ele próprio. Até então supusera que constituíam uma raça à parte e, de súbito, descobria mais criaturas aparentemente da sua espécie. No subconsciente, experimentava certo ressentimento pelo fato de aqueles animais, apesar de serem da sua raça, o terem atacado, se terem atirado a ele, tentando destruí-lo. De igual maneira sentia também que sua mãe estivesse presa por uma vara, embora se tratasse de obra daqueles entes superiores que eram os homens. Aquilo cheirava a armadilha, a escravidão. Contudo, nada sabia acerca de armadilhas nem de escravidão. A liberdade de vaguear e correr, de deitar-se à sua vontade, constituía para ele um privilégio - privilégio que estava sendo infringido. Os movimentos da mãe achavam-se restringidos pelo comprimento da vara, que restringia também os dele, pois ainda não se afastara de Kiche mais do que o necessário.

Aquilo não lhe agradou, nem mesmo o que sucedeu quando os homens se ergueram e prosseguiram a sua marcha. É que um deles, de aspecto insignificante, pegou a vara e levou Kiche cativa atrás de si, seguida de Caninos Brancos, muito perturbado e aflito por esta nova aventura em que se via envolvido.

Desceram ao vale, muito para além das explorações mais extensas de Caninos Brancos, até chegarem à confluência do pequeno curso de água com o rio Mackenzie e finalmente acamparam. Ali havia canoas escondidas, suspensas em varas, e grades para secar peixe. Caninos Brancos observava tudo, maravilhado. A superioridade dos homens tornava-se cada vez mais evidente. O domínio que eles exerciam sobre todos aqueles cães, de presas aguçadas, exalava força. Mas, mais do que isto, impressionava o lobinho o domínio que exerciam sobre as coisas não vivas: a sua capacidade de comunicarem movimento ao que naturalmente não o tinha, e de alterarem a própria face do mundo.

Foi isto o que mais o impressionou. A altura daquelas armações com varas prendeu a sua atenção, contudo, não o deixaram muito surpreso, pois as haviam feito

aquelas mesmas criaturas que atiravam paus e pedras a grandes distâncias. Mas quando as armações de varas foram transformadas em tendas, depois de recobertas com tecidos e peles, Caninos Brancos ficou realmente espantado. O que o maravilhava era o seu desmedido tamanho. E aqueles vultos apareciam à sua volta por todos os lados, como enormes entes vivos que crescessem rapidamente. Ocupavam quase todo o círculo do seu campo visual. Metiam-lhe medo. Pareciam ameaçá-lo lá do alto e, quando a brisa as agitava, agachava-se, atemorizado, sem as perder de vista, preparado para fugir de um salto se tentassem precipitar-se sobre ele.

Mas pouco depois perdeu o medo das tendas. Via as mulheres e as crianças ali entrarem e saírem sem nada lhes acontecer, e os cães tentarem muitas vezes penetrar nelas e serem afastados com gritos e com pedras. Ao cabo de algum tempo, deixou Kiche e rastejou cautelosamente na direção da parede da tenda mais próxima. Era a curiosidade que o impelia à necessidade de aprender, de viver e agir que só se adquire com a experiência. Os últimos passos até à parede da tenda mais próxima foram dados com lentidão e cautela dolorosas.

Os acontecimentos daquele dia haviam-no preparado para que o desconhecido se manifestasse em qualquer altura, da forma mais espantosa e imprevista. Por fim, o focinho tocou na lona. Esperou. Nada aconteceu. Depois farejou o estranho material, saturado com o odor dos homens. Cravou-lhe os dentes e deu um ligeiro puxão. Nada aconteceu, embora as partes adjacentes da tenda se agitassem. Puxou com mais força. Houve uma agitação maior. Era divertido! Puxou com mais força ainda e repetidamente, até toda a tenda se agitar. Então o grito agudo de uma índia, lá dentro, o fez fugir precipitadamente, voltando para o lado de Kiche. Mas, daí em diante, nunca mais teve medo daquelas coisas grandes e ameaçadoras.

Uns minutos depois se afastou de novo de sua mãe. A vara a que estava presa achava-se amarrada a uma estaca enterrada no chão, e ela não podia segui-lo. Um cachorro já crescido, um tanto maior e mais velho do que o lobinho, encaminhou-se lentamente para ele, arrogante e belicoso. Chamava-se Lip-Lip, conforme Caninos Brancos saberia mais tarde. Tinha experiência de lutas com outros cachorros e era muito brigão.

Lip-Lip pertencia à sua raça e, como não passava de um cachorro nem parecia perigoso, Caninos Brancos preparou-se para recebê-lo amigavelmente. Mas, quando o desconhecido começou a andar de pernas esticadas e os beiços se arreganharam, deixando à mostra os dentes, ele entesou-se também, imitando-o em tudo. Giraram em volta um do outro, examinando-se, rosnando e de pêlo eriçado. Isto durou alguns minutos, e a brincadeira já começava a divertir Caninos Brancos, quando, de repente, com uma rapidez espantosa, Lip-Lip saltou, deu-lhe uma dentada e afastou-se com outro salto. A dentada atingira precisamente a espádua ferida pelo lince, ainda bastante dolorida perto do osso. A surpresa e a dor fizeram Caninos Brancos soltar um uivo, e logo, num acesso de fúria, precipitar-se sobre Lip-Lip, raivosamente, procurando mordê-lo.

Mas Lip-Lip vivera sempre no acampamento e travara muitas lutas com cachorros. Três, quatro, meia dúzia de vezes, os seus dentes pequenos e aguçados cravaram-se no recém-chegado, até que Caninos Brancos, ganindo sem reboço, correu para refugiar-se junto da mãe. Foi a primeira das muitas lutas que ele havia de travar com Lip-Lip, pois logo ficaram inimigos assim tinham nascido, as naturezas de ambos achavam-se destinadas a chocarem-se perpetuamente.

Kiche afagou Caninos Brancos docemente com a língua e tentou persuadi-lo a ficar junto dela. Mas a curiosidade era irresistível e, alguns minutos depois, ele metia-se em nova aventura. Deparou-se então Castor Cinzento sentado de cócoras, fazendo qualquer coisa com paus e musgo seco que estavam no chão, na sua frente. Caninos Brancos aproximou-se e pôs-se a observar. Castor Cinzento fez com a boca uns ruídos que Caninos Brancos interpretou como não sendo hostis, por isso aproximou-se mais ainda.

Mulheres e crianças traziam mais paus e ramos a Castor Cinzento. Era evidente que ia acontecer qualquer coisa. Caninos Brancos avançou até tocar no joelho do índio, tal era a curiosidade que sentia, quase esquecera que aquele era um dos terríveis seres que tanto temia. De súbito viu uma coisa estranha, semelhante a uma névoa, erguer-se daqueles paus e musgo, por baixo das mãos de Castor Cinzento. Então, por entre esses paus, surgiu uma coisa viva, que se retorcia e volteava, uma coisa de cor parecida com a do sol. Caninos Brancos não conhecia o fogo. Atraía-o, tal como a luz na entrada da caverna o atraía antes, nos primeiros dias da sua vida. Percorreu, rastejando, a distância que o separava da chama. Sobre ele ouviu soar uma gargalhada de Castor Cinzento e teve certeza de que também aquele som não era hostil. Então o focinho tocou a chama, simultaneamente com a língua, que ele estendera também.

Ficou paralisado, por um instante. O desconhecido, oculto no meio dos paus e do musgo, agarrara-lhe ferozmente o focinho. Recuou desajeitadamente e irrompeu numa explosão de ganidos de dor. Ao ouvi-lo, Kiche saltou, rosnando, tanto quanto o permitia a estaca a que estava presa, detendo-se então, terrivelmente furiosa, por não poder ir em auxílio do filho. Castor Cinzento ria alto, batendo com as mãos nas ancas, e contava o sucedido aos outros índios, que também soltaram ruidosas gargalhadas. Entretanto, Caninos Brancos, sentado nas patas traseiras, gania desesperadamente, infeliz criatura perdida no mundo dos homens.

Era a pior dor que até aí experimentara. Tanto o nariz como a língua tinham sido queimados pela coisa viva da cor do sol, que surgira debaixo das mãos de Castor Cinzento. Ganiu, ganiu, e cada um dos seus lamentos era recebido com novas gargalhadas dos homens. Tentou lambe o focinho com a língua, mas esta estava também queimada, e as duas feridas, ao tocarem-se, provocavam-lhe uma dor ainda maior, por isso voltou a ganir, mais desconsolada e desesperadamente que nunca.

Por fim, sentiu-se envergonhado. Conhecia o riso e o seu significado. Ignoramos como alguns animais conhecem o riso e sabem quando estão rindo deles. A verdade é que Caninos Brancos sentiu vergonha de que os homens rissem assim dele. Deu meia-volta e fugiu, não devido à dor provocada pelo fogo, mas devido às gargalhadas que o magoavam ainda mais profundamente. Fugiu para junto de Kiche, que esticava furiosamente a estaca, como se tivesse enlouquecido

- Kiche, a única criatura do mundo que não ria dele.

Começou a escurecer, a noite caiu, e Caninos Brancos continuava deitado ao lado de sua mãe. O focinho e a língua ainda lhe doíam, mas afligia-o um mal ainda maior. Sentia saudades. Sentia um vazio dentro de si, uma necessidade do rumorejar e da quietude do regato e da caverna onde nascera. A vida tornara-se muito tumultuosa. Havia ali tanta gente, homens, mulheres e crianças, que faziam toda espécie de ruídos irritantes! Além disso, os cães, sempre envolvidos em brigas e disputas, irrompiam em grande algazarra, gerando confusão. A solidão calma que até então conhecera tinha

acabado. Ali até o próprio ar palpitava de vida. Zumbia e zunia sem cessar, mudando continuamente de intensidade e de tom, implicava-lhe com os nervos e os sentidos, inquietava-o e atemorizava-o, atormentando-o com a permanente ameaça de algo iminente.

Observou os homens que iam e vinham movendo-se pelo acampamento. Olhou-os de um modo que se assemelhava algo àquele com que os homens encaram os seus deuses. Eram criaturas superiores, deuses de verdade. A sua fraca capacidade de compreensão levava-o a considerá-los capazes de operar milagres, exatamente como os homens em relação aos deuses. Tratava-se de criaturas dominadoras, dotadas de todos os poderes desconhecidos e impossíveis, senhores das coisas vivas e das não vivas, fazendo-se obedecer pelas que se moviam e comunicando movimento às inertes; e com musgo seco e madeira criavam vida, vida cor do sol e capaz de morder. Eram fabricantes de fogo! Eram deuses!

CAPÍTULO 2 - A ESCRAVIDÃO

Os dias que se seguiram alargaram os conhecimentos de Caninos Brancos. Enquanto Kiche continuava presa à estaca, ele percorria o acampamento, tomando contato com coisas novas, investigando, aprendendo. Rapidamente aprendeu muito acerca dos hábitos dos homens, mas isso não o incitou à desobediência. Quanto mais os conhecia, mais evidentes se tornavam a sua superioridade, os seus poderes misteriosos, a sua divindade.

O homem sofre muitas vezes o desgosto de ver aniquilados os seus deuses e derrubados os altares, mas o lobo e o cão selvagem, que a ele estão sujeitos, não conhecem nunca tal desilusão. Ao contrário do homem - cujos deuses são invisíveis e impalpáveis, brumosos, enevoados e vagos, sem forma real, entes imateriais e fugazes de apetecida bondade e poderio, intangível consubstanciação de cada um na esfera sobrenatural - o lobo e o cão selvagem que se aproximam do fogo, adoram deuses de carne, que se podem tocar, que ocupam um lugar na terra e necessitam de tempo para realizarem os objetivos da sua vida. Não é preciso fé para acreditar em deuses como estes, nenhum esforço da vontade pode eliminar a crença em tais divindades. Não há maneira de lhes escapar. Ali estão, eretos nas suas pernas, de pau na mão, fortes, apaixonados, coléricos e carinhosos, misto de mistério e força envolto em carne que sangra quando a dilaceram, e tão saborosa como qualquer outra quando se come.

E assim acontecia com Caninos Brancos. Os homens eram deuses indiscutíveis a cujo poder se não podia escapar. Tal como a mãe, Kiche, que se rendera mal os ouvira chamá-la pelo nome, assim ele começava a submeter-se. Reconhecia-lhes o direito à iniciativa como privilégio indubitável. Quando avançavam na sua direção, o lobinho afastava-se do caminho. Quando o chamavam, aproximava-se logo. À mínima ameaça, agachava-se. Se o mandavam embora, afastava-se apressadamente. É que, por trás de cada desejo do homem, existia sempre o poder que vinha reforçá-lo, um poder que sabia magoar e cujos meios de expressão eram pancadas, pedradas e vergastadas dolorosas.

Ele pertencia-lhes, tal como todos os cães. As suas ações estavam dependentes das ordens que lhes davam. Podiam bater-lhe, dar-lhe pontapés ou simplesmente tolerar a sua presença. Foi uma lição que aprendeu rapidamente. Custou-lhe muito,

pois ela fazia-o pôr-se em contradição com os fortes impulsos da sua própria natureza, mas, embora lhe repugnasse, começou, quase sem se dar conta, a gostar daquela situação. Era uma forma de colocar o seu destino em mãos alheias, de se furtar às responsabilidades da existência. Isto, em si, constituía uma compensação, pois a vida torna-se mais fácil se houver alguém em quem nos apoiarmos do que se tivermos de depender exclusivamente de nós próprios.

Mas essa entrega de corpo e alma não foi obra de um dia. Não podia esquecer, de um momento para o outro, a sua herança selvagem nem as recordações da selva. Por vezes rastejava até à orla da floresta e ali ficava escutando qualquer coisa que o chamava para muito longe. Mas voltava sempre, inquieto e infeliz, para ganir suave e saudosamente ao lado de Kiche, cujo focinho lambia ávida e inquiridoramente.

Caninos Brancos aprendeu depressa os hábitos do acampamento. Conheceu a injustiça e a voracidade dos cães mais velhos, quando eram distribuídas as rações de carne ou peixe. Chegou à conclusão de que os homens eram mais justos, as crianças mais cruéis, e as mulheres mais bondosas e mais inclinadas a atirar-lhe um pedaço de carne ou um osso. E após duas ou três experiências dolorosas com as mães dos cachorros, percebeu que constituía sempre boa política não se meter com eles e conservar-se à maior distância possível, afastando-se quando as via aproximarem-se.

Lip-Lip, porém, é que constituía o flagelo da sua vida no acampamento. Maior, mais velho e mais forte, nunca o deixava em paz. Caninos Brancos lutava com vontade, mas saía sempre derrotado. O seu inimigo era muito grande e tornou-se um pesadelo para ele. Mal se aventurava a afastar-se da mãe, logo o brigão aparecia, rosnando-lhe, provocando-o, e se não estivesse perto nenhum homem, atacava-o e forçava-o a lutar. Como ganhava invariavelmente, divertia-se muito, aquelas lutas transformaram-se no maior prazer da sua vida e no tormento maior de Caninos Brancos.

Este, porém, não se acovardava. Embora fosse quem mais sofria e ficasse sempre derrotado, o seu espírito permanecia indomável. Contudo, aquilo não deixava de prejudicá-lo, de temperamento selvagem por nascimento, tornou-se também maligno e taciturno devido a esta constante perseguição. O que nele havia de alegre e brincalhão, como cachorro que era, poucas oportunidades tinha para manifestar-se. Nunca brincava ou pulava com os outros animais da sua idade. Lip-Lip não o permitia. Assim que Caninos Brancos aparecia, ele saltava-lhe em cima ameaçadoramente, latindo ou lutando até obrigá-lo a afastar-se.

O resultado de tudo isto foi roubar de Caninos Brancos boa parte da sua infância e fazê-lo comportar-se como um adulto antes do tempo. Impedido de dar expansão às suas energias por meio da brincadeira, concentrava-se em si mesmo, acelerando o desenvolvimento dos seus processos mentais. Tornou-se astuto, pois dispunha de muito tempo livre para planejar travessuras. Como não conseguia a sua ração de carne e peixe, quando era distribuída a refeição geral aos cães do acampamento, converteu-se num hábil ladrão. Tinha de roubar e fazia-o com arte e em conseqüência disso constituía, muitas vezes, uma verdadeira praga para as índias. Aprendeu a esgueirar-se pelo acampamento, a ser manhoso, sabendo o que se passava em toda a parte, a ver e a ouvir tudo, a proceder de acordo com as circunstâncias e a imaginar com êxito a maneira de evitar o seu perseguidor implacável.

Dentro de poucos dias pôs em prática a primeira das grandes partidas que arquitetou, graças à qual pôde saborear, pela primeira vez, o prazer da vingança. Tal

como a mãe, quando fazia parte da alcatéia de lobos, atraía os cães dos acampamentos dos homens para os pôr ao alcance das presas dos companheiros, assim Caninos Brancos, de maneira um tanto semelhante, atraiu Lip-Lip para o alcance das mandíbulas vingativas de Kiche. Recuando diante dele, desatou a correr como que ao acaso através das várias tendas do acampamento, entrando e saindo aqui e acolá ou rodeando-as. Era bom corredor, mais rápido do que qualquer cachorro do seu tamanho, incluindo mesmo Lip-Lip. Mas daquela vez não correu tudo que podia. Limitou-se a conservar-se sempre à frente do seu perseguidor, mantendo entre eles a distância de um salto apenas.

Lip-Lip, excitado pela caçada e pela proximidade constante da sua vítima, esqueceu a cautela e o local em que se encontrava. Quando percebeu, era muito tarde. Contornando a toda a velocidade uma tenda, foi esbarrar com Kiche. Deu um ganido de consternação, e depois as presas da loba fecharam-se punitivamente sobre ele. Kiche estava presa, mas Lip-Lip não conseguiu escapar-se facilmente. Ela o fez rolar de costas e cravou-lhe repetidamente as suas presas.

Quando, por fim, o cachorro pôde escapar para longe dela, pôs-se a custo de pé, muito maltratado, tanto no corpo como no espírito.

O pêlo estava todo no ar, em tufos, onde os dentes da loba tinham mordido. Ficou onde conseguira levantar-se, abriu a boca e soltou o prolongado e dolorido lamento próprio dos cachorros. Mas nem então o deixaram em paz. Caninos Brancos, correndo, enterrou-lhe os dentes na pata traseira. Lip-Lip, já sem nenhuma vontade de lutar, fugiu ignominiosamente, com o lobinho no encalço, arrelhando-o durante todo o caminho de regresso à sua tenda. Ali as mulheres vieram em seu auxílio, e Caninos Brancos, transformado num demônio enfurecido, foi afastado, por fim, com uma chuva de pedras.

Chegou um dia em que Castor Cinzento, considerando que já não havia perigo de Kiche fugir, resolveu soltá-la. Caninos Brancos ficou radiante ao ver a mãe em liberdade. Acompanhou-a alegremente por todo o acampamento e, enquanto se manteve ao lado dela, Lip-Lip conservou-se a distância respeitosa. O lobinho chegou mesmo a eriçar-se todo e a caminhar de pernas esticadas em sua direção, mas ele se fez de desentendido. Não era tolo e embora desejasse ardentemente vingar-se, preferiu aguardar até apanhar Caninos Brancos sozinho.

Mais tarde, nesse mesmo dia, Kiche e Caninos Brancos dirigiram-se até à beira do bosque que ficava próximo do acampamento. Fora ele quem levava a mãe até ali, passo a passo, e quando a cadela parou, tentou atrai-la mais para diante. O ribeiro, o covil e a quietude do bosque atraíam-no, e ele queria que Kiche o acompanhasse. Correu alguns passos, deteve-se e olhou para trás. Ela não se mexera. Caninos Brancos ganiu, suplicante, e avançou, faceiro, por entre os arbustos. Correu de novo para a mãe, lambeu-lhe o focinho e fugiu outra vez. Kiche continuava a não se mexer. Ele deteve-se e fitou-a, exprimindo fisicamente todo o seu desejo e ansiedade, desejo e ansiedade que lentamente foram desaparecendo quando a mãe voltou a cabeça e contemplou o acampamento.

Havia qualquer coisa além, na selva, que o chamava. A mãe ouvia também esse chamado. Mas ouvia, igualmente, um outro, mais forte, a voz do fogo e do homem - aquela voz a que só ao lobo, entre todos os animais, foi dado responder, ao lobo e ao cão selvagem, que são irmãos.

Kiche voltou-se e, vagorosamente, regressou trotando ao acampamento. Mais

forte do que a sujeição física da vara, era a atração que sobre ela exerciam os homens. Invisível e ocultamente, os seus deuses ainda a mantinham presa e não a deixavam partir. Caninos Brancos sentou-se à sombra de um vidoeiro e ganiu baixinho. A atmosfera estava impregnada de um cheiro forte de pinheiros, de mistura com outras fragrâncias sutis do bosque, que lhe recordavam a antiga vida de liberdade, antes do seu cativeiro. Como, porém, não passava de um cachorro semi-desenvolvido, mais forte ainda do que o chamamento dos homens e da selva, era para ele o de sua mãe. Dependera dela durante toda a sua curta existência. Não soara ainda a hora da independência. Por isso, ergueu-se e trotou tristemente para o acampamento, não sem se deter primeira e segunda vez para se sentar a ganir e a escutar o chamamento que vinha das profundezas da floresta.

Na selva é curto o tempo que uma mãe dedica às suas crias, mas, sob o domínio dos homens, esse tempo é, algumas vezes, ainda mais curto. Foi assim que aconteceu com Caninos Brancos. Castor Cinzento estava endividado para com Três Águias, este ia partir numa viagem pelo rio Mackenzie acima até ao lago do Escravo. Um pedaço de tecido escarlate, uma pele de urso, vinte cartuchos e Kiche serviram para pagar a dívida. Caninos Brancos viu sua mãe ser levada para a canoa de Três águias e tentou segui-la. Este, com uma pancada, atirou-o para terra. A canoa afastou-se. O lobinho atirou-se então à água e pôs-se a nadar atrás da embarcação, surdo aos gritos ásperos de Castor Cinzento, que o mandava retroceder. Mas era tal o pavor que lhe infundia a idéia de perder a mãe que ignorou até a ordem de um homem, de um deus.

Mas os deuses estão habituados a serem obedecidos, e Castor Cinzento, furioso, lançou-se em sua perseguição numa canoa. Quando alcançou Caninos Brancos, abaixou-se e, segurando-o pelo cachaço, retirou-o da água. Não o colocou logo no fundo da canoa. Suspendendo-o por uma das mãos, com a outra ministrou-lhe uma sova. E que sova! Castor Cinzento tinha a mão pesada. Cada pancada era dada de maneira a magoá-lo bem, e o índio sovou-o sem dó nem piedade.

Impelido por aquela série ininterrupta de pancadas, que vinham ora de um lado, ora de outro, Caninos Brancos balançava para trás e para diante, qual pêndulo irregular e convulsivo. Eram variadas as emoções que o percorriam. Ao princípio sentiu apenas surpresa. Depois, momentaneamente, veio o medo, e a cada pancada respondia com vários ganidos. Mas logo se seguiu a raiva. A sua natureza livre afirmava-se, e ele, agora sem medo, arreganhou os dentes e rosnou mesmo na cara do deus irado. Isto teve como único efeito encolerizar ainda mais o índio. As pancadas sucederam-se, mais fortes, mais dolorosas e em ritmo mais acelerado.

Castor Cinzento continuou a bater e Caninos Brancos a rosnar. Mas isto não podia eternizar-se. Um dos dois tinha de desistir, e foi Caninos Brancos quem cedeu. O medo voltou a apoderar-se dele. Era a primeira vez que um homem o dominava assim. As pauladas e pedradas que de quando em quando apanhara anteriormente pareciam carícias comparadas com aquilo. Perdeu a coragem e começou a ganir. Durante algum tempo, cada pancada arrancava-lhe um ganido, mas o medo transformou-se em terror, até que, por fim, já gania continuamente, num ritmo que em nada se assemelhava ao do castigo.

Finalmente a mão de Castor Cinzento deteve-se. Caninos Brancos, suspenso molemente, continuou a ganir. Isto pareceu satisfazer o seu dono, que o atirou rudemente para o fundo da canoa. Entretanto, esta fora arrastada rio abaixo e o índio

pegou o remo, como Caninos Brancos o estorvava, deu-lhe um violento pontapé. Nesse momento, a natureza selvagem do lobinho reviveu de novo, e ele cravou os dentes no pé calçado com mocassins.

A sova anterior nada valeu, comparada com a que apanhou a seguir. A ira de Castor Cinzento foi terrível, tal como o medo de Caninos Brancos. O homem empregou não só a mão como também o duro remo de madeira para lhe bater. Quando foi de novo atirado para o fundo da canoa, o lobinho achava-se em lastimoso estado. De novo, e desta vez propositadamente, Castor Cinzento deu-lhe um pontapé. Caninos Brancos, porém, não revidou o golpe. Aprendera outra lição. Nunca, fosse em que circunstâncias fosse, devia atrever-se a morder o deus que era seu senhor e dono, o corpo deste era sagrado, não podiam tocá-lo dentes de criaturas como ele. Aquilo constituía, evidentemente, o maior dos crimes, uma ofensa imperdoável e para a qual não havia tolerância possível.

Quando a canoa tocou na praia, Caninos Brancos deixou-se ficar imóvel e gemendo, esperando que Castor Cinzento manifestasse a sua vontade. Esta era que ele fosse para terra, pois o índio para lá o atirou, fazendo-o bater com força de lado, o que lhe reavivou as dores. Pôs-se a muito custo de pé e assim ficou, ganindo, desconsolado. Lip-Lip, que observara da margem tudo quanto se passara, correu então para ele, derrubando-o e enterrando-lhe os dentes no corpo. Muito alquebrado para se defender, o lobinho muito teria ainda sofrido se Castor Cinzento, com um pontapé, não houvesse atirado Lip-Lip ao ar, com tal violência que ele foi cair no chão a alguns passos de distância. Assim era a justiça do homem e mesmo no lastimável estado em que se encontrava, Caninos Brancos sentiu um estremecimento de gratidão. Coxeando, seguiu humildemente Castor Cinzento através da aldeia, até à tenda. E assim aprendeu que os deuses reservavam para si próprios o direito de castigar e o negavam às criaturas inferiores sob o seu domínio.

Naquela noite, quando tudo estava sossegado, Caninos Brancos lembrou-se da mãe, e essa recordação entristeceu-o. Ganiu alto demais e acordou Castor Cinzento, que lhe bateu. Daí em diante passou a carpir-se baixinho, quando os deuses se encontravam próximo. Mas, algumas vezes, ia sozinho para o limiar do bosque e, dando livre curso à sua dor, irrompia em altos e lamentosos ganidos.

Durante este período nada admiraria que, dando ouvidos às recordações do seu covil e do regato que corria próximo, tivesse regressado à vida da selva. Mas a memória da mãe detinha-o. Tal como os homens que iam à caça partiam, mas voltavam depois, também ela regressaria um dia qualquer à aldeia. Por isso, deixava-se ali ficar à sua espera.

Mas aquela escravidão não era inteiramente infeliz. Havia muitas coisas que o interessavam. Os acontecimentos sucediam-se. Eram infindáveis as coisas estranhas que estes deuses faziam, e ele sentia sempre curiosidade em observá-las. Além disso, ia aprendendo a lidar com Castor Cinzento. Apenas exigiam dele obediência, obediência rígida e cega, em troca não lhe batiam e a sua existência era tolerada.

E mais: o próprio Castor Cinzento lhe atirava algumas vezes um pedaço de carne e defendia-o dos outros cães, enquanto ele o devorava. E que importância não tinham esses pedaços de carne! Valiam mais, por estranho que pareça, do que uma dúzia de pedaços de carne dados pela mão de uma mulher índia. Castor Cinzento nunca lhe fazia festas. Talvez fosse o peso da sua mão, talvez a sua justiça, talvez o poder dele ou talvez todas estas coisas que influenciavam Caninos Brancos. O certo é

que entre ele e o seu carrancudo senhor começavam a estabelecer-se certos laços de afeto.

Insidiosamente, por processos indefinidos, e também pela força de um pau ou de uma pedra ou uma pancada da mão, Caninos Brancos ia pouco a pouco ficando preso pelas grilhetas da escravidão. As qualidades da sua raça que lhe haviam tornado possível a aproximação da fogueira dos homens, eram susceptíveis de aperfeiçoamento e estavam aperfeiçoando-se nele e a vida do acampamento, repleta, como era, de misérias, tornava-se cada dia, insensivelmente, mais querida. Mas Caninos Brancos não percebia isso. Tinha apenas consciência da mágoa que sentia por haver perdido Kiche, esperança que ela voltasse e saudade da vida livre.

CAPÍTULO 3 - O PÁRIA

Lip-Lip continuou a perseguir de tal maneira Caninos Brancos que este acabou por se tornar muito mais malévolo e feroz do que seria natural. A selvageria fazia parte de si próprio, mas atingiu tal extremo que excedia tudo quanto podia imaginar-se. Até entre os próprios homens adquiriu reputação de mau. Sempre que havia distúrbios e rebuliço no acampamento, lutas e brigas ou gritos de mulher, por causa de um pedaço de carne roubada, Caninos Brancos estava, certamente, envolvido nisso, quando não era ele próprio o causador de tudo. Ninguém se preocupou em indagar as causas do seu comportamento, viam apenas os efeitos, e estes eram maus. Tratava-se de um ladrão, um indesejável fomentador de distúrbios. E as mulheres, indignadas, acusavam-no (enquanto ele as observava, alerta e sempre pronto a esquivar-se de algo que lhe arremessassem), de ser um lobo inútil, que ainda havia de acabar mal.

Viu-se, pois, transformado num pária no meio do populoso acampamento. Todos os cães jovens aceitavam Lip-Lip como chefe. Havia uma diferença entre Caninos Brancos e eles. Talvez percebessem da sua origem selvagem e, instintivamente, sentissem o antagonismo que o cão doméstico sente pelo lobo. A verdade é que se associavam a Lip-Lip e, uma vez declarada a guerra contra Caninos Brancos, não lhes faltavam razões para que continuassem seus inimigos. De vez em quando, ora um, ora outro, todos iam travando conhecimento com os seus dentes e, em abono da verdade, deve dizer-se que recebiam sempre com juro as dentadas que davam. A muitos deles, Caninos Brancos não teria dificuldade em vencê-los em combate singular, mas este era-lhe negado. O início de uma luta representava o sinal para que todos os cachorros do acampamento viessem correndo atacá-lo.

Desta perseguição da matilha aprendeu duas coisas importantes: como agir quando se via ameaçado por ataques maciços, e como infligir a um só cão o maior dano possível no mais curto espaço de tempo. Aguentar-se de pé no meio de toda aquela massa hostil significava a vida, e isto aprendeu ele bem. Adquiriu uma agilidade felina que o impedia de tombar. Mesmo os cães adultos podiam arremessá-lo para trás ou para o lado, com o impacto dos seus pesados corpos, que ele sabia deixar-se levar pelo impulso, ora no ar, ora deslizando no solo, mas nunca de pernas para cima e sempre com as patas apontando na direção da mãe-terra.

Quando os cães lutam, não costumam fazê-lo sem certos preliminares: rosnadelas, eriçar de pêlos e passos empertigados. Mas Caninos Brancos aprendeu a omitir tais preparativos. Qualquer demora significava a arremetida contra ele de todos

os cachorros. Tinha de agir rapidamente e fugir. Habitou-se, pois, a não dar sinais das suas intenções. Precipitava-se, mordida e lacerava sem prévio aviso, antes que o seu inimigo pudesse preparar-se para o ataque. Assim aprendeu a infligir um castigo severo e rápido e a dar ao fator surpresa o seu justo valor. Um adversário apanhado desprevenido, a que rasgavam uma espádua ou laceravam uma orelha, sem lhe dar tempo de pôr-se em guarda, ficava logo meio derrotado.

De resto, tornava-se fácil lançar por terra um cão em tais circunstâncias e, feito isto, invariavelmente ficava à vista por um momento a tenra parte de baixo do pescoço - o ponto vulnerável que havia de ferir para lhe tirar a vida. Caninos Brancos conhecia esse ponto. Tratava-se de um conhecimento transmitido diretamente por gerações de lobos caçadores. Assim, o método empregado por ele quando tomava a ofensiva era: primeiro, encontrar um cão novo sozinho; segundo, atacá-lo de surpresa e derrubá-lo; e terceiro, cravar-lhe os dentes na garganta tenra.

Como não estava ainda bem desenvolvido, as suas mandíbulas não tinham o tamanho e a força necessários para que o seu ataque fosse mortal, mas muitos cães andavam pelo acampamento com as gargantas laceradas, como prova das intenções de Caninos Brancos. E um dia, apanhando um dos seus inimigos sozinho, à entrada do bosque, conseguiu, derrubando-o repetidas vezes e atacando-lhe a garganta, cortar-lhe a veia jugular, por onde se escoou a vida. Nessa noite houve grande agitação no acampamento. Tinham-no observado, a notícia chegara ao dono do cão morto, as índias recordaram então todos os casos de carne roubada, e Castor Cinzento viu-se assediado por numerosos gritos de vingança. Mas ele manteve-se, resoluto, em frente da porta da sua tenda, dentro da qual metera o culpado, e recusou consentir na vingança que a tribo reclamava.

Caninos Brancos passou a ser odiado pelos homens e pelos cães. Durante este período do seu desenvolvimento não conheceu um momento de segurança. Os dentes dos cães, bem como as mãos dos homens, constituíam uma constante ameaça. Era recebido com rosnados pelos da sua raça, e com impropérios e pedradas pelos homens. Vivia em tensão contínua, sempre alerta, pronto para o ataque ou para se defender, olho atento a qualquer objeto que, de súbito e inesperadamente, pudessem arremessar-lhe, e disposto a agir, segundo as circunstâncias, com rapidez ou calmamente, saltando de dentes arreganhados ou fugindo rosnando de modo ameaçador.

Quanto a rosnar, fazia-o mais terrivelmente do que qualquer cão, novo ou velho, do acampamento. O rosnado tem por fim avisar ou assustar, e é preciso saber quando deve usar-se. Caninos Brancos possuía esta arte num grau apuradíssimo. No seu rosnar punha tudo quanto tinha de maligno, perverso e horrível. Com o focinho enrugado por contínuas contrações espasmódicas, o pêlo eriçado em ondas sucessivas, a língua saltando para fora, qual cobra vermelha, e recolhendo-se de novo, as orelhas baixas, os olhos fuzilando de ódio, os beiços arreganhados e as presas úmidas à mostra, fazia deter-se qualquer assaltante. Uma pausa temporária proporcionava-lhe o tempo necessário para decidir o caminho a tomar. Mas muitas vezes, uma pausa assim conseguida prolongava-se até que o ataque cessava por completo. Isso permitiu a Caninos Brancos bater em retirada honrosa diante de mais de um dos cães adultos.

Votado ao ostracismo pelos cachorros mais novos, os seus métodos sanguinários e a sua eficiência espantosa fizeram a matilha pagar caro a perseguição

que lhe movia. Como não lhe permitiam misturar-se com os outros, arranjou as coisas de tal modo que também nenhum deles podia atrever-se a deixar a matilha. Caninos Brancos não o consentiria. Devido à sua tática de guerrilhas e emboscadas, os cachorros receavam andar sozinhos à exceção de Lip-Lip, viam-se obrigados a pôr-se em guarda para se protegerem mutuamente do inimigo terrível que tinham arranjado. Um cachorro que se aventurasse sozinho pela margem do rio era um cachorro morto, ou então os seus ganidos de dor e terror alarmavam o acampamento, ao fugir da cilada que o filhote de lobo lhe armara.

Mas as represálias de Caninos Brancos não cessaram nem mesmo depois de os cachorros terem aprendido que deviam manter-se juntos. Atacava-os quando os apanhava sozinhos, e eram eles que iniciavam a luta quando estavam em grupo. Assim que o avistavam, corriam em sua perseguição e, nessas ocasiões, a rapidez dele costumava colocá-lo a salvo. Mas aí do cão que se afastasse dos camaradas na perseguição! Caninos Brancos aprendera a voltar-se de súbito contra o perseguidor que se adiantara à matilha e a mordê-lo antes que os outros os alcançassem. Isto acontecia com grande frequência, pois, com a excitação da caçada, os cães esqueciam a prudência, enquanto Caninos Brancos nunca perdia a serenidade. Deitando olhadelas rápidas para trás, à medida que corria, estava sempre preparado para se voltar e derrubar o perseguidor zeloso, que se adiantara aos companheiros.

Os cachorros, que sentem sempre necessidade de brincar, acabaram por converter em brincadeira aquele arremedo de combate. E foi assim que a perseguição a Caninos Brancos se tornou no divertimento preferido deles - um divertimento mortal e sempre sério. Por seu turno, como era mais veloz, Caninos Brancos não receava aventurar-se para qualquer lugar. Durante o período em que esperou em vão que sua mãe voltasse, obrigou a matilha a mover-lhe perseguições ferozes através dos bosques adjacentes. Mas, invariavelmente, os perseguidores acabavam por perder-lhe o rastro. O barulho e os latidos avisavam-no sempre da presença dos inimigos enquanto ele corria, sozinho e silencioso, qual sombra deslizando entre as árvores, como antes faziam sua mãe e seu pai. Além disso estava mais familiarizado com aquele ambiente do que eles, conhecia melhor os segredos e os estratégias da vida selvagem. Uma das suas partidas prediletas consistia em fazer-lhes perder a pista, metendo-se num curso de água e escondendo-se depois sossegadamente num matagal próximo, enquanto o ladrar confundido deles soava à sua volta.

Odiado pelos da sua raça e pelos homens, indomável, combatido a toda a hora e ele próprio perpetuamente em pé de guerra, o seu desenvolvimento foi tão rápido como unilateral. A atmosfera não era propícia a sentimentos de bondade ou de afeto. Não conhecia nada dessas coisas. O código que aprendera consistia apenas em obedecer aos fortes e oprimir os fracos. Castor Cinzento era um deus, um deus forte. Por conseguinte, Caninos Brancos obedecia-lhe. Mas o cachorro mais novo e menor do que ele era fraco, uma coisa que devia ser destruída. O seu desenvolvimento deu-se na direção da força. Para poder enfrentar o perigo constante da dor ou mesmo da destruição, as suas faculdades predatórias e de proteção desenvolveram-se extraordinariamente. Tornou-se mais rápido de movimentos do que os outros cães, mais veloz, mais manhoso, mais perigoso, mais flexível, mais magro, com músculos e nervos de aço, mais resistente, mais cruel e mais inteligente. Teve de adquirir todas estas qualidades, de contrário não sobreviveria no ambiente hostil em que se encontrava.

CAPÍTULO 4 - O RASTRO DOS DEUSES

No Outono, quando os dias se tornaram mais curtos e o ar gelado, Caninos Brancos teve oportunidade de alcançar a liberdade. Durante vários dias houve grande azáfama na aldeia. O acampamento de Verão estava sendo levantado e a tribo, com armas e bagagens, preparava-se para empreender as suas caçadas outonais. Caninos Brancos observava tudo com olhar ávido e, quando as tendas começaram a ser desarmadas e as canoas carregadas, compreendeu finalmente o que se passava. Já as canoas partiam e algumas tinham mesmo desaparecido rio abaixo.

Deliberadamente, decidiu se deixar ficar para trás. Esperou a oportunidade para se esgueirar do acampamento e fugir para o bosque. Uma vez ali, meteu-se no regato onde o gelo começava a formar-se. Depois rastejou para o meio de um denso maciço de arbustos e esperou. O tempo foi passando e ele dormiu intermitentemente durante horas. Depois foi acordado pela voz de Castor Cinzento, que o chamava. Ouviam-se outras vozes, Caninos Brancos distinguia a da mulher do índio que tomava parte na busca, bem como a de seu filho Mit-Sah.

Embora tremendo de medo e sentindo o impulso de sair do esconderijo, Caninos Brancos conservou-se quieto. Pouco depois as vozes distanciaram-se e, após algum tempo, ele rastejou para fora do esconderijo a fim de gozar o êxito do seu empreendimento. Caía a noite, e durante algum tempo brincou por entre as árvores, saboreando a sua liberdade. Depois e muito subitamente, percebeu uma sensação de solidão. Sentou-se, apreensivo e perturbado com o silêncio da floresta. Parecia-lhe um mau presságio que nada se movesse nem ouvisse qualquer ruído. Sentiu que o perigo o espreitava, um perigo invisível e desconhecido. Assustavam-no os vultos das árvores que pairavam sobre ele e as sombras negras que podiam esconder toda a espécie de coisas perigosas.

E sentia frio. Ali não havia qualquer tenda contra cujos flancos aquecidos pudesse aconchegar-se. O gelo mordida-lhe as patas e ele ora levantava uma, ora outra das dianteiras. Enrolou a cauda espessa em volta de si para cobri-las, e ao mesmo tempo teve uma visão. Nada havia nela de estranho. Tratava-se de uma sucessão de imagens. Via de novo o acampamento, as tendas e a chama das fogueiras. Ouvia as vozes agudas das mulheres, as profundas e ásperas dos homens e o ladrar dos cães. Tinha fome e lembrou-se dos pedaços de carne e de peixe que costumavam atirar-lhe. Ali não havia carne, não havia nada, além do silêncio ameaçador que não o alimentava.

A escravidão tornara-o mole. A irresponsabilidade enfraquecera-o. Esquecera-se de como agir para prover às suas necessidades. Em redor dele a noite bocejava. Os seus sentidos, acostumados ao bulício do acampamento, habituados ao seu contínuo rumor e movimento, encontravam-se agora ociosos. Nada havia ali para fazer, nada para ver nem para ouvir. Esforçava-se por distinguir qualquer interrupção do silêncio e da imobilidade da Natureza. A sua própria inação assustava-o tanto como o pressentimento de que algo de terrível ia acontecer.

Sobressaltou-se e deu um pulo. Uma coisa colossal e informe avançava pelo seu campo visual. Era a sombra de uma árvore que a Lua, de cuja face as nuvens tinham sido varridas, estendia na sua direção. Acalmado o susto, começou a ganir baixinho, mas imediatamente sufocou os gemidos, receoso de que eles pudessem atrair perigos ocultos.

O frio da noite fez uma árvore dar um grande estalido, por cima do lugar em que se encontrava. Ganiu de medo. Tomado de pânico, correu loucamente em direção à aldeia. O desejo intenso de proteção e da companhia do homem sobrepôs-se nele a tudo mais. Sentia nas narinas o odor da fumaça das fogueiras. Nos seus ouvidos retiniam alto os ruídos e os gritos do acampamento. Saiu da floresta em direção a uma clareira iluminada pelo luar, onde não existiam sombras nem escuridão. Mas não avistou qualquer tenda. Esquecera-se de que os homens tinham partido, nada deixando ali.

A sua correria louca cessou abruptamente. Não havia lugar onde pudesse refugiar-se. Vagueou tristemente pelo acampamento deserto, farejando os montes de lixo e os farrapos e trapos abandonados pelos índios. Teria ficado contente com o barulho de pedras caindo à sua volta, atiradas pela mão irada de qualquer mulher, contente por sentir a mão de Castor Cinzento batendo-lhe, enfurecido, teria até acolhido com alegria Lip-Lip e a covarde e barulhenta matilha.

Aproximou-se do lugar onde se erguera a tenda de Castor Cinzento. No centro do espaço que ela antes ocupara, sentou-se sobre as patas traseiras. Ergueu o focinho para a Lua. Com a garganta apertada por contrações espasmódicas, a boca abriu-se e um uivo magoado exprimiu toda a sua solidão e medo, a saudade de Kiche, todas as dores e misérias passadas, bem como a sua apreensão por sofrimentos e perigos futuros. Era o longo uivo do lobo, gutural e triste, como ele jamais soltara em toda a sua vida.

O romper da luz do dia desvaneceu os seus receios, mas aumentou-lhe a sensação de solidão. A terra deserta, que ainda bem pouco tempo antes vira tão povoada, contribuiu para que ele se sentisse ainda mais isolado. Não levou muito tempo para decidir-se. Embrenhou-se na floresta e seguiu pela margem do rio abaixo. Correu todo o dia, sem descanso. Parecia que continuaria a correr eternamente. O seu corpo de aço ignorava a fadiga. E mesmo quando esta, por fim, se fez sentir, a sua resistência hereditária deu-lhe novas forças e permitiu-lhe obrigar o corpo esgotado a avançar sempre.

Nos pontos em que o rio se precipitava por íngremes escarpas, ele desviava-se para as altas montanhas que ficavam por trás. Passou a vau ou atravessou a nado os ribeiros e regatos que iam desaguar ao rio principal. Com frequência, enterrou-se no gelo que começava a formar-se, e mais de uma vez este se partiu e ele mergulhou na corrente, onde correu sérios perigos. Ia sempre atento ao rastro dos índios, receoso de que eles tivessem abandonado o rio, seguindo para o interior.

Caninos Brancos era mais inteligente que a maioria dos animais, contudo, a sua clarividência mental não chegou perceber a possibilidade de os índios poderem internarem-se na outra margem do Mackenzie, de o rastro dos deuses se encaminhar para esse lado. Nunca lhe acudiu ao cérebro tal idéia. Talvez mais tarde, com a experiência dos anos, conseguisse apreender semelhante possibilidade. Mas essa compreensão só seria possível no futuro. No momento presente, corria às cegas, entrando nos seus cálculos apenas aquela margem do Mackenzie.

Correu durante a noite inteira, esbarrando na escuridão contra toda a espécie de obstáculos e contratempos, que lhe retardavam a marcha, mas não a detinham. No meio do segundo dia, depois de ter corrido continuamente durante trinta horas, os seus músculos, apesar de férreos, cederam à fadiga. Só a resistência do seu cérebro o fazia prosseguir. Não comia há quarenta e oito horas, e a fome aumentava-lhe a fraqueza.

Os repetidos banhos de água gelada tinham também produzido o seu efeito. O belo pêlo estava todo enlameado e as largas polpas das patas cobertas de feridas que sangravam. Por fim, começou a coxear, cada vez mais à medida que as horas passavam. Para ainda piorar a situação, o céu obscureceu-se e começou a nevar uma neve fria, úmida, quase líquida, pegajosa, escorregadia debaixo das patas, que não lhe deixava ver a terra que calcava e lhe encobria as irregularidades do terreno, aumentando a dificuldade da marcha, tornando-a mais penosa.

Castor Cinzento tencionava acampar nessa noite na outra margem do Mackenzie, por se tratar de um local próprio para a caça. Mas, pouco antes de anoitecer, um alce que viera beber na margem de cá, fora visto por Kloo-Kooch, mulher de Castor Cinzento. Pois bem: se o alce não tivesse vindo beber, se Mit-Sah não houvesse desviado o rumo da embarcação por causa da neve, se Kloo-Kooch não tivesse avistado o alce e se Castor Cinzento o não o houvesse abatido com um tiro feliz, os acontecimentos subseqüentes decorreriam de modo bem diferente. Castor Cinzento teria acampado na outra margem do rio, Caninos Brancos passaria sem perceber a sua presença e teria prosseguido ao encontro da morte ou para se juntar aos seus irmãos selvagens e tornar-se um deles, um lobo até o fim dos seus dias.

A noite tombara. A neve caía mais espessa, e Caninos Brancos ganhava baixinho à medida que avançava, tropeçando e coxeando, quando deu com um rastro fresco na neve, tão fresco que o reconheceu imediatamente. Ganindo com impaciência, afastou-se do rio e embrenhou-se por entre as árvores. Chegou-lhe aos ouvidos o bulício do acampamento. Avistou a chama do fogo, Kloo-Kooch cozinhando e Castor Cinzento, de cócoras, roendo um naco de sebo cru. Havia, pois, carne fresca no acampamento!

Caninos Brancos esperava levar uma sova. Ao pensar nisso agachou-se, já de pêlo eriçado. Depois continuou a avançar. Temia e não lhe agradava a sova que sabia esperá-lo. Mas não ignorava também que ganhava o conforto proporcionado pelo fogo, a proteção dos deuses, a companhia dos cães - companhia inimiga mas, mesmo assim, companhia que satisfazia as suas necessidades gregárias.

Aproximou-se, rastejando, e encolhido de medo. Castor Cinzento o viu e parou de roer o sebo. Caninos Brancos rastejava lentamente, encolhido de medo e subserviente no aviltamento da sua humilde submissão. Rastejou direito a Castor Cinzento, e cada plegada do seu avanço se tornava mais lenta e difícil. Por fim deitou-se aos pés do dono, ao qual se entregava voluntariamente, de corpo e alma. Por sua decisão própria viera sentar-se ao calor do fogo do homem para ser governado por ele. Tremia, esperando o castigo. A mão moveu-se por cima dele. Encolheu-se involuntariamente, na expectativa da pancada. Mas ela não caiu. Deu uma olhadela para cima. Castor Cinzento partia o naco de sebo em dois e oferecia-lhe um dos pedaços! Cautelosamente, um tanto desconfiado, farejou-o primeiro e logo tratou de engoli-lo. Castor Cinzento ordenou que lhe trouxessem mais carne, e protegeu-o dos outros cães enquanto comia. Depois, grato e feliz, Caninos Brancos ficou deitado a seus pés, contemplando o fogo que o aquecia, pestanejando e cochilando, certo de que o dia seguinte não o encontraria vagueando tristemente pela floresta gelada, mas sim no acampamento dos homens, na companhia dos deuses a quem se entregara e dos quais agora dependia.

CAPÍTULO 5 - O PACTO

Quando Dezembro já ia adiantado, Castor Cinzento partiu numa viagem pelo rio acima. Mit-Sah e Kloo-Kooch acompanharam-no. O índio guiava um trenó puxado por cães, que comprara ou pedira emprestados. Ia também um segundo trenó, menor, conduzido por Mit-Sah, e a este estava atrelada uma matilha de cachorros. Constituíam quase um brinquedo, no entanto, fazia o encanto do rapaz que, ao ver-se de posse do veículo, se julgava já um homem e como tal começava a trabalhar no mundo. Além disso, aprendia assim a conduzir cães e a treiná-los. Quanto aos cachorros, habituavam-se aos arreios. De resto, o trenó era de alguma utilidade, pois transportava quase cem quilos de equipamento e comida.

Caninos Brancos já vira os cães do acampamento com os arreios postos e, por isso, não estranhou muito quando os puseram nele pela primeira vez. Em volta do pescoço colocaram-lhe uma coleira acolchoada de musgo, que estava ligada por dois tirantes a uma correia que lhe contornava o peito e as costas. Era a esta que estava presa a corda comprida com a qual ele puxava o trenó.

Sete cachorros constituíam o grupo, todos com cerca de nove e dez meses de idade, exceto Caninos Brancos, que tinha apenas oito. Cada um dos animais achava-se preso ao trenó por uma corda individual, não havendo duas do mesmo tamanho. Existia entre elas, pelo menos, a diferença do comprimento do corpo de um cão. Todas as cordas iam amarrar-se num anel colocado na extremidade dianteira do trenó. Este não tinha esquis, era uma espécie de tobogã de casca de vidoeiro, com a extremidade dianteira revirada, para evitar que se enterrasse na neve. Tal feitio permitia que o peso do trenó e da carga ficasse distribuído por uma superfície maior, vantagem importante naquela época do ano em que a neve estava muito mole e mais se assemelhava a cristais pulverizados. Observando o mesmo princípio da distribuição de carga, os cães espalhavam-se em forma de leque, a partir da extremidade dianteira do trenó, de tal maneira que nenhum seguia as pegadas de outro.

Esta formação tinha ainda outra vantagem. As cordas com comprimentos diferentes evitavam que os cães atacassem pela retaguarda os que seguiam adiante. Só os da frente, voltando-se, podiam engalfinhar-se com o que lhe vinha atrás. E, nesse caso, teria de se haver não só com o cão atacado, mas também com o chicote do condutor. A maior vantagem desta disposição residia, porém, no fato de que, se um cão tentasse atirar-se ao da frente, teria para isso de puxar o trenó com mais força e quanto mais depressa o veículo se movesse, mais facilmente o cão atacado podia escapar à arremetida. Desta maneira, o cão de trás nunca conseguia alcançar aquele que o precedia. Quanto mais corria ele, mais corria o outro e todos os seus companheiros. Assim, o trenó avançava mais depressa, e por este astuto meio conseguia o homem tirar mais rendimento dos animais.

Mit-Sah parecia-se com o pai, cuja sagacidade já possuía em elevado grau. No passado observara a perseguição que Lip-Lip movia a Caninos Brancos, mas então o cachorro tinha outro dono, e Mit-Sah apenas se atrevera a atirar-lhe ocasionalmente uma pedra. Agora, porém, Lip-Lip pertencia-lhe, e ele resolveu vingar-se, atrelando-o à extremidade da corda mais comprida. Assim, Lip-Lip tornava-se o chefe, o que parecia uma honra, mas, na realidade, tal posição não o favorecia nada e, em vez de continuar a ser o tirano e o cabeça da matilha, passou a ser odiado e perseguido por ela.

Como o seu lugar era na extremidade da corda maior, ele corria sempre na

frente dos outros cães. Estes só lhe viam a cauda peluda e as patas traseiras que pareciam fugir - visão muito menos feroz e intimidante do que a do seu pêlo eriçado e dos caninos luzentes. Além disso, dada a sua constituição mental canina, ao verem-no sempre correndo na frente, experimentavam o desejo de lhe seguirem no encalço, pois tinham a impressão de que ele pretendia fugir.

Assim que o trenó partiu, a matilha correu atrás de Lip-Lip, numa perseguição que se prolongou pelo dia todo. Ao princípio, este voltava-se contra os seus perseguidores, cioso da sua dignidade e encolerizado, mas nessas ocasiões Mit-Sah atingia-lhe o focinho com o chicote de tripa de caribu, que media uns nove metros de comprimento, obrigando-o a dar meia-volta e a continuar a correr. Lip-Lip seria capaz de enfrentar toda a matilha, mas não aquele chicote, assim, o que tinha a fazer era manter a sua comprida corda esticada e os flancos afastados dos dentes dos companheiros.

Mas nos recessos do espírito do jovem índio ocultava-se uma manha ainda maior. Para mais excitar os outros à perseguição infundável do guia, Mat-Sali favorecia-o diante dos outros cachorros. Estes favores faziam nascer neles a inveja e o ódio. Na sua presença Mit-Sah dava-lhe carne, e dava-a a ele apenas. Isto enlouquecia-os. Rondavam, loucos de raiva, fora do alcance do chicote, enquanto Lip-Lip devorava a carne e o dono o protegia. E quando já não havia mais carne, o jovem índio mantinha a matilha à distância e fingia que continuava dando carne a Lip-Lip.

Caninos Brancos aceitou o trabalho de bom grado. Antes de render-se incondicionalmente aos deuses, submetera-se a uma rude prova e aprendera melhor a inutilidade de se opor à vontade dos donos. Além disso, a perseguição que lhe movera a matilha fizera-o afastar-se dos membros da sua própria raça, cuja companhia não apreciava, e a aproximar-se muito mais dos homens. Kiche estava quase esquecida. O seu principal meio de evasão era a fidelidade aos deuses que aceitara como senhores. Por isso trabalhava com afã, aprendia a ser disciplinado e mostrava-se obediente. Era fiel e serviçal, qualidades essenciais que caracterizam o lobo e o cão selvagens, depois de domesticados, e que Caninos Brancos possuía em grau elevado.

As relações entre Caninos Brancos e os outros cachorros cifrava-se apenas em lutas e outros gestos de inimizade. Nunca haviam brincado juntos e ele continuava a combatê-los, retribuindo-lhes em centuplicado as dentadas recebidas quando Lip-Lip era o chefe da matilha. Mas este já não era o chefe, a não ser quando corria na frente dos companheiros, na extremidade da sua corda, com o trenó saltando atrás dele. No acampamento conservava-se perto de Mit-Sah, Castor Cinzento ou Kloo-Kooch. Não ousava afastar-se dos deuses, pois agora tinha contra si todos os outros cachorros e pagava com elevados juro a perseguição que outrora movera a Caninos Brancos.

Este podia ter se tornado o chefe da matilha. Mas era muito taciturno e solitário para isso. Limitava-se a maltratar os companheiros, ou então os ignorava. Todos se afastavam do seu caminho quando ele aparecia. Nem o mais ousado se atrevia a tirar-lhe a sua ração de carne. Pelo contrário, cada um devorava a sua o mais apressadamente possível, com medo que ele a roubasse. Caninos Brancos conhecia bem a lei: oprimir o fraco e obedecer ao forte. Engolia o mais rapidamente que podia a ração que lhe distribuíam e depois... ai do cão que ainda não tivesse acabado a sua. Bastava uma rosnadela e um arreganhar de dentes para dela se apossar, deixando o outro gritando a sua indignação às estrelas indiferentes.

Contudo, frequentemente, um cão ou outro revoltava-se, mas tinha logo de submeter-se. E assim Caninos Brancos mantinha-se sempre em forma. Cioso do relativo isolamento que gozava no meio da matilha, muitas vezes lutou para conservá-lo. Tratava-se, porém, de lutas de curta duração. Superava em agilidade os seus adversários, e antes que estes percebessem o que se passara, viam-se mordidos e sangrando abundantemente, vencidos, a bem dizer, quase antes de começada a luta.

Tão rígida como a disciplina dos deuses no que dizia respeito ao serviço do trenó, era a que Caninos Brancos mantinha entre os companheiros. Jamais lhe permitia qualquer familiaridade. Exigia-lhes um respeito constante por ele próprio. Podiam proceder como bem entendessem uns com os outros. Isso não era da sua conta. Mas o que sobremaneira lhe importava era o seu isolamento, deviam afastar-se do seu caminho quando tivesse vontade andar pelo meio deles, e reconhecer-lhe sempre a supremacia. Bastava que os visse mais empertigados que de costume, que arreganhassem os dentes ou eriçassem o pêlo, para logo lhes saltar em cima, sem dó nem piedade, convencendo-os rapidamente do erro do seu procedimento.

Era um tirano monstruoso. A sua autoridade tinha a rigidez do aço. Oprimia os fracos com verdadeiro espírito de vingança. Não fora inutilmente que estivera exposto à luta cruel pela sobrevivência nos dias da sua infância, quando ele e a mãe, sós e sem auxílio, se mantiveram a si próprios e sobreviveram no ambiente feroz do ártico. E não fora também inutilmente que aprendera a passar despercebido quando surgia uma força superior. Oprimia os fracos, mas respeitava os fortes. E durante a longa jornada com Castor Cinzento, assim se comportava com os cães adultos dos acampamentos estranhos que encontravam.

Decorreram meses. A viagem de Castor Cinzento continuava ainda. A força de Caninos Brancos desenvolvera-se devido às longas horas passadas na pista e ao esforço constante de puxar o trenó. O seu desenvolvimento mental parecia também achar-se quase completo. Conhecia bastante bem o mundo em que vivia, fazia dele uma idéia triste e materialista, considerava-o feroz, brutal e frio. Um mundo onde não existiam o carinho, o afeto nem as doces alegrias da vida.

Não sentia afeição nenhuma por Castor Cinzento. É certo que ele era um deus, mas um deus cruel. Caninos Brancos comprazia-se em reconhecer o seu domínio, um domínio baseado na inteligência superior e na força bruta. E existia algo que o impelia a desejar esse domínio, pois, de contrário, não teria regressado da selva quando lhe escapara para se submeter. Havia recessos no seu coração que jamais alguém sondara. Talvez uma palavra amiga, uma carícia do seu amo tivessem conseguido fazê-los vibrar, mas Castor Cinzento nunca fazia carícias nem pronunciava palavras amigas. Não tinha jeito para essas coisas. De natureza selvagem, era com selvajaria que ele governava, administrando justiça com um pau, punindo as transgressões com pancadas, e recompensando o mérito não com benevolência, mas apenas abstendo-se de bater.

Assim, Caninos Brancos ignorava que a mão de um homem podia encerrar para ele um mundo de delícias. Além disso, não gostava das mãos dos homens. Desconfiava delas. Era certo que algumas vezes serviam para dar carne, mas com mais frequência ainda, usavam-nas para causar dor. As mãos eram coisas de que convinha manter-se afastado. Atiravam pedras, brandiam paus, cacetes e chicotes, administravam pancadas e golpes e, quando lhe tocavam, procuravam sempre magoá-lo, beliscando-o, puxando-lhe o pêlo ou de qualquer outra maneira. Ao

atravessar aldeias desconhecidas aprendera que as mãos das crianças agiam também com crueldade. De uma vez, um bebê índio quase lhe arrancara um olho. Devido a estas experiências, passou a desconfiar de todas as crianças. Não as tolerava. Quando se aproximavam com as suas mãos, ele se afastava.

Numa aldeia situada junto do lago do Escravo, revoltou-o tanto a maldade das mãos humanas que chegou a transgredir a lei que lhe ensinara Castor Cinzento, isto é, que constituía crime imperdoável morder um dos deuses. Segundo o costume dos cães em todas as aldeias, Caninos Brancos andava em busca de comida quando avistou um rapaz cortando carne de alce congelada, com um machado. Os pedaços voavam, indo cair na neve, e Caninos Brancos deteve-se e começou a comer esses pedaços. Observou, então, que o rapaz pousava o machado e pegava um forte varapau. Deu então um salto, a tempo de esquivar-se à pancada. O índio perseguiu-o, e ele, ainda estranho na aldeia, meteu-se por entre duas tendas, ficando encurralado contra uma grande elevação de terreno.

Não tinha por onde escapar. A única saída era por entre as duas tendas, e aí achava-se o rapaz, que, de varapau em punho e pronto a bater, avançou sobre a sua encurralada presa. Caninos Brancos estava furioso. Fez frente ao rapaz, rosnando e de pêlo eriçado, indignado perante aquela injustiça. Conhecia a lei. Todos os desperdícios de carne, como os pedaços congelados, pertenciam ao cão que os encontrasse. Não fizera mal algum, não violara nenhuma lei e, no entanto, ali estava aquele rapaz preparado para lhe pregar uma sova. Quase nem percebeu o que se passou. Agiu sob o domínio da cólera e com tal rapidez que nem o próprio rapaz deu conta do perigo que corria. Apenas se viu derrubado, sem saber como, e que a mão que segurava o varapau fora profundamente lacerada.

Mas Caninos Brancos compreendeu que acabara de violar a lei dos deuses. Enterrara os dentes na carne sagrada de um deles e só podia contar com o mais terrível dos castigos. Fugiu para junto de Castor Cinzento, por trás de cujas pernas protetoras se agachou, quando o rapaz mordido e a família vieram reclamar vingança. Mas tiveram de ir embora sem serem atendidos. Castor Cinzento defendeu-o, e o mesmo fizeram Mit-Sah e Kloo-Kooch. Caninos Brancos, atento à vozaria que se levantou e aos gestos furiosos que a acompanhavam, compreendeu que o seu ato era justificado. E assim veio a aprender que havia deuses e deuses, os seus e os dos outros diferentes entre si. Fosse justo ou injusto, não importava, tinha de aceitar tudo das mãos dos seus próprios deuses, mas não era obrigado a aceitar a injustiça dos outros. Assistia-lhe o direito de se defender deles com os dentes. Isto constituía também uma lei dos deuses.

Antes que o dia terminasse, ele havia de aprender ainda mais acerca desta lei. Andando sozinho apanhando lenha seca na floresta, Mit-Sah encontrou o rapaz a quem Caninos Brancos mordera. Acompanhavam-no outros rapazes. Houve troca de palavras exaltadas e em seguida o grupo em peso atacou Mit-Sah. A situação deste tornava-se difícil. As pancadas choviam sobre ele de todos os lados. Ao princípio, Caninos Brancos limitou-se a observar. Era uma questão entre deuses com a qual ele nada tinha a ver. Depois compreendeu que Mit-Sah, um dos seus deuses, estava sendo espancado. Por mero impulso, sem atentar bem no que fazia, arremessou-se, cego de fúria, para o meio dos contendores. Cinco minutos depois só se viam rapazes em fuga, muitos dos quais pingando sangue sobre a neve, prova evidente de que os dentes do cachorro não tinham estado inativos. Quando Mit-Sah contou a história no

acampamento, Castor Cinzento mandou dar a Caninos Brancos, como recompensa, uma ração de carne, uma ração abundante, que o deixou empanturrado, cochilando perto do fogo. A lei que aprendera nesse mesmo dia acabava de ser comprovada.

Paralelamente com estas experiências, Caninos Brancos aprendeu a lei da propriedade e o dever de defendê-la. Da proteção do corpo dos seus deuses à proteção dos seus bens, ia apenas um passo, e ele deu esse passo. O que pertencia aos seus deuses tinha de ser defendido contra o resto do mundo - mesmo que fosse obrigado a morder outros deuses. Semelhante ato era, por natureza, não só sacrílego como também perigoso. Os deuses possuíam um poder infinito e um cão não podia competir com eles, contudo, Caninos Brancos, como lutador audaz e valente, aprendeu a enfrentá-los. O dever sobrepuja-se ao medo, e os deuses ladrões tiveram de respeitar a propriedade de Castor Cinzento.

Uma coisa aprendeu Caninos Brancos rapidamente: que um ladrão era geralmente covarde e costumava fugir ao primeiro sinal de alarme. Aprendeu também que mal ele dava esse sinal, logo Castor Cinzento aparecia em seu auxílio. Não tardou a compreender que não era com medo dele que o ladrão fugia, mas sim com medo de Castor Cinzento. Caninos Brancos passou a não ladrar. Jamais o fazia. O seu método consistia em ir direito ao intruso e enterrar nele os dentes, se possível. Devido ao seu feitio taciturno e solitário, não acompanhando nunca os outros cães, tinha qualidades excepcionais para guardar os bens do seu dono e nesse sentido foi animado e treinado por Castor Cinzento. Daí resultou Caninos Brancos tornar-se ainda mais feroz, indomável e solitário.

Passaram-se meses e o pacto entre o cão e o homem foi-se fortalecendo cada vez mais. Era o velho pacto firmado entre o homem e o primeiro lobo que abandonou a selva. E, tal como todos os outros lobos e cães selvagens que se seguiram e fizeram o mesmo, Caninos Brancos procurou cumprir o estipulado no pacto. Os termos deste eram simples. Em troca da posse de um deus de carne e osso, renunciava à sua própria liberdade. Comida e calor, proteção e companhia constituíam algumas das coisas que recebia do deus. Em contrapartida, guardava-lhe a propriedade, defendia-o, trabalhava para ele e obedecia-lhe.

A posse de um deus implica servi-lo. Caninos Brancos servia por dever e medo, mas não por amor. Não sabia o que isso era. Nunca o conhecera. Kiche era uma recordação longínqua. Além disso, não só ele renunciara à selva e à sua própria espécie, quando se entregara ao homem, como os termos do pacto eram tais que, se algum dia tornasse a encontrar Kiche, não deixaria o seu deus para segui-la. A sua submissão ao homem parecia superar tudo, superar o amor à liberdade, à espécie, à família.

CAPÍTULO 6 - A FOME

A Primavera estava já próxima quando Castor Cinzento deu por terminada a sua longa viagem. Era Abril e Caninos Brancos tinha um ano de idade quando, de regresso à aldeia, Mit-Sah o libertou dos arreios. Embora faltasse muito para atingir o seu pleno desenvolvimento, ele era, depois de Lip-Lip, o cachorro maior da aldeia. Herdara a altura e a força tanto de seu pai, o Zarolho, como de Kiche, e em comprimento já pouco tinha a invejar aos cães adultos. Mas faltava-lhe corpulência. O corpo magro e esguio

era mais resistente do que maciço. O pêlo tinha o verdadeiro tom cinzento dos lobos, dos quais possuía todas as características. O que nele havia de cão, herdado de Kiche, não se manifestava na sua constituição física, embora lhe influenciasse a mentalidade.

Vagueou pela aldeia, reconhecendo com calma satisfação os diversos deuses que conhecera antes da longa viagem. E via ali cães e cachorros que se haviam desenvolvido como ele próprio, os já adultos não pareciam tão grandes nem tão formidáveis como as imagens que deles guardava. Também já não os temia tanto como antigamente, e andava pelo meio deles com uma naturalidade que tinha tanto de novo como de agradável.

Ali estava Baseek, um velho cão cinzento, quando Caninos Brancos era mais novo, bastava mostrar-lhe os dentes para afugentá-lo, trêmulo de medo. Fora ele que lhe fizera compreender a sua própria insignificância e por ele perceberia agora das modificações e do desenvolvimento por que havia passado. Enquanto Baseek enfraquecera com a idade, esta dera a Caninos Brancos toda a força da juventude.

Foi durante a distribuição de um alce recentemente morto que Caninos Brancos se deu conta da alteração das relações entre ele e os outros cães. Coubera-lhe uma pata e uma parte do osso da canela, ao qual estava agarrado um bom pedaço de carne. Afastado dos outros animais (estava de fato escondido atrás de matagal), devorava o seu quinhão quando Baseek surgiu na sua frente. Antes de compreender o que fazia, mordeu o intruso duas vezes e afastou-se de um salto. Baseek foi apanhado de surpresa pela temeridade do outro e pela rapidez do ataque. Ficou parado olhando estupidamente para Caninos Brancos, enquanto o pedaço de osso sangrento jazia entre os dois.

Baseek era velho e já percebera que os cães com quem costumava brigar tornavam-se adversários cada vez mais temíveis. Eram experiências amargas estas, a que se via obrigado a sujeitar-se, tendo de recorrer a toda a sua sabedoria para poder, com êxito, competir com eles. Nos velhos tempos teria saltado sobre o adversário num acesso de fúria justificada. Mas, atualmente, a sua energia enfraquecida aconselhava-lhe prudência. Eriçou-se ferozmente e olhou com furor para o antagonista, por cima do pedaço de osso. E Caninos Brancos, sentindo renascer parte do terror antigo, pareceu encolher-se e tornar-se menor, ao mesmo tempo em que procurava mentalmente maneira não muito inglória de bater em retirada.

Foi então que Baseek cometeu um erro. Se houvesse se contentado em o olhar ferozmente, tudo teria corrido bem. Caninos Brancos, prestes a bater em retirada, acabaria por deixar-lhe a carne. Mas Baseek não esperou. Pensou que a vitória lhe pertencia, e adiantou-se para ela. Quando curvou a cabeça descuidadamente para a cheirar, Caninos Brancos eriçou-se levemente. Mesmo nessa altura não era ainda muito tarde para Baseek ficar senhor da situação. Se tivesse se deixado ficar simplesmente perto da carne, de cabeça levantada, fixando-o ferozmente, Caninos Brancos teria finalmente se retirado. Mas o odor forte da carne fresca penetrava nas narinas do velho cão, e a voracidade levou-o a dar uma dentada.

Caninos Brancos não agüentou mais. Após aqueles meses de domínio sobre os outros cães da sua matilha, não conseguiu conservar-se inativo enquanto o outro devorava a carne que lhe pertencia. Atacou sem aviso prévio, conforme era seu hábito. À primeira dentada, rasgou a orelha de Baseek em tiras. Este ficou estupefato com a rapidez do ataque. Mas outras coisas, e mais graves, estavam acontecendo com igual rapidez. Foi derrubado. Morderam-lhe a garganta e enquanto se esforçava por se pôr

de pé, o jovem cão enterrou-lhe os dentes por duas vezes na espádua. A prontidão com que tudo aquilo se processou era estonteante. Fez uma tentativa inútil para morder Caninos Brancos, mas apenas deu no ar uma dentada enfurecida. Logo a seguir sentiu que lhe rasgavam o focinho e começou a recuar, cambaleando e afastando-se da carne.

A situação tinha-se invertido. Caninos Brancos permanecia agora perto do osso, eriçado e ameaçador, enquanto Baseek, um pouco afastado, se preparava para bater em retirada. Não ousava arriscar-se a lutar com animal tão ágil e conheceu de novo, e mais amargamente do que nunca, o enfraquecimento resultante da idade. Foi heróica a sua tentativa para manter a dignidade. Calmamente, voltou costas ao cão jovem e ao osso, como se os não tivesse notado nem sequer fossem dignos da sua atenção, e afastou-se majestosamente. E só quando ficou fora da vista do outro é que parou para lambe as feridas que sangravam.

Esta vitória de Caninos Brancos teve como efeito dar-lhe mais confiança em si próprio e aumentar-lhe o orgulho. Já não se movia tão cautelosamente por entre os cães adultos, a sua atitude para com eles era menos acomodaticia. No entanto, procurava não se meter em problemas. Longe disso. Mas exigia ser tratado com consideração. Defendia o direito de prosseguir o seu caminho sem ser molestado e sem ter de dar passagem a outro cão. Queria gozar da consideração dos outros, e era tudo. Já não podia ser ignorado nem desprezado como os cachorros, como continuava a suceder com os cães da sua idade. Estes afastavam-se do caminho, davam a vez aos cães adultos e cediam-lhes a carne quando ameaçados. Mas Caninos Brancos, solitário, taciturno, mal desviando o olhar para a direita ou para a esquerda, formidável, de aspeto temível, distante e estranho, era aceito como um igual pelos intrigados cães mais velhos. Depressa aprenderam a deixá-lo só, não ousando hostilizá-lo nem tão pouco fazer um gesto de amizade. Se o deixassem em paz, ele pagava-lhes na mesma moeda - situação que, após alguns encontros, todos acharam altamente desejável.

No meio do Verão, Caninos Brancos teve uma surpresa. Trotando no seu passo silencioso, para investigar uma nova tenda que fora erguida na extremidade da aldeia enquanto andara por fora com os caçadores, no rastro dos alces, achou-se diante de Kiche. Deteve-se para olhá-la. Lembrava-se dela muito vagamente, mas lembrava-se, contudo, o mesmo não podia se dizer da cadela. Kiche arreganhou-lhe os dentes, naquele familiar rosnado ameaçador, e Caninos Brancos recordou-se então claramente. A sua infância esquecida, tudo quanto estava associado àquele rosnado familiar, acudiu-lhe ao espírito. Antes de ter conhecido os deuses, ela constituía o centro do seu universo. As velhas sensações familiares desse tempo renasceram, elevaram-se dentro dele. Dirigiu-se alegremente para a mãe, que o recebeu de presas em riste e boca escancarada. Sem compreender, Caninos Brancos recuou, confuso e intrigado.

Mas a culpa não cabia a Kiche. Uma loba não pode lembrar-se dos seus filhotes do ano anterior. Ela não se recordava de Caninos Brancos. Este era um animal desconhecido, um intruso. E a sua ninhada atual justificava o aborrecimento com que acolhia aquela intrusão.

Uma das crias rastejou até ao recém-chegado. Eram meios-irmãos, mas não o sabiam. Caninos Brancos farejou-a com curiosidade e logo Kiche o atacou, ferindo-lhe o focinho duas vezes. Ele afastou-se. As recordações e o antigo afeto morreram de novo e enterraram-se no túmulo de onde haviam ressuscitado. Observou Kiche, que

lambia a cria e se detinha de vez em quando para lhe rosnar. Já não precisava da mãe para nada. Tinha aprendido a passar sem ela. O que representava estava esquecido. No futuro, nada seriam um para o outro.

Continuava parado no mesmo lugar, estupefato e perplexo, esquecidas as recordações, sem compreender o que se passava, quando Kiche o atacou pela terceira vez, na intenção de afastá-lo das redondezas. E Caninos Brancos fez-lhe a vontade. Era, afinal, uma fêmea da sua espécie e, segundo a lei, os machos não devem lutar com as fêmeas. Ele não conhecia esta lei por experiência. Conhecia-a por instinto, pelo mesmo instinto que o fazia uivar à Lua e às estrelas da noite e lhe inspirava o medo à morte e ao desconhecido.

Passaram-se meses. Caninos Brancos ia se tornando mais forte, mais pesado e mais maciço, enquanto o seu caráter se formava de acordo com as influências da hereditariedade e do ambiente. A hereditariedade, matéria viva semelhante ao barro, era susceptível de ser trabalhada de mil formas diferentes. O ambiente servia para moldá-la, dar-lhe uma forma determinada. Desta maneira, se Caninos Brancos nunca houvesse se aproximado do fogo dos homens, a selva o teria moldado como um verdadeiro lobo. Mas os deuses haviam-no colocado num mundo diferente, que fez dele um cão com características de lobo, mas um cão e não um lobo.

Assim, em conformidade com o barro da sua natureza e as exigências do meio, o caráter dele ia tomando uma forma especial. Era inevitável. Tornava-se cada vez mais taciturno, mais insociável, mais solitário, mais feroz, por seu lado, os cães percebiam cada vez melhor que era preferível viver em paz com ele, e Castor Cinzento de dia para dia o apreciava mais.

Caninos Brancos, parecendo a personificação da força em todas as suas modalidades, tinha, no entanto uma fraqueza permanente. Não suportava que rissem dele. O riso dos homens constituía para si uma coisa odiosa. Se rissem entre si, fosse do que fosse, não se importava. Mas se esse riso o tinha como objeto, ficava possuído de uma fúria terrível. Uma gargalhada, embora grave, digna ou melancólica, tornava-o ridiculamente frenético. Enfurecia-o e perturbava-o de tal maneira que durante horas se comportava como um demônio. Ai do cão que nesse momento colidisse com ele! Conhecia a lei muito bem para proceder de modo igual com Castor Cinzento. Este era um deus, armado com um varapau, mas os cães não passavam de cães, e era sobre eles que exercia a sua vingança, quando entrava em cena louco de raiva por ter sido objeto de riso.

No terceiro ano da sua existência houve um período de grande fome entre os índios do rio Mackenzie. No Verão faltou o peixe. No Inverno, o caribu abandonou os locais onde costumavam caçá-lo. O alce escasseava, os coelhos desapareceram quase por completo, e outros animais, mesmo os carnívoros, pereciam. Privados do seu habitual sustento, enfraquecidos pela fome, atacavam-se e devoravam-se uns aos outros. Só os fortes sobreviveram. Os deuses de Caninos Brancos andavam sempre à caça. Os velhos e os fracos morreram de fome. Havia choro na aldeia, onde as mulheres e as crianças se privavam de tudo para que o pouco que tinham fosse guardado para os caçadores magros e de olhos encovados que palmilhavam, em vão, a floresta em busca de carne.

A tais extremos chegaram os homens que comeram o couro macio dos seus mocassins e mitenes, enquanto os cães devoravam os arreios e os próprios chicotes. Também os cães se comeram uns aos outros, e os deuses viram-se obrigados a

comê-los também. Os mais fracos e os menos valiosos foram as primeiras vítimas. Os sobreviventes observavam e compreendiam. Alguns, mais ousados e sensatos, abandonaram as fogueiras dos deuses, que agora tinham se tornado um lugar de carnificina, e fugiram para a floresta, onde acabaram por morrer de fome ou ser devorados pelos lobos.

Nessa época de infortúnio também Caninos Brancos escapou para o bosque. Estava mais bem preparado para esta vida do que os outros cães, pois tinha a experiência da sua infância para orientá-lo. Em breve a sua especialidade consistia em espreitar e caçar pequenos seres vivos. Ficava escondido durante horas, seguindo todos os movimentos de um esquilo cauteloso, esperando, com uma paciência só comparável à fome atroz que o acicatava, até que o animalzinho se aventurava a descer ao chão. Nem nessa altura Caninos Brancos se precipitava. Esperava até ter certeza de poder apanhá-lo antes que ele conseguisse refugiar-se numa árvore. Então, e só então, saía como um raio do seu esconderijo, qual projétil cinzento de velocidade incrível, jamais errando o alvo - o esquilo em fuga, incapaz de lhe escapar.

Apesar do êxito da sua caça aos esquilos, uma dificuldade o impedia de se alimentar e engordar à custa deles. É que esses animais escasseavam. Assim, se viu obrigado a caçar coisas ainda menores. Atormentado pela fome, chegou mesmo a arrancar ratos das suas tocas no chão. Também não desdenhava as doninhas, tão famintas como ele e muito mais ferozes.

Quando a fome era mais insuportável, voltava a aproximar-se da aldeia dos deuses. Mas conservava-se afastado, escondido na floresta, evitando ser descoberto, e então roubava as raras armadilhas em que havia caça. Chegou mesmo a roubar um coelho da armadilha de Castor Cinzento, uma vez em que este percorria, cambaleando, a floresta, sentando-se amiúde para descansar, devido à fraqueza e a falta de fôlego.

Um dia Caninos Brancos encontrou um lobo novo, magro e esquelético, fraco devido à fome. Se não estivesse também com fome, Caninos Brancos talvez se lhe tivesse juntado e reunido a uma alcatéia dos seus irmãos selvagens. Na ocasião pensou, porém, apenas em atacá-lo, e depois de matá-lo, em comê-lo.

A sorte parecia favorecê-lo. Sempre que se via acochado pela fome, deparava-se com qualquer coisa para matar. E quando estava fraco, teve sempre a sorte de se não encontrar com qualquer grande carnívoro. Havia dois dias que se alimentava abundantemente com um lince que havia caçado, quando o descobriu uma alcatéia faminta. Esta moveu-lhe tenaz perseguição, mas ele, melhor alimentado do que os seus adversários, conseguiu, finalmente, escapar-lhes. E não só lhes escapou como, descrevendo um círculo, veio por trás apanhar um dos seus exaustos perseguidores.

Em seguida abandonou aquela parte da região e encaminhou-se para o vale onde nascera. Aí, no antigo covil, encontrou Kiche. Também ela, usando as suas velhas artimanhas, tinha abandonado a companhia inóspita dos deuses e voltara ao seu antigo refúgio para dar à luz. Desta ninhada restava apenas um filhote quando Caninos Brancos apareceu, e mesmo esse não sobreviveria muito tempo. Vidas tenras não tinham chances de vingar, sob uma fome daquelas.

O acolhimento que Kiche dispensou ao seu filho crescido não foi nada afetoso. Mas Caninos Brancos não se importou. Tinha superado a mãe em crescimento. Assim voltou costas filosoficamente e continuou a trotar rio acima. Na bifurcação voltou à

esquerda, onde encontrou o covil do lince com o qual ele e a mãe tinham lutado havia muito tempo. Instalou-se ali e descansou um dia.

No princípio do Verão, nos últimos dias de fome, encontrou Lip-Lip, que igualmente fugira para a floresta, onde levava uma vida miserável. Caninos Brancos avistou-o inesperadamente. Avançando em direções opostas, ao longo da base da encosta escarpada, contornando um rochedo, encontraram-se frente a frente. Detiveram-se alarmados, fitando-se com desconfiança.

Caninos Brancos achava-se em esplêndidas condições físicas. Durante a última semana a sorte favorecera-o e alimentara-se bem. A sua última presa deixara-o mesmo empanturrado. Assim que avistou Lip-Lip, o pêlo eriçou-se na longo do lombo, sem qualquer intervenção da sua vontade, tratava-se, simplesmente, da repetição de uma reação reflexa a que antigamente o conduzia o estado mental provocado pela continua perseguição do velho inimigo. O que antes lhe sucedia repetia-se agora automaticamente, e até soltou um rosnado. Mas não perdeu tempo, agiu com a rapidez e eficiência habituais. Lip-Lip ainda tentou bater em retirada, mas Caninos Brancos arremessou-se violentamente contra ele, bateu-lhe com a espádua e atirou-o ao chão, fazendo-o rolar de costas, e logo os dentes se enterraram na garganta esquelética. Enquanto Lip-Lip agonizava, Caninos andou à volta, de pernas retesadas, observando. Depois retomou o seu caminho e continuou a trotar ao longo da base da escarpa.

Decorridos poucos dias chegou à extremidade da floresta, no lugar onde uma nesga de terra desarborizada descia até ao Mackenzie. Já ali estivera antes e achara-a deserta, mas agora se erguia naquele local uma aldeia. Continuando escondido entre as árvores, deteve-se para estudar a situação. Os ruídos e os odores eram-lhe familiares. Tratava-se da sua velha aldeia, que haviam mudado para ali. Mas agora os ruídos e os odores eram diferentes. Não havia gemidos nem lamentações. Sons alegres chegavam-lhe ao ouvido, e quando escutou a voz zangada de uma mulher, compreendeu que era a ira proveniente de um estômago cheio. No ar flutuava um cheiro de peixe. Havia comida. A fome acabara. Abandonou sem hesitação a floresta e penetrou no acampamento, indo direito à tenda de Castor Cinzento. Este não estava, mas Kloo-Kooch acolheu-o com gritos de alegria e atirou-lhe um peixe inteiro acabado de pescar. Ele comeu-o e deitou-se à espera do regresso de Castor Cinzento.

Quarta Parte

CAPÍTULO 1 - O INIMIGO DA SUA ESPÉCIE

Se na natureza de Caninos Brancos tinha existido qualquer possibilidade, por muito remota que fosse, de ele alguma vez confraternizar com a sua raça, essa possibilidade ficou irremediavelmente destruída, quando se tornou chefe da matilha que puxava o trenó. Então, os outros cães passaram a odiá-lo, tanto pela carne extra que lhe era distribuída por Mit-Sah e pelo favoritismo, real ou imaginário, que lhe dispensavam, como por vê-lo correr sempre à sua frente, com a cauda farfalhada abanando e as patas traseiras em constante fuga.

E Caninos Brancos retribuía-lhes o ódio com intensidade igual. Não lhe agradava de modo algum a posição que agora ocupava. Ver-se obrigado a correr diante da matilha ululante, cujos cães, sem exceção, durante três anos sovava e dominara, era algo quase superior às suas forças. Mas tinha de suportá-lo ou então perecer, e aquele caudal de vida que em si encerrava não podia permitir sequer esta última hipótese. Assim que Mit-Sah deu ordem de partida, a matilha inteira, soltando gritos ávidos e selvagens, avançou sobre Caninos Brancos.

Não tinha defesa alguma. Se virasse contra eles, Mit-Sah o chicotearia no focinho. Só lhe restava correr. Não podia enfrentar aquela horda ululante com a cauda e as patas traseiras - armas bem pouco apropriadas para lutar contra tantas presas cruéis. Por isso corria, violando a sua própria natureza e orgulho, a cada salto que dava, e assim prosseguiu o dia inteiro.

Não se podem contrariar os impulsos da própria natureza sem causar um retraimento. Sucede o mesmo que com um cabelo que, em vez de se afastar do corpo, do qual procede, se encrava na pele onde se enrosca formando um foco infeccioso. Assim acontecia com Caninos Brancos. Todos os seus impulsos o impeliam a saltar sobre a matilha que rosnava nos seus calcanhares, mas a vontade dos deuses proibia-lhe tal procedimento e por trás dessa vontade, para a reforçar, havia o chicote de tripa de caribu, de dez metros de comprimento. Por isso, ele engolia a sua amargura e ia alimentando um ódio e uma maldade proporcionais à ferocidade indomável da sua natureza.

Entre as criaturas que acabaram por se tornar inimigas da sua própria raça, podia contar-se indiscutivelmente Caninos Brancos. Não pedia tréguas nem as dava. Via-se continuamente açoitado e marcado pelos dentes dos componentes da matilha, e continuamente também deixava neles as suas marcas. Ao contrário de muitos guias, quando o acampamento era armado e os cães desatrelados, não ia se refugiar junto dos deuses em busca de proteção. Caninos Brancos dispensava-a. Passeava por toda a parte de cabeça levantada, devolvendo, à noite, as injúrias recebidas durante o dia. Antes de o terem feito guia de matilha, acostumara os companheiros a afastar-se do seu caminho. Mas agora era diferente. Excitados pela corrida no seu encalço, influenciados, subconscientemente, pelo constante espetáculo da sua fuga diante de toda a matilha, dominados pela sensação de superioridade que haviam experimentado durante o dia, os cães não se convenciam a dar-lhe passagem. Quando aparecia entre eles, havia sempre briga. E só à custa de rosnados e dentadas conseguia prosseguir no seu caminho. A própria atmosfera que respirava parecia saturada de ódio e maldade, e isto servia apenas para aumentar ainda mais o ódio e a maldade que lhe

cresciam no íntimo.

Quando Mit-Sah dava ordem à matilha para parar, Caninos Brancos obedecia. Ao princípio, isto produziu certa desordem entre os outros cães, pois todos queriam atirar-se ao odiado guia, mas então as situações invertiam-se, pois Mit-Sah acorria de chicote sibilante em punho e eram eles que tinham de fugir. Assim, acabaram por compreender que, quando a matilha recebia ordem de parar, tinham de deixar Caninos Brancos em paz. Se, porém, o guia parava sem que o tivessem ordenado, nesse caso era-lhes permitido atacá-lo e dar cabo dele, se o conseguissem. Após algumas experiências deste gênero, Caninos Brancos nunca mais se deteve sem para tal receber ordem. Aprendia rapidamente, e só assim conseguia sobreviver nas condições invulgarmente duras que o mundo lhe outorgara.

Os cães não conseguiam, porém, aprender a deixá-lo em paz. Cada dia que passavam latindo e correndo atrás dele fazia-os esquecer a lição da noite anterior. Ao fim da tarde as lutas recomeçavam e logo as esqueciam com rapidez igual. Além disso, tinham fortes razões para não gostar dele. Pressentiam entre eles próprios e Caninos Brancos uma diferença de raça - causa mais do que suficiente para a sua hostilidade, não passavam, na verdade, também de lobos domesticados, mas domesticados havia já inúmeras gerações, e muitas das suas primitivas características tinham-se perdido, de tal forma que, para eles, a vida selvagem constituía o desconhecido, terrível, sempre ameaçador e sempre hostil. Mas em Caninos Brancos, tanto na aparência como na prática, predominavam os impulsos bravios. Simbolizava-os, personificava-os. Deste modo, quando lhe arreganhavam os dentes, os cães estavam defendendo-se das forças de destruição que se ocultavam nas sombras da floresta e na escuridão, para além das fogueiras do acampamento.

Mas houve uma lição que os cães aprenderam: a de se conservarem juntos. Caninos Brancos era terrível demais para que qualquer deles pudesse defrontá-lo sozinho. Enfrentavam-no em massa, de contrário ele os mataria um a um, numa só noite. Assim, nunca tinha oportunidade de fazê-lo. Às vezes conseguia derrubar um cão, mas os outros saltavam-lhe logo em cima, antes que ele pudesse aplicar o golpe mortal na garganta do companheiro. Ao primeiro sinal de conflito, toda a matilha se reunia e fazia-lhe frente. Os cães tinham brigas uns com os outros, mas estas eram esquecidas quando se levantava uma zaragata com Caninos Brancos.

Por outro lado, embora o tentassem, não conseguiam matá-lo. Ele era rápido demais, formidável demais, esperto demais. Evitava os lugares apertados e esquivava-se sempre, se estavam prestes a encurralá-lo. Quanto a derrubá-lo, nunca nenhum o conseguira. As suas patas pareciam agarradas à terra com a mesma tenacidade com que ele se agarrava à vida. Manter-se de pé era sinônimo de sobrevivência, neste eterno estado de guerra com a matilha e ninguém o sabia melhor do que Caninos Brancos.

Viu-se, pois, convertido em inimigo da sua raça - daqueles lobos domesticados que o calor das fogueiras e a força e proteção dos homens haviam amolecido e debilitado. Caninos Brancos era cruel e implacável. Assim o haviam moldado. Declarou vendeta contra todos os cães. E tão terrivelmente executava essa vendeta que o próprio Castor Cinzento, apesar de toda a sua selvajaria, não podia deixar de se espantar com tal ferocidade. Jamais, asseverava o índio, houvera um cão semelhante àquele e os índios das outras aldeias afirmavam outro tanto, quando sabiam dos morticínios praticados por ele entre os seus irmãos de raça.

Quando Caninos Brancos tinha quase cinco anos, Castor Cinzento levou-o consigo numa outra grande viagem, e muito tempo depois ainda se recordava da matança praticada por ele entre os cães das várias aldeias, ao longo de Mackenzie, através das Rockies e pelo Porcupine abaixo até ao Yukon. Gozava a vingança que exercia sobre os da sua raça - animais vulgares e confiantes que não estavam preparados para a rapidez e prontidão com que os atacava, sem pré-aviso. Não sabiam que Caninos Brancos era um raio da morte. Eriçavam o pêlo e desafiavam-no de pernas esticadas, enquanto ele, sem perder tempo com preliminares cerimoniais, saltava qual mola de aço, pegava-os pela garganta e matava-os antes que os desgraçados, atônitos de surpresa, percebessem o que acontecia.

Tornou-se mestre consumado na luta. Poupava-se. Nunca desperdiçava forças, nunca se envolvia em rixas inúteis. Atacava logo e, se falhava o golpe, retirava-se com rapidez igual. Tinha no mais elevado grau a fobia de todos os lobos por espaços apertados. Não suportava um contato prolongado com outro corpo. Sugeria-lhe perigo. Enlouquecia-o. Tinha de estar afastado, livre, independente, sem sentir o contato de qualquer outra coisa viva. Eram vestígios da vida selvagem, reivindicando os seus direitos. Este sentimento fora reforçado nos primeiros meses da sua infância. O contato constituía um perigo, uma armadilha - uma armadilha oculta, sentia-o ele bem no fundo de si próprio, em cada fibra do seu corpo.

Em consequência disto, os cães desconhecidos com que lutava não tinham a menor chance de vencê-lo. Esquivava-se às suas presas. Ou os apanhava ou escapava, sempre incólume em qualquer das hipóteses. Naturalmente, havia exceções. Por vezes era atacado por vários cães, que o feriam antes que pudesse se esgueirar e outras, um só cão conseguia golpeá-lo profundamente. Mas tratava-se de meros acidentes. Com efeito, tinha-se tornado um lutador tão experimentado que saía sempre ileso das contendidas.

Outra das vantagens que possuía era a de calcular corretamente o tempo e a distância. Não é que procedesse de modo consciente. Não calculava coisa alguma. Era tudo automático. Possuía vista apurada, e os nervos transmitiam a sensação visual ao cérebro com toda a precisão. Os seus órgãos constituíam um conjunto melhor ajustado do que os da maioria dos outros cães. Funcionavam mais fácil e regularmente. A sua coordenação nervosa, mental e muscular, era superior, muito superior. Quando a vista lhe transmitia ao cérebro a imagem de uma ação, este, sem esforço consciente, conhecia o momento e o espaço necessários para realizá-la. Desta maneira podia evitar o salto de outro cão, e os seus dentes, e simultaneamente adivinhar a fração infinitesimal de tempo propícia para desencadear o seu próprio ataque. Corpo e cérebro constituíam um mecanismo perfeito. Mas não lhe cabia ponta de mérito por isso. Apenas a Natureza se mostrava mais generosa com ele do que com a maioria dos outros animais.

Caninos Brancos chegou ao forte Yukon em pleno estio. Castor Cinzento atravessara a grande linha divisória de águas entre o Mackenzie e Yukon, nos fins do Inverno, e passara a Primavera caçando nos contrafortes afastados a ocidente das Montanhas Rochosas. Depois, quando o gelo se derreteu no Porcupine, construiu uma canoa e remou rio abaixo até à confluência com o Yukon, um pouco ao sul do Círculo ártico, onde se situava o velho forte da companhia Hudson. Ali havia muitos índios, muita comida, uma agitação nunca vista. Era o Verão de 1898 e milhares de pesquisadores de ouro subiam o Yukon até Dawson e o Klondike. Ainda a centenas de

milhas de distância do seu destino, muitos deles viajavam havia já um ano, e o menos que qualquer deles percorreria para ali chegar fora cinco mil milhas, enquanto alguns tinham vindo do outro lado do mundo.

Castor Cinzento parou ali. Como lhe haviam chegado aos ouvidos boatos da corrida ao ouro, trouxera vários fardos de peles e um outro de mitenes e mocassins cosidas com tripa. Nunca teria se aventurado a uma viagem tão longa se não esperasse obter grandes lucros. Mas os que ele esperava não eram nada comparados com os que conseguiu. Os seus sonhos mais loucos não excediam o lucro de cem por cento. Fez mil por cento. E, como um autêntico índio, instalou-se para negociar cuidadosa e calmamente, mesmo que levasse o Verão todo e o resto do Inverno vendendo as suas mercadorias.

Foi no forte Yukon que Caninos Brancos viu o primeiro homem branco. Comparado com os índios que conhecia, os brancos eram para ele uma raça diferente, uma raça de deuses superiores. Deram-lhe a impressão de possuírem um poder excepcional, e é no poder que se afirma a superioridade dos deuses. Caninos Brancos não raciocinou sobre o caso, o seu cérebro não chegou à nítida generalização de que os deuses brancos eram mais poderosos. Tratava-se de uma sensação, nada mais, nem por isso, contudo menos forte. Tal como na infância os vultos das tendas erguidas pelo homem o haviam impressionado como manifestações de poder, assim o impressionavam agora as casas e o grande forte de cepos maciços. Aquilo significava poder. Aqueles deuses brancos eram fortes. Possuíam mais domínio sobre a matéria do que os deuses que ele conhecia, o mais poderoso dos quais era Castor Cinzento. E, no entanto, este não passava de um deus insignificante entre aqueles outros de pele branca.

Claro que se tratava apenas de impressões, recebidas inconscientemente. No entanto, como por elas, mais do que pelo raciocínio, é que os animais se guiam, as ações de Caninos Brancos baseavam-se agora na sensação de que os homens brancos eram deuses de classe superior. Ao princípio olhava-os com receio. Ignorava que terrores desconhecidos eles possuiriam, que dores desconhecidas poderiam infligir. Olhava-os com curiosidade, cheio de receio de que reparassem nele. Nas primeiras horas contentou-se em observá-los furtivamente, mantendo-se a prudente distância. Depois verificou que nenhum mal acontecia aos cães que estavam junto deles e aproximou-se mais.

Em contrapartida, foi objeto de grande curiosidade por parte deles. A sua aparência de lobo imediatamente lhes despertou a atenção, e começaram a apontá-lo uns aos outros. Aquele simples gesto bastou para pôr Caninos Brancos em guarda e, quando tentaram aproximar-se, mostrou-lhes os dentes e retrocedeu. Nenhum conseguiu tocar-lhe, e ainda bem.

Caninos Brancos depressa compreendeu que muito poucos daqueles deuses - não mais de doze - viviam ali. Com intervalos de dois ou três dias, um vapor (outra manifestação colossal de poder) atracava na margem e demorava-se algumas horas. Os homens brancos desembarcavam por curto espaço de tempo e depois iam embora outra vez. Pareciam inúmeros os brancos. No primeiro dia viu maior número deles do que vira de índios em toda a sua vida e, à medida que os dias passavam, continuavam a chegar mais que ali paravam e depois prosseguiram viagem rio acima e desapareciam.

Mas, se os deuses brancos eram todo-poderosos, os cães deles não prestavam

para grande coisa. Em breve Caninos Brancos o descobriu, ao misturar-se com os que desembarcavam na companhia dos donos. Eram de tamanho e força irregulares. Alguns tinham pernas curtas, muito curtas. Outros, compridas, muito compridas. O pêlo que lhes cobria o corpo era diferente. Alguns quase não tinham cauda. E nenhum deles sabia lutar.

Como inimigo da sua espécie, competia a Caninos Brancos lutar com eles, e assim fez. E o desprezo que logo lhe inspiraram foi imenso. Mostravam-se lentos e irresolutos, faziam muito barulho e debatiam-se desajeitadamente, tentando obter pela força bruta o que ele conseguia pela destreza e astúcia. Quando o acometiam, ladrando, de um salto arrumava-se para o lado, deixando-os completamente desorientados, então atacava-os na espádua, derrubava-os e cravava-lhes os dentes na garganta.

Às vezes a dentada obtinha êxito, e o animal atingido rolava na poeira e os cães índios que assistiam à luta tomavam-no à sua conta e despedaçavam-no. Caninos Brancos era prudente. Aprendera havia muito que os deuses se enfureciam, quando lhes matavam os cães. Os homens brancos não constituíam exceção. Por isso tratava de afastar-se depois de ter derrubado e aberto a garganta dos cães deles, deixando que os outros acabassem de liquidá-los. Era então que os homens brancos acorriam, desabafando a sua cólera na matilha, enquanto Caninos Brancos se afastava tranquilamente. Parava a pequena distância, observando os paus, pedras e machados que caíam sobre os outros cães. Caninos Brancos era muito astuto.

Os outros cães também iam ganhando astúcia, mas Caninos Brancos superava-os de longe. Aprenderam que era quando os vapores atracavam na praia que eles mais se divertiam. Depois de terem sido abatidos e mortos dois ou três cães, os homens brancos retinham os restantes a bordo e exerciam vingança selvagem sobre os culpados. Um homem branco, tendo visto, diante dos seus olhos, fazer em pedaços o seu cão, um "setter", puxou do revólver, disparou rapidamente seis vezes, e seis cães da matilha caíram mortos ou agonizantes - outra manifestação de poder, que impressionou profundamente Caninos Brancos.

Este gozava com tudo aquilo. Não gostava da sua raça e era astuto bastante para se esquivar ileso. A princípio, o morticínio dos cães dos homens brancos constituía um divertimento. Ao cabo de algum tempo tornou-se a sua ocupação. Não tinha nada que fazer. Castor Cinzento andava muito atarefado, enriquecendo com o negócio. Assim, Caninos Brancos vagueava pelo desembarcadouro, em companhia do bando de cães índios, à espera dos vapores. Com a chegada de um barco, começava a brincadeira. Após alguns minutos, mais ou menos quando os homens brancos se recobravam da surpresa, o bando dispersava. O divertimento acabara, até à chegada de novo barco.

Mas não se poderia dizer que Caninos Brancos fazia parte do bando. Não se misturava com ele, mantinha-se afastado e era até temido pelos companheiros. Na verdade só trabalhava com eles. Começava a briga com o cão desconhecido, enquanto os outros esperavam para se atirar sobre a vítima no momento oportuno. Mas é também certo que se afastava então, deixando que o bando recebesse o castigo dos deuses enraivecidos.

Não era difícil promover as brigas. Bastava-lhe mostrar-se, quando os cães recém-chegados desembarcavam. Mal o viam, corriam na sua direção, obedecendo ao instinto. Para eles, Caninos Brancos representava o mundo selvagem e desconhecido,

a raça terrível, ameaçadora, que rondava no escuro, em volta das fogueiras do mundo primitivo, enquanto eles, encolhidos junto dessas mesmas fogueiras, domesticavam os seus instintos, aprendendo a rezear aquele ambiente selvagem de onde procediam e que haviam abandonado e traído. Através de todas as gerações, transmitindo-se de uma a outra, gravara-se bem fundo nas suas naturezas esse medo da selva. Durante séculos, ela tornara-se sinônimo de terror e destruição. E, entretanto, os donos davam-lhes toda a licença de matarem os animais selvagens. Ao fazê-lo protegiam-se tanto a si como aos deuses, em companhia de quem viviam.

Assim, recém-vindos do mundo fácil do Sul, esses cães, ao descerem pela prancha de desembarque e pisarem a praia dos Yukon, mal viam Caninos Brancos, sentiam o impulso irresistível de o atacarem e destruírem. Apesar de tratar-se de cães criados na cidade, possuíam medo instintivo aos animais selvagens. Não era só através dos seus próprios olhos que viam, à clara luz do dia, aquela espécie de lobo. Viam-no também com os olhos dos seus antepassados, e o instinto hereditário levava-os a atacá-lo.

Tudo isto tornava divertidos os dias de Caninos Brancos. Se a sua aparição bastava para que os cães desconhecidos o atacassem, tanto melhor para ele e tanto pior para os seus inimigos. Estes o consideravam uma presa legítima e ele tinha-os na mesma conta.

Não fora em vão que vira pela primeira vez a luz do dia num covil isolado e travara as suas primeiras lutas com a ptarmiga, a doninha e o lince. Não fora em vão que a sua infância fora amargurada pela perseguição de Lip-Lip e da matilha inteira de cachorros. Se as coisas houvessem corrido de outro modo, talvez agora ele fosse diferente. Se Lip-Lip não tivesse existido, se Caninos Brancos tivesse passado a sua infância na companhia dos outros cachorros, talvez existissem nele mais características de cão e mostrasse mais simpatia pela sua raça. Se Castor Cinzento possuísse a sensibilidade chamada carinho, chamada amor, poderia ter tocado o fundo da natureza de Caninos Brancos e feito vir à superfície toda a espécie de qualidades boas. Mas tal não acontecera e, assim, o barro adquirira nesses moldes a forma que hoje tinha, a de um ser taciturno e solitário, desafetuoso e feroz, inimigo de toda a sua raça.

CAPÍTULO 2 - O DEUS LOUCO

Eram em pequeno número os homens brancos que viviam no forte Yukon, e encontravam-se ali havia muito tempo. Alcinhavam-se a si próprios de "massa azeda", e tinham grande orgulho no epíteto. Com os demais, os novatos na região, mostravam-se desdenhosos e aos que acabavam de desembarcar denominavam "chechaquos", alcunha que estes aborreciam e que derivava do fato de utilizarem fermento no fabrico do pão. Os velhos colonos, pelo contrário, que não dispunham de fermento, usavam massa azeda, e daí o seu cognome.

Além de desprezarem os recém-chegados, os homens do forte regozijavam-se com as suas infelicidades. Regozijavam-se, principalmente, com o morticínio causado entre os seus cães por Caninos Brancos e sua matilha. Quando chegava um barco, eles não prescindiam de vir até à margem presenciar o espetáculo. Esperavam-no com tanta impaciência como os cães índios, e não poupavam elogios às astuciosas

selvajarias perpetradas por Caninos Brancos.

Mas havia entre eles um homem que apreciava especialmente aquele espetáculo. Vinha logo correndo mal ouvia o apito de um vapor e, quando a luta terminava e Caninos Brancos e a matilha dispersavam, voltava vagarosamente para o forte, com a mágoa estampada no rosto. Às vezes quando um manso cão sulista era derrubado, soltando ganidos de agonia sob as presas da matilha, ele dava saltos no ar e gritava de júbilo. E nem por um momento apartava os olhos cobiçosos de Caninos Brancos.

Os outros homens do forte tratavam-no por "Beleza". Na região ninguém sabia o seu nome próprio, e todos o conheciam por "Beleza" Smith. Mas nada tinha de belo. A alcunha fora posta por antítese. Era feíssimo. A Natureza não o favorecera de modo nenhum. Sobre um tronco excessivamente pequeno assentava uma cabeça diminuta. Podia se dizer que a extremidade do seu débil arcabouço era aguçada. Na realidade, na sua juventude, antes de o alcunharem de "Beleza", chamavam-lhe "Cabeça de Alfinete".

O crânio, na parte de trás, era afilado desde o topo até à nuca e o mesmo acontecia na frente, até encontrar uma testa baixa e de largura desconforme. A partir daí, e como para se penitenciar da sua parcimônia, a Natureza desenhara-lhe as feições com a maior generosidade. Tinha olhos enormes, e entre eles havia espaço para outros dois, o rosto, em relação ao resto do corpo, era prodigioso, dotado com maxilas alongadas e proeminentes e o queixo, largo e maciço, alongava-se para baixo até parecer pousar no peito. Talvez isso se devesse à impossibilidade do magro pescoço suportar convenientemente tão grande peso.

Um queixo assim dá a impressão de caráter decidido e feroz, mas tal não acontecia com aquele, decerto devido às suas dimensões - talvez pecasse por excesso. De qualquer forma, "Beleza" Smith não possuía tais atributos - era unanimemente reconhecido como o mais abjeto, vil e covarde dos hipócritas. Tinha os dentes grandes e amarelos, e os dois caninos, maiores do que os restantes, sobressaíam dos delgados lábios, como as presas de alguns carnívoros. Os olhos, de um amarelo turvo, faziam pensar que a Natureza, por falta de pigmentos, ali houvesse misturado os restos de todos de que dispunha. Acontecia o mesmo com o cabelo, ralo e mal distribuído, amarelo-sujo, brotando da cabeça e da cara em mechas e tufos dispersos, qual seara pisada e batida pelo vento.

Resumindo, "Beleza" Smith era uma monstruosidade, e não lhe cabia a culpa. Assim o havia moldado a Natureza. Cozinhava para os restantes homens do forte, lavava os pratos e fazia os trabalhos enfadonhos. Os outros não o desprezavam, toleravam-no com humanidade, como se tolera qualquer criatura maltratada pela Natureza. E temiam-no também. Os seus ataques de cólera covarde faziam-nos recear um tiro nas costas ou veneno no café. Mas alguém tinha de cozinhar e, por muitos que fossem os seus defeitos, "Beleza" Smith cozinhava bem.

Era este o homem que admirava Caninos Brancos, maravilhado com a sua coragem feroz, e desejava possuí-lo. Logo de início tentou aproximar-se dele, mas sem o menor êxito. Depois, quando as tentativas de aproximação se tornaram mais insistentes, Caninos Brancos eriçava-se, mostrava-lhe os dentes e afastava-se. Não gostava daquele homem. Causava-lhe má impressão. Pressentia nele a maldade e fugia da mão que se estendia para acariciá-lo e das palavras que lhe dirigia para amansá-lo. Enfim, odiava-o.

Para as criaturas mais simples, o bem e o mal são coisas de fácil compreensão. O bem é tudo aquilo que traz satisfação e prazer e faz desaparecer a dor. Por isso gosta-se do que é bom. O mal representa tudo o que proporciona inquietação, perigo e sofrimentos, e portanto causa repulsa. A opinião que Caninos Brancos tinha de "Beleza" Smith era a pior possível. Daquele corpo, tão torcido como a sua mentalidade, desprendiam-se, por um processo misterioso, algo semelhante a emanações pantanosas, manifestação de uma mente mórbida. Nem o raciocínio, nem os cinco sentidos, mas sim um vago e inexplicável instinto, lhe faziam adivinhar que aquele homem estava cheio de perversidade e, portanto, era uma coisa má, que convinha odiar.

Caninos Brancos encontrava-se no acampamento de Castor Cinzento, quando "Beleza" Smith foi visitá-lo pela primeira vez. Antes mesmo de o ver, apenas pelo leve rumor das suas passadas ainda distantes, ele adivinhou quem se aproximava e começou a eriçar-se todo. Estava deitado, num abandono confortável, mas ergueu-se rapidamente e, quando o homem chegou, esgueirou-se à maneira dos lobos para a periferia do acampamento. Não soube o que eles disseram, mas podia vê-los conversarem. A certa altura, o visitante apontou na sua direção e Caninos Brancos recuou, rosnando, como se a mão fosse pousar nele, apesar de estar a quinze metros de distância. O homem riu e ele se esgueirou para o abrigo da floresta, de cabeça voltada, para observar, à medida que se afastava silenciosamente.

Castor Cinzento recusou-se a vender o cão. Enriquecera com o negócio e não precisava de nada. Além disso, Caninos Brancos era um animal valioso, o cão do trenó mais forte que já possuía e o melhor guia. Não havia nenhum que se comparasse no Mackenzie nem no Yukon. Sabia lutar. Matava os outros cães com a mesma facilidade com que os homens matavam mosquitos. Os olhos de "Beleza" Smith iluminaram-se ao ouvir isto e lambeu os beiços delgados com língua ávida. Não! Caninos Brancos não estava à venda por preço algum.

Mas "Beleza" Smith conhecia a psicologia dos índios. Passou a visitar com frequência o acampamento de Castor Cinzento, levando escondida debaixo do casaco uma garrafa escura.

O uísque provoca sede. Castor Cinzento começou a senti-la cada vez mais. As membranas febris e o estômago queimado exigiam sempre maiores quantidades do líquido ardente e o cérebro, toldado pelo estimulante desconhecido, não olhava a meios para o obter. O dinheiro que recebera pelas suas peles, mitenes e mocassins começou a desaparecer. E assim continuou, com a circunstância de que, quanto mais diminuía o seu pé-de-meia, mais mal-humorado ele se tornava.

Por fim ficou sem dinheiro, sem mercadorias e sem equilíbrio mental. Não lhe restava mais nada, a não ser a sede, uma obsessão prodigiosa, que se tornava mais prodigiosa ainda quando ele não bebia. Foi então que "Beleza" Smith lhe falou outra vez em comprar-lhe Caninos Brancos. Mas desta vez o preço oferecido era em garrafas, não em dólares e os ouvidos de Castor Cinzento prestaram mais atenção.

- Pegue o cão, pode levá-lo - acabou por dizer.

As garrafas foram entregues só dois dias depois, porque "Beleza" Smith exigira a Castor Cinzento:

- Você é que tem de prender o cão.

Certo dia, à noite, Caninos Brancos entrou sorrateiramente no acampamento e deitou-se no solo, com um suspiro de satisfação. O odiado deus branco não estava

lá. Durante vários dias mostrara-se mais desejoso do que nunca de lhe pôr as mãos em cima, e para evitá-lo Caninos Brancos ausentava-se sempre que o via aparecer. Ignorava o que aquelas mãos insistentes pretendiam. Sabia apenas que o ameaçavam de um mal qualquer, e que era melhor conservar-se fora do seu alcance.

Mas, apenas acabara de deitar-se, quando Castor Cinzento se aproximou dele, cambaleando, e lhe prendeu uma tira de couro em volta do pescoço. Sentou-se ao lado de Caninos Brancos, com a extremidade da tira presa numa das mãos, enquanto na outra segurava uma garrafa que, de tempos a tempos, levava a boca, produzindo simultaneamente sons gorgolejantes.

Passou-se uma hora nisto, e de súbito um rumor de passos anunciou que alguém se aproximava. Caninos Brancos foi quem os escutou primeiro e eriçou-se todo ao reconhecê-los, enquanto Castor Cinzento continuava a cabecear estupidamente. O animal tentou arrancar suavemente a tira de couro das mãos do dono, mas os dedos frouxos fecharam-se com firmeza e Castor Cinzento levantou-se.

"Beleza" Smith entrou no acampamento e parou diante de Caninos Brancos. Este rosnou baixinho àquela coisa que lhe metia medo, observando atentamente o comportamento das mãos. Uma delas estendeu-se e começou a baixar-se sobre a sua cabeça. O surdo rosnado tornou-se tenso e rouco. A mão continuou a descer lentamente e ele ia se agachando, olhando-a com expressão maligna e rosnando cada vez mais, ao vê-la prestes a tocar-lhe. De súbito, o animal deu um salto, atacando com as presas, como se fosse uma cobra. A mão retirou-se, e os dentes fecharam-se no vácuo, com um estalido brusco. "Beleza" Smith estava assustado e furioso. Castor Cinzento deu uma pancada na cabeça de Caninos Brancos e este agachou-se rente ao chão, em obediência respeitosa.

Os seus olhos desconfiados seguiam todos os movimentos de "Beleza" Smith, que viu afastar-se e regressar com um sólido varapau. Depois Castor Cinzento passou-lhe para as mãos a extremidade da tira de couro. O branco começou a andar. A tira ficou esticada. O animal resistia-lhe.

O índio batia-lhe de um lado e de outro, para obrigá-lo a levantar-se e a seguir o novo dono. Obedeceu, mas, num movimento rápido, atirou-se ao desconhecido que o arrastava para longe. "Beleza" Smith não se mexeu. Estivera à espera disso mesmo. Fazendo girar o pau destramente, deteve o salto a meio, atirando Caninos Brancos ao chão. Castor Cinzento riu e abanou a cabeça em aprovação, "Beleza" Smith puxou de novo a correia, e o cão, coxeando e aturdido, arrastou-se no seu encaicho.

Não arremeteu segunda vez. Uma pancada do varapau bastara para convencê-lo de que o deus branco sabia usá-lo, e ele era muito inteligente para lutar contra o inevitável. Por isso seguiu taciturno, atrás do seu novo dono, de rabo entre as pernas, mas sempre rosnando baixinho, como que por entre dentes. "Beleza" Smith, porém, vigiava-o atentamente, com o pau pronto a entrar em ação.

No forte, amarrou-o solidamente e foi deitar-se. Caninos Brancos esperou uma hora. Então aplicou os dentes à correia e, dez segundos depois, estava solto. Não perdera tempo, inutilmente, roendo-a pouco a pouco. Cortara-a em diagonal, quase com tanta perfeição como se tivesse usado uma faca. Levantou então a cabeça para contemplar o forte, de pêlos eriçados e rosnando. Depois virou-lhe as costas e regressou a trote ao acampamento. Não devia submissão àquele deus desconhecido e terrível. Submetera-se a Castor Cinzento e era dele que se considerava ainda pertencente.

Mas a cena que decorrera antes, repetiu-se com uma diferença. O seu primitivo dono tornou a prendê-lo com uma correia e de manhã entregou-o a "Beleza" Smith. E a diferença verificou-se então. "Beleza" Smith deu-lhe uma sova. Amarrado solidamente, todo o furor de Caninos Brancos foi vão: teve de suportar o castigo, em que intervieram o pau e o chicote. Foi aquela a maior sova que levou em toda a sua vida. Até a que Castor Cinzento lhe aplicara nos seus tempos de cachorro não se podia comparar.

"Beleza" Smith sentia prazer na tarefa. Estava mesmo encantado. Contemplava com satisfação maligna a sua vítima, e os olhos brilhavam-lhe sombriamente, ao manejar o chicote ou o varapau e ao escutar os ganidos de dor e os latidos e rosnados inúteis. "Beleza" Smith era cruel, como o costumam ser os covardes. Sempre pronto a humilhar-se e a fugir perante as pancadas ou as injúrias de um homem, vingava-se nas criaturas mais fracas do que ele. O poder agrada aos seres vivos, e "Beleza" Smith não constituía exceção. Sendo-lhe negado o poder entre os da sua espécie, escolhia as suas vítimas entre as criaturas que lhe eram inferiores, e satisfazia assim esse instinto. Mas "Beleza" Smith não fizera a si próprio, e não se podiam atribuir quaisquer culpas. Viera ao mundo com um corpo disforme e inteligência diminuta. Isto constituía o barro de que era formado, e o mundo não se mostrara bondoso ao moldá-lo.

Caninos Brancos sabia por que lhe batiam. Quando Castor Cinzento lhe amarrou a correia em redor do pescoço e passou a extremidade dela para as mãos de "Beleza" Smith, o animal compreendeu que era vontade do seu deus que ele fosse com o outro. E, quando "Beleza" Smith o deixou preso no exterior do forte, foi porque queria que permanecesse ali. Assim, desobedecera à vontade de ambos os deuses e merecia o castigo. Tinha visto cães mudarem de dono no passado e os que fugiam serem sovados, como agora acontecia a ele. Era sensato, mas havia na sua natureza forças mais poderosas do que a sensatez. Uma delas era a fidelidade. Não amava Castor Cinzento, no entanto, mesmo arrostando contra a sua vontade e cólera, era-lhe fiel. Não podia evitá-lo. Esta fidelidade fazia parte do seu ser. Era a qualidade característica da sua raça, a que separa a sua espécie de todas as outras, a que permitira ao lobo e ao cão selvagem abandonarem a liberdade, para se tornarem companheiros do homem.

Depois da sova, Caninos Brancos foi arrastado de novo para o forte. Mas desta vez "Beleza" Smith deixou-o preso com um pau. Não se abandona um deus com facilidade, e foi o que aconteceu com Caninos Brancos. Castor Cinzento era o seu deus e, mesmo contra a vontade deste, o animal mantinha-se ligado a ele, não o queria abandonar. O índio traíra-o e abandonara-o, mas isso não lhe importava. Não fora em vão que ele se lhe submetera de corpo e alma. Não havia reservas da parte de Caninos Brancos, e o laço não se quebraria facilmente.

Assim, à noite, quando os homens do forte dormiam, de novo aplicou os dentes à vara a que estava preso. A madeira, rija e ressequida, achava-se tão junto ao pescoço que ele mal conseguia chegar-lhe com os dentes. Só com grande esforço muscular e dobrando muito o pescoço, conseguiu apanhar a madeira entre os dentes e, com imensa paciência, que se prolongou por muitas horas, a foi roendo. Isto era uma coisa que os cães não costumavam fazer. Não tinha precedentes. Mas Caninos Brancos o fez, e fugiu do forte, de madrugada, com a extremidade do pau pendurada ao pescoço.

O animal era inteligente, mas se possuísse apenas este predicado, se não se deixasse levar pela fidelidade, não teria voltado para a companhia de Castor Cinzento,

que já o traíra por duas vezes e o trairia uma terceira. De novo permitiu que o índio lhe prendesse uma correia em volta do pescoço, e de novo "Beleza" Smith veio reclamá-lo. E desta vez apanhou uma sova ainda mais severa do que as anteriores.

Castor Cinzento observava, impassível, enquanto o homem branco brandia o chicote. Não o protegeu. O animal já não lhe pertencia. Depois da sova, Caninos Brancos ficou doente. Um cão sulista não teria sobrevivido a tal punição, mas ele, sim. De natureza mais dura, a escola da vida acabara por enrijecê-lo, possuía muita vitalidade. O seu apego à vida era excessivamente grande, ficou, porém, tão combalido que, a princípio, não conseguiu se arrastar, e "Beleza" Smith teve de esperar meia-hora por ele. Cambaleante, seguiu então, cegamente, atrás do novo dono, de regresso ao forte.

Desta vez prenderam-no a um cadeado que desafiava os seus dentes, e foi em vão que tentou, dando esticões, arrancar o grampo da madeira onde estava cravado. Alguns dias depois, triste e arruinado, Castor Cinzento partiu pelo Porcupine acima, na sua longa viagem de regresso ao Mackenzie. Caninos Brancos ficou no Yukon, pertencendo a um homem meio louco e inteiramente bruto. Mas que sabe um cão acerca da loucura? Para Caninos Brancos, "Beleza" Smith era um deus verdadeiro, se bem que terrível. Louco ou não - o animal ignorava o que fosse a loucura, - aquele homem branco era o seu novo dono a cuja vontade tinha de submeter-se, obedecendo aos seus mínimos caprichos e fantasias.

CAPÍTULO 3 - O REINADO DO ÓDIO

Sob a tutela do deus louco, Caninos Brancos tornou-se um demônio. "Beleza" Smith acorrentara-o num cercado, nos fundos do forte, arrelivava-o, irritava-o e enlouquecia-o, infligindo-lhe tormentos mesquinhos. O homem depressa descobriu a facilidade com que o riso lhe feria a susceptibilidade, e por isso pôs especial empenho em mortificá-lo rindo dele, da sua ira impotente. Ria alto e desdenhosamente, apontando-o, escarninho, com o dedo. Nessas ocasiões, Caninos Brancos perdia por completo a cabeça e, nos seus transportes de fúria, ficava ainda mais louco do que "Beleza" Smith.

O animal, que antes fora inimigo apenas da sua espécie, se bem que inimigo feroz, converteu-se agora em inimigo de tudo, e mais feroz do que nunca. De tal modo o atormentavam que odiava cegamente, sem a mais tênue centelha de lógica. Odiava a corrente que o prendia, os homens que o espreitavam através das ripas do cercado, os cães que os acompanhavam e lhe rosnavam maldosamente, confiados na sua impotência. Até a própria madeira do cercado que o rodeava lhe era odiosa. E, acima de tudo, odiava "Beleza" Smith.

Mas tudo o que este fazia a Caninos Brancos tinha um objetivo. Certo dia juntaram-se alguns homens em volta do cercado. "Beleza" Smith entrou, de pau na mão, e retirou o cadeado do pescoço de Caninos Brancos. Quando o dono saiu, o animal correu em volta, tentando apanhar os homens que se encontravam do lado de fora. De tão terrível, o seu aspeto era magnífico. Com mais de metro e meio de comprimento e uns setenta e cinco centímetros de altura nas espáduas, o seu peso excedia em muito o de um lobo do mesmo tamanho. Herdara da mãe a estrutura mais pesada dos cães e por isso pesava uns quarenta e cinco quilos, sem, no entanto ter

qualquer gordura ou carne supérfluas. Era todo músculos, ossos e nervos - animal para lutar, na melhor das condições físicas.

A porta do cercado abriu-se de novo. Caninos Brancos estacou. Acontecia qualquer coisa estranha. Esperou. A porta abriu-se mais. Depois um cão enorme foi empurrado para dentro e a porta fechada sobre ele. Caninos Brancos nunca vira um cão semelhante (era um mastim), mas nem o tamanho nem o aspeto feroz do intruso o intimidaram. Estava ali qualquer coisa, que não era madeira nem ferro, sobre a qual podia descarregar o seu ódio. Deu um salto, os seus dentes brilharam e foram cravar-se no pescoço do mastim. Este abanou a cabeça, rosnou roucamente e atirou-se a Caninos Brancos que, porém, em contínuo movimento, estava aqui, ali, e em toda a parte, esquivando-se sempre, para depois, de um salto, dilacerar com as presas e escapar-se, de outro salto, a tempo de evitar o golpe do Inimigo.

Os homens, na parte de fora, gritavam e aplaudiam, enquanto "Beleza" Smith, num êxtase de prazer, contemplava com satisfação maligna os golpes desferidos pelo seu cão. Desde o princípio que para o mastim não havia salvação possível. Era muito pesado e lento. No final, enquanto "Beleza" Smith, à paulada, fazia recuar Caninos Brancos, o mastim foi arrastado para fora pelo dono. Seguiu-se o pagamento das apostas, e o dinheiro tilintou na mão de "Beleza" Smith.

Caninos Brancos passou a esperar com ansiedade o ajuntamento de homens em volta do cercado. Significava que ia haver luta - o único meio que lhe era concedido de exprimir a vida que tinha dentro de si. Atormentado, incitado a odiar, mantinham-no prisioneiro para que não tivesse maneira de saciar aquele ódio, a não ser nas ocasiões em que o seu dono achava oportuno fazê-lo lutar contra outro cão. "Beleza" Smith calculara bem o valor de Caninos Brancos, pois saía invariavelmente vencedor. Uma vez, lançaram sucessivamente contra ele três cães, de outra, foi um lobo corpulento acabado de capturar e de outra ainda, açularam contra ele dois cães, ao mesmo tempo. Foi esta luta a mais terrível e, embora no fim os tivesse matado a ambos, pouco faltou para que perdesse também a vida.

No Outono desse ano, quando caíram as primeiras neves e começaram a deslizar pelo rio fragmentos de gelo, "Beleza" Smith embarcou com Caninos Brancos num vapor que se dirigia do Yukon para Dawson. O animal já ganhara fama na região. Era conhecido por "Lobo Lutador" em muitas milhas em redor, e a jaula onde estava preso, no convés do vapor, achava-se sempre rodeada de curiosos. Ele rosnava-lhes, enfurecido, deitava-se, sossegado, observando-os com um frio olhar de ódio. Por que razão não havia de odiá-los? Nunca fez a si próprio esta pergunta. Conhecia apenas o ódio e vivia obcecado por esta paixão. A vida tornara-se um inferno para ele. Não nascera para suportar a prisão a que os homens sujeitam os animais selvagens. E, no entanto, era precisamente dessa maneira que o tratavam. Os homens observavam-no, introduziam paus por entre as grades, para o fazerem rosnar, e depois riam dele.

Esses homens constituíam o seu meio ambiente e iam-lhe dando um caráter ainda muito mais feroz do que a Natureza pretendia. Todavia, a Natureza dotara-o de maleabilidade. Quando muitos outros animais teriam morrido ou perdido a coragem, ele adaptava-se e vivia, sem prejuízo da sua força. Talvez "Beleza" Smith, atormentador demoníaco, acabasse por vergar a vontade de Caninos Brancos, mas até ao momento presente não havia indícios de o ter conseguido.

Se "Beleza" Smith encerrava dentro de si um demônio, Caninos Brancos não era melhor, e os dois viviam perpetuamente enfurecidos um contra o outro. Antigamente o

animal tinha a sensatez de se submeter ao homem, quando ele empunhava um pau, mas agora essa sensatez fora esquecida. A mera visão de "Beleza" Smith bastava para enfurecê-lo. E, quando entravam em contato um com o outro e o homem, à paulada, reduzia o animal à obediência, este continuava rosnando e mostrando as presas. Não era possível fazê-lo calar. Por maior que fosse a sova ele não se submetia e, quando "Beleza" Smith desistia e se retirava, o rosnado hostil acompanhava-o, ou então Caninos Brancos saltava às grades da jaula, exprimindo o seu ódio.

Quando o barco chegou a Dawson, desembarcaram Caninos Brancos. Este, porém, encerrado na jaula, continuou a ser alvo da curiosidade pública. Era exibido como o "Lobo Lutador", e os homens pagavam cinquenta centavos de ouro em pó para o verem. Não tinha descanso. Se deitava para dormir, acordavam-no com um pau aguçado, para que os espectadores dessem por bem empregado o dinheiro despendido. Para tornar a exibição interessante, mantinham-no enfurecido a maior parte do tempo. Mas pior do que tudo isto era a atmosfera em que vivia. Consideravam-no o mais temível dos animais selvagens e apontavam-no através das grades da jaula. Todas as palavras, todos os gestos cautelosos da parte dos homens vincavam ainda mais a sua ferocidade terrível. Isso contribuía para torná-lo mais feroz e daí apenas podia resultar que a sua ferocidade se alimentasse a si própria e aumentasse constantemente. Era outra das facetas da plasticidade do barro que o formava, da sua capacidade de ser moldado pelas pressões do meio ambiente.

Além de o exibirem, empregavam-no como lutador profissional. A intervalos irregulares, sempre que era possível arranjar-lhe adversário, tiravam-no da jaula e conduziam-no para os bosques, a algumas milhas da cidade. Normalmente isto passava-se à noite, talvez para evitar a interferência da polícia montada do território. Após algumas horas de espera, quando a manhã rompia, chegavam os espectadores e o cão que com ele ia lutar. Assim, bateu-se com cães de todas as raças e tamanhos. Naquela terra selvagem, habitada por homens igualmente selvagens, as lutas eram, em geral, de morte.

Como Caninos Brancos continuava a lutar, claro que eram os outros cães que morriam. Nunca conheceu a derrota. A experiência adquirida no tempo em que brigava com Lip-Lip e todos os outros cachorros era-lhe vantajosa, bem como a tenacidade com que se mantinha de pé. Nenhum cão conseguia derrubá-lo. A tática favorita de todos os cães mestiços de lobos consistia em saltar sobre o rival, quer diretamente, quer com uma volta inesperada, na intenção de o atingirem nas espáduas e de o derrubarem. Os cães do Mackenzie, os de raça esquimó e do Lavrador, os Malemutes e outros, todos tentaram este ardil com ele, e saíram derrotados. Nunca fora derrubado. Os homens contavam isto uns aos outros e de cada vez ficavam à espera de que tal acontecesse. Mas Caninos Brancos desiludia-os sempre.

Outra coisa que chamava a atenção era a sua rapidez espantosa, semelhante à do raio. Dava-lhe uma vantagem tremenda sobre os antagonistas. Fosse qual fosse a experiência destes em lutas, jamais haviam encontrado um cão que se movesse com tamanha agilidade. Era preciso contar também com a prontidão do seu ataque. A maioria dos cães, acostumados aos preliminares de uma luta: os rosnados, o eriçar do pêlo, etc, eram derrubados e derrotados antes mesmo de terem entrado em ação ou de se haverem recomposto da surpresa. Isto acontecia com tanta freqüência que passou a ser costume segurar Caninos Brancos até o outro cão acabar com as preliminares e estar pronto ou, até, a ter feito o primeiro ataque.

Mas a vantagem maior a favor de Caninos Brancos residia na sua experiência. Conhecia mais sobre luta do que qualquer dos cães que o enfrentavam. Tinha travado mais combates, sabia como se defender de todas as armadilhas e métodos, era extremamente artiloso e o seu método não precisava de aperfeiçoamento.

À medida que o tempo decorria iam escasseando as lutas. Os homens desesperavam de lhe encontrar um antagonista, e "Beleza" Smith viu-se obrigado a fazê-lo defrontar lobos. Estes eram caçados pelos índios para esse fim, e uma luta entre Caninos Brancos e um lobo atraía sempre grande multidão. Um dia apresentaram-lhe um lince fêmea adulto, e, desta vez, ele teve de obrar verdadeiros prodígios para salvar a vida. Na rapidez de movimentos os dois igualavam-se, a ferocidade dela não era inferior à de Caninos Brancos e, enquanto este contava apenas com os dentes, o antagonista usava igualmente as garras aguçadas.

Mas depois do lince, acabaram as lutas para Caninos Brancos. Já não havia animais com que pudesse bater-se, ou pelo menos, nenhum considerado um digno adversário. Ficou, por isso, em exposição até à Primavera, altura em que apareceu na região um tal Tim Keenan, jogador profissional. Acompanhava-o o primeiro buldogue que viera até ao Klondike. Era inevitável que ele e Caninos Brancos viessem a enfrentar-se, e durante uma semana esse encontro constituiu o tema principal de todas as conversas em certos setores da cidade.

CAPÍTULO 4 - NAS GARRAS DA MORTE

"Beleza" Smith retirou-lhe o cadeado do pescoço e afastou-se.

Pela primeira vez Caninos Brancos não atacou imediatamente. Ficou imóvel, de orelhas espetadas, alerta e curioso, observando o estranho animal que tinha na sua frente. Nunca vira um cão como aquele. Tim Keenan empurrou o buldogue para diante, resmungando um "A ele!" O animal, atarracado, baixo e desgracioso, avançou, bamboleando, até ao centro do círculo. Deteve-se e pestanejou para Caninos Brancos.

A multidão gritava:

- A ele, Cherokee! Dá-lhe, Cherokee! Mate-o! Mate-o!

Mas Cherokee não parecia muito ansioso por lutar. Voltou a cabeça e contemplou, pestanejando, os homens que gritavam, abanando ao mesmo tempo amigavelmente o coto da cauda. Não tinha medo, mas apenas preguiça. Além disso, não lhe parecia que devesse lutar com o cão que haviam posto na sua frente. Não estava habituado a bater-se com aquela espécie de cães e esperava que lhe trouxessem outro, um autêntico lutador.

Tim Keenan adiantou-se, curvou-se sobre Cherokee e afagou-o em ambas as espáduas com as mãos, esfregando-as a contrapelo e de cada vez impelia-o suavemente para diante. Cada movimento constituía uma sugestão, além disso tinha um efeito irritante, pois Cherokee começou a emitir rosnados baixos, lá muito no fundo da garganta. Havia certa correspondência entre o ritmo desses rosnados e os movimentos das mãos do homem - eles atingiam o ponto culminante quando as mãos se detinham, depois acabavam por se extinguir, para recomeçarem de novo a ouvir-se quando o homem iniciava o movimento seguinte. A cadência do ritmo era marcada pelo fim do movimento, que terminava abruptamente, enquanto o rosnado se elevava num súbito arranco.

Isto não deixou, também, de produzir o seu efeito sobre Caninos Brancos. O pêlo começou a eriçar-se no pescoço e nas espáduas. Tim Keenan deu um derradeiro impulso a Cherokee e depois recuou. O buldogue desta vez prosseguiu, de modo próprio, de pernas arqueadas, numa corrida rápida. Então Caninos Brancos atacou. Elevou-se um grito de admiração e espanto. Ele vencera a distância com uma agilidade mais própria de gato que de cão e com a mesma rapidez felina, cravara os dentes no adversário, logo se afastando de um salto.

Por trás de uma das orelhas do buldogue apareceu sangue proveniente de uma ferida no seu atarracado pescoço. Não reagiu, nem sequer rosnou, apenas deu meia-volta e seguiu Caninos Brancos. A exibição de ambos, a rapidez de um e a perseverança do outro, excitaram a multidão, e os homens faziam novas apostas ou elevavam as anteriores. Caninos Brancos saltou de novo, uma vez e outra, mordeu e afastou-se incólume. O estranho inimigo continuava a persegui-lo, sem se apressar muito nem mostrar excessiva lentidão, embora deliberada e resolutamente, como quem se propõe levar por diante o seu intento. Era evidente que havia um objetivo no seu método de luta: propunha-se realizar uma coisa e nada podia distrai-lo.

Na sua forma de agir, em cada gesto se manifestava a existência desse objetivo. Caninos Brancos estava intrigado. Nunca vira um cão assim. Não tinha pêlo para protegê-lo. Era macio e sangrava com facilidade. Ao mordê-lo, não encontrava, como em outros adversários, uma espessa pelagem que lhe dificultasse as mordidas, os dentes enterravam-se facilmente na carne do adversário, que não parecia capaz de se defender. Outra coisa que o desconcertava era o fato de ele não ladrar, como os outros cães com que estava habituado a bater-se. Além de um rosnado ou um grunhido, este aceitava o castigo em silêncio. E jamais afrouxava a sua perseguição.

Não que Cherokee fosse vagaroso. Voltava-se e girava com bastante rapidez, mas nunca encontrara Caninos Brancos no lugar que esperava. Também ele estava intrigado. Jamais lhe acontecera não conseguir entrar numa luta corpo a corpo. O desejo de atingir este objetivo fora sempre mútuo. Mas aquele cão conservava-se à distância, dançando e esquivando-se para cá e para lá e para toda a parte. E mal lhe cravava os dentes, largava-o logo e escapava-se de novo com a rapidez do relâmpago.

Mas Caninos Brancos não conseguia atingi-lo na parte inferior da garganta. O buldogue era muito baixo, ao passo que as suas mandíbulas maciças constituíam uma proteção suplementar. Caninos Brancos investia como uma seta, para logo se retirar ileso com rapidez igual, e as feridas de Cherokee iam aumentando. Ambos os lados do pescoço e da cabeça estavam lacerados e feridos. Sangrava abundantemente, mas não dava sinais de ter perdido a serenidade. Continuou a sua laboriosa perseguição, embora de uma vez, interrompendo-a por um momento, tivesse parado e piscado os olhos para os homens que rodeavam a arena, abanando ao mesmo tempo o coto da cauda, como que a exprimir a sua vontade de prosseguir na luta.

Nesse preciso instante, Caninos Brancos saltou-lhe em cima e afastou-se rasgando-lhe, de passagem, o que restava de uma orelha. Numa leve manifestação de cólera, Cherokee retomou a perseguição pelo lado de dentro do círculo que o seu antagonista descrevia, tentando, com uma dentada mortal, abocanhar-lhe a garganta.

O buldogue errou o golpe por uma unha negra, e ouviram gritos de apreço, quando Caninos Brancos, numa súbita finta, foi pôr-se seguro no lado oposto. O tempo passava. Caninos Brancos continuava a dançar, esquivando-se e dando voltas súbitas, atacando de um salto e pondo-se a salvo de outro, e infligindo sempre castigo. E o

buldogue, com segurança inflexível, continuava a persegui-lo. Mais cedo ou mais tarde, realizaria o seu objetivo, que era dar a dentada que lhe conferiria a vitória naquela luta. Entretanto suportava todos os castigos que o outro conseguia infligir-lhe. Aquelas duas excrescências que tinha por orelhas estavam convertidas em franjas, o pescoço e as espáduas achavam-se lacerados em trinta pontos diferentes, e até dos beiços feridos jorrava o sangue, tudo devido àqueles ataques rápidos como relâmpagos que ele não conseguia prever nem evitar.

Caninos Brancos tentara repetidas vezes derrubar o antagonista, mas havia entre ambos uma excessiva diferença de altura. Cherokee, muito atarracado, ficava rente ao chão. Caninos Brancos ensaiara a sorte vezes sem conta. Nova oportunidade surgiu, numa das suas reviravoltas rápidas. Apanhou Cherokee de cabeça voltada, por este ser mais lento, a espádua estava a descoberto, investiu, mas como era muito mais alto do que o adversário e se lançara com muito ímpeto, passou-lhe por cima e, pela primeira vez na sua carreira de lutador, caiu por terra. O seu corpo deu meia cambalhota no ar e teria tombado de costas, se não se houvesse virado como os gatos, num esforço para ficar de pé, não o conseguiu e caiu pesadamente de lado. Levantou-se logo, mas nesse instante os dentes de Cherokee abocanharam-lhe a garganta.

Apanhara-a muito embaixo, junto do peito, mas não a largou. Já de pé, Caninos Brancos começou a sacudir-se furiosamente, procurando libertar-se do corpo do inimigo. Enlouquecia-o o pesado empecilho que se agarrara a ele. Prendia-lhe os movimentos, restringia-lhe a liberdade. Assemelhava-se a uma armadilha, e todos os seus instintos protestavam e se insurgiam contra aquilo. Era uma revolta louca. Durante alguns minutos ficou completamente desorientado. O caudal de vitalidade que nele se albergava, dominou-o inteiramente. O desejo de viver sobrepôs-se a tudo. Sem inteligência, sem cérebro que o guiasse, pelo cego anseio da sua carne que se aferrava à vida, ao movimento - ao movimento que era a expressão da sua existência -, corria ao acaso, incessantemente.

Dava voltas e mais voltas, rodopiando, virando-se e revirando-se, numa tentativa de sacudir os vinte e cinco quilos que tinha pendurados à garganta. O buldogue pouco mais fazia do que agüentar as mandíbulas cerradas. Algumas vezes, raramente, procurava pôr os pés no chão, e aquietar Caninos Brancos. Mas logo perdia o equilíbrio para ser arrastado no rodopio de mais uma das loucas rotações do antagonista. Por fim, limitou-se a deixar correr as coisas. Sabia que o que tinha a fazer era aguentar-se, e isto bastava para lhe produzir calafrios de satisfação. Em tais momentos chegava a fechar os olhos e permitia que o seu corpo fosse arrastado de um lado para o outro, sem opor resistência e sem se importar com qualquer dor que daí pudesse advir-lhe. Isso não tinha importância. O essencial era manter os dentes cerrados e ele assim fazia.

Caninos Brancos só se deteve quando o esgotamento a isso o obrigou. Achava-se incapaz de agir e de compreender. Nunca lhe acontecera nada semelhante em qualquer das lutas que travara. Nenhum dos cães com que se batera se comportara desta maneira. Com eles bastava atacar, morder e fugir, atacar, morder e fugir. Achava-se meio deitado, ofegante, e Cherokee, sem descerrar as mandíbulas, empurrou-o, tentando derrubá-lo completamente. Caninos Brancos resistiu e sentiu os dentes do adversário moverem-se ligeiramente, afrouxando e apertando de novo, num movimento de mastigação, que os aproximava cada vez mais da veia jugular. O

método do buldogue consistia em não ceder e, quando a oportunidade se apresentasse, melhorar a sua posição, e a oportunidade surgia quando Caninos Brancos permanecia quieto. Enquanto ele lutava, Cherokee contentava-se em apertar bem os dentes.

A parte maciça posterior do pescoço do buldogue era a única zona de corpo que os dentes de Caninos Brancos conseguiam alcançar. Cravou-os até próximo do lugar onde o pescoço sai dos ombros, mas não conhecia o método de luta adotado por Cherokee, nem as suas mandíbulas estavam adaptadas para isso. Durante algum tempo rasgou e dilacerou espasmodicamente com as presas. Depois uma alteração das posições de ambos impediu-o de continuar. O buldogue conseguira deitá-lo de costas e, sem lhe largar a garganta, colocara-se em cima. Como se fosse um gato, Caninos Brancos flexionou os quartos traseiros e, com os pés fincados no abdômen do inimigo, começou a arranhar, em movimentos longos e dilacerantes. Cherokee teria sido estripado se não houvesse girado rapidamente, afastando o seu corpo até formar um ângulo reto com o do adversário.

Não havia como escapar daquelas mandíbulas. Pareciam as garras do Destino, e tão inexoráveis como elas. Lentamente, avançavam em direção à veia jugular. O que salvara até então Caninos Brancos da morte era a flexibilidade da pele do seu pescoço e a espessa camada de pêlo que a recobria. Este formava na boca de Cherokee um grande rolo que quase o impedia de utilizar os dentes. Mas, pouco a pouco, sempre que a oportunidade se oferecia, apanhava mais pêlo na boca, aumentando o tamanho dessa espécie de bola. Resultava daí que Caninos Brancos, lentamente, ia perdendo o fôlego. Respirava cada vez com mais dificuldade, à medida que o tempo decorria.

Parecia que a luta se aproximava do fim. Os adeptos de Cherokee rejubilavam e sugeriam apostas em proporções absurdas, os partidários de Caninos Brancos, por seu turno, mostravam-se deprimidos e recusavam apostas de dez e vinte contra um, embora um deles tivesse a temeridade de fechar uma aposta de cinquenta contra um. Este homem era "Beleza" Smith. Entrou na arena e apontou com um dedo para Caninos Brancos. Depois começou a rir escarninha e desdenhosamente. Isto produziu o efeito desejado. Caninos Brancos ficou louco de raiva. Reuniu as últimas forças que lhe restavam e ergueu-se. Enquanto se debatia em volta da arena, com os vinte e cinco quilos do inimigo sempre pendurados na garganta, a sua raiva transformou-se em louco terror. A ânsia básica da sua carne, o desejo de viver, dominou-o de novo e a inteligência foi vencida. Dando voltas e mais voltas, tropeçando, caindo e levantando-se, pondo-se até sobre as patas traseiras e erguendo o inimigo do chão, lutou em vão por sacudir a morte que se grudava a ele.

Por fim caiu de comprido, exausto e o buldogue aproveitou a circunstância para afrouxar os dentes, cravá-los melhor, alargando a ferida e apertando mais a garganta de Caninos Brancos. Ouviram-se vivas ao vencedor, ergueram-se muitos gritos de "Cherokee!", "Cherokee!" a que este correspondeu, abanando o coto da cauda. Mas o clamor de aplauso não o distraiu. Não havia relação entre a cauda e as mandíbulas. Aquela podia abanar, mas estas se mantinham firmes na garganta de Caninos Brancos.

Foi então que a atenção dos espectadores foi atraída pelo retinir de campainhas. Ouviram-se gritos de um condutor de trenó. Todos os presentes, com exceção de "Beleza" Smith, olharam apreensivos, receando tratar-se da polícia. Mas em breve surgiram dois homens, com um trenó e cães, na parte de cima da pista e não na de

baixo. Era evidente que desciam o ribeiro, de regresso de qualquer viagem de exploração. Ao verem aquela gente toda, pararam os cães e reuniram-se à multidão, curiosos de saberem a causa de tamanha excitação. Um dos dois homens, o que guiava o trenó, usava bigode, mas o outro, mais alto e mais jovem, estava bem barbeado e, por efeito do frio e da corrida ao ar livre que lhe ativara a circulação do sangue, tinha a pele rosada.

Caninos Brancos achava-se praticamente fora de combate. De vez em quando fazia esforços espasmódicos, sem resultado algum. Respirava com grande dificuldade - dificuldade que ia aumentando à medida que aquelas impiedosas mandíbulas se aproximavam do seu objetivo. Apesar da espessa pelagem que a protegia, a grande veia do pescoço há muito teria já sido cortada, se o buldogue não houvesse abocanhado Caninos Brancos tão embaixo, praticamente no peito. Por isso, Cherokee precisara de mais tempo para alcançar com as mandíbulas o ponto vital, e também tivera de atulhar a boca com uma maior quantidade de pêlo e pele, o que lhe dificultara os progressos.

Entretanto, os instintos animais que dormitavam no íntimo de "Beleza" Smith despertaram, subindo-lhe ao cérebro e privando-o da chispa de razão que lhe restava nos instantes de lucidez. Quando ele viu os olhos de Caninos Brancos começarem a vidrar-se, compreendeu que a luta estava perdida. Então se descontrolou. Saltou sobre ele e chutou-o furiosamente. Da multidão partiram assobios e gritos de protesto, mas mais nada. Enquanto isto se passava e "Beleza" Smith continuava a dar pontapés em Caninos Brancos, notou-se uma agitação entre a assistência. O recém-chegado, alto e jovem, abria caminho com os ombros, empurrando para a direita e para a esquerda, sem cerimônias nem delicadezas. Quando chegou à arena, "Beleza" Smith preparava-se para aplicar outro pontapé. Tinha o peso do corpo só sobre um pé e estava em equilíbrio precário. Nessa preciso momento, o punho do recém-chegado desferiu-lhe um murro potente em pleno rosto. A única perna sobre a qual "Beleza" Smith se apoiava, perdeu o equilíbrio, e todo o seu corpo pareceu erguer-se no ar, quando ele se virou e tombou para trás sobre a neve. O recém-chegado voltou-se para a multidão.

- Seus covardes - gritou. - Suas bestas!

Também ele estava enfurecido, mas era uma fúria sã. Os seus olhos tinham o brilho metálico do aço, ao faiscarem sobre a multidão. "Beleza" Smith pôs-se de pé e aproximou-se dele, fungando covardemente. O recém-chegado, ignorando até onde chegava a sua abjecta covardia, pensou que vinha com intenções belicosas. E, assim, com um "Seu animal!", derrubou "Beleza" Smith, aplicando-lhe segundo murro na cara. Este decidiu que a neve era o lugar mais seguro para ele e deixou-se ficar onde caíra, não fazendo qualquer tentativa para se levantar.

- Venha me dar uma ajuda, Matt - disse o jovem para o condutor do trenó, que o seguira até à arena.

Os dois homens debruçaram-se sobre os cães. Matt segurou Caninos Brancos, pronto a puxar mal Cherokee soltasse os dentes. Para fazê-lo abrir a boca, o homem mais novo agarrara-lhe as mandíbulas e esforçava-se por separá-las. Mas nada conseguiu. Enquanto puxava e dava trancos e repelões, ia exclamando furiosamente: "Bestas!"

A multidão começou a agitar-se, e alguns homens protestavam, por lhes terem estragado o espetáculo, mas calaram-se imediatamente, quando o recém-chegado

ergueu a cabeça por um momento e os fixou.

- Seus brutos malditos - explodiu finalmente, e voltou ao seu trabalho.

- É inútil, Sr. Scott, não conseguirá abri-las dessa maneira - disse Matt por fim.

Ambos se detiveram, observando os cães.

- Não sangra muito - anunciou Matt. - Ainda não apanhou a veia.

- Mas vai apanhá-la, de um momento para o outro - respondeu Scott. - Olhe, viu? Avançou mais um pouco!

O excitação e preocupação do homem mais novo por Caninos Brancos aumentava. Bateu com força e repetidas vezes na cabeça de Cherokee, mas isto não o fez afrouxar as mandíbulas. Apenas abanou o coto da cauda, para dar a entender que compreendera o significado das pancadas, mas que a razão era sua e que se limitava a cumprir o seu dever não largando o antagonista.

- Nenhum de vocês pode dar uma ajuda? - gritou Scott, desesperado, para a multidão. Mas ninguém se ofereceu. Em vez disso, começaram a interpelá-lo sarcasticamente e a bombardeá-lo com conselhos trocistas.

- Tem de arranjar uma alavanca - opinou Matt.

O outro tirou então o revólver do coldre que trazia à cinta e tentou introduzir o cano entre as mandíbulas do buldogue. Empurrou com toda a força, ouvindo-se distintamente o raspar do aço de encontro aos dentes cerrados, ambos os homens estavam agora de joelhos, debruçados sobre os cães. Foi então que Tim Keenan entrou na arena, deteve-se ao lado de Scott e bateu-lhe no ombro, dizendo ameaçadoramente:

- Não lhe parta os dentes, forasteiro.

- Então lhe parto o pescoço - retorquiu Scott, continuando a empurrar com força o cano do revólver.

- Já disse que não lhe partisse os dentes - repetiu o jogador profissional, mais ameaçadoramente ainda.

Mas se pretendia blefar não o conseguiu. Scott não desistiu dos seus esforços, embora tivesse olhado calmamente para cima e perguntado:

- O cão é seu?

O jogador profissional resmungou uma afirmativa.

- Então venha separá-los.

- Bom, forasteiro - respondeu o outro, arrastando as palavras irritantemente - devo confessar que foi coisa que nunca consegui. Nem sei como fazê-lo.

- Então saia daqui - foi a resposta - e não me aborreça. Estou muito ocupado.

Tim Keenan continuou ao lado dele, mas Scott não lhe deu mais importância. Já introduzira o cano do revólver entre as mandíbulas de um dos lados, e estava tentando fazê-lo sair pelo outro. Quando o conseguiu, fez pressão, suave e cuidadosamente, e assim descerrou pouco a pouco os dentes do buldogue, enquanto Matt ia libertando o pescoço dilacerado de Caninos Brancos.

- Prepare-se para receber o seu cão - foi a ordem peremptória ao dono de Cherokee.

O jogador profissional curvou-se obedientemente e segurou o animal com firmeza.

- Agora! - avisou Scott, fazendo um último esforço.

Os cães foram separados, debatendo-se o buldogue vigorosamente.

- Leve-o daqui! - ordenou Scott. E Tim Keenan arrastou Cherokee para o meio

da multidão.

Caninos Brancos fez várias tentativas débeis para se levantar. De uma vez conseguiu pôr-se de pé, mas as pernas estavam muito fracas para o sustem e, lentamente, perdeu as forças e deixou-se cair de novo sobre a neve. Tinha os olhos semi-cerrados e vítreos. A língua pendia-lhe da boca aberta, flácida e inerte. Parecia moribundo. Matt examinou-o.

- Escapou por pouco – anunciou - mas está respirando muito bem.

"Beleza" Smith levantara-se e viera ver Caninos Brancos.

- Matt, quanto vale um bom cão de trenó? - perguntou Scott.

O companheiro, ainda de joelhos, debruçado sobre Caninos Brancos, demorou-se uns instantes fazendo cálculos.

- Trezentos dólares - respondeu.

- E quanto vale um meio morto, como este? - perguntou Scott, tocando em Caninos Brancos com o pé.

- Metade - foi a avaliação do outro.

Scott voltou-se para "Beleza" Smith.

- Ouviu, Sr. "Bruto"? Fico com o seu cão e dou-lhe por ele cento e cinqüenta dólares.

Abriu a carteira e contou as notas.

"Beleza" Smith pôs as mãos atrás das costas, recusando-se a tocar no dinheiro que lhe era oferecido.

- Eu não vendo - disse.

- Isso é que vende - assegurou-lhe o outro. - Porque eu vou comprá-lo. Aqui tem o seu dinheiro. O cão é meu.

"Beleza" Smith, conservando as mãos atrás das costas, começou a recuar.

Scott saltou na sua direção, erguendo o punho, pronto a bater. "Beleza" Smith encolheu-se, na previsão do murro.

- Tenho os meus direitos - gemeu ele.

- Perdeu o direito de possuir aquele cão - foi a resposta. - Aceita o dinheiro? Ou terei de esmurrá-lo outra vez?

- Está bem - disse "Beleza" Smith com vivacidade, oriunda do medo, no entanto logo ajuntou: - Mas aceito o dinheiro contra a vontade. O cão é uma mina. A mim ninguém me rouba. Um homem tem os seus direitos.

- É certo - respondeu Scott, entregando-lhe o dinheiro. - Um homem tem os seus direitos, mas você não é um homem, é um animal.

- Deixe-me voltar a Dawson - ameaçou "Beleza" Smith - e verá como apresento queixa contra você à justiça.

- Se abrir a boca, quando chegar a Dawson, faço-o expulsar da cidade. Compreendeu?

"Beleza" Smith respondeu com um grunhido.

- Compreendeu? - trovejou o outro com rude violência.

- Sim - resmungou ele, encolhendo-se.

- Sim, o quê?

- Sim, senhor - rosnou de novo o outro.

- Cuidado! Ele morde! - gritou alguém.

As gargalhadas estalaram em volta.

Scott voltou-lhe as costas e foi ajudar o companheiro, que estava tratando de

Caninos Brancos. Alguns homens já se afastavam. Outros conservavam-se em grupos, conversando e observando. Tim Keenan juntou-se a um dos grupos.

- Quem é aquele cara? - perguntou.

- Weedon Scott - respondeu alguém.

- E quem diabo é Weedon Scott? – tornou o jogador profissional a perguntar.

- Oh, é um desses peritos de minas. É unha e carne com todos os "graúdos". Se não quer arranjar problemas, não te meta com ele. Dá-se com todos os "manda-chuva". O Comissário do ouro é seu amigo íntimo.

- Vi logo que devia ser alguém importante - foi o comentário do jogador profissional. - Por Isso é que desde o princípio evitei pôr-lhe as mãos em cima.

CAPÍTULO 5 - O INDOMÁVEL

- É inútil - confessou Weedon Scott.

Sentou-se na soleira da sua cabana e olhou para o companheiro, que respondeu com um encolher de ombros, também desanimado.

Os dois contemplaram Caninos Brancos, que esticava a corrente e, de pêlo eriçado, rosnava ferozmente, esforçando-se por chegar aos cães do trenó. Estes, após várias lições de Matt, lições administradas por meio de um varapau, tinham aprendido a deixar Caninos Brancos em paz e nesse momento estavam deitados, a certa distância, aparentemente ignorando a sua existência.

- É um lobo. Não é possível domesticá-lo - declarou Weedon Scott.

- Oh, não estou assim tão certo - objetou Matt. - Deve ser mestiço de cão, embora a si isso não lhe pareça possível. Há, no entanto uma coisa de que não tenho a menor dúvida.

O condutor do trenó calou-se e abanou a cabeça afirmativamente, voltado para o monte Moosehide.

- Pois bem, então não seja avarento com aquilo que sabe - disse Scott rispidamente, após ter esperado um período de tempo considerável. - Despeje o saco. O que é?

O companheiro apontou para Caninos Brancos com o polegar virado para trás.

- Lobo ou cão... tanto faz... já foi domesticado.

- Não é possível!

- Já lhe disse que sim. Já andou com arreios. Veja isto. Estas marcas no peito.

- Tem razão, Matt. Puxou trenós, antes de "Beleza" Smith se tornar dono dele.

- E não há razão para os não puxar outra vez. Acha possível? - perguntou Scott ansiosamente. Depois, já desanimado, acrescentou, abanando a cabeça. - Está conosco a mais de duas semanas e, se houve alguma modificação, foi para pior. Mostra-se mais feroz do que nunca.

- Dê-lhe uma oportunidade - aconselhou Matt. - Solte-o durante um tempo.

O outro olhou-o incrédulo.

- Sei - continuou Matt. - Bem sei que já o tentou, mas não tinha consigo um pau.

- Então experimenta tu.

O condutor do trenó pegou um cacete e se aproximou do animal acorrentado. Caninos Brancos fixava o pau, qual leão enjaulado com os olhos no chicote do domador.

- Veja como ele não desprega os olhos do cacete - disse Matt. - Bom sinal. Não é tolo. Não se atreverá a me tocar, enquanto eu tiver este pau na mão. Não é tolo, não senhor.

Quando a mão do homem se aproximou do pescoço de Caninos Brancos, este eriçou o pêlo, rosnou e agachou-se. Mas, ao mesmo tempo em que fitava a mão que se aproximava, procurava não perder de vista o pau seguro na outra mão e suspenso ameaçadoramente sobre ele. Matt desprendeu a corrente da coleira e recuou.

Caninos Brancos mal podia acreditar que estava solto. Tinham decorrido muitos meses desde que "Beleza" Smith o comprara e durante todo esse tempo não conhecera um instante de liberdade, a não ser nas ocasiões em que o soltavam para enfrentar outros cães. Imediatamente a seguir a essas lutas, prendiam-no de novo.

Não sabia o que fazer. Talvez os deuses planejassem qualquer nova diabrura contra ele. Caminhou lenta e cautelosamente, preparado para responder a um possível ataque. Aquela situação sem precedentes deixava-o embaraçado. Tomou a precaução de se desviar dos dois deuses que o observavam e caminhou vagarosamente até à esquina da cabana. Nada aconteceu. Estava perplexo e retrocedeu de novo, parando a uma dezena de passos, observando atentamente os dois homens.

- Não irá fugir? - perguntou Scott. Matt encolheu os ombros.

- É preciso arriscar. É a única maneira de saber.

- Pobre diabo - murmurou o novo dono, compadecido. - Do que ele precisa é de um pouco de bondade humana - acrescentou. E, dando meia-volta, entrou na cabana.

Apareceu outra vez com um pedaço de carne na mão, que atirou a Caninos Brancos. Este se afastou de um salto e, de longe, ficou a estudá-lo desconfiadamente.

- Hei, Major! - gritou Matt, mas tarde demais.

Major tinha pulado para a carne. No preciso momento em que as suas mandíbulas se fechavam sobre a ração destinada ao outro cão, este o atacou, derrubando-o. Matt correu, mas Caninos Brancos foi mais rápido do que ele. Major conseguiu pôr-se de pé cambaleando, mas o sangue que lhe escorria da garganta tingia a neve de vermelho, numa mancha que alastrava cada vez mais.

- É pena, mas teve o que merecia - disse Scott apressadamente.

O pé de Matt ia, entretanto já no ar para atingir Caninos Brancos. Este pulou, os dentes brilharam-lhe, e ouviu-se uma exclamação de dor. Rosnando ferozmente, Caninos Brancos recuou alguns metros, enquanto Matt se curvava para examinar a perna.

- Apanhou-me - anunciou ele, apontando para as calças e para a roupa interior rasgadas, e para a mancha vermelha que ia alargando.

- Nada mais podemos fazer - disse Scott em voz desalentada. - Já chegara a essa conclusão, embora me repugnasse tal idéia. Mas agora tem de ser. Não há outra solução.

Enquanto falava, tirou relutantemente o revólver, abriu o cilindro e verificou o seu conteúdo.

- Ouça, Sr. Scott - objetou Matt - Esse cão viveu em um inferno, não se pode esperar que se comporte como um anjo imaculado, dê tempo ao tempo.

- Olha para o Major - retorquiu o outro.

O condutor do trenó virou-se para o cão ferido. Tinha caído na neve, no meio do círculo formado pelo seu próprio sangue, e era evidente que estava agonizante.

- Teve o que merecia, foi o senhor mesmo quem o disse. Tentou comer a carne

de Caninos Brancos e ele o matou. Não se podia esperar outra coisa. Eu não daria um centavo por um cão que deixasse roubar-lhe a comida sem tentar defendê-la.

- Mas veja o que aconteceu com você, Matt. Não discuto a respeito do cão, mas tem que haver um limite.

- Serviu-me de lição - argumentou Matt teimosamente. - quem mandou dar-lhe um pontapé? O senhor mesmo disse que ele tinha razão. Portanto, com que direito me intrometi?

- Seria uma obra de misericórdia matá-lo - insistiu Scott. - Ele é indomesticável.

- Ouça, Sr. Scott, dê ao pobre diabo uma oportunidade. Ainda não teve nenhuma. Acaba de sair do inferno, e esta é a primeira vez que o soltam. Dê-lhe uma oportunidade e, se ele não aproveitá-la, eu próprio o matarei. Combinado?

- Deus sabe que o meu desejo não é matá-lo nem mandá-lo matar - respondeu Scott guardando o revólver. - Deixemo-lo, andar à solta e tratemo-lo bem, para ver como reage. E vou fazer uma experiência agora mesmo.

Aproximou-se de Caninos Brancos e começou a falar-lhe suave e carinhosamente.

- É melhor ter um pau à mão - avisou Matt.

Scott abanou a cabeça e continuou a tentar captar a confiança de Caninos Brancos.

Este estava desconfiado. Algo o ameaçava. Tinha matado o cão deste deus, mordido o seu companheiro. Que mais poderia esperar senão um castigo terrível? Mas enfrentava-o, indomável. Eriçou-se e arreganhou os dentes, de olhos vigilantes, o corpo alerta e preparado para tudo.

O deus não trazia qualquer pau e por isso lhe consentiu que se aproximasse, depois a mão dele estendeu-se e descia agora sobre a sua cabeça. Caninos Brancos encolheu-se e agachou-se, todo tenso. Era aquilo o perigo, alguma perfídia de qualquer espécie. Conhecia as mãos dos deuses, a sua comprovada habilidade para magoar. Além disso, havia aquela sua velha fobia de que lhe tocassem. Rosnou mais ameaçadoramente, agachou-se tanto quanto pôde, mas a mão continuou a descer. Não queria mordê-la e enfrentou o perigo, até que o instinto, dominado por aquele seu desejo insaciável de viver, se revoltou.

Weedon Scott julgara-se suficientemente rápido para evitar qualquer dentada. Mas tinha muito que aprender acerca da espantosa agilidade de Caninos Brancos, que lhe cravou os dentes com a precisão e a destreza de uma serpente.

O ferido deu um grito agudo de dor e surpresa e apertou com força a mão mordida na outra. Matt Soltou terrível uma praga e aproximou-se, de um salto. Caninos Brancos agachou-se e recuou, de pêlo eriçado, dentes arreganhados, olhos maldosos e ameaçadores. Agora sabia que receberia uma sova tão terrível como qualquer das que "Beleza" Smith lhe infligira.

- Venha cá! Que está fazendo? - gritou Scott, de súbito.

Matt correu para a cabana de onde saíra com uma espingarda.

- Nada - respondeu ele lentamente, com uma calma despreocupada, que era fingida. - Vou apenas cumprir a minha promessa. Creio que chegou o momento de matá-lo, conforme disse que faria.

- Não fará isso!

- Isso é que faço. Vai ver.

Tal como Matt intercedera a favor de Caninos Brancos, quando fora mordido,

assim também Scott o defendia agora.

- Foi você que pediu que lhe desse uma oportunidade. Pois bem, a dê. Ainda mal começamos, e não vamos desistir logo no princípio. Desta vez, fui eu que aprendi a lição. E... olha para ele!

Caninos Brancos, perto da esquina da cabana, a uns doze metros de distância, rosnava com horripilante malignidade, não a Scott, mas ao companheiro deste.

- Diabos me levem! - exclamou o último, com expressão de assombro.

- Repare na inteligência dele - continuou Scott apressadamente. - Sabe para que servem as armas de fogo, tão bem como você. Possui inteligência a que devemos dar uma oportunidade. Pouse a espingarda.

- De boa vontade.

Matt encostou a arma a uma pilha de lenha.

- Mas olhe só para aquilo! - exclamou momentos depois.

Caninos Brancos já tinha se aquietado e parara de rosnar.

- Vale a pena tirar isto a limpo. Ora Vejamos!

Aproximou-se da espingarda, e imediatamente Caninos Brancos começou a rosnar. Afastou-se da arma, e os beiços franzidos do animal foram-se distendendo até lhe cobrirem os dentes.

- Agora... só por brincadeira.

Pegou a espingarda e começou, lentamente, a levantá-la, como para apoiar a coronha no ombro. Imediatamente recommençaram os rosnados que foram aumentando à medida que a arma se erguia. Mas uma fração de segundo antes que ela lhe ficasse apontada, Caninos Brancos deu um salto e desapareceu atrás da cabana. Matt ficou de olhar fito no espaço vazio na neve, anteriormente ocupado pelo cão.

Baixando então a arma com ar solene, o condutor do trenó deu meia-volta e olhou o patrão.

- Concordo com você, Sr. Scott. Esse cão é muito inteligente para que o matem.

CAPÍTULO 6 - O DEUS-AMOR

Quando Caninos Brancos viu Weedon Scott aproximar-se, o pêlo eriçou-se e ele rosnou para preveni-lo de que não se submeteria ao castigo. Tinham-se passado vinte e quatro horas, desde que rasgara com uma dentada a mão que aparecia agora envolta numa ligadura e suspensa do peito, para evitar um maior derramamento de sangue. O animal sabia, pela experiência que lhe dera o passado, que os castigos eram, por vezes, adiados e concluiu que agora acontecera isso mesmo. Não poderia ser de outra maneira. Cometera o que para ele constituía um sacrilégio, enterrara as presas na carne sagrada de um deus e de um deus branco e superior ainda por cima. Esperava-o alguma terrível punição.

O deus sentou-se a pouca distância, e Caninos Brancos não viu perigo algum nisso. Quando os deuses castigavam, faziam-no de pé. De resto este deus não trazia qualquer pau nem arma de fogo. Além disso, ele estava solto, nenhuma corrente nem vara o prendia, poderia pôr-se a salvo, enquanto o deus se levantava. Entretanto, esperaria e veria.

O deus permaneceu quieto, sem fazer qualquer movimento, e os rosnados do

cão foram baixando até se transformarem num resmungo e acabarem por cessar completamente. Então o deus falou, e ao som da sua voz, o pêlo eriçou-se no pescoço de Caninos Brancos, e o rosnado nasceu-lhe outra vez na garganta. Scott, porém, não fez nenhum gesto hostil e continuou a falar calmamente.

Durante algum tempo os rosnados do cão estabeleceram uma correspondência ritmada com a voz do homem. Mas a conversa do deus parecia interminável. Dirigia-se a Caninos Brancos, num tom que este nunca ouvira de ninguém. Falava suave e carinhosamente, com bondade, e, fosse como fosse, tranqüilizava o animal. Contra vontade, ignorando os avisos insistentes do seu instinto, Caninos Brancos começou a confiar naquele deus. Transmitia-lhe uma sensação de segurança, que não se coadunava com a experiência adquirida no seu trato com os homens.

Muito tempo depois, o deus levantou-se e entrou na cabana. Caninos Brancos examinou-o apreensivamente quando ele tornou a sair. Não trazia nem chicote, nem pau nem arma. Tão pouco a mão ferida estava atrás das costas, escondendo qualquer coisa. Sentou-se, como anteriormente, no mesmo lugar, a pouca distância e mostrou-lhe um pequeno pedaço de carne. Caninos Brancos espetou as orelhas e examinou-o, desconfiado, procurando olhar ao mesmo tempo para a carne e para o deus, alerta a qualquer gesto, o corpo tenso e pronto para fugir de um salto, ao primeiro sinal de hostilidade.

O castigo tardava. O deus limitava-se a segurar perto do seu nariz o pedaço de carne. E nesta o animal não conseguia descobrir nada suspeito. Mas Caninos Brancos continuava a desconfiar e, embora a carne lhe fosse oferecida com pequenos impulsos convidativos da mão, recusava-se a tocar-lhe. Os deuses eram muito espertos, e nunca se sabia que habilidosa perfídia se esconderia por trás daquele pedaço de carne, aparentemente inofensivo. Nas suas experiências passadas, especialmente quando lidava com os índios, carne e castigo estavam muitas vezes desastrosamente relacionados.

Por fim, o deus atirou a carne para a neve, aos pés de Caninos Brancos. Este farejou-a cuidadosamente, mas sem olhar para ela. Entretanto, mantinha os olhos fixos no deus. Nada aconteceu. Abocanhou a carne e engoliu-a. Nada aconteceu ainda. O deus ofereceu-lhe outro pedaço de carne. De novo se recusou a aceitá-la da sua mão, e novamente ela lhe foi atirada. Isto repetiu-se algumas vezes. Mas, a certa altura, o deus recusou-se a atirá-la. Conservou-a na mão, estendendo-a com gesto firme.

A carne era boa, e Caninos Brancos tinha fome. Pouco a pouco, com cautelas infinitas, foi-se aproximando da mão. Jamais despregou os olhos do deus, avançando com a cabeça para diante, as orelhas deitadas para trás e o pêlo eriçando-se e encapelando-se involuntariamente no pescoço.. Isto foi acompanhado de um surdo rosnado, à laia de aviso de que com ele não brincava. Comeu a carne, e nada aconteceu. Pedaço a pedaço, comeu-a toda, até que acabou, e nada aconteceu. O castigo decerto ficara adiado.

Lambeu os beiços e esperou. O deus continuou a falar. Na sua voz havia bondade - uma coisa que Caninos Brancos desconhecia por completo.. E dentro dele nasceram sentimentos que nunca experimentara. Havia uma espécie de vaga satisfação, como se alguém tivesse provido a uma das suas mais prementes necessidades, como se acabasse de preencher-se um vazio na sua existência. Depois sentiu de novo o aguilhão do instinto e o aviso das experiências passadas. Os deuses eram todo-poderosos e conheciam maneiras insuspeitadas de atingir os seus fins.

Ah, era o que pensava! Aí vinha a mão do deus, hábil em magoar, avançando para ele, descendo sobre a sua cabeça. Mas o deus continuou a falar. A sua voz era branda e suave. Apesar da mão ameaçadora, a voz inspirava confiança. E apesar da voz suave, a mão inspirava-lhe receio. Em Caninos Brancos debatiam-se então os mais opostos sentimentos e cegos instintos. Parecia-lhe estar prestes a rebentar, por efeito daquela terrível luta de forças contraditórias que tentavam dominá-lo.

Assumiu uma atitude de compromisso. Rosnou, eriçou o pêlo e deitou as orelhas para trás. Mas nem mordeu, nem fugiu. A mão descia. Aproximava-se cada vez mais. Tocou as extremidades do seu pêlo eriçado. Ele agachou-se. A mão seguiu, fazendo maior pressão sobre o seu corpo. Encolhido, quase tremendo, conseguiu, no entanto, dominar-se. Era um tormento, esta mão que se atrevia a tocá-lo, violando o seu instinto. Não podia esquecer de um momento para o outro o mal que lhe haviam infligido as mãos dos homens. Mas era a vontade do deus, e ele esforçava-se por submeter-se.

A mão ergueu-se e desceu de novo, num movimento acariciador. Isto continuou, mas de cada vez que a mão se erguia, o pêlo eriçava-se debaixo dela. E de cada vez que a mão descia, as orelhas deitavam-se para trás, e da garganta subia-lhe um rosnado surdo. Caninos Brancos rosnava e tornava a rosnar, num aviso insistente. Prevenia, por este meio, que estava preparado para retribuir qualquer castigo que porventura lhe infligissem. Nunca se sabia quando se revelaria o objetivo final do deus. A qualquer momento aquela voz suave e tranqüilizante podia erguer-se num rugido de cólera, aquela mão meiga e acariciadora podia transformar-se num torno, que o agarrasse impiedosamente e lhe administrasse uma punição.

Mas o deus continuou a falar suavemente, e a mão a erguer-se e a baixar-se dando-lhe pancadinhas que nada tinham de hostil. Caninos Brancos achava-se como que flutuando entre dois sentimentos opostos, situação desagradável para os seus instintos, porque se opunha ao livre exercício da sua vontade. E, no entanto, fisicamente, aquilo não era doloroso. Pelo contrário, achava-o agradável. As suaves pancadas foram, pouco a pouco, substituídas por outra forma de carícia - Scott começou a coçar-lhe a base das orelhas - e o prazer físico aumentou ainda mais. Contudo, sentia ainda medo e continuava em guarda, na expectativa de imprevisíveis aleivosias, sofrendo e gozando alternadamente, conforme era dominado por um ou por outro sentimento.

- Diabos me levem!

Matt achava-se à porta da cabana, de mangas arregaçadas, com uma bacia de água suja de lavar pratos nas mãos. Detivera-se no ato de despejar o recipiente, ao ver Weedon Scott acariciando Caninos Brancos. No instante preciso em que a voz quebrou o silêncio, o animal deu um salto para trás, rosnando ferozmente.

Matt observava o amo com evidente desaprovação.

- Se me permite dar a minha opinião, Sr. Scott, tomarei a liberdade de lhe dizer que o senhor é um louco chapado.

Weedon Scott sorriu com ar superior, pôs-se de pé e encaminhou-se para Caninos Brancos. Falou-lhe bondosamente, mas durante pouco tempo. Depois, lentamente, estendeu a mão e pousou-a sobre a cabeça, recomeçando as festas interrompidas. O animal consentiu, mantendo o olhar fito, desconfiadamente, não no homem que o acariciava, mas no que estava na soleira da porta.

- O senhor pode ser um perito de minas de primeira categoria, concordo,

concordo - disse o condutor de trenó em tom de oráculo mas perdeu a melhor carreira que podia deparar-se na vida quando, ainda rapaz, não fugiu de casa e ingressou numa companhia de circo.

Caninos Brancos rosou ao ouvir-lhe a voz, mas desta vez não fugiu da mão que lhe acariciava a cabeça e o pescoço, com movimentos longos e suaves.

Foi o princípio do fim, o termo da sua antiga vida e do reinado do ódio. Avizinhava-se uma nova era, incompreensivelmente mais bela, que exigia muito tato e uma paciência infinita da parte de Weedon Scott, e que representava para Caninos Brancos nada menos que uma revolução. Tinha que aprender a ignorar todos os impulsos do instinto e da razão, desprezar a experiência, considerar a própria vida uma mentira.

Na vida que até então conhecera, não só não havia lugar para muito do que agora fazia, como tudo o encaminhava numa direção oposta àquela em que presentemente se deixava arrastar. Em resumo, bem vistas as coisas, tinha de orientar-se num mundo novo muito mais vasto do que aquele que conhecia na ocasião em que abandonara voluntariamente a vida selvagem e aceitara Castor Cinzento como seu senhor. Então não passava de um cachorro, de um barro maleável e ainda informe, pronto a deixar-se modelar pelo dedo do destino. Mas agora era diferente. O dedo do destino havia executado já o seu trabalho, e na perfeição. Havia-o modelado e endurecido, até o tornar no Lobo Lutador, feroz e implacável, odioso e odiado. Agora a transformação constituía como um refluxo de toda a sua existência anterior e isto quando já não possuía a plasticidade da juventude, quando as suas fibras se tinham tornado duras e nodosas, quando a sua urdidura e trama haviam adquirido uma textura adamantina, insensível e inflexível, quando o seu espírito ganhara a rijeza do ferro e todos os seus instintos e axiomas se haviam cristalizado em regras fixas, precauções, antipatias e desejos.

E contudo, na trilha que agora seguia, era de novo o dedo do destino que o compelia, o aguilhoava a suavizar aquilo que se tornara agreste, a remodelá-lo, tornando-o melhor. E neste caso o dedo do destino resumia-se a Weedon Scott. Penetrara até às raízes da natureza de Caninos Brancos e, suavemente, ia despertando potências adormecidas e quase mortas. Uma dessas potências era o amor. Tomou o lugar da dedicação o sentimento mais elevado que ele anteriormente experimentara, nas suas relações com os deuses.

Mas o amor não surgiu de um dia para o outro. Começou por ser apenas dedicação, sentimento que, lentamente, se foi transformando. Caninos Brancos não fugiu, embora lhe permitissem viver em liberdade, porque gostava deste novo deus. A vida que ali se lhe proporcionava era, sem dúvida, melhor do que a que levara na jaula de "Beleza" Smith, e ele tinha necessidade de um deus que o dominasse. A sua dependência do homem ficara marcada nele, naquele dia em que corraera atrás de Castor Cinzento e rastejara até aos seus pés para receber o castigo que esperava. Esta marca fora reavivada e de modo indelével, quando pela segunda vez voltara ao convívio dos homens, quando, terminado o longo período de fome, tornara a haver peixe na aldeia de Castor Cinzento.

E, assim, porque precisava de um deus, e porque preferia Weedon Scott a "Beleza" Smith, Caninos Brancos não foi embora. Em sinal de fidelidade, tomou o cargo de guardar a propriedade do seu dono. Rondava em volta da habitação, enquanto os cães dormiam, e o primeiro visitante noturno da cabana teve de o manter

em respeito com um pau até Weedon Scott vir em seu socorro. Mas Caninos Brancos depressa aprendeu a diferenciar os ladrões das pessoas honestas, a avaliar as suas intenções pela maneira de andar. Deixava em paz quem chegava com passo firme e ia direto à porta da cabana embora observasse atentamente o visitante até a porta se abrir e o dono o receber. Mas quem caminhava cautelosamente, fazendo rodeios, espreitando e procurando passar despercebido - esse não beneficiava da menor indulgência e Caninos Brancos obrigava-o logo a pôr-se em fuga, apressada e ignominiosamente.

Weedon Scott empreendera a tarefa de redimir Caninos Brancos, ou melhor, redimir a humanidade do mal que fizera a Caninos Brancos. Era uma questão de princípios e de consciência. Estava convencido de que o mal que lhe haviam causado constituía uma dívida que o homem devia pagar. Por isso tratava o Lobo Lutador com especial carinho e não passava um só dia sem o animar e o acariciar demoradamente.

Desconfiado e hostil a princípio, Caninos Brancos acabou por gostar de ser afagado. Mas houve uma coisa de que ele nunca foi capaz de se curar: o costume de rosnar. Desde que começavam a afagá-lo até que terminavam, rosnava incessantemente. Havia, porém, nesses rosnados um tom diferente, algo que uma pessoa estranha não conseguiria perceber, quem os ouvisse consideraria apenas que se tratava de uma manifestação de selvajaria atroz e horrível. Tão áspera estava, contudo, a garganta do animal, tão habituada a emitir durante anos aqueles sons ferozes - desde que, ainda cachorro, pela primeira vez assim manifestara o seu desagrado que agora era impossível suavizá-los para exprimir toda a doçura dos seus novos sentimentos. Apesar disso, o ouvido e a afeição de Weedon Scott perceberam aquela nota nova, quase apagada no mar de ferocidade - nota que não passava de fraquíssima sugestão de um murmúrio de contentamento, que ninguém, a não ser ele, conseguia distinguir.

À medida que passavam os dias, acelerava-se a evolução do novo afeto de Caninos Brancos. Ele próprio começou a tomar consciência dessa mudança, embora desconhecesse o que fosse o amor. Este manifestava-se como um aviso no seu ser vazio, faminto, doloroso, que ansiava ser preenchido. Era uma dor e um desassossego, que só acalmava com a presença do novo deus, então, o amor constituía para ele um prazer, uma satisfação selvagem e penetrante. Mas, quando estava longe do deus, a dor e o desassossego voltavam, o vazio surgia de novo como uma opressão, uma fome que o roía e tornava a roer incessantemente.

Caninos Brancos ia se encontrando a si próprio. Apesar da maturidade já atingida e da rigidez selvagem dos moldes que o haviam formado, na sua natureza verificava-se uma expansão, dentro dele brotavam sentimentos desconhecidos e impulsos estranhos. O seu velho código de conduta modificava-se. Antigamente procurava as coisas agradáveis e evitava as desagradáveis e de acordo com isso pautara todos os seus atos. Mas agora era diferente. Devido aos sentimentos novos que existiam dentro de si escolhia muitas vezes o que lhe causava aborrecimento, por amor do seu deus. E assim, de madrugada, em vez de andar na vagabundice e na pilhagem, ou de ficar deitado num canto abrigado, conservava-se durante horas na pouco agradável soleira da cabana, à espera de o ver surgir. À noite, quando o deus regressava a casa, Caninos Brancos abandonava o buraco quente que escavara na neve para dormir, e ia receber os afagos amigáveis dos dedos e a palavra de saudação. A carne, até a própria carne, trocava pela presença do seu deus, para

receber uma carícia dele ou para acompanhá-lo à cidade.

Agora conhecia o amor. Algo semelhante a uma sonda caíra nas profundezas do seu ser, onde nunca qualquer afeição tinha chegado, e de lá, em resposta, viera aquela coisa nova - o amor. Retribuía aquilo que lhe davam. Aquele era um verdadeiro deus, um deus-amor, um deus afetuoso e radiante, a cuja luz toda a sua natureza se expandia, tal como uma flor desabrocha ao sol.

Mas Caninos Brancos não mostrava os seus sentimentos. Era muito velho e endurecido para adotar novas formas de expressão - com extraordinário autodomínio, arraigado ao seu isolamento, habituado desde longa data à sua reserva, à indiferença e à melancolia. Nunca ladrara em toda a sua vida, e era agora incapaz de aprender a ladrar para dar as boas-vindas ao seu deus quando o visse aproximar-se.

Nunca exteriorizava o seu amor de maneira louca ou extravagante. Jamais corria ao encontro do dono. Esperava à distância, mas esperava sempre, estava sempre lá. O seu amor podia classificar-se de adoração, adoração silenciosa, muda e inarticulada. Só o seu olhar, que seguia incessantemente todos os movimentos do dono, exprimia todo o seu amor. E também, às vezes, quando o seu deus o olhava e lhe falava, a sua atitude traía um embaraço desajeitado provocado pela luta do amor por se exprimir e a sua incapacidade física de fazê-lo.

Aprendeu a adaptar-se de muitas maneiras a um novo gênero de vida. Compreendeu que devia deixar em paz os cães do seu dono, e assim fez, mas antes o impulso dominador da sua natureza levou-o a demonstrar-lhes violentamente a sua superioridade, exigindo-lhes o reconhecimento do seu posto de chefia. Depois disto, não teve mais problemas com eles. Abriam-lhe caminho, quando ele se aproximava ou se afastava, e, quando manifestava a sua vontade, obedeciam-lhe.

Da mesma forma, acabou por tolerar Matt - uma coisa que pertencia ao seu deus. Scott raramente lhe dava de comer. Era a Matt que isso competia - fazia parte das suas atribuições. No entanto, Caninos Brancos adivinhava que o que comia pertencia ao seu dono e que só por sua ordem é que o outro o alimentava. Foi Matt quem se encarregou de arreá-lo para o atrelar ao trenó, juntamente com os outros cães. Mas não o conseguiu. Tornou-se necessário que o próprio Weedon Scott o substituísse e fizesse compreender a Caninos Brancos que era sua vontade que se deixasse guiar por Matt, tal como faziam os outros cães.

Os trenós do Mackenzie distinguiam-se dos do Klondike por terem patins por baixo, e diferente era também o método de guiar os cães. Não os colocavam em forma de leque. Puxavam em fila, uns atrás dos outros, com tirante duplo. E aqui, no Klondike, o chefe o era na verdadeira acepção do termo. Punham nesse lugar o mais apto e forte de todos, ao qual os restantes tinham de obedecer. Que Caninos Brancos chegaria a conquistar em breve esse posto, era inevitável. Não se satisfazia com menos, como Matt aprendeu depois de muitos incômodos e problemas. Foi ele próprio que, por fim, se colocou na frente, e Matt, depois de feita a experiência, embora vociferando, reconheceu que ele merecia o lugar. Apesar de puxar o trenó durante o dia, Caninos Brancos não descurava a guarda da propriedade do seu dono, à noite. Estava, assim, em serviço todo o tempo, sempre vigilante e fiel, o mais valioso de todos os cães.

- Tenho de confessar - disse Matt um dia - que o senhor fez um grande negócio quando comprou este cão. Enganou lindamente o "Beleza" Smith, depois de lhe ter pregado um bom par de socos.

Os olhos cinzentos de Weedon Scott brilharam de cólera, e ele murmurou selvagememente:

- Aquele animal!

No fim da Primavera, Caninos Brancos sofreu um grande desgosto. Sem qualquer aviso, o dono desapareceu. Bem, avisos tinha havido, mas o animal, sem experiência destas coisas, não compreendera o que significava o acondicionamento da bagagem. Só mais tarde relacionou os dois fatos ao recordar os preparativos que haviam antecedido a ausência, mas na ocasião não suspeitou de nada. Na primeira noite esperou o regresso do dono. À meia-noite o vento gelado que soprava levou-o a procurar refúgio nos fundos da cabana. Ali se conservou, apenas meio adormecido, sempre à escuta do som de passos familiares. Mas, às duas horas da manhã, a sua ansiedade levou-o à fria soleira da porta da frente, onde se enroscou à espera.

Mas o dono não veio. De manhã, a porta se abriu, e Matt saiu. Caninos Brancos olhou-o ansiosamente. Mas não havia modo de averiguar aquilo que desejava. Os dias iam passando, e o dono não aparecia. Caninos Brancos, que nunca estivera doente em toda a sua vida, adoeceu, e tão gravemente, que Matt se viu por fim obrigado a metê-lo dentro da cabana. Além disso, quando escreveu ao patrão, acrescentou um post-scriptum a respeito dele.

Ao ler a carta em Cirele City, depararam-se a Weedon Scott estas palavras:

"Aquele maldito lobo não quer trabalhar
Nem comer. Já não lhe restam forças nenhuma.
Agora qualquer cão o domina. Quer saber o que
é feito de si, e eu não sei como o hei de dizer.
É capaz de morrer."

Era como Matt dizia. Caninos Brancos deixara de comer, achava-se apático e até permitia que qualquer cão da matilha o mordesse. Na cabana, passava todo o tempo deitado no chão, perto do fogo, sem interesse pela comida, por Matt ou pela vida. Tanto fazia Matt falar-lhe carinhosamente como gritar-lhe, limitava-se a virar os olhos tristes para ele, depois inclinava de novo a cabeça para a sua posição habitual entre as patas.

E uma noite, enquanto Matt lia, mexendo os lábios e pronunciando a meia-voz as palavras, ficou mudo de surpresa ao ouvir um fraco queixume de Caninos Brancos. Tinha-se levantado nas patas e, de orelhas espetadas na direção da porta, escutava atentamente. Momentos depois Matt ouviu passos. A porta abriu-se e surgiu Weedon Scott. Os dois homens apertaram-se as mãos, e o recém-vindo olhou em volta.

- Onde está o lobo?

Descobriu-o logo, no lugar onde costumava estar deitado, próximo do fogão. Não corraera ao seu encontro como é costume dos cães. Deixara-se ficar de pé, observando e à espera.

- Diabos me levem! - exclamou Matt. - Olhe como ele abana a cauda.

Weedon Scott avançou em direção ao animal, ao mesmo tempo em que o chamava. Caninos Brancos aproximou-se, sem ser de um salto, mas muito rapidamente. Parecia despertar do seu ensimesmamento, mas, ao chegar junto do dono, o seu olhar adquiriu uma expressão estranha. Qualquer coisa, um sentimento imenso e incomunicável acudia-lhe aos olhos, como uma luz, e brilhava com raro

fulgor.

- Ele nunca olhou para mim dessa maneira, durante todo o tempo em que o senhor esteve ausente - comentou Matt.

Weedon Scott não o ouvia. Agachado sobre os calcanhares e em frente de Caninos Brancos, fazia-lhe festas, coçava-lhe a base das orelhas, dava-lhe pancadinhas carinhosas ao longo do pescoço, batia-lhe ao de leve na espinha com as pontas dos dedos. E o animal respondia com rosnados de satisfação, mais pronunciados que nunca.

Mas não era tudo. A sua alegria, o grande amor que sentia e que sempre procurava manifestar encontrou um novo modo de expressão. De súbito avançou a cabeça e aninhou-a entre o braço e o corpo do dono. E com ela ali metida, e toda oculta com exceção das orelhas, o animal, agora sem rosnar, continuou a forcejar suavemente para melhor se aconchegar.

Os olhos dos dois homens encontraram-se. Os de Scott estavam brilhantes.

- Caramba! - exclamou Matt em voz assombrada.

Instantes depois, quando se recompôs, acrescentou:

- Eu sempre teimei que este lobo era um cão. Olhe para ele!

Com o regresso do dono, o restabelecimento de Caninos Brancos foi rápido. Passou duas noites e um dia na cabana. Depois saiu. Os cães, que haviam esquecido as suas antigas proezas e apenas recordavam a sua recente fraqueza e doença, mal o viram transpor o limiar da cabana atiraram-se a ele.

- Já vai ver como eles cantam - murmurou Matt, divertido, parado à porta a observar.

- Dê-lhes com força, lobo! Dê-lhes com força!

Caninos Brancos não precisava ser encorajado. O regresso do dono bastara. O sangue corria-lhe nas veias, de novo corajoso e indômito. Lutou por prazer, encontrando nisso tudo uma expressão de quanto sentia e não sabia exteriorizar de outra forma. O fim só podia ser um: a matilha foi depressa dispersa, numa derrota ignominiosa, e apenas depois de escurecer é que os cães regressaram cautelosamente, um a um, significando com humildade e brandura a sua submissão a Caninos Brancos.

O gesto de aconchegar-se ao braço do dono, repetia-o agora com frequência. Era o máximo que podia fazer. Extremamente cioso, mostrara sempre particular empenho em conservar bem livre a sua cabeça. Nunca gostara que lhe tocassem. O seu instinto selvagem, o medo da dor e das ciladas haviam dado origem aos impulsos de pânico que o levavam a evitar contatos. Era esse mesmo instinto que lhe lembrava a conveniência de manter livre a sua cabeça. E agora, ao aconchegar-se de encontro ao dono, fazia-o deliberadamente para se colocar a si próprio numa posição de abandono completo. Tratava-se de uma demonstração de confiança absoluta, de rendição total, como se dissesse: "Coloco-me em suas mãos. Faça de mim o que quiser."

Uma noite, pouco depois do regresso de Scott, estavam este e Matt sentados jogando uma partida de cartas, antes de irem deitar. "Cinquenta e dois, cinquenta e quatro e mais um par faz seis", contava Matt, quando ouviram lá fora um grito e barulho de rosnados. Olharam um para o outro e começaram a levantar-se.

- O lobo mordeu alguém - disse Matt. Um grito de terror e angústia os fez se apressarem.

- Traga luz - gritou Scott, dando um salto para fora.

Matt seguiu-o com uma candeia e, à luz dela, viram um homem caído na neve. Tinha os braços dobrados um sobre o outro, em cima do rosto e da garganta. Tentava desta maneira proteger-se dos dentes de Caninos Brancos. E tinha necessidade disso. O animal, enfurecido, procurava feri-lo nos pontos mais vulneráveis. Desde os ombros até aos pulsos, as mangas do casaco, da camisa de flanela azul e da camisola interior estavam feitas em pedaços, e por entre estes corria, em abundância, o sangue dos braços terrivelmente dilacerados.

Os dois homens viram tudo isto, ao primeiro relance. Weedon Scott agarrou imediatamente Caninos Brancos pelo pescoço e arrastou-o para longe. O animal lutava e rosnava, mas não fez qualquer tentativa para morder, e aquietou-se rapidamente, a uma ordem enérgica do dono.

Matt ajudou o homem a levantar-se. Este, quando se ergueu, baixou os braços que tinha cruzados, deixando a descoberto a cara brutal de "Beleza" Smith. O condutor de trenó largou-o precipitadamente, num gesto semelhante ao de um homem que tivesse tocado em fogo. "Beleza" Smith pestanejou, à luz da lanterna, e olhou em volta. Quando avistou Caninos Brancos, o terror estampou-se no rosto.

Ao mesmo tempo, Matt reparou em dois objetos caídos sobre a neve. Aproximou a lanterna e indicou-os ao patrão, com o pé. Era uma corrente de aço e um sólido cacete.

Weedon Scott viu e acenou com a cabeça. Ninguém pronunciou uma palavra. Matt pousou a mão no ombro de "Beleza" Smith e o fez voltar para a direita. Não foi preciso dizer nada. O homem tratou de se afastar.

Entretanto, Scott fazia festas a Caninos Brancos e falava com ele.

- Tentou roubar-te, hein? E você não o consentiu! Bom, bom, ele se enganou, não é verdade?

- Deve ter pensado que era o diabo que andava à solta - riu o condutor de trenó.

Caninos Brancos, ainda furioso e eriçado, rosnava e tornava a rosnar, mas o pêlo foi se acamando pouco a pouco e da garganta passou a sair-lhe apenas um rouco rosnado que parecia longínquo, embora persistente.

Quinta Parte

CAPÍTULO 1 - A LONGA VIAGEM

A coisa andava no ar. Caninos Brancos compreendeu que se aproximava uma calamidade, mesmo antes de haver qualquer evidência tangível dela. De maneira vaga, percebeu que estava iminente uma modificação. Não sabia como nem por que, contudo a certeza do acontecimento futuro era-lhe revelado pela atitude dos próprios deuses. De modo sutil, de que nem davam conta, eles traíam as suas intenções a Caninos Brancos, que não arredava pé do terreno em frente à cabana e, embora nunca lá entrasse, sabia o que se passava nos cérebros dos seus habitantes.

- Ouça aquilo - exclamou uma noite Matt, quando os dois homens ceavam.

Weedon Scott pôs-se à escuta. Através da porta ouviu-se um ganido surdo e ansioso, semelhante a mal reprimido soluço que por fim irrompe e em seguida o ruído que acompanha o prolongado farejar. Era Caninos Brancos que procurava assegurar-se de que o seu deus ainda estava lá dentro e não desaparecera sozinho e inexplicavelmente.

- Tenho certeza de que aquele lobo está espiando-lhe os passos - observou o condutor de trenó.

Weedon Scott fitou o companheiro, com olhar quase implorativo, embora as palavras que a seguir pronunciou desmentissem aquela impressão.

- Que diabo vou fazer com um lobo, na Califórnia? - perguntou.

- É isso mesmo que eu penso - respondeu Matt. - Que diabo vai o senhor fazer com um lobo, na Califórnia?

Isto, porém, não satisfez Weedon Scott. O outro parecia não querer exprimir o que pensava.

- Faria um estrago nos cães de lá - continuou Scott. - Os mataria num segundo. Se não conseguisse arruinar-me com as indenizações que teria de pagar por perdas e danos, as autoridades o tirariam de mim e acabariam por eletrocutá-lo.

- Ele é um assassino incorrigível, bem sei - foi o comentário do condutor de trenó.

Weedon Scott olhou para o companheiro, desconfiado.

- Não posso levá-lo - disse ele, em tom terminante.

- Claro que não - concordou Matt. - Teria de contratar um homem especialmente para tratar dele.

A suspeita de Scott atenuou-se. Abanou a cabeça, satisfeito. No silêncio que se seguiu, ouviram-se à porta os ganidos surdos e plangentes, seguidos do farejar longo e inquiridor.

- Não há a menor dúvida que ele tem grande afeição por você - observou Matt.

O outro fixou-o, subitamente encolerizado:

- Diabos te levem, homem! Sei muito bem aquilo que quero e o que é melhor!

- Concordo com você, mas...

- Mas o quê? - cortou Scott.

- Mas... - recomeçou o condutor de trenó suavemente, logo, porém, mudando de idéia, manifestou todo o mau humor que lhe ia no íntimo. - Bom, não precisa de se chatear! A julgar pelas suas reações, parece que não sabe o que decidir.

Weedon Scott debateu-se consigo próprio durante uns momentos, e depois disse mais brandamente:

- Tem razão, Matt. Não sei o que fazer, e aí é que está o problema. - Houve uma pausa e depois acrescentou: - Seria ridículo levá-lo comigo.

- É claro - foi a resposta de Matt.

O patrão, porém, mais uma vez não ficou inteiramente satisfeito com ela.

- Mas como diabo sabe o bicho que o senhor se vai embora é que me espanta - continuou o condutor de trenó inocentemente.

- Também não compreendo - respondeu Scott, com um melancólico aceno de cabeça.

E chegou o dia em que, através da porta aberta da cabana, Caninos Brancos viu no meio do chão a mala fatal e o dono metendo lá dentro as suas coisas. Havia também idas e vindas e a anterior atmosfera plácida da cabana era agitada por uma perturbação e um desassossego desacostumados. Aquilo constituía prova indiscutível. Ele já o pressentira. Agora tinha certeza. O seu deus preparava-se para nova viagem. E, como não o levara consigo da outra vez, podia contar que agora também o deixaria.

Nessa noite deixou ouvir o prolongado uivo do lobo. Tal como tinha uivado, na sua infância, quando abandonara a selva e voltara para a aldeia e a encontrara deserta, apenas com um monte de lixo marcando o lugar onde se erguera a tenda de Castor Cinzento, assim, agora, elevando o focinho para as estrelas indiferentes, Caninos Brancos contava-lhes a sua mágoa.

Dentro da cabana, os dois homens tinham acabado de se deitar.

- Deixou de comer outra vez - observou Matt da sua cama.

Weedon Scott sussurrou um resmungo, enquanto agitava os cobertores.

- Pelo que sucedeu da outra vez, quando o senhor esteve ausente, não me admira nada que agora ele morra.

Os cobertores na outra cama agitaram-se irritadamente.

- Oh, cale-se! - gritou Scott na escuridão. - Você fala mais que uma mulher.

- Sim, tem toda a razão - respondeu o condutor de trenó. E Weedon Scott ficou sem saber se o companheiro não estaria rindo à sua custa.

No dia seguinte, a ansiedade e o desassossego de Caninos Brancos eram ainda maiores. Não largava os calcanhares do dono, sempre que este saía da cabana, e não abandonava o terreiro em frente à entrada quando ele estava lá dentro. Através da porta aberta, podia avistar a bagagem no chão. À mala tinham-se juntado dois grandes sacos de lona e um caixote. Matt enrolava os cobertores do amo e o casaco de pele num oleado. Caninos Brancos pôs-se a ganir, ao observar a operação.

Mais tarde chegaram dois índios. Vigiou-os atentamente, enquanto eles punham as bagagens aos ombros e seguiam, ladeira abaixo, atrás de Matt, que transportava a mala e as roupas da cama. Mas o animal não lhes foi no encalço. O dono estava ainda na cabana. Decorrido algum tempo, Matt regressou. Scott chegou à porta e chamou Caninos Brancos para dentro.

- Pobre diabo - disse ele carinhosamente, esfregando-lhe as orelhas e dando-lhe pancadinhas na espinha. - Vou fazer uma longa viagem, meu velho, e você não pode vir comigo. Agora solta um último rosnado... o rosnado de adeus.

Mas Caninos Brancos recusou-se a rosnar. Em vez disso, depois de um olhar ávido e perscrutador, aninhou-se, escondendo a cabeça entre o braço e o corpo do dono.

- Lá está ele apitando! - exclamou Matt. Dos lados do Yukon vinha o apito roufenho de um vapor. - Tem de se apressar. Não se esqueça de fechar a porta da frente. Eu vou por trás. Rápido!

As duas portas fecharam-se ao mesmo tempo, e Weedon Scott esperou que Matt contornasse a casa. Do interior da cabana chegaram-lhes ao ouvido tênues ganidos semelhantes a soluços, depois, o ruído característico de prolongado e profundo farejar.

- Trate bem dele, Matt - recomendou Scott, quando começaram a descer a ladeira. - quando me escrever, conte-me como ele está.

- Com certeza - respondeu o condutor de trenó. - Mas escute só aquilo!

Ambos pararam. Caninos Brancos uivava, como fazem os cães, quando os donos morrem. Exprimia uma mágoa extrema; o grito elevava-se em ímpetos comovedores e extinguia-se em gemidos trêmulos, para subir outra vez em novos ímpetos de dor.

O Aurora era o primeiro vapor que esse ano se dirigia para a costa, e os convés estavam apinhados de aventureiros prósperos e pesquisadores de ouro arruinados, todos igualmente tão ansiosos por chegarem à costa, como anteriormente o tinham estado por se verem no interior. Perto da prancha de embarque, Scott apertou a mão de Matt, que se preparava para descer para terra. De súbito, a mão deste ficou inerte nas mãos do outro o seu olhar desviara-se, indo fixar-se em qualquer coisa por trás de Scott. Este voltou-se para ver o que acontecia. Sentado no convés, a alguns passos de distância e observando-os ansiosamente, estava Caninos Brancos.

O condutor de trenó praguejou baixinho em tom espantado. Scott olhava, sem pronunciar palavra.

- Fechou à chave a porta da frente? - perguntou Matt.

O outro fez que sim com a cabeça e inquiriu:

-E a de trás?

- Posso jurar que a fechei - foi a resposta veemente.

Caninos Brancos baixou as orelhas insinuantemente, mas deixou-se ficar onde estava, sem fazer qualquer tentativa para se aproximar.

- Tenho de levá-lo comigo para terra.

Matt deu alguns passos na direção do animal, mas este esquivou-se. O condutor de trenó então o perseguiu, e ele escapou-se por entre as pernas de um grupo de homens. Abaixando-se, virando-se, escapando-se, deslizava pelo convés, iludindo-lhe os esforços para agarrá-lo.

Mas, quando Scott o chamou, Caninos Brancos correu logo na sua direção.

- Não quer saber da mão que lhe deu de comer estes meses todos - resmungou Matt com ressentimento.- E o senhor... o senhor que nunca lhe deu comida, depois daqueles primeiros dias de familiarização.... Diabos me levem se entendo como é que ele sabe que o senhor é que é o patrão.

Scott, que estivera afagando Caninos Brancos, baixou-se subitamente e apontou para alguns cortes frescos no nariz e um talho entre os olhos.

Matt curvou-se também e passou a mão pela barriga de Caninos Brancos.

- Esquecemos da janela. Ele está todo cortado e arranhado por baixo. Deve ter-se atirado através dos vidros, Santo Deus!

Mas Weedon Scott não o escutava. O seu cérebro trabalhava rapidamente. O apito do Aurora soltou um último aviso de partida. Homens desciam correndo a prancha

de embarque. Matt desapertou o lenço que trazia ao pescoço e começou a pô-lo em volta do de Caninos Brancos. Scott segurou a mão do condutor de tremó.

- Adeus, Matt, meu velho. A respeito do lobo, não precisa escrever. Sabe, eu...!

- O quê! - explodiu o outro. - Não quer dizer que...?

- Quero dizer isso mesmo. Aqui está o seu lenço. Quando te escrever darei notícias dele.

Matt parou no meio da prancha.

- Ele não suportará aquele clima! - gritou. - A não ser que o tosque no tempo quente!

A prancha foi retirada e o Aurora afastou-se da margem. Weedon Scott acenou um último adeus. Depois deu meia-volta e curvou-se sobre Caninos Brancos, que estava a seu lado.

- Agora rosne, malandro, rosne - disse, acariciando-lhe a cabeça e coçando-lhe as orelhas derrubadas.

CAPÍTULO 2 - AS TERRAS DO SUL

Quando desembarcou do vapor em São Francisco, Caninos Brancos ficou atemorizado. No seu íntimo, sem ser por raciocínio, ou conhecimentos adquiridos, achava-se profundamente arraigada a idéia de que o poder andava sempre associado com a divindade. E nunca os homens brancos lhe tinham parecido deuses tão maravilhosos como agora, enquanto caminhava pelas escorregadias ruas de São Francisco, a ladeá-las, em vez das cabanas de toros que conhecia, erguiam-se edifícios altíssimos e nelas abundavam os perigos: carroças, carruagens e automóveis. Cavalos grandes, puxando veículos enormes e monstruosos carros de tração elétrica apitando estridentemente, silvando de modo ameaçador e insistente, à maneira dos lincos que ele conhecera lá nas florestas do Norte.

Todas aquelas coisas constituíam manifestações de poder, por trás das quais estava o homem, que as regia e regulava, demonstrando como sempre o seu domínio sobre as coisas inanimadas. Era extraordinário, espantoso. Caninos Brancos achava-se assombrado. Teve medo. Tal como naquele dia, na sua infância, em que, pela primeira vez, ao deixar a selva e ao ver a aldeia de Castor Cinzento, percebera a sua pequenez e insignificância, assim agora, que atingira a maturidade e a consciência da sua força, compenetrava-se de quão pequeno e insignificante era. E havia tantos deuses! O seu formigar chegava a causar-lhe tonturas. O barulho das ruas quase o ensurdecia, aquele movimento continuo, aquela agitação deixavam-no atordoado. Mais do que nunca, sentia-se dependente do dono, a cujos calcanhares seguia colado, fosse o que fosse que acontecesse, jamais o perdendo de vista.

Mas Caninos Brancos apenas ficaria com uma visão de pesadelo da cidade - uma experiência que era como um sonho mau, irreal e terrível e o perseguiria durante muito tempo enquanto dormia. O dono meteu-o num carro de transporte de bagagem, preso num canto, no meio de baús e malas empilhados, onde governava um deus musculoso que barulhentemente os manobrava, puxando-os para dentro e empilhando-os uns sobre os outros, ou fazendo-os sair pela porta fora com grande estrépito, para os entregar a pessoas que estavam à espera deles.

E ali, no meio daquele inferno de bagagens, foi Caninos Brancos abandonado.

Ou pelo menos ele assim pensou, até ter farejado os sacos de lona com roupa do dono, ao seu lado. Tratou logo de os ter debaixo de olho.

- Já não é sem tempo que o senhor chega - grunhiu o deus do carro, uma hora mais tarde, quando Weedon Scott apareceu à porta. - O cão não me deixa pôr um dedo na sua bagagem.

Caninos Brancos desceu do carro. Ficou atônito. Acabara-se o pesadelo. Para ele o carro não passara de um compartimento de uma casa, e quando ali entrara, a cidade rodeava-o. Agora ela desaparecera. O seu rumor já não lhe aturdiu os ouvidos. Diante de si tinha o campo alegre, inundado de sol, indolente de tranqüilidade. Mas de pouco tempo dispôs para admirar aquela transformação. Aceitou-a tal como aceitava todos os atos e manifestações dos deuses. Era assim que eles agiam.

Estava uma carruagem à espera. Viu aproximarem-se do dono um homem e uma mulher. Esta lhe lançou os braços ao pescoço, estreitando-o - um gesto hostil! Weedon Scott teve logo de libertar-se do abraço e voltar-se para Caninos Brancos, que se transformara num demônio enfurecido e rosnador.

- Não há perigo, mãe - disse ele, enquanto segurava bem o animal e o acalmava. - Pensou que me ia fazer mal e não o consentiria. Não há perigo. Não há perigo. Ele depressa aprenderá.

- E, entretanto, só terei licença de abraçar meu filho quando o seu cão não estiver presente - tornou-lhe a senhora, rindo, embora estivesse pálida e trêmula de susto.

Olhou para Caninos Brancos, que rosnou e eriçou o pêlo, fixando-a maldosamente.

- Ele terá de aprender e será agora mesmo - decidiu Scott.

Falou brandamente a Caninos Brancos até acalmá-lo e, depois, em tom firme, ordenou-lhe:

- Deite-se! Deite-se!

Esta era uma das coisas que lhe ensinara, e Caninos Brancos obedeceu, embora relutante e de mau humor.

- Vá, mãe!

Scott estendeu os braços para ela, mas sem desviar os olhos do cão.

- Deitado! Deitado! - avisou.

Caninos Brancos, que já ia se erguer, todo eriçado, deitou-se de novo e observou a repetição daquele gesto hostil. Mas deste nenhum mal resultou, nem tão pouco do outro abraço, dado pelo homem. Depois as malas foram metidas na carruagem, após o que nela entraram os deuses desconhecidos e o dono. Uma vez a viatura em movimento, Caninos Brancos seguiu-a, ora correndo vigilantemente atrás, ora eriçando-se para os cavalos que galopavam, como a avisá-los de que estava ali para cuidar de que nenhum mal acontecesse ao deus que eles tão velozmente puxavam.

Ao cabo de quinze minutos, a carruagem passou um portão e avançou pelo meio de uma dupla fila de nogueiras, cuja folhagem, entrelaçando-se, formava um arco. De ambos os lados estendiam-se relvados, cuja vasta extensão era quebrada aqui e ali por grandes carvalhos de grossos ramos. Não longe, contrastando com o verde tenro da relva cuidada, campos de feno crestados pelo sol exibiam o seu tom dourado; e por detrás deles, estendiam-se colinas e pastagens. Ao cimo do relvado, na primeira elevação suave do vale, erguia-se uma casa com inúmeras janelas e largas varandas.

Caninos Brancos não teve, porém, oportunidade de ver, então, tudo aquilo. Mal a carruagem entrou na propriedade, começou a ser perseguido por um cão-pastor de olhos brilhantes e focinho pontiagudo, que pelo vistos tinha o direito de se mostrar zangado com a sua presença ali. Interpôs-se entre ele e o dono. Caninos Brancos não rosnou nenhum aviso, mas o pêlo eriçou-se, e investiu no seu costumado ataque silencioso e mortal. Este não chegou a consumir-se. Ele deteve-se abrupta e desajeitadamente, as patas dianteiras retesadas a travarem o ímpeto com que ia, quase sentando-se nos quartos traseiros, tal o desejo de evitar o contato com o cão que estivera prestes a atacar. Era uma fêmea, e a lei da sua espécie impedia-o de atacá-la. Para fazê-lo teria de violar o próprio instinto.

Mas com a cadela não acontecia o mesmo. Sendo uma fêmea, não possuía este instinto. Além disso, como se tratava de um cão-pastor, o seu receio instintivo dos animais selvagens e em especial do lobo era vivíssimo. Para ela Caninos Brancos não passava de um lobo, um salteador hereditário, que pilhava os rebanhos desde o tempo em que pela primeira vez os guardara qualquer seu remoto antepassado. E assim, enquanto ele desistia de atacá-la e evitava mesmo o contato, a cadela caiu-lhe em cima, mordendo-o. Caninos Brancos recuou, de pernas retesadas, e tentou esquivar-se. Escapava-se para um lado e para outro, dava voltas e mais voltas, mas sem resultado. Encontrava-a sempre interceptando-lhe a passagem.

- Aqui, Colhe! - chamou o homem desconhecido de dentro da carruagem.

Weedon Scott riu.

- Deixe, pai. Só lhe faz bem. Caninos Brancos terá de aprender muitas coisas e pode começar desde já. Ele se arranjará perfeitamente.

A carruagem continuou a avançar, e Colhe sempre a impedir a passagem de Caninos Brancos. Este tentou adiantar-se, deixando o caminho e descrevendo um círculo através do relvado, mas ela corria pela parte interior desse círculo e nunca perdia terreno, aparecendo-lhe sempre pela frente Com as suas fieiras de dentes brilhantes.

O cão repetiu a operação em sentido oposto e dirigindo-se para outro relvado, mas de novo ela lhe tomou a dianteira.

A carruagem afastava-se com o dono. Caninos Brancos viu-a desaparecer por entre as árvores. A situação era desesperada. Experimentou fazer outro desvio. A cadela perseguiu-o, correndo velozmente. E então, repentinamente, ele deteve-se e atacou-a. Empregou a sua velha estratégia de combate. Ombro contra ombro, empurrou-a com toda a força. Colhe não foi apenas derrubada. A sua própria velocidade a fez rolar, ora de costas, ora de lado, esforçando-se por parar, arranhando o cascalho com as patas e guinchando estridentemente, de orgulho ferido e de indignação.

Caninos Brancos não esperou. O caminho estava livre, e isso lhe bastava. A cadela correu atrás dele, nunca deixando de ladrar. Agora iam em linha reta e, quando se tratava de correr, Caninos Brancos era invencível. Colhe perseguia-o desesperadamente, histericamente, esforçando-se ao máximo, denunciando em cada salto o esforço que fazia, entretanto, Caninos Brancos parecia deslizar na sua frente, em silêncio, sem esforço, como um fantasma que resvasse suavemente pelo solo.

Ao contornar a casa, em direção à porta-cocheira, deparou-se a carruagem, que acabava de parar e da qual descia o dono. Nesse momento, correndo ainda a toda a velocidade, sentiu-se atacado de lado. Era um galgo que se atirava a ele. Caninos

Branco tentou enfrentá-lo. Mas ia com muita velocidade e o galgo estava próximo demais, por isso não pôde evitá-lo e foi atingido com tal ímpeto e tão inesperadamente que rolou pelo chão. Levantou-se, furioso, com as orelhas deitadas para trás, os beiços franzidos, o focinho arreganhado, os dentes entrechocaram-se quando, por um triz, faliu a parte inferior e mais tenra da garganta do galgo.

O dono já corria para ele, mas vinha ainda muito longe e foi Colhe quem salvou a vida do galgo. Antes que Caninos Brancos pudesse dar-lhe o golpe mortífero, e precisamente no momento do ataque fatal, ela apareceu, furiosa por ter sido ludibriada e ultrapassada para não falar no fato de haver rolado ignominiosamente pelo cascalho, chegou como um furacão, um misto de dignidade ofendida, de justa ira e de ódio instintivo por aquele salteador vindo da selva. Chocou em ângulo reto com Caninos Brancos, que ia a meio do salto, e de novo ele foi derrubado e rolou por terra.

O dono chegou logo a seguir e com uma das mãos segurou Caninos Brancos, enquanto o pai chamava os outros cães.

- Que recepção calorosa ao pobre e solitário lobo do ártico! - comentou Weedon Scott, enquanto acalmava Caninos Brancos com festas. Em toda a sua vida, só uma vez, que se saiba, foi derrubado e aqui já o derrubaram duas, em trinta segundos.

A carruagem tinha se afastado e da casa haviam surgido outros deuses. Alguns deles mantinham-se a distância respeitosa, mas dois, que eram mulheres, praticaram o gesto hostil de apertarem Scott pelo pescoço. Caninos Brancos, no entanto, começava a tolerar tal ato, pois nada de mal resultava daí para o seu dono, e o barulho que os deuses faziam não era certamente ameaçador. Os desconhecidos também quiseram aproximar-se do cão, mas ele, com um rosnado, mantinha-os à distância, e outro tanto fazia o dono com palavras. Nessas ocasiões, o animal encostava-se às pernas de Scott, que lhe dava pancadinhas tranqüilizadoras na cabeça.

À ordem de "Dick! quieto!", o galgo subira as escadas e deitara-se na varanda, sempre rosnando e vigiando sombriamente o intruso. Uma das deusas tomara Conta de Colhe e, rodeando-lhe o pescoço com os braços, acariciava-a. Mas a cadela estava perplexa e preocupada, ganindo, inquieta, ultrajada por permitirem a presença daquele lobo e certa de que estava a cometer-se um erro.

Todos os deuses começaram a subir as escadas para entrar em casa. Caninos Brancos seguia colado aos calcanhares do dono. Dick rosnou da varanda, e Caninos Brancos, nas escadas, de pêlo eriçado, correspondeu ao rosnado.

- Levem Colhe para dentro e deixem os dois ajustar contas um com o outro - propôs o pai de Scott. - Depois ficarão amigos.

- E Caninos Brancos, para demonstrar a sua amizade, presidirá ao funeral de Dick - respondeu-lhe o filho rindo.

O Scott mais velho olhou, incrédulo, primeiro para Caninos Brancos, depois para Dick e, por fim, para o filho.

- Quer dizer...?

Weedon confirmou com a cabeça.

- Quero dizer isso mesmo. Seria um cão morto dentro de um minuto, no máximo dois

Voltou-se para Caninos Brancos.

- Anda daí, lobo, você é que tem de vir para dentro.

Caninos Brancos, de patas retesadas e cauda esticada, subiu os degraus, atravessou a varanda, de olhos fitos em Dick, para se precaver contra um ataque de

flanco, e ao mesmo tempo preparado para enfrentar qualquer ameaça desconhecida. que podia surgir do interior da casa e lançar-se sobre ele. Mas nada veio lá de dentro e quando, uma vez no interior, esquadrinhou tudo em redor, em busca de algo de perigoso, nada descobriu. Então deitou-se aos pés do dono com um grunhido de satisfação, observando quanto se passava, sempre pronto a pôr-se de pé, de um salto, para lutar contra as coisas terríveis que, segundo ele, deviam esconder-se debaixo do teto suspeito daquela habitação.

CAPÍTULO 3 - OS DOMÍNIOS DO DEUS

Não só Caninos Brancos era adaptável por natureza, como, tendo viajado muito, conhecia a importância e a necessidade de se acomodar às circunstâncias. Ali, em Sierra Vista - assim se denominava a propriedade do juiz Scott - ele depressa começou a sentir-se à vontade. Nunca mais teve complicações sérias com os cães. Estes conheciam melhor a maneira de viver dos deuses do Sul do que ele, e aos seus olhos o intruso adquirira extraordinária importância, ao verem-no acompanhar os donos para o interior da casa. Embora se tratasse de um lobo, e aquilo não tivesse precedentes, a sua presença fora sancionada pelos deuses, e aos cães não competia interferir nos seus atos.

Na verdade, Dick mostrou, a principio, certa animosidade contra Caninos Brancos, mas teria acabado por tornar-se seu grande amigo se o recém-chegado não fosse avesso a amizades. Tudo o que pedia aos outros cães era que o deixassem em paz. Mantivera-se sempre afastado dos da sua espécie e era assim que desejava continuar. As tentativas de aproximação de Dick aborreciam-no, e por isso as repelia, rosnando. No Norte aprendera a deixar em paz os cães do dono e nem agora esquecia a lição. Mas insistia no seu isolamento, mostrava-se reservado e ignorava tão completamente Dick que esta afável criatura acabou por pô-lo de lado, ligando-lhe tanta importância como ao poste que existia próximo do estábulo.

Mas com Colhe já não sucedia o mesmo. Embora ela aceitasse a sua presença, porque assim o ordenavam os deuses, isso não era razão para deixá-lo em paz. Gravada no fundo do seu ser, havia a recordação de inúmeros crimes que ele e os da sua raça tinham perpetrado contra os seus antepassados, e nem num dia nem em toda uma geração podiam esquecer-se os apriscos saqueados. Tal recordação aguilhoava-a, incitava-a a exercer represálias. Ela não podia atacá-lo diante dos deuses, que o toleravam, mas isso não a impedia de lhe tornar a vida num inferno, por todos os meios ao seu alcance. Entre os dois existia um ódio de séculos, e ela se encarregara de lhe recordar continuamente.

Assim, aproveitando-se dos privilégios do sexo a cadela não perdia uma única oportunidade de atormentá-lo. Por um lado, o instinto de Caninos Brancos não lhe permitia atacá-la, enquanto, por outro, a persistência dela era tal que se tornava impossível ignorá-la. Quando Colhe se lançava sobre Caninos Brancos, este oferecia as espáduas, protegidas pelo pêlo, aos seus dentes aguçados e afastava-se, todo retesado e digno. Se a cadela insistia, então se via obrigado a andar em círculo, com as espáduas à mercê dela, a cabeça fora do seu alcance, tendo no focinho e nos olhos uma expressão paciente e aborrecida. Algumas vezes, no entanto, uma mordidela nos quartos traseiros apressava a sua retirada, que então nada tinha de digna. Mas,

geralmente, conseguia manter uma dignidade quase solene. Ignorava a presença dela, sempre que lhe era possível, e procurava não lhe atravessar no caminho. Quando a via ou ouvia aproximar-se, logo tratava de afastar-se.

Havia, porém muitas mais coisas a aprender. A vida nas terras do Norte decorria com extrema simplicidade, comparada com as complicações de Sierra Vista. Em primeiro lugar, teve de aprender tudo o que se referia à família do dono. De certo modo estava preparado para fazê-lo. Tal como Mit-Sah e Kloo-Kooch pertenciam a Castor Cinzento, partilhando a comida, a fogueira e os cobertores dele, assim ali, em Sierra Vista, pertenciam ao dono todos os habitantes da casa.

Mas neste caso havia uma diferença, várias diferenças. Sierra Vista era muito maior do que a tenda de Castor Cinzento e viviam ali muitas pessoas. O juiz Scott e a esposa, as duas irmãs do dono, Beth e Maria, a mulher dele, Alice, e os filhos do casal - Weedon e Maud - crianças de quatro e seis anos. Não havia processo de ninguém lhe explicar os laços de sangue existentes entre todas aquelas pessoas, e a esse respeito ele nada sabia nem nunca viria a saber. Contudo, compreendeu rapidamente que todas elas pertenciam ao seu dono. Depois, pela observação, sempre que a oportunidade se oferecia, pelo estudo dos gestos, da fala e das próprias entonações da voz, entendeu, pouco a pouco, da intimidade e grau de estima que assumam ao dono. Isto constituía um padrão e de acordo com ele as tratava. O que o seu senhor apreciava, apreciava-o ele também, o que era querido ao dono, era estimado por Caninos Brancos e guardado ciosamente.

Assim aconteceu com as crianças. Toda a sua vida as olharia com antipatia. Odiava e receava as suas mãos. O que aprendera acerca da sua tirania e crueldade, nos tempos em que vivia nas aldeias indianas, não lhe deixara gratas recordações. Por isso, quando Weedon e Matt se aproximaram dele pela primeira vez, rosna-lhes malevolamente. Uma palmada do dono e uma palavra áspera tinham-no obrigado a permitir as carícias das crianças, embora continuasse a rosnar, enquanto as mãos pequeninas o afagavam, sem demonstrar quaisquer sinais de satisfação. Mais tarde observou que o menino e a menina tinham grande valor aos olhos do seu senhor. Tanto bastou para que não fossem necessárias mais pancadas ou palavras ásperas para lhes permitir que o acarinhassem.

No entanto, Caninos Brancos nunca lhes demonstrou afeição efusiva. Submetia-se aos filhos do dono, de má vontade, mas honestamente, e suportava as suas brincadeiras, como quem suporta uma operação dolorosa. Quando já não podia agüentar mais, levantava-se e afastava-se com ar decidido. Ao cabo de algum tempo, chegou, porém, a gostar das crianças, embora o não demonstrasse. Não corria ao seu encontro, nem fugia ao vê-las, limitava-se a esperá-las quando caminhavam na sua direção. E, mais tarde ainda, notava-lhe um brilho de satisfação nos olhos quando as via aproximarem-se e seguia-as com o olhar, em que havia uma curiosa expressão de tristeza, se elas o abandonavam para se entregarem a outras brincadeiras.

Toda esta evolução levou o seu tempo. A seguir na sua estima, depois das crianças, estava o juiz Scott. Havia possivelmente duas razões para isto: a primeira, porque se tornava evidente o alto apreço com que o seu dono o tratava e a segunda, porque se tratava de um homem reservado. Caninos Brancos gostava de se deitar aos pés, na larga varanda, quando ele estava lendo o jornal, dirigindo-lhe de tempos a tempos um olhar ou uma palavra - calmos testemunhos de que reconhecia a sua existência e via com gosto a sua presença ali. Mas isto só acontecia quando Weedon

Scott andava por longe. Quando ele aparecia, todos os outros seres deixavam de existir para Caninos Brancos.

Agora ele permitia a todos os membros da família que o acarinhassem e afagassem, mas nunca lhes dava o que reservava só para o dono. Nenhuma carícia dos outros o fazia rosnar de satisfação, e por mais que tentassem, nunca ninguém o persuadiu a aconchegar-se de encontro ao seu corpo. Esta expressão de abandono e submissão, de confiança absoluta, reservava-a apenas para Weedon Scott. Na realidade, não considerava os membros da família senão como pertences do seu dono.

Caninos Brancos aprendeu também, logo ao princípio, a distinguir entre a família e os criados da casa. Estes temiam-no, enquanto ele apenas se abstinha de os atacar; e isto porque os considerava igualmente pertences do seu dono. Entre Caninos Brancos e os criados existia como que uma neutralidade, e nada mais. Eles cozinhavam e lavavam os pratos e faziam outras tarefas, tal como Matt no Klondike. Constituíam, em resumo, acessórios da casa.

No exterior do edifício eram bem mais numerosas as coisas que Caninos Brancos teve de aprender. Os domínios do dono, vastos e complexos, tinham, no entanto, os seus marcos, os seus limites. A propriedade, propriamente dita, terminava na estrada municipal. Para além dela ficavam os domínios comuns a todos os deuses: as ruas e as estradas. Mais além ainda, dentro de outras vedações, estendiam-se os domínios particulares de outros deuses. Muitas leis governavam todas aquelas coisas e determinavam a conduta a adotar. Contudo, ele não conhecia a língua dos deuses, nem tinha outra maneira de aprender a não ser pela experiência. Obedecia aos seus impulsos naturais até o contrariarem. Depois de isto acontecer algumas vezes, aprendia a lei e observava-a a partir de então.

Mas nada influía mais na sua educação do que a pancada dada pela mão do dono, a censura da sua voz. Devido ao imenso amor que lhe dedicava, uma pancada sua doía-lhe muito mais do que qualquer das sovas que Castor Cinzento ou "Beleza" Smith jamais lhe tinham infligido. Eles magoavam-lhe apenas a carne, e Caninos Brancos continuava enfurecido, orgulhoso e indomável. Agora, a pancada da mão do seu atual dono, embora muito leve para lhe magoar muito a carne, feria-o bem mais intensamente. Com ela, Scott exprimia a sua reprovação, e isso entristecia profundamente Caninos Brancos.

Na realidade, raramente o dono recorria ao castigo. A sua voz era suficiente para mostrar a Caninos Brancos se procedera bem ou mal. Por ela o animal regulava a sua conduta e ajustava as suas ações. Era como que a bússola pela qual ele se guiava e aprendia a viver naquela terra desconhecida.

No Norte, o único animal domesticado era o cão. Todos os outros viviam em liberdade e, quando não eram muito fortes, constituíam presas legítimas de qualquer cão. Toda a vida Caninos Brancos pilhara entre os seres vivos, para prover à sua alimentação. Não conseguia compreender que no Sul se procedesse de outra maneira. Mas cedo teve de convencer-se disso na sua nova residência do vale de Santa Clara. Vadiando em volta da casa, certa manhã muito cedo, encontrou um frango que fugira da capoeira.

O seu impulso natural foi comê-lo. Dois saltos, o brilho dos dentes, um cacarejar assustado, e ele tinha engolido a ave aventureira. Criado ali na quinta, estava tenro e gordo e Caninos Brancos, lambendo os beiços, considerou-o um manjar excelente. Nesse mesmo dia, mais tarde, encontrou outro que andava perdido junto dos

estábulos. Um dos criados correu em seu socorro, mas como não conhecia Caninos Brancos, como arma agarrou num chicote. À primeira chibatada, o cão abandonou o frango para se atirar ao homem. Um pau poderia ter-lhe imposto respeito, mas nunca um chicote. Silenciosamente, sem sequer se desviar, apanhou a segunda chicotada no focinho quando saltou à garganta do criado, este gritou "Santo Deus!" e recuou atabalhoadamente. Deixou cair o chicote e protegeu a garganta com os braços. Em consequência disso, foi o antebraço que ficou rasgado até ao osso.

O homem estava mortalmente assustado, não tanto pela ferocidade de Caninos Brancos como pelo silêncio que ele guardava. Continuando a proteger a garganta e o rosto com o braço ferido e sangrento, tentou recuar até ao celeiro, mas teria se visto muito aflito se Colhe não aparecesse em cena. Tal como salvara a vida de Dick, assim acudiu ao criado. Atirou-se a Caninos Brancos num frenesi de cólera. Ela tinha razão. Sabia mais do que os seus pouco avisados deuses. As suas suspeitas eram justificadas. Ali estava o salteador empregando as velhas táticas.

O criado refugiou-se nos estábulos e Caninos Brancos recuou diante dos rancorosos dentes de Colhe e ofereceu-lhe a espádua, enquanto ia fazendo rodeios. Mas a cadela não desistia, no seu empenho de castigá-lo. Pelo contrário, cada vez mais enfurecida e excitada, perseguiu Caninos Brancos até que por fim ele esqueceu toda a dignidade e fugiu abertamente à sua frente através dos campos.

- Ele aprenderá a deixar as galinhas em paz - disse o dono. - Mas só posso ensiná-lo quando o apanhar em flagrante.

A ocasião aconteceu duas noites depois, mas a lição ficou mais dispendiosa do que tinha previsto. Caninos Brancos estudara cuidadosamente os hábitos das galinhas, e à noite, depois de elas terem se recolhido, trepou ao cimo de uma pilha de lenha recentemente cortada, dali saltou para o telhado do galinheiro, atravessou a viga-mestra e deixou-se cair no terreiro, um segundo depois, entrava no local onde se abrigava a criação e iniciava-se o morticínio.

De manhã, quando o dono apareceu à varanda, aos seus olhos depararam-se cinquenta galinhas brancas de raça leghorn alinhadas pelo criado. Assobiou baixinho, primeiro, de surpresa, e por fim, de admiração. O seu olhar encontrou o de Caninos Brancos, e no deste último não se vislumbravam quaisquer indícios de vergonha ou de culpa. A sua atitude era de orgulho, como se, na verdade, houvesse realizado um feito meritório, louvável. Não tinha consciência do mal praticado. As feições do dono endureceram, ao pensar na tarefa desagradável que lhe cabia desempenhar. Falou àasperamente ao criminoso inconsciente, e na sua voz retumbava a cólera divina, esfregou-lhe também o focinho nas galinhas mortas, ao mesmo tempo em que lhe batia com força.

Caninos Brancos aprendeu assim que não devia invadir um galinheiro, era proibido. Depois o dono levou-o para dentro dela. O impulso natural de Caninos Brancos, quando viu aquela comida viva esvoaçando em derredor, debaixo do seu nariz, foi cair-lhe em cima. Obedeceu ao impulso, mas a voz do dono deteve-o. Permaneceram no galinheiro durante meia-hora, e a cada nova tentativa de Caninos Brancos, uma exclamação de Weedon Scott obrigava-o a deter-se. Foi deste modo que compreendeu, antes de sair do domínio da criação, que quando visse galinhas, tinha de ignorar a sua existência.

- Quando têm o vício de matar criação, não há nada a fazer-lhes - declarou o juiz Scott em tom sentencioso e abanando a cabeça sombriamente, à mesa do almoço,

quando o filho lhe contou a lição que dera a Caninos Brancos. - Uma vez que apanharam o hábito e saborearam o sangue... - e de novo abanou a cabeça.

Mas Weedon Scott não concordou com o pai.

- Sabe o que vou fazer? - perguntou finalmente, em tom de desafio. - Vou fechar Caninos Brancos com as galinhas, toda a tarde.

- Lembre-se das galinhas - objetou o juiz.

- E, além disso - continuou o filho-, por cada galinha que ele mate, lhe darei uma moeda de ouro de dólar.

- Mas o pai também tem de se sujeitar a uma penalidade, no caso de perder - interveio Beth.

A irmã apoiou-a, e um coro de aprovação ergueu-se em volta da mesa. O juiz Scott abanou a cabeça, concordando.

- Muito bem... - Weedon Scott pensou durante uns instantes. - Se, ao fim da tarde, Caninos Brancos não tiver feito mal a nenhuma galinha, por cada dez minutos passados no galinheiro, o senhor terá de lhe dizer, em tom grave e circunspeto, como se estivesse sentado no tribunal proferindo solenemente uma sentença: "Caninos Brancos, é mais inteligente do que eu pensava".

Escondida, a família ficou observando a experiência. Mas nada aconteceu. Fechado no galinheiro e aí abandonado pelo dono, Caninos Brancos deitou-se para dormir. De uma vez levantou-se e foi até à gamela beber água. Ignorou calmamente as galinhas. Para ele era como se não existissem. Às quatro horas alcançou, de um salto, o telhado do galinheiro, depois saltou para o chão e daí encaminhou-se gravemente para casa. Aprendera a lei. E na varanda, diante da família divertida, o juiz Scott, frente a frente com Caninos Brancos, repetiu lenta e solenemente, por dezesseis vezes: "Caninos Brancos, você é mais inteligente do que eu pensava".

Mas era a multiplicidade das leis que entontecia Caninos Brancos e muitas vezes o fazia meter-se em problemas. Teve de aprender que não devia tocar na criação que pertencia aos outros deuses. Havia também os gatos, coelhos e perus, todos estes ele tinha de deixar em paz. De fato, quando aprendera apenas parte da lei, a sua impressão era que devia deixar em paz todas as coisas vivas. Nas pastagens fora da propriedade, as codornizes esvoaçavam-lhe, incólumes, debaixo do nariz. Todo tenso e tremendo de desejo, dominava o seu instinto e ficava quieto. Obedecia à vontade dos deuses.

Um dia, também nas pastagens, viu Dick levantar um coelho e persegui-lo. O próprio dono estava observando e não interferiu. Encorajou até Caninos Brancos a tomar parte na caçada. Assim, aprendeu que os coelhos selvagens não eram tabu. Finalmente compreendeu a lei inteira. Entre ele e todos os animais domésticos não devia haver hostilidades. Se não existisse amizade, devia pelo menos existir neutralidade. Mas os outros animais - os esquilos e as codornizes - criaturas selvagens que nunca se haviam submetido ao homem, constituíam presa legítima de qualquer cão. Os deuses protegiam só os animais de casa e não permitiam que os matassem. Tinham poder de vida e de morte sobre os seus súditos, e eram ciosos desse poder.

A existência podia considerar-se complexa no vale de Santa Clara, comparada com a vida simples das terras do Norte. E a principal exigência dessas complexidades da civilização consistia no domínio de si próprio, em saber conter-se num equilíbrio tão delicado como o das asas mais frágeis e, simultaneamente, de uma rigidez de aço. A vida tinha mil facetas, e Caninos Brancos descobriu que precisava conhecê-las a todas.

Às vezes ia à cidade de São José, onde corria atrás da carruagem ou vagueava preguiçosamente pelas ruas, matando o tempo enquanto o veículo se mantinha parado. Ali a vida assemelhava-se a profunda, caudalosa e variada corrente que atuava, sem cessar, sobre os seus sentidos, exigindo dele instantânea e constante adaptação às circunstâncias, obrigando-o, quase sempre, a reprimir os seus impulsos naturais.

Via, por exemplo, os talhos, onde a carne estava pendurada ao seu alcance. Não devia tocar-lhe. Nas casas que o dono visitava, encontrava gatos, e ele tinha de deixá-los em paz. Por toda a parte se lhe deparavam cães que lhe rosnavam, e ele não devia atacá-los. E, nos passeios apinhados, havia inúmeras pessoas cuja atenção ele atraía e que costumavam deter-se para olhá-lo, apontando-o umas às outras com o dedo, examinando-o e, o que ainda era pior, atrevendo-se a acariciá-lo. E ele tinha de suportar até aqueles perigosos contatos de mãos desconhecidas! E acabou por se habituar. Além disso venceu a timidez e o embaraço. Recebia as atenções das multidões de deuses desconhecidos com modo majestoso. Aceitava com condescendência as suas manifestações de afabilidade. Por outro lado, algo havia no seu aspeto que não convidava a grandes familiaridades. Os transeuntes davam-lhe pancadinhas na cabeça e prosseguiam o seu caminho, contentes e satisfeitos com a sua ousadia.

Mas, para Caninos Brancos, nem tudo era fácil. Quando corria atrás da carruagem pelos arrabaldes de São José, encontrava certos rapazes que costumavam atirar-lhe pedras. Contudo, ele sabia que não lhe era permitido persegui-los nem maltratá-los. Via-se obrigado a violentar o seu instinto de autodefesa, e fazia-o porquê começava a tornar-se manso e apto para a civilização.

Contudo, não se sentia inteiramente feliz com este estado de coisas. Embora não tivesse idéias abstratas acerca da justiça e da lealdade, o sentido de equidade, que é próprio da vida, fazia-o perceber mais ou menos vagamente da injustiça que representava o fato de não lhe permitirem defender-se de quem lhe atirava pedras. Esquecia-se de que no pacto firmado entre ele e os deuses, estes se comprometiam a cuidar dele e a defendê-lo. Mas um dia o dono saltou da carruagem, de chicote em punho, e distribuiu pelos rapazes umas chibatadas. Depois disso, nunca mais lhe atiraram pedras, e Caninos Brancos compreendeu e ficou satisfeito. Teve ainda outra experiência de natureza semelhante. No caminho que levava á cidade vagueavam em volta da taberna existente na encruzilhada três cães, que tinham por hábito sair-lhe ao encontro sempre que por ali passava. Sabendo que os métodos de combate de Caninos Brancos eram mortais, o dono lembrava-lhe a todo o momento que não devia lutar. Por isso, como aprendera bem a lição, passar pela taberna da encruzilhada constituía para ele verdadeiro suplício. Depois da primeira investida, bastava-lhe rosnar para manter os cães à distância, todavia, eles seguiam-lhe no encalço, latindo em tom de desafio. Tal situação manteve-se durante algum tempo, os homens da taberna chegavam a incitar os três cães a atacá-lo, e um dia açularam-nos abertamente. Weedon Scott, então, parou a carruagem.

- A eles! - ordenou a Caninos Brancos.

Mas este não podia acreditar. Olhou para o dono e olhou para os cães. Depois tornou a olhar ansiosa e interrogadoramente para Scott.

Este abanou a cabeça e encorajou-o:

- A eles, meu velho! Dê cabo deles!

Caninos Brancos não hesitou mais. Deu meia-volta e atirou-se silenciosamente aos inimigos. Os três enfrentaram-no. Levantou-se grande algazarra de rosnados, entrecocar de dentes, numa confusão de corpos. O pó da estrada ergueu-se numa nuvem, ocultando a luta, mas, ao fim de alguns minutos, dois cães esperneavam no chão e o terceiro fugia a toda a velocidade. Saltou uma vala, atravessou um gradeamento e correu através de um campo. Caninos Brancos seguiu-o, deslizando sobre o terreno com a suavidade e a incrível rapidez dos lobos, silencioso, firme, decidido e, no meio do campo, alcançou-o e matou-o.

Com estas três mortes, cessaram os seus principais aborrecimentos com os cães. A notícia espalhou-se pelo vale, e os homens a partir de então cuidavam de que os seus animais não molestassem o Lobo Lutador.

CAPÍTULO 4 - O APELO DA RAÇA

Passaram-se dois meses. Havia abundância de comida e nenhum trabalho nas terras do Sul, e Caninos Brancos vivia bem alimentado, próspero e feliz. Não só estava no Sul, geograficamente falando, como também gozava a vida característica das regiões meridionais. A bondade daquela gente era como um sol que o aquecia, e sob o seu influxo ele florescia como uma planta em terreno fértil.

E, no entanto, continuava sempre diferente dos outros cães. Melhor do que eles, que nunca tinham levado outra vida, Caninos Brancos conhecia a lei e cumpria-a mais escrupulosamente. Mas havia nele uma sugestão de ferocidade latente, como se a selvajaria ainda existisse dentro de si e o lobo estivesse apenas cochilando.

Nunca acamaradava com os outros cães. Vivera sempre solitário, e solitário continuaria a viver. Na infância, devido à perseguição de Lip-Lip e da matilha, e depois, nas lutas a que "Beleza" Smith o obrigava, adquirira uma aversão invencível pelos cães. O curso natural da sua vida fora desviado e, afastando-o da sua raça, aproximara-o dos homens.

Além disso, todos os cães do Sul o olhavam com desconfiança. Despertava-lhes o receio instintivo da selva e acolhiam-no sempre com rosnados e roncões de profunda animosidade. Ele, por seu lado, aprendeu que não era necessário servir-se dos dentes para mantê-los à distância. Normalmente bastava-lhe mostrar as presas, franzindo os beiços, para fazer recuar qualquer um que o perseguisse.

Mas havia algo que amargurava a vida de Caninos Brancos: era Colhe. Nunca lhe concedia um momento de paz. A cadela não se submetia às prescrições da lei com tanta facilidade como ele. Resistia a todos os esforços do dono para fazê-la deixar em paz. Caninos Brancos, a cujos ouvidos soava constantemente o seu rosnar agudo e enervante. Ela nunca lhe perdoara a matança das galinhas e continuava firmemente convicta de que era um intruso com más intenções, um criminoso em potencial e tratava-o de acordo com tal crença. Tornou-se para Caninos Brancos um flagelo, parecia um policial a segui-lo por toda a parte, e bastava ele olhar com curiosidade para um pombo ou para uma galinha para a cadela irromper em latidos de indignação e ira. O seu método predileto de ignorá-la era deitar-se com a cabeça pousada nas patas da frente e fingir que dormia. Isto a confundia sempre e reduzia-a ao silêncio.

Excetuando Colhe, tudo o mais corria bem a Caninos Brancos. Aprendera a dominar-se e conhecia a lei. Alcançou equilíbrio e calma e uma tolerância filosófica. Já

não vivia em um ambiente hostil. O perigo, a dor e a morte já não o espreitavam constantemente. Com o tempo, foi-se desvanecendo o medo do desconhecido, a velha noção de que se tratava de uma coisa terrível e ameaçadora. A vida era agradável e fácil, decorria suavemente; e não havia inimigos nem perigos ocultos no seu caminho.

A ausência da neve fez-lhe falta, sem ter consciência disso. "Um Verão que nunca mais acaba", era o que ele teria pensado, se alguma vez pudesse formular pensamentos a tal respeito. Mas, como não pensava, apenas sentiu falta de neve de uma forma vaga e subconsciente. Do mesmo modo, no pino do Verão, quando o calor apertava, sentia ligeiras saudades das terras do Norte. Contudo, o único efeito que isso produzia nele era torná-lo inquieto e desassossegado, sem saber por quê.

Caninos Brancos nunca fora muito expansivo. Além de se aconchegar ao dono e de rosnar de satisfação, não sabia exprimir de nenhum outro modo o seu amor. Mas viria a descobrir outra maneira. Sempre se mostrara muito sensível ao riso dos deuses. O riso enlouquecia-o, enfurecia-o de raiva. Mas quando quem ria dele era o seu dono, que o fazia bondosamente, sem má intenção, só por brincadeira, então não se zangava, ficava confuso. Sentia a ferroada e o aguilhão da antiga cólera, que lutava por irromper dentro de si, mas como era contra o amor que ela lutava, não podia vencer. No entanto, tinha de fazer alguma coisa. Ao princípio adotava uma atitude cheia de dignidade, que mais fazia rir o dono. Depois passou a tomar um ar exageradamente grave, e Scott ria cada vez mais, obrigando-o a abandonar aquela atitude. As mandíbulas entreabriam-se ligeiramente, os beiços arreganhavam-se um pouco, e uma expressão esquisita, que era mais de afeto do que de zombaria, transparecia-lhe no olhar. Tinha aprendido a rir.

De igual modo aprendeu a brincar com o dono, a deixar-se derrubar, a rolar pelo solo, a sujeitar-se a inúmeras brincadeiras violentas. Por seu lado, simulava zangar-se, eriçando o pêlo e rosnando ameaçadoramente e abocanhando com as presas, em golpes que pareciam de implacável ferocidade. Mas nunca se esquecia. As dentadas apanhavam sempre apenas o ar. No fim destas brincadeiras, quando as pancadas, palmadas e dentadas se sucediam mais rápida e furiosamente, costumavam parar de súbito e ficar distanciados alguns passos a olhar um para o outro. E depois, também subitamente, como o sol que se ergue sobre um mar tempestuoso, começavam a rir. Estas brincadeiras terminavam sempre com o dono abraçado ao pescoço do animal, enquanto ele rosnava a sua canção de amor.

Mas ninguém mais brincava com Caninos Brancos, este não permitia, mantinha a sua atitude digna e, quando alguém tentava, o seu rosnar ameaçador e o pêlo eriçado dissuadiam-no de prosseguir. O fato de ele permitir ao dono estas liberdades não significava que fosse um cão vulgar, que gostava de todas as pessoas e com quem todos podiam se divertir. No seu coração havia um único amor e recusava-se a rebaixá-lo, partilhando-o.

O dono saía muito a cavalo, e acompanhá-lo constituía um dos principais deveres de Caninos Brancos. No Norte demonstrara a sua fidelidade, puxando os trenós, mas no Sul não havia trenós, nem os cães carregavam pesos às costas. E, assim, ele mostrava a sua fidelidade correndo ao lado do cavalo do dono. Nunca se fatigava. Corria como um lobo, sem esforço, incansável, parecendo não tocar o chão e, ao cabo de um percurso de oitenta quilômetros, ainda era capaz de se adiantar galhardamente ao próprio cavalo.

Foi devido a uma destas cavalgadas que Caninos Brancos descobriu outro

modo de expressão, que só duas vezes utilizou em toda a sua vida. A primeira, quando o dono estava ensinando a um puro-sangue o método de abrir e fechar cancelas, sem o cavaleiro ter de desmontar. Levou repetidamente o cavalo até à cancela, para ver se ele a fechava, mas a cada tentativa o animal assustava-se e recusava, mostrando-se cada vez mais nervoso e excitado. Quando ele se empinava, o dono metia-lhe as esporas e obrigava-o a pousar de novo as patas dianteiras no chão, então o cavalo começava a escoicear com as de trás. Caninos Brancos observava tudo com ansiedade crescente, até que, não podendo conter-se mais, saltou para frente da montaria e pôs-se a ladrar feroz e ameaçadoramente.

Embora depois disso tentasse muitas vezes ladrar, e Scott o encorajasse a fazê-lo, só o conseguiu numa outra ocasião, e não na presença do dono. Uma galopada através dos campos, uma lebre que se levantou de súbito debaixo das patas do cavalo, um salto assustado, um tropeção, uma queda e uma perna partida do dono foram a causa. Caninos Brancos pulou, enfurecido, à garganta do cavalo culpado, mas a voz de Scott conteve-o.

- Casa! Vá para casa! - ordenou-lhe, quando verificou o seu estado.

Ele, porém, não estava disposto a abandoná-lo. Scott pensou em escrever um bilhete, mas em vão procurou nas algibeiras um lápis ou um pedaço de papel. Tornou a ordenar a Caninos Brancos que fosse para casa.

Este contemplou-o ansiosamente, partiu e depois voltou atrás, ganindo baixinho. O dono falou-lhe meiga, mas seriamente, e ele arrebitou as orelhas e escutou com aflitiva atenção.

- Tem que ser, meu velho, vá para casa - dizia Scott. - Vá para casa e conte-lhes o que me aconteceu. Para casa, lobo, para casa!

Caninos Brancos conhecia o significado da palavra "casa" e, conquanto não compreendesse o resto das palavras, concluiu que era vontade do dono que ele fosse embora. Deu meia-volta e afastou-se relutantemente. Depois parou, indeciso, e olhou para trás por cima da espádua.

- Para casa! - foi a ordem autoritária. E, desta vez, ele obedeceu.

A família estava reunida na varanda, apanhando o ar fresco da tardinha, quando Caninos Brancos chegou. Atirou-se para o meio deles, arquejante, coberto de poeira.

- O Weedon vem aí! - disse a mãe de Scott.

As crianças receberam o animal com gritos de alegria e correram ao seu encontro. Ele esquivou-se e ultrapassou o pórtico, mas os pequenos encurralaram-no entre uma cadeira de balanço e a balaustrada. Caninos Brancos rosou e tentou empurrá-los. A mãe das crianças olhou, apreensiva, na direção deles.

- Confesso que me põe nervosa vê-lo junto das crianças - disse a senhora. - Tenho receio que, um dia, quando menos o esperarmos, se volte contra elas.

Rosnando ferozmente, o bicho saltou do lugar onde estava encurralado, derrubando as crianças. A mãe chamou-os para junto de si e consolou-os, aconselhando-os a não darem importância a Caninos Brancos.

- Um lobo é sempre um lobo - comentou o juiz Scott. - Não se pode ter confiança em nenhum.

- Mas ele não é inteiramente lobo - interpôs Beth, tomando o partido do irmão na sua ausência.

- Essa é a opinião do Weedon - replicou juiz. - Ele supõe que este bicho tem algum cão na sua ascendência, porém, não sabe ao certo. Quanto à sua aparência...

Não terminou a frase. Caninos Brancos postara-se diante dele, rosnando ferozmente.

- Vá embora! Lá para baixo! - ordenou o juiz.

Caninos Brancos voltou-se para a esposa de Scott. Esta gritou, assustada, quando ele lhe segurou o vestido com os dentes e o puxou até o tecido frágil se rasgar. Tornara-se o centro das atenções gerais. Deixara de rosnar e, de cabeça levantada, olhava para todos. A sua garganta movia-se espasmodicamente, mas não lhe saía qualquer som, enquanto ele tentava, num esforço convulso, comunicar qualquer coisa.

- Oxalá não esteja atacado de raiva - comentou a mãe de Scott. - Já manifestei ao Weedon o receio de que este clima quente não fosse bom para um animal do Ártico.

- Parece que ele quer nos dizer qualquer coisa - anunciou Beth.

Neste momento, Caninos Brancos encontrou modo de se exprimir, desatando a ladrar.

- Aconteceu alguma coisa ao Weedon - disse a esposa convictamente.

Tinham-se levantado todos e Caninos Brancos desceu as escadas correndo, olhando para trás, para ver se o seguiam. Pela segunda e última vez, ladrara e fizera-se compreender.

Depois deste acontecimento, passou a ser mais estimado pelas pessoas de Sierra Vista, e mesmo o criado a quem ele mordera o braço, admitia que, lobo ou não, se tratava de um bicho esperto. O juiz Scott mantinha a sua opinião e apoiava-a com desagrado de todos, por meio de medições e descrições tiradas da enciclopédia e de vários trabalhos sobre história natural.

Os dias sucediam-se, inundando de sol o vale de Santa Clara. Mas, quando eles foram ficando cada vez menores, e se aproximou o segundo Inverno que Caninos Brancos passava nas terras do Sul, este fez uma descoberta estranha. Os dentes de Colhe já não eram aguçados. Nas suas mordidas havia algo de carinhosa brincadeira que as tornava pouco mais que inofensivas. Esqueceu que a cadela lhe tornava a vida um flagelo e, quando ela fazia salamaleques à sua volta, correspondia solenemente, esforçando-se por se mostrar brincalhão, mas só conseguindo tornar-se ridículo.

Um dia Colhe atraiu-o para uma longa corrida, através dos campos e para o interior da floresta. Era uma tarde em que o dono ia sair a cavalo, e Caninos Brancos sabia-o, pois a montaria estava selada e à espera, à porta. Hesitou, mas havia nele algo mais profundo do que a lei que aprendera, do que todos os costumes a que se tinha moldado, do que o seu amor pelo dono, do que o próprio desejo de viver. E quando, ao vê-lo ainda indeciso, Colhe o mordiscou e se afastou correndo, ele voltou-se e seguiu no seu encaço. O dono cavalgou sozinho nesse dia. E na floresta, lado a lado, Caninos Brancos correu com Colhe, tal como havia acontecido a sua mãe Kiche e ao velho Zanolho, anos atrás, nas silenciosas florestas do Norte.

CAPÍTULO 5 - O LOBO ADORMECIDO

Por essa altura os jornais vinham cheios de notícias acerca da fuga ousada de um recluso da prisão de San Quentin. Tratava-se de um homem feroz, mau por natureza, e o meio social em que fora criado nada fizera para lhe melhorar o caráter. A sociedade tem mão dura e aquele homem constituía um exemplo flagrante do que daí às vezes resulta. Era um animal, humano é certo, mas, não obstante, um animal tão

terrível que melhor se lhe ajustaria a classificação de carnívoro.

Na prisão de San Quentin revelara-se incorrigível. Os castigos não haviam conseguido dominá-lo. Era capaz de morrer estupidamente, lutando até ao fim, mas para sobreviver não se sujeitava a que o maltratassem. Quanto mais teimosamente se rebelava mais severamente a sociedade o tratava, o que tinha como único efeito torná-lo mais feroz ainda. Os coletes-de-forças, a fome, os maus tratos e as bastonadas não constituíam tratamento eficaz com Jim Hali, mas apenas lhe aplicavam esses desde o tempo em que, ainda rapaz enfezado, vivia num bairro pobre de San Francisco - barro maleável nas mãos da sociedade e que esta podia moldar a seu bel-prazer.

Foi quando cumpria a sua terceira pena de prisão que encontrou um guarda quase tão brutal como ele. Esse homem tratou-o injustamente, caluniou-o perante o diretor do presídio, desacreditou-o por completo, perseguiu-o. A única diferença entre ambos era que o guarda trazia um molho de chaves e um revólver, enquanto Jim Hali apenas dispunha das mãos nuas e dos dentes, apesar disso, um dia atirou-se ao seu inimigo e enterrou-lhe os dentes na garganta, como faria qualquer animal da selva.

Jim Hali foi então encerrado na cela dos incorrigíveis, toda ela de ferro: o chão, as paredes, o teto. Ali permaneceu três anos, durante os quais nunca lhe permitiram ver o céu nem o sol.

O dia era um crepúsculo, a noite uma negrura silenciosa. Estava num túmulo, enterrado em vida. Não via um rosto humano, nem tinha com quem trocar uma palavra. quando lhe empurravam a comida, rosnava como um animal selvagem. Odiava tudo. Passou dias e noites vociferando insultos contra o universo. Durante semanas e meses conservou-se num silêncio total, num silêncio tenebroso que lhe roía a alma. Era um homem e um monstro tão medonho que superava a mais horripilante visão concebida por um cérebro doentio.

E, uma noite, fugiu. O diretor do presídio considerava isso impossível, mas, não obstante, a cela achava-se vazia e, jazendo no chão, meio fora meio dentro, estava o cadáver de um guarda. Os corpos de outros dois constituíam o rastro do fugitivo através da prisão até aos muros exteriores. Em nenhum dos cadáveres havia sinais de que a morte tivesse sido causada por qualquer arma, Jim Hail matara-os usando apenas as mãos, para evitar barulho.

As armas dos guardas assassinados achavam-se agora em seu poder e ele era um arsenal vivo que fugia pelas colinas, perseguido pela força organizada da sociedade. Ofereceram um valioso prêmio a quem o apanhasse e por isso lavradores cobiçosos procuravam-no, munidos de simples espingardas de caça. O sangue dele poderia servir para pagar uma hipoteca ou mandar um filho para o colégio. Cidadãos imbuídos de espírito cívico agarraram igualmente suas carabinas e saíram em sua perseguição. Matilhas de cães ferozes seguiam o rastro dos seus pés sangrentos. E os sabujos da lei, os perseguidores pagos pela sociedade, utilizando telefone, telégrafo e comboios especiais, não lhe abandonaram o rastro, dia e noite.

Por vezes encontravam-no e enfrentavam-no como heróis ou fugiam através de vedações de arame farpado, para gáudio dos cidadãos que liam os relatos à mesa do café da manhã. Depois destes encontros, os mortos e os feridos eram transportados de volta às cidades e substituídos por outros homens ávidos de participar naquela caçada.

Depois Jim Hail desapareceu. Os perseguidores em vão procuravam o seu rastro perdido. Homens armados obrigavam a parar rancheiros inofensivos, em vales

remotos, e convidavam-nos a identificarem-se. Ao mesmo tempo, os restos do fugitivo eram descobertos na montanha, numa dúzia de lugares diferentes, por pretendentes ávidos ao dinheiro do sangue.

Entretanto, em Sierra Vista, liam-se os jornais não apenas com interesse, mas até com ansiedade. As mulheres andavam assustadas. O juiz Scott troçava e ria, mas elas tinham razão, pois fora o velho magistrado, nos últimos dias que exercera o cargo, quem condenara Jim Hali. E, em pleno tribunal, diante de todos, ele declarara que um dia se vingaria do juiz que o havia condenado.

Dessa vez ele estava inocente do crime pelo qual o acusaram. Tratava-se do que na gíria dos ladrões e dos polícias se denomina "despachar". Jim Hali foi "despachado" para a prisão por um crime que não cometera, e devido às suas duas condenações anteriores, o juiz Scott aplicou-lhe uma pena de cinqüenta anos.

O juiz não era onisciente, e não sabia que participava de uma conspiração da polícia, que as provas eram forjadas e falsas e que Jim Hail estava inocente do crime de que o acusavam. O pretense culpado, por seu turno, também não sabia que o juiz pecara por simples ignorância. Convenceu-se de que o magistrado estava ciente de tudo, sendo conivente com a polícia na perpetração daquela monstruosa injustiça. E assim, ao ouvir pronunciar a sentença de cinqüenta anos de morte em vida, Jim Hail, a quem a sociedade já tanto maltratara, e que por isso mesmo ele odiava intensamente, levantou-se e esbravejou na sala do Tribunal, até que foi arrastado por meia dúzia dos seus inimigos de uniformes azuis. Considerava o juiz Scott a pedra-mestra daquela injustiça, e portanto contra ele despejou o veneno da sua ira e proferiu ameaças de vingança futura. Depois Jim Hail foi enterrado em vida... e fugiu.

Caninos Brancos não sabia nada disto. Mas entre ele e Alice, a mulher do dono, existia um segredo. Todas as noites, depois dos moradores de Sierra Vista se deitarem, ela levantava-se e fazia entrar o animal para o vestíbulo e como Caninos Brancos, por princípio, não devia dormir dentro de casa, todas as manhãs, muito cedo, a senhora descia sorrateiramente e deixava-o sair antes que a família acordasse.

Numa dessas noites, enquanto todos dormiam, Caninos Brancos acordou e deixou-se ficar muito quieto. Silenciosamente farejou o ar e leu a mensagem que ele lhe trazia da presença de um deus estranho. Mais ainda: aos seus ouvidos chegavam os rumores dos movimentos do mesmo. Caninos Brancos não irrompeu em furiosos latidos. Não era o seu hábito. O deus estranho movia-se suave e cautelosamente, mas com mais suavidade ainda se movia o animal porque não tinha roupa contra a qual roçasse a pele do corpo. Foi silenciosamente em sua perseguição. Estava habituado a caçar na selva animais extremamente tímidos aos quais o menor ruído amedrontava e por isso conhecia a vantagem da surpresa.

O deus estranho deteve-se ao fundo da grande escadaria e escutou. Caninos Brancos parecia morto, tão imóvel estava, enquanto observava e esperava. Aquelas escadas conduziam aos aposentos do seu deus e aos de todos os entes que lhe eram queridos. Por isso o pêlo eriçou-se, mas ele esperou. O pé do deus estranho ergueu-se. Começava a subir.

Foi então que Caninos Brancos atacou. Sem qualquer aviso, sem um rosnado sequer, o corpo ergueu-se num salto, que o lançou sobre as costas do intruso. Fincou-lhe as patas dianteiras nos ombros e, ao mesmo tempo, enterrou-lhe as presas na parte de trás do pescoço. Ficou agarrado a ele durante um instante, o tempo suficiente para arrastá-lo para trás. Caíram ambos no chão. Caninos Brancos

afastou-se de um salto e, quando o homem tentava erguer-se, investiu de novo, dilacerando-o com as presas.

Em Sierra Vista todos acordaram alarmados. O barulho que vinha do fundo das escadas lembrava o de duas dúzias de demônios engalfinhados. Soaram tiros de revólver. Ouviu-se uma voz humana aflita e angustiada, seguida de rosnados, e a tudo isto sobrepunha-se o estrépito de móveis derrubados e de vidros partidos.

Mas quase tão rapidamente como começara, o barulho cessou. A luta não durara mais de três minutos. A família, assustada, reuniu-se no alto das escadas. Lá de baixo, do meio de um negrume que lembrava um abismo, veio um gorgolejo, como ar borbulhando através da água, por vezes assemelhava-se a um assobio. Mas também isto se foi rapidamente acalmando até cessar por completo. Depois nada mais se ouviu a não ser o arquejar de alguém que respirava a muito custo.

Weedon Scott apertou o interruptor, e as escadas e o vestíbulo ficaram inundados de luz. Depois, ele e o juiz, de revólver em punho, desceram cautelosamente. Mas eram desnecessárias cautelas. Caninos Brancos completara o seu trabalho. No meio dos destroços da mobília derrubada e partida, um pouco de lado, com a cara oculta por um braço, jazia um homem. Weedon Scott debruçou-se, afastou o braço e voltou-lhe a cara para cima. A garganta aberta explicava a causa da morte.

- Jim Hail! - exclamou o juiz Scott.

E pai e filho olharam significativamente um para o outro.

Em seguida voltaram-se para Caninos Brancos. Também ele estava deitado de lado. Tinha os olhos fechados, mas as pálpebras ergueram-se ligeiramente, num esforço para fitá-los quando se curvaram sobre ele, ao mesmo tempo que procurava, em vão, agitar a cauda. Weedon Scott acariciou-o, e ele correspondeu à carícia com um surdo rosnado de reconhecimento. Mas o rosnado, muito débil, em breve cessou. As pálpebras caíram e cerraram-se por completo, e todo o corpo desfalecido ficou imóvel, como que colado ao chão.

- Está pronto, o pobre diabo! - murmurou o dono.

- É o que veremos - disse o juiz, dirigindo-se para o telefone.

- Francamente, tem uma chance em mil - anunciou o cirurgião, depois de ter, durante hora e meia, tratado Caninos Brancos.

A alvorada rompia através das janelas, tornando mais pálida a luz elétrica. Com exceção das crianças, toda a família se encontrava reunida em volta do cirurgião, para ouvir o seu veredicto.

- Uma perna traseira quebrada - continuou ele. - Três costelas também quebradas, uma das quais, pelo menos, perfurou os pulmões. Perdeu quase todo o sangue. É muito provável que haja lesões internas. Deve ter sido espezinhado. Para já não falar de três buracos de balas que o atravessaram. Dizer que tem uma probabilidade em mil parece-me um prognóstico muito otimista. Mais provável, na verdade, será uma em dez mil.

- Mas não pode se deixar perder essa oportunidade - exclamou o juiz Scott. - Não se preocupe com as despesas. Aplique-lhe raio-X... tudo que for preciso! Weedon, telegrafe imediatamente para San Francisco, ao Dr. Nichols. Não se ofenda, doutor, compreenda-me, não podemos descartar qualquer possibilidade, por mais remota que seja.

O cirurgião sorriu indulgente.

- Claro que compreendo. Merece tudo o que possa fazer-se por ele. Deve ser tratado como se trataria um ser humano, uma criança doente. E não esqueçam o que lhes disse acerca da temperatura. Voltarei aqui às dez horas.

Caninos Brancos recebeu o tratamento adequado. A sugestão do juiz Scott para se chamar uma enfermeira diplomada foi rejeitada indignadamente pelas moças, que se encarregaram elas próprias da tarefa. E aquela remotíssima probabilidade em dez mil tornou-se realidade, apesar do prognóstico pessimista do cirurgião.

A este não se podia censurar o seu juízo errado. Passara toda a vida tratando seres humanos, produtos de uma civilização que os enfraquecera, que levavam vida fácil e descendiam de muitas gerações criadas de igual modo. Comparados com Caninos Brancos, não passavam de entes frágeis e débeis, incapazes de se agarrarem à vida com força suficiente. Ele vinha diretamente da selva, no meio onde se criara, os fracos não subsistem e não havia quaisquer contemplanções. Nem em seu pai nem em sua mãe existiam fraquezas, nem tão-pouco nas gerações que o haviam antecedido. Uma constituição de ferro e uma vitalidade selvagem constituíam a herança de Caninos Brancos, e ele agarrou-se à vida, com todas as forças do seu ser, de corpo e espírito, com a tenacidade que antigamente era comum a todas as criaturas.

Feito prisioneiro, privado até dos movimentos por gesso e ligaduras, Caninos Brancos permaneceu assim durante semanas. Dormia horas seguidas e sonhava muito. Então, desfilavam, infindáveis, as visões do Norte. Todos os fantasmas do passado se erguiam e vinham lhe fazer companhia. Viveu outra vez no covil com Kiche; arrastou-se, trêmulo, até aos pés de Castor Cinzento, para lhe oferecer a sua submissão, fugiu, precipitadamente, para salvar a vida, diante de Lip-Lip e da matilha ululante dos cachorros.

Correu de novo, naquele mundo silencioso, caçando para viver durante os meses de fome, e também como guia do trenó, enquanto atrás de si estalavam os chicotes de Mit-Sah e de Castor Cinzento, cujas vozes gritavam "Raa! Raa", quando chegavam a uma passagem estreita e a matilha se apertava como um leque que se fecha, para atravessá-la. Reviveu todos os dias passados com "Beleza" Smith, e as lutas que travara. Nessas alturas, gania e rosnava, e quem o observasse adivinhava que os seus sonhos eram maus.

Havia um pesadelo que o torturava com freqüência. O estrépito e o retinir dos monstruosos elétricos, que para ele representavam lincos enormes e ululantes. Via-se escondido nos arbustos, observando um esquilo que se aventurava no chão, longe do seu abrigo entre as árvores e então, quando se dispunha a atacá-lo, ele transformava-se num carro elétrico, ameaçador e terrível, alto como uma montanha, silvando estridentemente e cuspidando fogo na sua direção. Acontecia o mesmo quando desafiava o falcão lá no céu onde voava, atraía-o, com efeito, mas quando ele descia, convertia-se naquele carro elétrico oblíquo. Outras vezes encontrava-se no cercado de "Beleza" Smith, fora reuniam-se os homens, e ele sabia que ia começar a luta, com os olhos fixos na porta, esperava que entrasse o seu adversário, e de súbito, o que aparecia era aquele horroroso carro elétrico. Mil vezes se repetia o mesmo, e sempre o terror que lhe inspirava era igualmente vivido e grande.

Chegou por fim o dia de lhe tirarem a última ligadura e o último pedaço de gesso. Foi um dia de festa. Todos de Sierra Vista estavam reunidos à sua volta. O dono afagava-lhe as orelhas e ele rosnava de satisfação. A mulher do dono

chamou-lhe o "Lobo Abençoado", nome acolhido com entusiasmo por todas as mulheres, que assim passaram a designá-lo.

Procurou levantar-se, e depois de várias tentativas desistiu, devido à fraqueza. Permanecera deitado durante tanto tempo que os músculos tinham perdido a agilidade, e toda a força os havia abandonado. Sentia-se um pouco envergonhado da sua debilidade, como se estivesse traindo os deuses, não cumprindo as obrigações que tinha para com eles. Por tal motivo, fez novos e heróicos esforços para se levantar, até que por fim conseguiu, ficando de pé, cambaleando para trás e para diante.

- O Lobo Abençoado! - exclamaram as mulheres em coro.

O juiz Scott olhou-as com ar triunfante.

- Até que enfim concordam comigo - proferiu ele. - Eu sempre fui dessa opinião. Nenhum cão faria o que ele fez. É um lobo!

- O Lobo Abençoado - corrigiu a esposa.

- Sim, o Lobo Abençoado - concordou o juiz. - E de hoje em diante é assim que passarei a tratá-lo.

- Tem de aprender de novo a andar – disse o médico -, e o melhor é começar já. Não o prejudicará. Levem-no lá para fora.

Levaram-no para o ar livre, como se fosse um rei, com todos de Sierra Vista à sua volta, a acarinhá-lo. Estava muito fraco e, quando chegou ao relvado, deixou-se cair e descansou por instantes.

Depois o cortejo prosseguiu e a energia ia voltando lentamente aos músculos de Caninos Brancos, à medida que ele os usava, e se normalizava a circulação do sangue. Chegaram aos estábulos, onde estava deitada Colhe com meia-dúzia de cachorrinhos atarracados, brincando em volta dela, ao sol.

Caninos Brancos contemplou aquela cena com surpresa. Colhe rosnou-lhe, ameaçadora, e ele teve a cautela de se manter à distância. O dono, com o pé, empurrou um cachorrinho desajeitado para perto dele, o que o fez eriçar-se, desconfiado, Scott, porém, tratou de tranquilizá-lo. Colhe, segura entre os braços de uma das senhoras, observava-o, ciumenta, e com uma rosnadela avisou-o de que ela não se sentia tranqüila.

O cachorrinho espojou-se diante de Caninos Brancos que, de orelhas arrebitadas, o observava com curiosidade. Depois os focinhos de ambos tocaram-se, e ele sentiu no seu a lingüinha quente do cachorro. Sem saber por que, também ele deitou a língua de fora e lambeu o focinho do cachorrinho.

Palmas e gritos de alegria dos deuses saudaram a cena. Surpreso, Caninos Brancos olhou para todos perplexo. Depois voltou a sentir uma invencível fraqueza e deixou-se cair, de orelhas arrebitadas, a cabeça de lado, observando o cachorrinho. Os irmãos deste aproximaram-se também, arrastando-se, com grande desgosto de Colhe. Gravemente, ele permitiu a todos que lhe trepassem para cima. Ao princípio, no meio do aplauso dos deuses, mostrou o seu antigo acanhamento e timidez. Mas depressa recuperou a serenidade, enquanto os cachorrinhos prosseguiam nas suas brincadeiras e tropelias e, deitado, de olhos semi-cerrados, ficou dormitando ao sol.

Fim